



Luiz Fernando Lima Rangel

**Senhora Pobreza e Sobriedade Feliz:
Estudo teológico sobre a espiritualidade de São Francisco de Assis
e o pensamento do Papa Francisco**

Tese de Doutorado

Tese apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de Doutor em Teologia pelo
Programa de Pós-graduação em Teologia, do
Departamento de Teologia da PUC-Rio.

Orientadora: Prof^a Maria Teresa de Freitas Cardoso

Rio de Janeiro,
Janeiro de 2024



Luiz Fernando Lima Rangel

**Senhora Pobreza e Sobriedade Feliz:
Estudo teológico sobre a espiritualidade de São Francisco de Assis
e o pensamento do Papa Francisco**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia do Departamento de Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profª Dra Maria Teresa de Freitas Cardoso
Orientadora – Departamento de Teologia PUC-Rio

Profª Dra Francilaide de Queiroz Ronsi
Departamento de Teologia PUC-Rio

Prof. Dr André Luiz Rodrigues da Silva
Departamento de Teologia PUC-Rio

Prof. Dr. Ademilson Tadeu Quirino
Seminário Diocesano Nossa Senhora do Rosário – Caratinga-MG

Prof. Dr Alexandre Carvalho Lima Pinheiro
Santuário Cristo Redentor

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial, é proibida sem a autorização da universidade, do autor e da orientadora.

Luiz Fernando Lima Rangel

Pertence à Ordem dos Franciscanos Menores Conventuais (OFMconv) desde 2003. Graduou-se Bacharel em Filosofia pela PUC-Rio em 2007. Graduou-se em Teologia pela PUC-Rio em 2012. Adquiriu grau de Mestrado Acadêmico em Teologia pela PUC-Rio em 2017, com dissertação sobre a misericórdia na vida cristã, e concluiu Doutorado em Teologia em 2024, com tese sobre “A Senhora Pobreza e a Sobriedade Feliz”, estudando São Francisco de Assis e Papa Francisco, e tendo como orientadora a Prof^ª Dra. Maria Teresa Cardoso. Desde 2020 participa do Grupo de Pesquisa interdisciplinar “Ecologia integral & arquitetura do cuidado ecumênico” (CNPq), de liderança da Prof^ª Dra. Maria Teresa Cardoso.

Ficha Catalográfica

Rangel, Luiz Fernando Lima

Senhora Pobreza e Sobriedade Feliz : estudo teológico sobre a espiritualidade de São Francisco de Assis e o pensamento do Papa Francisco / Luiz Fernando Lima Rangel ; orientadora: Maria Teresa de Freitas Cardoso. – 2024.

226 f. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2024.

Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Pobreza evangélica. 3. Sobriedade Feliz. 4. Laudato Si'. 5. Francisco de Assis. 6. Papa Francisco. I. Cardoso, Maria Teresa de Freitas. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

Agradecimentos

À minha orientadora Prof^a Dra. Maria Teresa Cardoso, pela acolhida em seu projeto de pesquisa, pelas sugestões teológicas e dedicada orientação nesta tese, e pela solidariedade desde o mestrado, e durante a pandemia, e até hoje, no doutorado.

À CAPES e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ser realizado.

Ao Provincial Frei Michael Heine, ao Frei Pedro Oliveira e ao Frei John Koziol, juntamente aos frades do nosso Convento da Província Our Lady of the Angels. À Custódia Imaculada Conceição do Brasil, ao Custódio Frei Carlos Charles e a todos os frades, pela fraternidade.

Ao Grupo de Pesquisa interdisciplinar “Ecologia integral & arquitetura do cuidado ecumênico” (CNPq), liderado pela Prof^a Dra. Maria Teresa Cardoso, pelos estudos e debates que apoiaram a pesquisa, envolvendo a descoberta do tema e a elaboração da tese. Em especial, ao Prof. Dr. Carlos Estellita-Lins e seu incentivo para meu estudo sobre a pobreza em São Francisco de Assis.

Aos meus amigos, pela presença e as palavras de coragem neste momento decisivo na minha caminhada vocacional.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Resumo

Rangel, Luiz Fernando Lima; Cardoso, Maria Teresa de Freitas (Orientadora). **Senhora Pobreza e Sobriedade Feliz: Estudo teológico sobre a espiritualidade de São Francisco de Assis e o pensamento do Papa Francisco.** Rio de Janeiro, 2023. 226p. Tese de Doutorado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O tema da Senhora Pobreza, abraçado por São Francisco, e o tema da Sobriedade Feliz, indicado na encíclica do Papa Francisco, *Laudato Si'*, são estudados na espiritualidade franciscana, com origens na história medieval, na Regra Franciscana e um conjunto de documentos papais, junto da *Laudato Si'*. Esses temas são importantes não só para o bem da Igreja, mas também para o mundo contemporâneo e para as gerações futuras. O objetivo principal é destacar o importante legado deixado por São Francisco, a sua compreensão da pobreza evangélica e apreciar sua relevância. Deste estudo, destacam-se os seguintes pontos: a pobreza evangélica se reflete na questão da aquisição de bens e na pastoral desenvolvida em diferentes lugares do mundo onde a presença franciscana é vista em ação; a relação entre a pobreza evangélica vivida por São Francisco e os ensinamentos do Papa Francisco. A metodologia implementada incluiu uma seleção de obras pertinentes ao tema, a análise desses textos, a comparação dos principais pontos relativos à espiritualidade e à pastoral, a constatação de eventuais continuidades e a compreensão de como a espiritualidade franciscana reacende e pode ajudar na busca por valores ou pode ser sustentada com o papado de Francisco. Os vários documentos e mensagens publicados pelo papa refletem a sua direção para uma Igreja pobre e preocupada com os mais necessitados, seguindo o projeto que vem de Jesus Cristo. Este projeto encontra-se no documento *Laudato Si'*, e fala das preocupações socioambientais e da resposta do ser humano que pode alcançar vivendo uma vida de sobriedade feliz. A tese também contribui para apresentar uma melhor compreensão da Senhora Pobreza. A pobreza evangélica, seguida por São Francisco de Assis, é analisada e se baseia em diversos textos do Antigo e do Novo Testamento. A pesquisa inclui comentários de vários franciscanos que propiciam uma melhor compreensão sobre o tema e permitem entender o legado da pobreza, servindo como tecitura entre as ideias de São Francisco e do Papa Francisco. Concluindo, este estudo deduz que há uma continuidade entre a pobreza da Igreja evangélica, abraçada por São Francisco de Assis – a Senhora Pobreza –, e a *Laudato Si'* na conversão de valores para uma vida de sobriedade feliz. O estudo aprofundado confirma que os temas considerados são importantes hoje em relação ao evangelho, especialmente para os jovens, em termos de busca de uma vida melhor, que em essência seria uma vida com sobriedade feliz.

Palavras-chave

Pobreza evangélica; Sobriedade feliz; *Laudato Si'*; Francisco de Assis; Papa Francisco.

Abstract

Rangel, Luiz Fernando Lima; Cardoso, Maria Teresa de Freitas (Orientador). **Lady Poverty and Happy Sobriety: Theological study on the Spirituality of Saint Francis of Assisi and the thoughts of Pope Francis.** Rio de Janeiro, 2023. 226 p. Tese de Doutorado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The theme of Lady Poverty, embraced by Saint Francis, and the theme of Happy Sobriety, indicated in Pope Francis' encyclical, *Laudato Si'*, are studied through the Franciscan spirituality, with origins in medieval history, the Franciscan Rule, and a set of papal documents, alongside *Laudato Si'*. These themes are important not only for the good of the Church but also for the contemporary world and for future generations. The primary objective is to highlight the important legacy left by Saint Francis, his understanding of evangelical poverty and to appreciate its relevance. From this study, the following points are relevant for consideration: evangelical poverty is reflected in the matter of acquiring goods and in the pastoral care developed in different places around the world where the Franciscan presence is seen at work; the relationship between evangelical poverty experienced by Saint Francis and the teachings of Pope. The methodology implemented included a selection of works relevant to the topic, the analyzation of these texts, the comparison of the main points regarding spirituality and pastoral care, the noting of any continuities and the understanding of how Franciscan spirituality rekindles and can help in the search for values or can be sustained with the papacy of Pope Francis. During his pontificate, Pope Francis released several documents and messages that reflect his direction of a poor Church that is concerned about those in most need. It follows the project that comes from Jesus Christ. This project is found in the document *Laudato Si'*, and speaks of socio-environmental concerns, and the response of human beings living a life of happy sobriety. Moreover, the thesis also contributes to presenting a better understanding of Lady Poverty. In addition, evangelical poverty, followed by St. Francis of Assisi, is analyzed, and is based on several texts from the Old Testament and the New Testament. The thesis includes commentaries from several Franciscans that help us understand the developed legacy of poverty and serves as a legacy of continuity between the idea of Saint Francis and Pope Francis and texts from Pope Francis that serve as pathways for young people. In conclusion, this study deduces that there is a continuity between evangelical church poverty, embraced by Saint Francis of Assisi – Lady Poverty – and *Laudato Si'* and the conversion of values with a life of happy sobriety. The in-depth study confirms that the themes considered are important today in relation to the gospel, particularly for young people, in terms of searching for a better life, which in an essence would be a life with happy sobriety.

Keywords

Evangelical poverty; Happy sobriety; *Laudato Si'*; Francisco de Assisi; Pope Francis.

Sumário

Siglas e Abreviaturas	8
1 Introdução	9
2 São Francisco de Assis e a Senhora Pobreza	14
2.1 Contexto, vida e carisma de São Francisco de Assis	14
2.2 Senhora Pobreza e renúncia ao direito de propriedade	25
2.3 Senhora Pobreza e fraternidade na solidariedade com os pobres	34
2.4 Promulgação da Regra de São Francisco de Assis	40
2.5 Promoção do diálogo e da paz e amor pela criação	46
3 Prosseguimento da espiritualidade franciscana	52
3.1 As Ordens franciscanas	52
3.2 A espiritualidade franciscana especialmente no último século	61
3.3 Vocação franciscana hoje e Senhora Pobreza	69
3.4 Atividade das comunidades franciscanas para os pobres	75
3.5 Espiritualidade franciscana em meio ao mundo na Ordem Terceira	81
4 Protagonismo do Papa Francisco: uma “Igreja pobre junto aos pobres”	87
4.1 O cardeal Bergoglio na Conferência de Aparecida	87
4.2 Papa Francisco e o Dia Mundial dos Pobres	95
4.3 Papa Francisco e o Jubileu Extraordinário da Misericórdia	107
4.4 Papa Francisco junto aos jovens por uma renovação do sistema econômico-social	115
5 Destaques do magistério do papa Francisco na direção da Pobreza evangélica e Sobriedade feliz	124
5.1 Exortação apostólica <i>Evangelii Gaudium</i> e atenção aos frágeis e ao diálogo social	124
5.2 Exortação apostólica <i>Gaudete et Exultate</i> e bem-aventuranças da pobreza	130
5.3 Carta Encíclica <i>Laudato Si'</i> para o cuidado da casa comum na sobriedade feliz	140
5.4 Exortação apostólica <i>Querida Amazônia</i> e os sonhos de fraternidade – social, cultural, ecológica e eclesial	148
5.5 Carta Encíclica <i>Fratelli Tutti</i> na solidariedade com os povos e a criação e para a paz	154
6 Fundamentos bíblicos e diálogo da Senhora Pobreza e Sobriedade Feliz	161
6.1 A pobreza no vocabulário bíblico do Antigo Testamento	161
6.2 A pobreza no vocabulário bíblico do Novo Testamento	174
6.3 A opção preferencial pelos pobres no CELAM	182
6.4 A Senhora Pobreza e a Sobriedade Feliz em relação com a qualidade de vida	191
7 Conclusão	203
8 Referências bibliográficas	208

Siglas e abreviaturas

- Ad – Admoestações de São Francisco de Assis
- CIS – Cântico do Irmão Sol (Cântico das Criaturas)
- CM – Carta a um Ministro
- ChV – Exortação Apostólica pós-sinodal *Chistus Vivit*
- CNBB – Conferência Nacional dos bispos do Brasil
- CELAM – Conferência Latino-Americana e Caribenha
- DAp – Documento de Aparecida
- DPb – Documento de Puebla
- DV – Constituição Dogmática *Dei Verbum*
- FT – Carta Encíclica *Fratelli Tutti*
- GE – Exortação Apostólica *Gaudete et Exultate*
- JUFRA – Juventude Franciscana
- LS – Carta Encíclica *Laudato Si'*
- LTR – Legenda dos Três Companheiros
- MV – *Misericordia Vultus* Bula de Proclamação do Jubileu Extradionário da Misericórdia
- OFS – Ordem Franciscana Secular
- OFMConv. – Ordem dos Frades Menores Convetuais
- QA – Exortação Apostólica pós-sinodal *Querida Amazônia*
- RNB – Regra não bulada
- RB – Regra bulada
- T – Testamento de São Francisco
- VRC – Vida Religiosa Consagrada
- 1B – Legenda Maior de São Francisco segundo Boaventura
- 1C – Primeira vida de São Francisco (segundo Tomás de Celano)
- 2C- Segunda vida de São Francisco (segundo Tomás de Celano)
- 2CF – Segunda Carta aos fiéis

1 Introdução

A crise ambiental é tema observado nos diversos documentos do Papa Francisco. Isso indica que a espiritualidade da Criação deve ser cada vez mais estudada na teologia e compreendida na sociedade. Diversas questões são apresentadas no documento *Laudato Si'*, tais como: aquecimento global, destruição da fauna e flora, além da pobreza gerada pela globalização.

O contexto atual e renovador demanda uma teologia voltada à espiritualidade da Criação e ao cuidado da Casa Comum. Se algumas interpretações podem considerar tal agenda desnecessária para a teologia cristã, constatamos que as reflexões do documento LS, que traz nos textos do Gênesis a preocupação com a forma de cuidar e administrar a natureza deixada em favor da humanidade é importante como atual. Entre os temas da ecoteologia figura a pobreza e o tema da pobreza deve ser aprofundado.

Nesta mesma linha de percepção, recorre-se a São Francisco, na Idade Média, em seu tempo histórico, que, mesmo não havendo estudos científicos ou uma relação direta com o cuidado da natureza, desenvolve o Cântico das Criaturas, símbolo da presença da Criação e uma relação direta e antropológica com a nova Criação em Jesus Cristo. Percebemos, então, que esta ligação da Criação com o Evangelho fez com que São Francisco a manifestasse o cuidado pela natureza.

O objetivo desta pesquisa é voltar a São Francisco e fazer uma leitura do seu legado e propor uma percepção da teologia da pobreza e sua relação com ênfase sobre a vida de São Francisco e nos documentos publicados pelo Papa Francisco, investigando a existência de um princípio teológico que nos ajude na compreensão da vida pastoral e na participação ativa da Igreja em prol da caridade para com os pobres.

A investigação trouxe visões de teólogos importantes que abordaram o estudo sobre o tema da pobreza e o Papa Francisco, compreendendo as iniciativas do pontificado, como o Dia da pobreza e a “Economia de Francisco e Clara”. Essas iniciativas possibilitaram o diálogo com o mundo e, ao mesmo tempo, exerceram uma cultura de valores, frente à crise ética e moral, atravessada em várias esferas sociais. Nesta percepção, a inovação do assunto é apresentar como a teologia da pobreza com a percepção no Evangelho, como uma nova Criação em Cristo, pode

apresentar um estilo de vida fraterno e ao mesmo tempo despojado, que faça da teologia da pobreza um entendimento espiritual – e, com isto ecoe nas percepções econômicas.

Nos capítulos da pesquisa dessa tese realizamos uma construção investigativa bibliográfica em cada capítulo. Se vislumbraram aspectos sociais, políticos e econômicos que tinham influência nos anos que foram feitas as investigações dos determinados assuntos. Assim, percebe-se o crescimento do assunto e sua necessária limitação diante das novidades e partilhas vindas dos estudos de diversos autores que dedicam suas pesquisas em vasculhar o pontificado do Papa Francisco e a crise ecológica que o mundo atravessa. Percebe-se que a Casa Comum é um assunto cotidiano, em que o estudo da teologia práxis e contemporânea se faz necessário para o sustento dos valores espirituais apresentados no Evangelho, da Tradição e Magistério.

Foram propostos seis capítulos para limitar o assunto da pesquisa, em que se descreveu o movimento franciscano e sua ligação com a LS, revelando o assunto como importante para a sobriedade feliz e o despojamento, para compreensão da vivência da pobreza evangélica como benefício ao planeta. Mostra-se o sofrimento provocado pela globalização, que abarrotou o mercado de produtos, mas não tem como proporcionar aos pobres alimentação e moradia de forma digna. Na Introdução (como capítulo primeiro), é apresentada a tese e sua metodologia acerca do assunto desenvolvido. No segundo e terceiro capítulos, são vistas a Ordem Franciscana, sua história medieval, o nascimento do movimento e suas iniciativas da caridade, na relação com o Evangelho e a vida de São Francisco.

A pesquisa desenvolve então, no capítulo 3, mais especificamente, o tema da pobreza testemunhada na vida dos frades e nas atividades pastorais e espirituais desenvolvidas pela comunidade a serviço da Igreja. Indica-se que a virtude da pobreza deve se dar de modo que possa ser manifestada ao mundo esta realidade de espiritualidade em que os frades possam testemunhar a Regra, a forma de vida e o Evangelho. A interpretação dessa forma de vida visa interpretar a história do carisma deixado por São Francisco de Assis, apesar de todas as questões que envolveram os frades nas dificuldades para serem obedientes à pobreza deixada no carisma original pelo fundador. Por isso, a proposta desse capítulo é apresentar a história do surgimento de diversas interpretações acerca da pobreza, que aos poucos foram estruturando os grupos, surgindo a divisão proposta pela Igreja e todos

professando a mesma Regra e vivendo o carisma original na interpretação da pobreza, no momento ainda com suas interpretações e valores, mostrando a renovação com o mundo, sem perder a essência original da sua espiritualidade.

A identidade franciscana é reconhecida como opção fundamental de conversão ao sentido ético e moral na proposta do Evangelho. Assim, vemos o modo de viver o franciscanismo nas comunidades, sejam elas no mundo ou no Brasil. A pesquisa detalhou alguns modos de realizar o testemunho da vida religiosa franciscana consagrada na vida pastoral a serviço dos pobres. Este itinerário convida não apenas os frades, mas toda a sociedade a aproximar-se do Evangelho, fazendo deste modo de vida franciscana um significado místico no sofrimento do Cristo em direção à minoridade, à vida fraterna, reconhecendo no outro a realização do cuidado e do amor em sua ternura.

Apresentando diversos exemplos do modo de atuar dos franciscanos neste tempo presente, a pesquisa visa a buscar o testemunho da Senhora Pobreza e indicar o cuidado para com os irmãos e irmãs no modo de ação pastoral. O diálogo com as diversas dimensões humanas revitaliza o carisma e, conseqüentemente, favorece a espiritualidade franciscana no mundo. A pesquisa, ainda no capítulo 3, apresenta a Ordem Franciscana na sua estrutura conventual, fraterna e minorídica ao longo da história. E, também, a crise enfrentada após a morte do fundador São Francisco, quando foram questionadas a vida dos frades e a legalidade da pobreza evangélica em detrimento da espiritualidade e da aquisição de bens.

Neste contexto, foram apresentadas algumas iniciativas de comunidades e frades na continuidade do carisma neste tempo presente – ressaltadas as principais ligações com a pobreza evangélica, tema este como principal da pesquisa. Assim, foram trazidos diversos exemplos que colaboraram para expor o tema da pobreza vivida por São Francisco, importantes como fonte de carisma e ação pastoral ao seguimento do Evangelho e de Cristo e na obediência à Igreja, como tanto era o desejo de São Francisco.

A tese pretende contribuir no estudo do carisma franciscano e colaborar com a história da espiritualidade e conseqüentemente trazer à teologia a investigação de uma temática tão importante à Igreja, que envolve também a sociedade – ao mencionar São Francisco de Assis lembramos do homem do diálogo, e aquele que era presente na Criação e a preservava. Esta tese, basicamente concluída em 2023, revela a importância do estudo da Regra Franciscana, que completa 800 anos de sua

aprovação, com várias iniciativas por parte da Ordem Franciscana, com estudos e encontros. O Papa Francisco também deixou sua mensagem à Ordem sobre o valor da Regra.

No capítulo 4, fazemos uma apresentação do documento da Conferência de Aparecida, em que temos a busca da espiritualidade do carisma da pobreza levado a uma intensa atividade pastoral no continente latino-americano. Esta construção pastoral mostra a proposta da comunhão na proposta do Evangelho e nos faz identificar uma Igreja discípula-missionária. Por isto, o texto está construído em torno das dimensões culturais, políticas e econômicas, levantando o serviço da atividade pastoral, com a paróquia como o local em que se desenvolve a renovação da fé e dos diversos valores morais e éticos. Assim, o lugar da paróquia, mencionado por Bergoglio antes de seu pontificado, é visto como estímulo à evangelização, que fecunda a vida fraterna e a relação familiar.

A Igreja junto aos pobres é a temática do capítulo 4, enfocando o carisma franciscano sendo transmitido pelo Papa Francisco. Este tema é corriqueiro na análise do senso comum, porém, neste estudo teológico foram apontados diversos documentos que trazem aproximação com o carisma franciscano e como objeto do estudo, que é a pobreza – exemplo são o “Dia dos Pobres”, o “Jubileu Extraordinário da Misericórdia” e a iniciativa do Papa Francisco com a “Economia de Francisco e Clara”, que favorece o estudo da economia global além de aproximar os jovens economistas de problemas e crises da globalização. Os jovens foram convocados em Assis para um caminho de conversão em uma relação social, relacional e espiritual, indicando ao mundo uma economia que deve ser estudada para proporcionar uma ética em favor da humanidade, libertando da escravidão de uma economia consumista e nociva aos mais pobres e mostrando uma economia responsável e integral, com a Casa Comum e no sentido mais fraterno e humano. Foram chamados a experienciar o ideal de São Francisco tendo um olhar de compaixão e misericórdia para com os pobres, mostrando uma economia que traga o conhecimento e reveja a incidência de mercado que destrói o ser humano.

No capítulo 5 da pesquisa foi ainda desenvolvido o destaque do magistério do papa Francisco na direção da pobreza evangélica e no entendimento da Sobriedade Feliz, conceito da LS. Foram estudados os documentos do magistério do papa Francisco, com relevância ao legado de um diálogo social e atenção à fragilidade e identificando os valores do Evangelho. Esses valores visam

proporcionar à sociedade uma espiritualidade que procura servir e perceber no outro a condição da realização da salvação trazida por Jesus Cristo.

Evidenciou-se uma Igreja que caminha e sai à procura dos pobres, com Palavra e ensinamentos que testemunham a Revelação da promessa de Deus aos mais pobres e humildes, uma teologia que respeita o ser humano em suas complexidades e experiências culturais. O desejo do Papa Francisco é apresentado nos documentos que foram descritos e estudados, conferindo aos textos uma aproximação com a pobreza. Este capítulo teve como aspecto central o documento *Laudato Si'* com a iniciativa do Papa Francisco em transmitir uma espiritualidade ecológica em preocupação com o desenvolvimento do ser humano, nas diversas condições antropológicas que podem dialogar com o mundo, apresentando diversos valores que estruturam a vida humana, o trabalho eclesial e a construção de uma sociedade que transforme a relação com a Criação.

O estudo encerra sua análise no capítulo 6, fazendo um estudo sobre Antigo e Novo Testamentos, procurando na palavra “pobreza” aspectos que nos ajudem compreender melhor este vocábulo e o seu uso nos diversos textos bíblicos para proporcionar a compreensão do tema central desta tese. Assim, este capítulo ainda conta em dialogar com aspectos centrais da eclesiologia franciscana e o bem que transmite à Igreja, procurando nos diversos teólogos franciscanos a iniciativa desta espiritualidade transmitida à sociedade atual, reiterando a ideia de pobreza e os valores que compõem uma teologia preocupada e inserida na sociedade.

O estudo teve como um objetivo analisar a ação da pobreza evangélica na teologia e como esta se comporta no entendimento do despojamento dos bens. Este entendimento nos faz compreender que o entendimento da ação do Evangelho na vida do cristão é identificado com a pobreza evangélica e, conseqüentemente, com o entendimento da sobriedade feliz, que é o desapego dos bens para a viver daquilo que é essencial para a vida, sem acúmulos e desperdícios. A proposta da tese é colaborar para que o despojamento e a pobreza sejam uma forma de vida para todo aquele que se identifica com o Evangelho e com a Casa Comum, proporcionando uma teologia que dialogue com o mundo sem esquecer a verdade e a doutrina.

2

São Francisco de Assis e a Senhora Pobreza

O capítulo que inicia possui cinco seções. A pesquisa tratará primeiro do contexto, da vida e do carisma de São Francisco de Assis, personagem que o papa Francisco tem proposto como modelo. Em seguida, tratará do tema da Senhora Pobreza, que é o nome que São Francisco de Assis preferiu escolher para marcar a espiritualidade dele em busca do Evangelho, como sendo a esposa que abraçaria, e esse ponto de pobreza evangélica será na mesma seção relacionado com o tema de direito de propriedade. A terceira seção do capítulo mostra que a Senhora Pobreza é importante para o desenvolvimento da fraternidade desejada por São Francisco de Assis, que se caracteriza com uma solidariedade com os pobres. A quarta seção será sobre a promulgação da Regra de São Francisco (desde a Regra não bulada à Regra bulada). A última seção do capítulo lembra que São Francisco de Assis contribuía para a promoção do diálogo e da paz e amor à criação.

2.1

Contexto, vida e carisma de São Francisco de Assis

No século XIII, na Idade Média, aconteceram mudanças significativas nas áreas político-econômica-social e religiosa, atingindo não só a cidade de Assis, mas muitas das cidades feudais. As principais cidades atingidas por transformações se situavam na Itália, sobretudo nas áreas de centro e norte. O sistema político vigente até o ano mil estava fortemente em declínio, dissolvendo o sistema feudal. Entre os séculos VIII e XI, o regime feudal impôs sobre as cidades um sistema de propriedade e hierarquias, desenvolvendo rígida estrutura social baseada no lucro comercial. Essa estrutura fomentou “primeiro um progresso rural”¹, permitindo o avanço do cultivo e criação para, em seguida, avançar na economia.

A produção ainda era essencialmente rural, mas se fazia necessária a venda desta produção, que era feita nas cidades, promovendo uma verdadeira expansão econômica em busca do mercado. A mentalidade do lucro aparecia entre os produtores, obrigando as diversas cidades a se adaptarem a essas novas condições econômicas. Esta expansão teve como consequência uma reforma nas áreas rurais,

¹ LE GOFF, J., São Francisco de Assis, p. 21.

com os trabalhadores apresentando autonomia cada vez maior, e nas cidades uma dinâmica maior na venda e consumo. Os resultados desta expansão econômica foram diversos. Havia o seguinte cenário na época:

vieram as lutas inevitáveis, e os maiores – que de fato tinham mais poder – lutaram cada vez mais para manter o seu domínio social, político e religioso. Com a ascensão da classe mercantil e o novo poder do dinheiro, já não se tratava apenas de uma questão de plebeus contra senhores ou nobres: era uma questão de ascendência social.²

Dentre os resultados, há o expressivo aumento demográfico das cidades, com suas crises econômicas, sanitárias e de moradias, além do escoamento da produção, com o início da mercantilização, e dos diversos serviços da classe burguesa que começavam a surgir. Como observa André Vauchez:

Os historiadores da Idade Média concordam hoje em considerar que, na maioria das regiões do Ocidente, o período que se estende do fim do século XI ao início do século XIII, aproximadamente entre 1080 e 1220, foi marcado em todos os setores por um espetacular salto à frente. Foi o século do “grande progresso” (G. Duby), caracterizado simultaneamente por uma expansão demográfica sem precedentes e pela difusão de novas técnicas que deram impulso à produção agrícola e artesanal. Em um mundo que continuava sendo essencialmente rural, as cidades viviam um verdadeiro renascimento e apareciam novos grupos sociais. Entre estes, a burguesia, categoria ainda mal definida no século XII, assinalada pelo habitat urbano e pelo exercício de profissões que implicam a posse de um capital financeiro ou cultural: mercadores, armadores, homens da lei, notários etc.³

Na região montanhosa da Úmbria, onde está localizada Assis, observamos o aumento significativo da população, que, aos poucos, “agrupam-se em aldeias, em aglomerações”⁴. Desorganizados nessa vida urbana, começam a ser construídas casas, castelos e igrejas para a burguesia, e “a consequência espetacular do desenvolvimento demográfico e econômico é principalmente um poderoso movimento de urbanização”⁵. Concomitantemente, já começa a haver a troca de mercadorias e bens, surgem as moedas, dando origem aos bancos, resultando na mercantilização. A cidade, então, passa a ser um lugar de troca e serviço, onde se exerce o poder:

Centro econômico, a cidade é também um centro de poder. Ao lado e, às vezes, contra o poder tradicional do bispo e do senhor, frequentemente confundidos numa única pessoa, um grupo de homens novos, os cidadãos ou burgueses, conquista “liberdades”, privilégios cada vez mais amplos.⁶

² SPOTO, D., *Reluctant Saint. The life of Francis of Assisi*, p. 4.

³ VAUCHEZ, A., *A Espiritualidade na Idade Média Ocidental – Séculos VIII a XIII*, p. 65.

⁴ LE GOFF, J., *São Francisco de Assis*, p. 24.

⁵ LE GOFF, J., *São Francisco de Assis*, p. 24.

⁶ LE GOFF, J., *São Francisco de Assis*, p. 25.

Na Idade Média, essas cidades eram lugares de forte crescimento econômico e onde havia uma enorme quantidade de pessoas em busca de novas oportunidades comerciais e aquisição de bens, as cidades medievais eram povoadas de “imigrantes mais ou menos recentes, que se renovam em ritmo rápido”⁷. Assis, tal como essas outras cidades, acompanhava a estrutura feudal e tinha uma população rural, mas na cidade já havia belas construções, como palácios e castelos, uma organização política e um estágio de institucionalização. Desta maneira, os que permaneciam no trabalho rural, e diante das dificuldades financeiras dos senhores, tiveram como reação “aumentar a exploração econômica sobre a maioria das categorias sociais camponesas”⁸.

Os poderes da cidade e da diocese caminhavam juntos, trazendo conflitos ao entendimento sobre a hierarquia eclesial, “essa época pode ser caracterizada pela influência crescente exercida pela espiritualidade monástica sobre o conjunto do povo cristão”⁹. A fundação monástica projeta uma cultura litúrgica fundamentada no canto, no silêncio e no desejo em encontrar Deus na recitação dos diversos textos litúrgicos. Diante dessa cultura, se observa o afastamento do cuidado com os pobres e necessitados de Assis. Francisco concluiria que é preciso um modo de reatar o laço entre o Evangelho e a prática para atender às pessoas e olhar a criação. Apesar de, no início de sua conversão, ter procurado um mosteiro para se abrigar, ele percebeu que tinha um modo de espiritualidade próprio – e isso foi observado pelo povo de Assis, e mesmo pela Igreja do seu tempo.

O conceito de espiritualidade, à época, não era como temos hoje. Naquele tempo havia apenas a diferença “entre a doutrina (fé dogmática e normativa) e a disciplina (desempenho da fé, geralmente no âmbito de uma Regra religiosa)”¹⁰. Neste contexto da Alta Idade Média, temos a busca do Antigo Testamento, para afastar de idolatrias, fomentando a compreensão de Aliança, a fim de provocar os membros da Igreja ao afastamento da superstição e prescrutar onde a fé cristã pudesse ser difundida:

As práticas do Antigo Testamento foram impostas para que a fé cristã não degenerasse em superstição: os monges irlandeses do século VI propagaram muitos

⁷ LE GOFF, J., São Francisco de Assis, p. 26.

⁸ LE GOFF, J., São Francisco de Assis, p. 26.

⁹ VAUCHEZ, A., A Espiritualidade na Idade Média Ocidental – Séculos VIII a XIII, p. 31.

¹⁰ PIERINI, F., A Idade Média 2 – Curso de História da Igreja, p. 55.

costumes hebraicos entre o povo celta – equiparando de domingo a sábado, a obrigação do décimo, os preceitos do Levítico sobre o sexo moralidade.¹¹

A religiosidade da Idade Média diante deste fenômeno da urbanização vincula à imagem de santidade as diversas dimensões características da cidade, tais como: “santos burgueses, santos leigos, santos frades mendicantes [ou a recusá-la, com os] santos eremitas”¹². Ainda, observamos o avanço de uma reforma eclesiástica marcada por três modelos radicais, percebidos neste período: “a fundação de novas ordens religiosas, o surto do movimento canônico e a aceitação da diversidade eclesial”¹³.

O sagrado era vivido em forma de perfeição por vários grupos comunitários de homens e mulheres, bispos, padres e leigos adeptos a um grau de perfeição inacessível aos demais fiéis e “até o século XIII, todos os movimentos espirituais no seio da Igreja teriam como ponto de partida ou chegada a fundação de ordens religiosas”¹⁴. Assim, esses eram diferenciados dos outros participantes da Igreja, o que gerava o mesmo pensamento excludente predominante nas classes feudais. Por isso, “as atitudes religiosas fundamentais foram marcadas pela influência da classe feudal que, até no domínio espiritual, impôs os seus modelos ao conjunto da sociedade”¹⁵.

A cidade adquiriu muita importância no período medieval. Desenvolvia-se uma economia, com a burguesia e o comércio, e mesmo o poder eclesiástico vinculado aos poderes desta nova organização. Assim, “Francisco nasce no coração do período do grande desenvolvimento do Ocidente medieval e em uma região fortemente marcada por esse desenvolvimento”¹⁶. Le Goff nos faz compreender essas cidades medievais:

essa nova sociedade está a ponto de ultrapassar sua fase de crescimento anárquico, de ímpeto selvagem ao estágio de institucionalização, ainda que na Itália, no que diz respeito tanto às corporações de artesãos e de mercadores (*arti*) como à organização política (*comuni*), o movimento tenha começado mais cedo do que em outros lugares.¹⁷

¹¹ PIERINI, F., A Idade Média 2 – Curso de História da Igreja, p. 55.

¹² LE GOFF, J., São Francisco de Assis, p. 24.

¹³ LE GOFF, J., São Francisco de Assis, p. 28.

¹⁴ VAUCHEZ, A., A Espiritualidade na Idade Média Ocidental – Séculos VIII a XIII, p. 34.

¹⁵ LE GOFF, J., São Francisco de Assis, p. 30.

¹⁶ LE GOFF, J., São Francisco de Assis, p. 21.

¹⁷ LE GOFF, J., São Francisco de Assis, p. 26.

Nesse período, Assis era cercada de muralhas para proteção e segurança, devido aos perigos de invasão. A economia era estável, com recursos financeiros oriundos da agricultura. Começavam a surgir os primeiros investidores, e o principal trabalho era venda de mercadorias manufaturadas. “Assis gozava de certa estabilidade política, embora não tivesse liberdade”¹⁸.

As cidades eram o núcleo do poder na Idade Média com as decisões comerciais e políticas sendo feitas pelos bispos e os senhores feudais. O progresso econômico tinha como origem a vida rural. Em Assis acontecia o comércio de trocas de mercadorias, com o uso de moedas. Novas culturas de cultivo foram sendo incorporadas à produtividade, aumentando de forma significativa os movimentos comerciais entre as cidades. Houve a troca do boi pelo cavalo no deslocamento da produção. Os trabalhadores das diversas cidades começam a efetuar relações comerciais estabelecendo o livre comércio, com a liberdade dada pelos empregos e salários. Portanto, vemos uma nova sociedade surgindo nas cidades, como observa Vauchez:

A consequência talvez mais importante de todas essas transformações foi o aparecimento de uma mentalidade de lucro. O camponês que procurava aumentar a sua produção ou o seu rebanho para ganhar algumas moedas no mercado, o senhor que aumentava a lavoura e o número de homens para melhorar a sua renda, o mercador que viajava pelas vias terrestres ou marítimas com suas trouxas de pano, eram todos motivados pelo desejo de ganhar dinheiro, cada vez mais dinheiro.¹⁹

A sociedade medieval passava por diversas transformações, que ressoavam sobre a Igreja – surgiam novas propostas na vida religiosa, voltando também a ideia originária da regra de São Bento. As principais ordens surgidas nesse período de reforma foram as de São Bruno, a Ordem dos Cartuxos, em 1084, fundada por Robert de Molesme com a espiritualidade de São Bernardo, a Ordem dos Cistercienses. Ambas buscavam resgatar a oração e a contemplação, além de “criar melhor equilíbrio entre o trabalho manual e a oração”²⁰, trazendo reformas sobre a vida ativa e a contemplativa.

As diversas novidades do século foram motivações para a estrutura interna da Igreja, sobretudo em adequar a estrutura comunicativa da doutrina e as novas práticas religiosas do seguimento à penitência e ao pecado, tão fortemente mal interpretados nesse período histórico. Era necessário que houvesse uma

¹⁸ PIERINI, F., A Idade Média 2 – Curso de História da Igreja, p. 55.

¹⁹ VAUCHEZ, A., A Espiritualidade na Idade Média Ocidental – Séculos VIII a XIII, p. 66.

²⁰ LE GOFF, J., São Francisco de Assis, p. 29.

organização do poder eclesiástico, sobretudo no sentido moral e espiritual, combatendo as diversas interpretações errôneas.

Gregório VII (1073-1085) revitaliza a consciência eclesiológica, vasculhando os problemas e apresentando novas formas de viver naquele período. Ainda como monge tinha um espírito reformador e como pontífice fez imenso “questionamento da investidura leiga”²¹, luta essa que defendia a dignidade eclesiástica e o concubinato dos padres, “reivindicando para Igreja a *libertas*, isto é, ao mesmo tempo a independência em relação ao imperador e o direito exclusivo de julgar a sociedade cristã”²². Le Goff nos faz entender tal período:

O que se chama a reforma gregoriana – que ultrapassa amplamente, no tempo e em conteúdo, o pontificado de Gregório VII (1073-1085) – não é apenas a libertação do mundo eclesiástico das amarras que o submetiam ao regime feudal leigo. Indiscutivelmente, a independência da Santa Sé em face do poder imperial, os progressos da liberdade eleitoral dos bispos e dos abades em relação aos leigos poderosos são fenômenos significativos. Os esforços de eliminação de todas as pressões econômicas e sociais reunidas sob a etiqueta de simonia não são menos importantes. É essencial, sobretudo, a luta contra o que se chama nicolaísmo. Não se trata apenas de um progresso moral e espiritual que o combate contra a incontinência dos clérigos representa. Proibindo o casamento e o concubinato à primeira das três ordens que definem desde o início do século XI o esquema tripartido dos oratores, bellatores e laboratores – “os que rezam”, “os que combatem” e “os que trabalham” –, a Igreja separa fundamentalmente os clérigos dos leigos pela fronteira da sexualidade.²³

A reforma gregoriana teve como resultado a exaltação do poder clerical e afastamento entre leigos e clérigos. Mostrava, em algumas construções da Igreja, a separação do espaço físico entre o altar e os fiéis. Com isso, havia o mundo que era profano e a Igreja como lugar santo, havendo uma forte tendência ao monopólio do sagrado por parte da Igreja. A ideia escatológica começa a surgir, identificando o Reino de Deus como lugar oferecido aos fiéis, cuja dinâmica estaria a favor das lutas da Cruzada em favor da obra de Deus. Se estabelece uma espiritualidade ascética e uma busca exacerbada pelo sagrado. Essa visão religiosa era representada com a noção de impuro e puro, o bem e o mal, espírito e carne, Deus e Satã, resultando em identificar o poder de Deus aos modelos medievais de guerra, gerando uma busca pela bênção de Deus e pelos rituais que representavam o fim do mal nas diversas incertezas, diante da guerra, na Cruzada.

²¹ VAUCHEZ, A., A Espiritualidade na Idade Média Ocidental – Séculos VIII a XIII, p. 58.

²² VAUCHEZ, A., A Espiritualidade na Idade Média Ocidental – Séculos VIII a XIII, p. 58.

²³ LE GOFF, J., São Francisco de Assis, p. 27.

A Igreja local tinha como administrador o bispo, que fazia parte da política feudal, sobretudo “da conversão dos bárbaros ao catolicismo”²⁴. Entre esses, temos os primeiros a converter os francos e esta fusão ao catolicismo mostra que os “interesses estatais e interesses eclesiásticos” criaram o fenômeno das chamadas “Igrejas próprias” ou “Igrejas privadas”, fenômeno que depressa se estendeu por quase toda a Igreja europeia ocidental e também pela oriental-eslava.”²⁵ Este movimento de “Igrejas privadas” é observado nas Igrejas particulares:

Tornaram-se “Igrejas privadas”, ou seja, entidades beneficiais e vassalas, as paróquias e as dioceses, os bispados e os arcebispados, mas também as abadias com seus territórios (pequenos e grandes). O próprio papado acabou por se tornar uma “Igreja privada”, à disposição de reis e imperadores e até de famílias nobres romanas.²⁶

Na estrutura eclesial, havia tendências políticas que eram reflexo da sociedade, em que não havia ascensão social, e sendo assim, os pobres sofriam as consequências dessa imobilidade, não tinham o mínimo para sua sobrevivência. Na época, já despontavam diversas forças para uma reforma religiosa, que procuravam motivar a Igreja a ter um olhar mais acolhedor às necessidades da época: “ela se delineou como luta pela ‘liberdade da Igreja’ dos vínculos feudais e dos abusos consequentes, a partir do século X, começando pelo ambiente monástico renovado pelo movimento de Cluny”²⁷.

Pedro Bernadone, pai de São Francisco, estava imerso no comércio do mundo burguês, importava vários produtos da França, e no momento do nascimento de Francisco se encontrava em viagem. Francisco Bernardone nasceu em 1181 ou 1182 na cidade de Assis, na região do vale Espoleto. Sua mãe, que tinha origem francesa, na ausência do seu pai, batizou-o com o nome de João Batista. Mais tarde, porém, chegando da viagem que fizera à França, o pai lhe coloca “o nome de Francisco em homenagem à França”²⁸. Esta é a principal hipótese para escolha do nome, além da possibilidade de também homenagear a mãe em suas origens. Na infância, foi educado com a cultura e costume do seu tempo histórico e instruído desde cedo a ser como o pai, da classe burguesa, “quase até os vinte cinco anos”²⁹. Após ter contato com o Evangelho, Francisco vislumbra o seu caminho vocacional.

²⁴ PIERINI, F., A Idade Média 2, p. 54.

²⁵ PIERINI, F., A Idade Média 2, p. 54.

²⁶ PIERINI, F., A Idade Média 2, p. 54.

²⁷ PIERINI, F., A Idade Média 2, p. 55.

²⁸ MANNES, J., Experiência e Pensamento Franciscano – Aurora de uma nova civilização, p. 17.

²⁹ 1C, 2.

Os conflitos da Idade Média não foram diferentes também em Assis, e primeiro houve as divergências históricas entre a burguesia e a nobreza. Francisco, nesse período de incertezas diante das diversas guerras com Perusa, se fez cavaleiro no exército de Assis. Em 1202, derrotados após uma batalha, Francisco tornou-se prisioneiro e foi conduzido ao cativo em Perusa, e foi nesse período que ele fez a leitura do Evangelho. Após uma longa enfermidade, voltou a Assis, com os questionamento e percepções sobre Deus, revelando uma singular sensibilidade para a necessidade do próximo e da Igreja – e entra em um período de novas escolhas para sua vida.

Em 1205, Francisco retorna à guerra, seguindo os apelos do papa e “se alista nos exércitos do Conde Gentil”³⁰, porém “em Espoleto, através de uma visão, recebe ordens”³¹ para regressar a Assis. Além desses acontecimentos, temos outros significativos que marcaram profundamente a trajetória de Francisco, em que ele beija um leproso que encontra pelo caminho e, em Damião, ouve do Cristo crucificado: “Francisco, vai e reconstrói a minha Igreja que cai em ruínas”.

Esses momentos marcantes na sua vida vocacional o fizeram realizar bem o projeto de encontro dele com Jesus Cristo, como podemos compreender através do olhar de São Boaventura:

Num certo dia, saindo para meditar no campo, ao andar perto da Igreja de São Damião, que devido à excessiva velhice ameaça ruir, e como (...) tivesse entrado nela para rezar, prostrado diante da imagem do Crucificado, enquanto rezava (...) Ouviu com seus ouvidos corporais uma voz vinda da própria cruz que dizia por três vezes: “Francisco, vai e restaura minha casa que, como vês, esta toda destruída!” Francisco, a tremer, como estivesse sozinho na igreja, (...) fica fora de si, entrando em êxtase. Voltando finalmente a si, prepara-se para obedecer.³²

Francisco teve pressa, começando a recolher suas forças para obedecer ao mandato de Deus. Logo entrou em conflito com seu pai e, perante ele o bispo, despojou-se da sua roupa – finos trajes burgueses – e renunciou aos bens paternos.

Começou a restaurar as igrejas em Assis, mas aos poucos percebeu que aquela voz vinda do crucifixo não se tratava da reconstrução de pedras, “mas de restaurar a Igreja viva dos seguidores de Jesus”³³. A missão que entende como sua,

³⁰ FASSINI, D., Breve Cronologia de São Francisco de Assis, p. 19.

³¹ FASSINI, D., Breve Cronologia de São Francisco de Assis, p. 20.

³² 1B 2,1.

³³ MANNES, J., Experiência e Pensamento Franciscano – Aurora de uma nova civilização, p. 17.

então, passou a ser transmitir o Evangelho e os valores do humano e da sociedade, pois “reconstruindo o homem, reconstruiria também o mundo”³⁴.

Desta maneira, Francisco, que sonhara ser um dos cavaleiros da Idade Média, via que sua vida estava sendo direcionada a outra possibilidade de existência, como homem “cordial, afetuoso, determinado e cortês”³⁵. Pede aos seus companheiros a também serem cortesões, tratando “com cortesia quem quer que a eles dirija, seja amigo ou inimigo, ladrão ou salteador”³⁶. A cortesia, para Francisco, se dava no cuidado afetuoso com os demais e com todas as formas de vida no planeta:

Francisco era como que naturalmente cortês nos costumes e nas palavras, não dizendo a ninguém, de acordo com o propósito de seu coração, palavra injuriosa ou obscena; pelo contrário, como era jovem brincalhão e alegre, propôs jamais responder aos que lhe dissessem coisas vergonhosas. Por isso, sua fama se divulgou por quase toda a província, de modo que muitos que o conheciam diziam que ele seria algo de grande.³⁷

No ano de 1208, Francisco ouve o Evangelho e decide viver uma vocação para a pobreza evangélica: “modifica sua veste, ficando apenas com uma túnica, cingida por uma corda. E começa a pregar”³⁸, juntando novos companheiros. Fazem duas missões – a primeira em “Marcas de Ancona” e depois no “Vale de Rieti”. Esses são os primeiros passos de sua conversão, ao ouvir o Evangelho, e em seguida a voz do crucificado. Ainda ouvindo o Evangelho, ele parte em missão. O itinerário espiritual acontece em momentos importantes da sua vida, resultando em uma vocação para a pobreza evangélica e à renúncia dos bens. Com isto, os que ingressavam no grupo eram atraídos por esta vocação inicial de Francisco, desejosos de ser a semelhança de Cristo junto a Francisco.

No ano de 1209, a Ordem franciscana ainda não tinha o viés jurídico, não possuía ainda uma aprovação do papa. Porém, desejando receber essa aprovação, Francisco de Assis vai até Roma e encontra o papa, recebendo do governo da Igreja uma aprovação verbal. Esta aprovação é chamada de a *protorregra*.

Após a volta de Roma, unem-se a ele outros diferentes companheiros, de diferentes idades, um grupo bastante variado, “há nobres e cavaleiros, leigos e clérigos (sacerdotes ou não), membros da aristocracia urbana e homens do *populus*,

³⁴ MANNES, J., Experiência e Pensamento Franciscano – Aurora de uma nova civilização, p. 18.

³⁵ MANNES, J., Experiência e Pensamento Franciscano – Aurora de uma nova civilização, p. 32.

³⁶ RNB 7,14.

³⁷ LTC 1, 3.

³⁸ FASSINI, D., Breve Cronologia de São Francisco de Assis, p. 20.

iletrados e letrados, ricos e pobres, cidadãos e camponeses”³⁹. Esse grupo segue o ideal de vida do Evangelho, renunciando a todos os bens e tendo como compromisso dedicar-se ao trabalho manual junto à fraternidade.

Entre os anos de 1216 e 1217, começa a se delinear uma perspectiva missionária na fraternidade. Nesse período, começam a acontecer as primeiras iniciativas para uma constituição jurídica da Ordem franciscana, como conhecemos hoje. Diversas situações já eram dúvidas entre os frades, tais como: horários de oração, reunião de organização da vida fraterna, o papel da expansão da fraternidade e o recebimento de novos candidatos à vida religiosa. Também começam a intensificar a ideia do martírio. Os frades iniciam a pregação em outros lugares, fora da Itália e, em 1220, temos os primeiros mártires, os que foram a uma viagem a África, mas, sem sucesso, foram mortos e com a fama de santidade se tornaram mártires da fé.

Francisco e Frei Paulo Cattani, possivelmente em 1219, foram à Península Ibérica e tinham “a tarefa de anunciar o Evangelho aos sarracenos e outros infieis”⁴⁰. Entretanto, essa missão não obteve sucesso. Também foram pregar nos Alpes da Itália, e foram ainda enviados frades para Alemanha, para onde foi Frei João de Penna com mais sessenta frades, apesar de não conhecerem a terra e a língua alemã. Sofreram violência, fiéis cometeram violências físicas e morais. Mesmo diante disto, suplicaram a Deus pelos hereges e continuaram suas missões.

Entre 1209 e 1223, houve a construção do texto da Regra e sua aprovação pelo papa Inocêncio III, inserindo o grupo – e outros que viriam a segui-lo – na obediência à Igreja e testemunho à pobreza evangélica. Temos algumas ações importantes de Francisco nessa caminhada: em 1219, encontra-se com o sultão do Egito, mostrando sua vocação ao diálogo com outras culturas e religiões; em 1225, com seu olhar para a criação e o cuidado com a natureza ele recitou seu amor à criação, deixando um texto significativo, o “Cântico das Criaturas”. Em 1226, com 44 anos, após uma longa enfermidade, morreu em Assis. Francisco foi canonizado dois anos após sua morte.

Esta trajetória de Francisco nos mostra o seu zelo pela Palavra de Deus, os dons geridos na fraternidade e sua busca incansável por Cristo. Foi uma vida

³⁹ MERLO, G. G., Em nome de São Francisco, p. 29.

⁴⁰ MERLO, G. G., Em nome de São Francisco, p. 36.

consciente sobre nada para si, sempre servindo aos mais necessitados. A sua espiritualidade abrangia toda a humana criatura e o cosmo.

Francisco era penitente e solitário, não tinha a pretensão de formar um grupo ou uma ordem ao seu redor. As fontes franciscanas nos permitem ver a revelação do próprio Deus na vida do santo, que o levou a passar de uma experiência individual a uma experiência fraterna, “os *fratres* lhe foram dados por Deus, sem que fosse prevista ou projetada qualquer fisionomia institucional e organizada”⁴¹. Percebemos no texto da fonte franciscana: “E depois que o Senhor me deu irmãos, ninguém me indicou o que deveria fazer; mas o próprio Altíssimo me revelou que devia viver segundo a forma do santo Evangelho. E eu o fiz escrever com poucas palavras e simplesmente o senhor papa mo confirmou”⁴².

A posição de Francisco é bastante clara também no zelo à hierarquia da Igreja, percepção essa que é vista desde o tempo de sua ida a Roma para o encontro com o papa em 1209 (aqui para aprovação da regra de forma oral). Além de trabalhar na continuação das missões, sobretudo no sul da Itália e na região de Bologna, ao norte, Francisco inicia a tarefa de compor uma regra com texto bíblico e as normas da Igreja aos irmãos, completada no ano de 1223, e depois confirmada por Honório III. Já desde o ano de 1216, com a composição da regra e o ideal missionário – e durante este tempo até a confirmação – estava Clara “reivindicando para o papa a promessa para o ‘privilégio da pobreza’⁴³. Também se destaca a declaração do papa para que o local onde começou a forma missionária da Ordem, a porciúncula, pudesse ser um lugar de peregrinação e busca da conversão e santidade. Em “1216 o novo papa Honório III afirmou a indulgência de Porciúncula, isto é, a indulgência plenária para todos que visitassem o santuário no dia de sua consagração, o 2 de agosto”⁴⁴. Esta indulgência marca a peregrinação desde lugar, onde Francisco de Assis teve ali sua revelação com o projeto missionário, tendo diversos momentos importantes com os frades e acontecendo neste local sua morte.

⁴¹ MERLO, G. G., Em nome de São Francisco, p. 26.

⁴² T, 14.

⁴³ SHORT, W. J., The Franciscans, p. 13.

⁴⁴ LE GOFF, J., São Francisco de Assis, p. 82.

2.2

Senhora Pobreza e renúncia ao direito de propriedade

Uma das características da vida que São Francisco de Assis assumiu, após o momento da grande conversão que orientou seu novo modo de viver, foi o seguimento da pobreza. O seguimento da pobreza aparece, no século XIII, de um modo especial, com o nascimento e o grande desenvolvimento das ordens mendicantes. Elas constituíram um modelo de renovação para uma nova época histórica. Seria uma renovação da vida religiosa por adotar um estilo de vida itinerante. Também mostrariam, de um modo especial, a pobreza. Elas mostravam uma vida tão marcada pela pobreza que se fala em um carisma da pobreza encontrado nelas. Elas entendiam que sua missão era evangelizar com a vivência da pobreza, para mostrar que o Evangelho apontava para o desapego dos bens e para uma atenção social aos pobres. Para acentuar a sua opção de pobreza, adotaram a mendicância. Como explicou Bento XVI, em uma audiência sobre a História da Igreja, as ordens mendicantes “foram chamadas assim, pela sua característica de ‘mendigar’, ou seja, de recorrer humildemente ao sustento econômico das pessoas para viver o voto da pobreza e desempenhar a sua missão evangelizadora”⁴⁵.

As ordens mendicantes mais importantes daquela época eram a dos Frades Menores e a dos Padres Pregadores. Elas são conhecidas como as ordens dos Franciscanos e dos Dominicanos. Seus fundadores foram, respectivamente, Francisco de Assis e Domingos de Gusmão. Bento XVI explicou que “estes dois grandes Santos tiveram a capacidade de ler com inteligência ‘os sinais dos tempos’, intuindo os desafios que a Igreja do seu tempo devia enfrentar”⁴⁶. Eles leram os sinais dos tempos porque notaram que a vida religiosa se afastava da opção pelo próximo e necessitava de renovação de modo que uma forma de renovação e melhor vivência estaria na opção de atendimento social e desapego dos bens.

Para optar pela pobreza, Francisco de Assis entendia estar escutando como texto básico o trecho do Evangelho de Mateus: “Bem-aventurados os pobres em espírito porque deles é o Reino dos Céus” (Mt 5,3). Como foi apontado no subcapítulo anterior, na apresentação da vida de Francisco, ele adotou a vivência

⁴⁵ BENTO XVI, Audiência Geral, As Ordens Mendicantes.

⁴⁶ BENTO XVI, Audiência Geral, As Ordens Medicantes.

da pobreza como uma particularidade pessoal de sua opção de vida. Chamamos de carisma, que significaria um dom especial (uma graça recebida) que uma pessoa pode ter para exercer um serviço específico e contribuir para o bem da comunidade. Francisco põe-se a viver para os pobres. Dozzi, comentador da vida de Francisco de Assis, interpreta que Francisco, ao ver os pobres, “contempla o Senhor na glória humilhando-se até a condição humana e a escolher uma vida pobre”⁴⁷.

A pobreza de Francisco se inspiraria, então, no Evangelho, seria uma forma de pobreza evangélica. Em Francisco, essa pobreza evangélica tem um contexto mais destacado. Para Dozzi, Francisco de Assis acentua a pobreza, em relação com os movimentos evangélicos-pauperísticos de seu tempo, porque a forma de pobreza vivida por ele “une extremamente a pobreza com a humildade e a fraternidade”⁴⁸. A relação da pobreza e a vida de santidade tem consequência na forma de se relacionar com Deus e com os irmãos, favorecendo assim a intuição para o crescimento e discernimento da fraternidade que começa a surgir na Igreja. O seguimento da pobreza era o sonho desejado por Francisco para o futuro da fraternidade. Podemos ver traços desse seu desejo no Testamento, no texto marca o último desejo do santo:

Os que vinham para receber esta vida, davam os pobres tudo o que podiam ter.⁴⁹
 Ordeno fielmente pela obediência a todos os irmãos.⁵⁰
 E a todos os irmãos atenham-se a obedecer assim a seus Guardiães e a rezar o ofício segundo a Regra.⁵¹

São Francisco ama a pobreza como presente da Graça de Deus, afastando-se cada vez mais das coisas do mundo, inspirado a não apenas ser benfeitor dos pobres, mas também a ser, pela caridade, amigo deles. Esta forma de amar os pobres, nesta intimidade, mostrava em sua vida como inspiração vinda de Deus. Um frade franciscano, na obra das Fontes Franciscanas, menciona Francisco de Assis chamando a pobreza de Senhora Pobreza, e Francisco de Assis a toma como esposa, sendo esta que “sobressai a todas por certa prerrogativa e supera os títulos das demais graças singular”⁵². Francisco deseja “unir-se estreitamente à sua esposa, como se fosse dois em um espírito”⁵³.

⁴⁷ DOZZI, D., “Así dice el Señor”. El evangelio en los escritos de san Francisco, p. 61.

⁴⁸ DOZZI, D., “Así dice el Señor”. El evangelio en los escritos de san Francisco, p. 61.

⁴⁹ T, 16.

⁵⁰ T, 25.

⁵¹ T, 31.

⁵² Sacrum Commercium, 1.

⁵³ 2C, 55.

Além disso, Francisco associou a pobreza com a disposição para viver vários exercícios espirituais, como a oração, o jejum, a penitência, a esmola. Com a proposta da Regra, pela pobreza a pessoa se aproximaria do Evangelho e teria mais conhecimento de si. Nas palavras de Francisco, “quem é verdadeiramente pobre de espírito odeia a si mesmo e ama os que lhe batem no queixo”⁵⁴. No contexto dos exercícios espirituais, essas palavras de Francisco poderiam significar que a espiritualidade franciscana remete ao contexto do Evangelho, onde aquele que é pobre dispensa a justiça do mundo para viver a justiça de Deus (Mc 5,39).

Para Dozzi, a pobreza e a humildade, adotadas por Francisco, também são expressas por Maria, mãe do Senhor: “Maria é associada a este grande exemplo de pobreza-humildade”⁵⁵. Nos escritos franciscanos, Maria é citada em alguns textos, mencionamos como destaque duas ideias marcantes: para definir a relação entre os irmãos, em que devem ser semelhantes ao amor de mãe, e quando os irmãos fazem penitência, dando luz às obras santas, sendo exemplo – assim também somos “mães de Jesus Cristo”. Tal qual Maria sendo disponível no seu “fiat”, os que abraçam a pobreza também são disponíveis e são “obedientes até a morte do Filho”⁵⁶.

Francisco tinha grande amor e devoção pela Mãe de Jesus Cristo, baseando inteiramente na maternidade a sensibilidade em perceber a salvação na relação da Trindade salvífica, em especial, na presença do Espírito Santo. Sua devoção particular à Maria está, sobretudo, na missão de Maria e na imitação da sua humildade e esperança. Observamos como se dava esta devoção no relato de Tomás de Celano:

Envolvia com um amor indizível a Mãe de Jesus, porque gerou nosso irmão, o Senhor da majestade. Cantava-lhe Louvores especiais, derramava orações, oferecia afetos, tantos e tais que a língua humana nem pode exprimir. Mas, o que mais nos alegra é que a constituiu Advogada da Ordem, submetendo às suas asas os filhos que ele estava para deixar para serem sustentados e protegidos até o fim, Eia advogada dos pobres, realiza em nós teu ofício protetor, até o tempo que foi predeterminado pelo Pai.⁵⁷

Esta tríade – a humildade, a pobreza e a vida de Cristo – é a base da intuição inicial de Francisco em viver na simplicidade de Jesus. Na pobreza que ele abraçou, ele retira toda preocupação das necessidades materiais pessoais e comunitárias;

⁵⁴Ad 14, 4.

⁵⁵ DOZZI, D., “Así dice el Señor”. El evangelio en los escritos de san Francisco, p. 65.

⁵⁶ DOZZI, D., “Así dice el Señor”. El evangelio en los escritos de san Francisco, p. 65.

⁵⁷ 2C, 198.

nesta despreocupação, ele passa para unir-se com outra preocupação, que é para com os mais necessitados, como nos apresenta o texto da Regra não bulada, em que ele dá o conselho do cuidado com os outros, mesmo que sejam pessoas desprezadas, mas sem ter que se envergonhar por isso:

E devem alegrar-se quando estiverem entre pessoas vis e desprezadas, pobres e débeis, enfermos, leprosos e mendigos de rua. E quando necessário recorram às esmolas. E não se envergonhem, mas antes recordem que Nosso Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus vivo Onipotente, enrijeceu a face como pedra duríssima e não se envergonhou.⁵⁸

A conversão abraçada por Francisco vai assumindo maturidade ao longo de sua vida. Esse processo de entendimento do Evangelho de Cristo inclui o gesto extremo, para o modo de pensar e viver da época dele, de largar tudo para abraçar o leproso, tendo “misericórdia, comunhão solidária”⁵⁹. Nesse ato temos a transformação daquilo que era ruim para sociedade. Dozzi descreve que “este tipo de pobreza, que sendo radical e absoluta, só material e exterior, seria árida, inútil, elitista e ofensiva”⁶⁰, transforma-se em doce para Francisco, que olhava com absoluta misericórdia aqueles que necessitavam ser amados e cuidados.

Esta consciência de sua conversão inverte os valores, levando Francisco a fazer a opção pelos pobres, “no sentido profundo de seu seguimento a Cristo”⁶¹. Este novo despertar o faz ter a inspiração central de toda sua vocação. Ele aceita sua inserção na marginalidade dos excluídos. Dozzi observa que com a notícia do Evangelho sobre “a paternidade de Deus e da fraternidade humana” existe um caminho a ser seguido para descobrir nas relações humanas a beleza de ser pobre por amor a Cristo:

Francisco como caminho de comunhão, que leva, com o Cristo humilde e pobre, a viver entre os marginalizados, sem nada de próprio, sendo pobres e menores para sermos irmãos de todos. É assim que Francisco diz a bem-aventurança dos pobres de espírito, é assim que ele diz evangelicamente as relações humanas.⁶²

Francisco, desse modo, uniu a pobreza evangélica à humildade e à aproximação com os vulneráveis. Ele abandonou os bens pessoais e de sua família, tendo o desejo de sempre optar pelas coisas humildes. Preparava com simplicidade coisas como comida, roupas e casa. Ele chamava a pobreza de “dama pobreza” /

⁵⁸ RNB, 9, 2-3.

⁵⁹ DOZZI, D., “Así dice el Señor”. El evangelio en los escritos de san Francisco, p. 66.

⁶⁰ DOZZI, D., “Así dice el Señor”. El evangelio en los escritos de san Francisco, p. 66.

⁶¹ DOZZI, D., “Así dice el Señor”. El evangelio en los escritos de san Francisco, p. 67.

⁶² DOZZI, D., “Así dice el Señor”. El evangelio en los escritos de san Francisco, p. 62.

“Senhora Pobreza”, com o posicionamento sempre claro pelos bens celestes e afetuosa proximidade com os mais vulneráveis e desejando que os seus frades fizessem o mesmo:

A pobreza de Francisco é, portanto, uma pobreza voluntária ou, pelo menos, aceita. A pobreza que não é voluntária é um grande sofrimento; ela pode destruir. É por esta razão que é preciso libertar aqueles que de alguma forma são escravos. Francisco sempre coloca os pobres “reais”, isto é, as vítimas da miséria ou da doença, na frente dele. E se ele jejuava é, em primeiro lugar, para compartilhar o pão. Entre os discípulos de Francisco, a preocupação com os pobres é constante. A caridade sempre fez parte da vida dos franciscanos, religiosos ou leigos. No doente, vítima por excelência, uma vez que é sempre inocente da doença que se sofre, o franciscano reconhece o Cristo sofredor, vítima também ele.⁶³

A pobreza, com abandono dos bens materiais, deveria ter viés espiritual, com a aproximação das coisas celestes. Mannes acentua que a pobreza de Francisco “ultrapassa os aspectos econômicos”⁶⁴, pois, está ligada intrinsecamente à opção fundamental em Jesus Cristo, à conversão ao Evangelho, e como fiel testemunho do Evangelho.

Essa conversão da pobreza está ligada à não apropriação de bens. No texto da Regra bulada, Francisco descreve este princípio de não apropriação dos bens, como observa: “Os irmãos não se apropriem de nada, nem casa, nem lugar, nem coisa alguma”⁶⁵. Assim percebemos que não se apropriar é estar para além do possuir as coisas. Mannes interpreta que essa experiência de “não apropriação” dos irmãos franciscanos “remete à *Kenosis* de Jesus Cristo”⁶⁶. A *Kenosis* é um gesto de rebaixamento, de humildade.

O primeiro capítulo da Regra Franciscana traz os traços do pensamento acerca da pobreza franciscana, no qual apresenta-se a vida evangélica como meio eficaz para alcançar a vida eterna. Desta maneira, coloca “as condições indispensáveis para seguir Jesus Cristo e ganhar a vida eterna – vender tudo que tem, negar-se a si mesmo, ‘postergar’ aos familiares e a vida mesma, abandonar a família e os bens”⁶⁷. O seguimento a Jesus Cristo, para Francisco, está no desapropriar-se do ter e do direito de adquirir propriedade. A pobreza abraçada por Francisco, portanto, está em desejar não ter nada, como ele usa a expressão: “sem nada de próprio”⁶⁸.

⁶³ COMBEAU, Y., A pobreza evangélica segundo Francisco de Assis.

⁶⁴ MANNES, J., Experiência e Pensamento Franciscano – Aurora de uma nova civilização, p. 24.

⁶⁵ RB 6, 2.

⁶⁶ MANNES, J., Experiência e Pensamento Franciscano – Aurora de uma nova civilização, p. 24.

⁶⁷ DOZZI, D., “Así dice el Señor”. El evangelio en los escritos de san Francisco, p. 62.

⁶⁸ DOZZI, D., “Así dice el Señor”. El evangelio en los escritos de san Francisco, p. 63.

Ser pobre é ter esta relação de liberdade. O desapego traz em si uma visão positiva da realidade, porque, sem se apegar, “ser pobre é, portanto, vivenciar concretamente essa umbilical dependência de Deus”⁶⁹. Sem se apegar, usufruir dos bens desse mundo e das coisas como criadas por Deus, na libertação, e, simultaneamente, apegar-se aos bens perenes.

Além disso, a pobreza seria condição para amar. Na experiência de Francisco em viver a pobreza, ele entendera renunciar aos bens transitórios porque compreendia que o apego a eles “tirava a liberdade de amar a Deus e ao próximo”⁷⁰. Ele queria ser como a obra da criação deixada por Deus. Assim, a pobreza pregada por Francisco, “mais do que privar-se de bens materiais, é liberdade exterior e interior, é condição de possibilidade de amar”⁷¹. Mannes indica que, na pobreza franciscana, ser pobre em Jesus Cristo é também estar aberto à experiência do cuidado, sendo disponível “para acolher a alteridade tal como ela é”⁷².

A prática da pobreza evangélica no ensinamento de Jesus Cristo “se encarna e se resume cada vez mais claramente em sua vida pobre”⁷³. Ao assumir esse ensinamento, Francisco o professa solenemente em sua vida e quer seguir isso por toda sua vida. E ainda propõe a todos os frades a viverem a humildade, “qualidade mais importante para viver a mesma pobreza”⁷⁴ do Senhor.

Francisco se refere à pobreza com a expressão “sem nada de próprio”, por se tratar de abandonar todas as coisas. Na Regra não bulada, no número 14, correspondendo ao Evangelho de Mateus capítulo 5, 28, o santo refere-se a como os irmãos, ao despojar-se, não teriam direito a nada, sem propriedade, e mesmo o próprio modo de vestir, pois “na mentalidade-espiritual de Francisco é preferível uma gozosa e acolhedora alegria a uma atitude penitencial rígida e distante”⁷⁵ – todos devem andar pelo mundo pregando o Evangelho, no mesmo sentido do Cristo em sua obra evangelizadora.

Francisco se referia à desapropriação de tudo, que não tivessem nada que pudesse ser levado consigo; como testemunhas fiéis do Evangelho, deveriam ter

⁶⁹ MANNES, J., *Experiência e Pensamento Franciscano – Aurora de uma nova civilização*, p. 24-25.

⁷⁰ MANNES, J., *Experiência e Pensamento Franciscano – Aurora de uma nova civilização*, p. 26.

⁷¹ MANNES, J., *Experiência e Pensamento Franciscano – Aurora de uma nova civilização*, p. 26.

⁷² MANNES, J., *Experiência e Pensamento Franciscano – Aurora de uma nova civilização*, p. 26.

⁷³ DOZZI, D., “Así dice el Señor”. *El evangelio en los escritos de san Francisco*, p. 64.

⁷⁴ DOZZI, D., “Así dice el Señor”. *El evangelio en los escritos de san Francisco*, p. 64.

⁷⁵ DOZZI, D., “Así dice el Señor”. *El evangelio en los escritos de san Francisco*, p. 71.

consciência de uma “pobreza de caridade”, em que era “preciso desapropriar-se também, e sobretudo, do hábito do orgulho e do costume de julgar e depreciar, não raramente disfarçado de profetismo e espiritualidade”⁷⁶, ter uma atitude de benigna condescendência. A pobreza, portanto, não estava somente ligada ao ter, mas sim a uma atitude de retirar de si tudo o que manifesta orgulho, julgo e desprezo, “pressupõe a desapropriação do direito de defender os próprios direitos”⁷⁷, ter a liberdade de ser peregrinos e estrangeiros.

Francisco, inspirado profundamente pelo Evangelho, reconhece na expressão “peregrinos e estrangeiros” (1Pe 2,11) a pobreza que deveria ser voluntária, assumida como uma atitude religiosa, pois ouviu a inspiração dada pelo Senhor à sua vida e fraternidade, como no Testamento: “E depois que o Senhor me deu irmãos ninguém me mostrou o que deveria fazer, mas o Altíssimo mesmo me revelou que eu devia viver segundo forma do santo Evangelho”⁷⁸. Portanto, a pobreza é inspirada no entendimento das palavras do Evangelho – sendo feita por livre desejo e optando pela simplicidade:

Aprender a ser pobre é muito penoso, ainda que infinitamente rentável do ponto de vista espiritual. Uma pobreza por opção assemelha a Cristo também na vida terrena e ensina a humildade, a paciência, a amizade e dá o sentido de providência divina. Por isso, o Senhor chama de bem-aventurado quem consegue compreender a pobreza por opção, e condena ao fogo eterno quem obriga os irmãos a não ter nada neste mundo.⁷⁹

Ao desapropriar-se de tudo, Francisco transformou a maneira da ascese, até então vivida na Igreja de seu tempo, retirando a forma rígida e distante, e a levou a uma postura de uma nova mentalidade espiritual, vivida em acolhimento, além da renúncia dos bens. Essa forma de ser pobre deveria acontecer com uma postura aberta e de alegria na vocação escolhida, não assumindo uma postura de heroísmo, mas sim observando o Evangelho e vivendo em caridade, como percebemos: “Uma pobreza sem caridade não é autêntica; nem tão pouco é uma caridade sem pobreza, isto é, uma caridade que, no momento concreto em que é praticada, não sabe desapropriar-se da tentativa de juízo ou de autocomplacência”⁸⁰.

Na compreensão de pobreza franciscana, os verdadeiros pobres deveriam corresponder a verdadeiros irmãos menores, percebido isso na vida de oração,

⁷⁶ DOZZI, D., “Así dice el Señor”. El evangelio en los escritos de san Francisco, p.72.

⁷⁷ DOZZI, D., “Así dice el Señor”. El evangelio en los escritos de san Francisco, p.73.

⁷⁸ T, 14.

⁷⁹ POLIDORO, G. M., Francisco de Assis, p. 57.

⁸⁰ DOZZI, D., “Así dice el Señor”. El evangelio en los escritos de san Francisco, p.72.

fraternidade, trabalho e o testemunho no mundo. A oração devia contribuir com a vida de caridade, principalmente na maneira do convívio entre os irmãos, eles deveriam viver totalmente livres no julgamento às pessoas e situações comunitárias, como citado no trecho da obra paulina na Regra não bulada 9,12: “(...) quem não come, não julgue a quem come” (Rm 14, 3). Esse deveria ser o comportamento dos verdadeiros pobres, serem simples na maneira de vestir e falar, sem terem a necessidade de julgar aqueles que são diferentes no estilo de vida: “Admoesto e os exorto a não desprezarem nem julgarem os homens que virem usar vestes macias e coloridas, tomar comidas e bebidas finas, mas antes, julgue e despreze cada qual a si mesmo”⁸¹.

A espiritualidade aconselhada por Francisco está na maneira serena de enfrentamento do mundo, sendo pobres no testemunho das ações pelo mundo, sem perder a percepção de serem irmãos menores. Estes deveriam ser pobres nas vestes e, sobretudo, no comportamento, ao deixarem o espaço do claustro e irem ao mundo. Francisco exorta os irmãos a serem pobres nas palavras, “sejam brandos, pacíficos e modestos, mansos e humildes, falando honestamente com todos como convém”⁸², sem transmitir quaisquer escândalos que provoquem uma ideia equivocada da noção de pobreza.

No Testamento, temos as últimas vontades de São Francisco, logo perto de sua morte. Neste texto os frades presentes e futuros, em obediência ao Evangelho e juntamente com a Regra, devem fazer a leitura. Assim, no texto, verificamos que Francisco opta pela pobreza, confiando expressamente na providência divina, recordando que desde início da Ordem os frades deviam ser menores e irem de encontro ao mundo, sendo “o anúncio do caminho que leva ao contentamento, à plenitude da satisfação, da alegria evangélica”⁸³. Assim, Francisco expressava que os frades que queriam ser como ele deviam ser simples na pobreza e menores, “no que se refere às coisas materiais, e também no campo do poder”⁸⁴.

A pobreza, para São Francisco, deveria ligar-se à submissão e serviço, uma pobreza vivida na fraternidade, na minoridade – deveria ser o lugar onde o frade se reunia pelo trabalho, oração e pregação do Evangelho; a pobreza deveria estar

⁸¹ RB 2, 18.

⁸² RB 3, 12.

⁸³ FASSINI, D. F., São Francisco de Assis – Testamento. Leitura e Comentários, p. 98.

⁸⁴ DOZZI, D., “Así dice el Señor”. El evangelio en los escritos de san Francisco, p.77.

ligada à obediência ao superior escolhido, mesmo se percebendo algo que não condissesse com aquilo que é o testemunho do carisma. Francisco aconselha os frades a não abandonar o irmão superior, e dos mais fracos, devem cuidar e preocupar-se. Portanto, a obediência está ligada à pobreza, pois somente o irmão convicto da fé em Jesus Cristo consegue abandonar tudo pelo amor ao serviço, à caridade e aos irmãos, como percebeu nas Admoestações:

A OBEDIÊNCIA PERFEITA

Diz o Senhor no Evangelho: Quem não renunciar a tudo que possui, não pode ser meu discípulo. Quem quiser salvar sua alma, vai perdê-la. Abandona tudo quanto possui e perde seu corpo o homem que a si mesmo se oferece todo à obediência do prelado. E tudo quanto faz se diz, sabendo não ser contra a vontade dele e sendo bom o que faz. E, sempre que o súdito perceber coisas melhores e mais úteis à sua alma que as ordenadas pelo prelado, sacrifique voluntariamente as suas a Deus e empenhe-se em plenificar em obras as coisas que são do prelado. Pois essa é a caritativa obediência, que satisfaz a Deus e ao próximo.

E se o prelado ordenar algo coisa contra a sua alma, não lhe é lícito obedecer-lhe, mas não se separe dele. E se, por isso, tiver de suportar perseguições de alguns, ame-os mais diligentemente por causa de Deus. Pois, quem prefere sustentar perseguição a querer separar-se de seus Irmãos, permanece verdadeiramente na perfeita obediência, porque expõe sua alma por seus Irmãos. Há, pois, muitos religiosos que, em vista de coisas melhores do que as ordenadas por seus prelados, olham para trás e retomam ao vômito da própria vontade. Esses são homicidas e, por seus maus exemplos, põem a perder muitas almas.⁸⁵

Outro importante entendimento acerca da pobreza encontrado nos escritos de São Francisco está “no se gloriar-se de nenhum dos bens que faz a nós”⁸⁶. Diz respeito a não se apropriar daquilo que é reservado ao Senhor, mantendo sempre a observância do Evangelho e sendo humilde e simples nas tarefas, todas as tarefas feitas. Por isso, a pobreza como é compreendida por Francisco abrange todas as formas de se relacionar com Deus, “consigo mesmo, com os outros, com as coisas e com todo o mundo interior próprio”⁸⁷, vivendo com os outros pobres e na fraternidade e se relacionando sempre com todos.

A missão e a fraternidade são temas importantes no discurso de São Francisco, esses são assuntos pertinentes, e que nada tem a ver com ideias subjetivas, mas sim ideais de vida. Elas partem do modo objetivo de empreender a vida com os irmãos e os valores da irrenunciável vivência do carisma. Portanto não se deve à pobreza “a proibição do dinheiro, o modo espiritual de trabalhar, o

⁸⁵ Ad 3, 1-9.

⁸⁶ DOZZI, D., “Así dice el Señor”. El evangelio en los escritos de san Francisco, p. 79.

⁸⁷ DOZZI, D., “Así dice el Señor”. El evangelio en los escritos de san Francisco, p. 82.

princípio da não propriedade, a esmola”⁸⁸. A continuidade do carisma depende de uma condição básica ao estilo de vida proposto por Francisco, a renúncia dos bens, e da “evolução do movimento, que obriga uma perspectiva aberta a um pluralismo de opções e tarefas”⁸⁹.

A pobreza em São Francisco é um dom, que a virtude foi esclarecendo ao longo de sua vida, com generosidade e simpatia, o fazendo crer na aproximação com aquilo que até rejeitava. O santo começa no pobre o seu ideal, não desfrutando daquilo que o mundo lhe dava, pois sua vontade era total amor aos pobres, fazendo uma busca generosa e compassiva:

Em Francisco, a pobreza era um dom da natureza e também da graça. Deus o havia dotado de um amor generoso e compassivo para com os pobres e necessitados. Esta disposição feliz cresceu nele desde a infância, e gradualmente desenvolveu em seu caráter um traço de tal benevolência, que mesmo então um dócil aluno do Evangelho, como observa São Boaventura, resolveu nunca recusar um mendigo, principalmente quando apelado pelo amor de Deus.⁹⁰

O penhor de uma vida começa pela pobreza dada pelo Evangelho em um espírito de despojamento e cuidado ao outro, em “ver nos pobres o embaixador do Altíssimo”⁹¹. Francisco, em seu espírito cavaleiresco, considerava um ato muito descortês não colocar esse embaixador acima da bela nobreza e recebê-lo com honras verdadeiramente reais.

2.3

Senhora Pobreza e fraternidade na solidariedade com os pobres

Para Francisco de Assis, assumir a Senhora Pobreza levaria a ter um coração aberto. A vida implicaria ter uma atitude de solidariedade para com os pobres e de amor à criação.

Francisco de Assis tinha forte experiência com o Cosmo, mantendo esse traço marcante em toda sua vida. Ele observava as criaturas em contemplação e “expressava o ápice de sua experiência espiritual de comunhão com Deus”⁹². Após um período de uma das quaresmas que costumava fazer em contemplação e solidão no Monte Alverne, ele percebeu “impressos no corpo os estigmas da paixão de

⁸⁸ GARRIDO, J., La forma de vida franciscana ayer y hoy, p. 128.

⁸⁹ GARRIDO, J., La forma de vida franciscana ayer y hoy, p. 128.

⁹⁰ FELDER, H., The Ideals of St. Francis of Assisi, p. 74.

⁹¹ FELDER, H., The Ideals of St. Francis of Assisi, p. 75.

⁹² MANNES, J., Experiência e Pensamento Franciscano – Aurora de uma nova civilização, p. 41.

Jesus Cristo”⁹³. E em 1224, dois anos antes de sua morte, essas experiências o levaram a compor o Cântico das Criaturas.

A consciência de Francisco era clara, via a essência comum advinda de Deus, de tal modo percebia o Pai como princípio criador de todas as criaturas transmitindo aos seres sua essência. Assim, a fraternidade humana universal é “cós mica, é o princípio fundamental da forma de vida franciscana”⁹⁴. Esta espiritualidade franciscana contempla a essência e “regozija-se ao descobrir o quanto de bom e amável encontra-se em cada criatura”⁹⁵.

A fraternidade e o amor aos pobres são os caminhos que apontam para o crescimento espiritual de Francisco, e no texto do Cântico das Criaturas, temos o ápice espiritual, dialogando com as criaturas e fazendo delas irmãs ou irmãos. O texto foi composto quase no fim de sua vida, e com traços importantes, tais como: “a alegria, a bênção, e admirar a beleza do criado e do Criador”⁹⁶. Para o comentador D. Dozzi, com o Cântico das Criaturas, Francisco agradece ao Pai e descreve a criação “como instrumento de bênção e de fraternidade cósmica”⁹⁷.

Francisco sempre amou Deus e as criaturas, eram como presença e sinais do Altíssimo, nas criaturas existiam as motivações para experimentar o sentido de gratidão a Deus, “a alegria transbordante em seu coração ao contemplar a beleza das flores e a constituição de sua formosura, bem como a percepção da fragrância de seus aromas”⁹⁸. Por isso, seu afeto pelas criaturas, que “compreendiam e estabeleciam com ele uma relação de simpatia e fraternidade.”⁹⁹ João Mannes, ao citar Eloi Leclerc, coloca a evidência de humanidade que o fez contemplar a criação e chamá-la de irmão e irmã:

Colocou-se [Francisco], com grande humildade, entre as criaturas. Próximo e irmão das mais humildes dentre elas; fraternizou com a própria Terra, com seu húmus original com suas raízes obscuras. E eis que a “irmã nossa Mãe-Terra” abriu diante de seus olhos maravilhados um caminho de fraternidade sem limites, sem fronteiras. Uma fraternidade que abrangia toda a criação. O humilde Francisco tornou-se irmão do Sol, das estrelas, do vento, das nuvens, da água, do fogo e de tudo que vive. Pôs-se então a cantar seu deslumbramento. Tudo cantava nele.¹⁰⁰

⁹³ MANNES, J., *Experiência e Pensamento Franciscano – Aurora de uma nova civilização*, p. 40.

⁹⁴ MANNES, J., *Experiência e Pensamento Franciscano – Aurora de uma nova civilização*, p. 37.

⁹⁵ MANNES, J., *Experiência e Pensamento Franciscano – Aurora de uma nova civilização*, p. 41.

⁹⁶ DOZZI, D., “Así dice el Señor”. *El evangelio en los escritos de san Francisco*, p. 121.

⁹⁷ DOZZI, D., “Así dice el Señor”. *El evangelio en los escritos de san Francisco*, p. 122.

⁹⁸ 1C 29, 81-82.

⁹⁹ MANNES, J., *Experiência e Pensamento Franciscano – Aurora de uma nova civilização*, p. 38.

¹⁰⁰ MANNES, J., *Experiência e Pensamento Franciscano – Aurora de uma nova civilização*, p. 39.

No ano de 1225, Francisco teve uma grande inspiração. Estava em São Damião, contemplando o mistério de Deus, no mesmo entendimento do livro do Gênesis: “E Deus viu tudo o que havia feito; e era muito bom” (Gn 1, 31), e teve a inspiração de revelar todo seu entendimento em uma poesia. Segundo Dino Dozzi: “Francisco, já quase cego, vê com claridade a bondade/beleza das criaturas e bendiz com elas o Pai/Senhor do Céu e da terra; recebeu a revelação evangélica de Deus como Pai e das criaturas como irmãs”¹⁰¹. Ele vê a criação como boa e também bons todos os que estão ao seu redor, todas as criaturas como instrumento de beleza vinda de Deus.

A construção literária e a menção da relação entre a criatura e a bênção nos levam a perceber o paralelo que existe entre o Cântico e o texto de Dn 3,52-90. O texto nos aproxima de um entendimento entre o Senhor e elogio às criaturas, mostrando que toda a vida cristã está nesta compreensão assimétrica, em que todos devem entregar sua gratidão a Deus como Criador. Essas características são importantes para o entendimento do texto, e podemos mencionar outras mais secundárias, “como a poesia e a ecologia, aspectos que, separados do húmus teológico e religioso, não poderão expressar plenamente o que Francisco quis dizer”¹⁰².

No Cântico das Criaturas percebemos o amor e admiração de Francisco pela natureza. A contemplação o faz entender a relação “do Criador para criatura, e da criatura para o Criador”¹⁰³. A forma de contemplar as criaturas “levou o próprio Francisco à alegria absoluta e à união íntima com Deus em meio ao sofrimento”¹⁰⁴. A enfermidade do seu corpo o fazia contemplar a irmã morte e, portanto, o grande símbolo do seu amor pela vida e seu ideal de busca do Evangelho do Cristo. O Cântico das Criaturas é um cântico de seu mistério com Deus, louvando-o com sua própria vida, expressado em uma melodia de contemplação na intimidade consigo e com a natureza.

É importante também perceber a mediação existente no texto, entre as criaturas e Deus, pois só a Ele toda honra glória e louvor, como já entendido por Francisco. E diante desta percepção, a mediação se dá entre a bênção e o elogio

¹⁰¹ DOZZI, D., “Así dice el Señor”. El evangelio en los escritos de san Francisco, p. 122.

¹⁰² DOZZI, D., “Así dice el Señor”. El evangelio en los escritos de san Francisco, p. 122.

¹⁰³ FELDER, H., The Ideals of St. Francis of Assis, p. 414.

¹⁰⁴ FELDER, H., The Ideals of St. Francis of Assis, p. 428.

vindos do Senhor. Essa mediação se torna vista nas criaturas, sobretudo a “forma mais intensa ocorre [com] as criaturas humanas”¹⁰⁵. Na primeira parte do texto, se pode perceber essa mediação acontecendo, como sugere Dozzi:

É interessante e importante notar que o louvor e a alegria que permeiam a primeira parte do Cântico – poderíamos chamá-la de “cosmológica” – encontram sua continuação na segunda parte – poderíamos defini-la como “antropológica” –, na qual é levado em consideração não às pessoas sadias, felizes, satisfeitas, mas às referidas nas bem-aventuranças evangélicas: as que suportam a injustiça e perdoam, as que sofrem e vivem em paz.¹⁰⁶

No Cântico das Criaturas, Francisco exalta Deus como Criador, descrevendo de maneira dialogal e em oração seu entendimento sobre a criação. Além desse texto, temos outros relatos com mesma temática, mostrando sua grande preocupação com a criação e exortando os frades sobre o cuidado e o acolhimento mediante a fé e a proposta de vida inspirada por Deus. Por isso, na Regra não bulada, Francisco admoesta os frades a anunciarem Deus como Criador: “Temei e honrai, louvai e bendizeis, rendei graças e adorai o Senhor Deus Onipotente na trindade e na unidade, Pai, Filho e Espírito Santo, o Criador de todas as coisas”¹⁰⁷. Já percebemos uma indicação sobre a teologia da criação desempenhada por Francisco e sua interpretação aos fatos que foram se apresentando ao longo de sua vida sobre a fraternidade. O amor e louvor às criaturas o faziam íntimo de Deus e obediente e em harmonia com o Criador: “seu chamado de amor ressoou por todo o mundo dos sentidos e ecoou de volta para ele na estima amorosa e na obediência de toda a natureza. Sua associação com os animais especialmente foi examinada com todo o encanto mágico desta doce harmonia”¹⁰⁸.

Francisco afirma que a ação de Deus sempre continua, mesmo diante das nossas indecisões e pecados, como temos em uma das estrofes do texto: “Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão vento, pelo ar e pelas nuvens, pelo sereno e todo o tempo, pelo qual às tuas criaturas dás sustento”¹⁰⁹. Assim, o sopro vivificador está no ar, por isso, toda a criatura deve tê-lo como necessidade à sua sobrevivência. Esta obra-criatura está no desejo de Deus em transmitir a vida. Como menciona Nguyen-Van-Khanh:

¹⁰⁵ DOZZI, D., “Así dice el Señor”. El evangelio en los escritos de san Francisco, p. 122.

¹⁰⁶ DOZZI, D., “Así dice el Señor”. El evangelio en los escritos de san Francisco, p. 127.

¹⁰⁷ RNB 21, 2.

¹⁰⁸ FELDER, H., The Ideals of St. Francis of Assis, p. 414.

¹⁰⁹ CIS, 6.

O irmão vento aqui está diretamente associado à obra criadora... ele se converte na imagem dessa potência, o símbolo do sopro criador que sustenta todas as coisas no ser... Aqui o irmão vento não é celebrado como um simples artesão de uma tarefa cósmica, mas como expressão de uma presença atenta e ativa de Deus em toda criação.¹¹⁰

Em outra parte do Cântico, temos a seguinte referência à terra “Louvado sejas, meu Senhor, pela nossa irmã a mãe terra, que nos sustenta e governa e produz frutos diversos e coloridas flores e ervas”¹¹¹. Francisco, nessa parte, tem a compreensão da terra, em que difere do pensamento pagão “Mãe-Terra”, porque nessa abordagem a terra seria a “fonte absoluta da vida”¹¹². Para Francisco, temos o entendimento que “a terra nos recorda que ela mesma é uma criatura entre as demais realidades cósmicas”¹¹³, e, dessa maneira, ela não seria a origem de todas as coisas, e como “irmã” estaria também ligada ao Pai, esse sim o Criador de todas as coisas, “Deus mesmo é que nos conserva e nos sustenta”¹¹⁴.

O Cântico das Criaturas apresenta elementos da revelação de Deus. Francisco “nos revela que Deus é altíssimo, onipotente, bom, Senhor”¹¹⁵. Essa maneira de compreensão considera a relação entre Deus e o ser humano, existindo nisto uma perfeita ligação em que Deus cuida com amor os homens e mulheres “e os ilumina de dia por meio do sol e de noite por meio do fogo”¹¹⁶. Desta forma, a revelação ultrapassa todos os sofrimentos e enfermidades do ser humano chegando ao extremo “nada teremos que temer, a irmã morte nos encontra em sua santíssima vontade”¹¹⁷. É o Cântico das Criaturas trazendo as bênçãos de Deus com as palavras de Francisco e mostrando a mediação entre Deus e os seres humanos.

Na inspiração de Francisco, percebemos a teologia da criação, que detém a preocupação com a fraternidade, como vemos na Regra: “E rogo ao Irmão enfermo que por tudo renda graças ao Criador; e deseje ser tal como Senhor o quer, sadio ou enfermo”¹¹⁸. Assim, o testemunho coerente de Deus Criador, que cuida e nos deu os seres e a natureza, portanto devemos ter cuidado uns com os outros, sejam enfermos ou não, em toda vida cotidiana. Com a criação, percebemos que a

¹¹⁰ NGUYEN-VAN-KHANH, N., Cristo en el pensamiento de Francisco de Asís, p. 65.

¹¹¹ CIS 9.

¹¹² CIS 9.

¹¹³ NGUYEN-VAN-KHANH, N., Cristo en el pensamiento de Francisco de Asís, p. 65.

¹¹⁴ NGUYEN-VAN-KHANH, N., Cristo en el pensamiento de Francisco de Asís, p. 66.

¹¹⁵ NGUYEN-VAN-KHANH, N., Cristo en el pensamiento de Francisco de Asís, p. 66.

¹¹⁶ NGUYEN-VAN-KHANH, N., Cristo en el pensamiento de Francisco de Asís, p. 66.

¹¹⁷ NGUYEN-VAN-KHANH, N., Cristo en el pensamiento de Francisco de Asís, p. 66.

¹¹⁸ RNB 10, 3.

finalidade está em apresentar objetivamente a história da salvação e o entendimento da liberdade, como nos revela Nguyen-Van-Khanh:

Pode-se dizer que para Francisco todos os acontecimentos são sagrados: a história é a história da salvação na qual ele vê uma relação intrínseca entre a vontade de Deus Criador e o curso dos acontecimentos, entre a ação de Deus por um lado e a homens e natureza do outro.¹¹⁹

A fraternidade inspirada por Francisco se diferencia da vida religiosa de seu tempo, pois o sentido de fraternidade é o da experiência do projeto do Evangelho na pessoa de Jesus Cristo. A compreensão é que, “aceitando os primeiros seguidores, queria realizar na Igreja uma nova forma de vida religiosa, que se inspirasse unicamente no Evangelho e não em uma das várias regras monásticas”¹²⁰.

Desta maneira, a fraternidade testemunha profeticamente toda a experiência da mesma relação de Jesus com seus apóstolos. A fraternidade é o local, por excelência, onde temos o desenvolver do franciscano, “porque foi querida por Deus e pela Igreja para um anúncio de Salvação a todos os homens”¹²¹. Assim, a vida fraterna se assentava sobre dois critérios: “as estruturas externas da vida comunitária”¹²², que eram os horários da comunidade, o trabalho, a oração, o apostolado, e “as relações interpessoais entre os vários membros da comunidade”¹²³.

O Evangelho precisava ser vivido nas relações humanas, como desde o início Francisco intuiu que “a vida evangélica comporta a exigência de colegialidade”¹²⁴ como função definida dos cargos ou ofícios, pois a vida fraterna deveria ser convite à intimidade com Deus. Sem dúvida, “a originalidade de Francisco está no fato de ter feito a reciprocidade de princípio constitutivo de uma comunidade dada por Deus”¹²⁵, tendo a simplicidade como objetivo de ecoar na Igreja a mesma experiência.

A percepção de Francisco não tinha a sistemática de processos teológicos, como nos é apresentado em suas biografias. O Santo era ouvinte da Liturgia e da Palavra, mas com sua capacidade pessoal dada pelo Espírito Santo conseguia sintetizar o conhecimento em experiências que o fizeram um precursor da maneira

¹¹⁹ NGUYEN-VAN-KHANH, N., Cristo en el pensamiento de Francisco de Asís, p. 66.

¹²⁰ ZAVALLONI, R., Pedagogia Franciscana – Desenvolvimento e perspectivas, p. 145.

¹²¹ ZAVALLONI, R., Pedagogia Franciscana – Desenvolvimento e perspectivas, p. 145.

¹²² ZAVALLONI, R., Pedagogia Franciscana – Desenvolvimento e perspectivas, p.146.

¹²³ ZAVALLONI, R., Pedagogia Franciscana – Desenvolvimento e perspectivas, p.146.

¹²⁴ ZAVALLONI, R., Pedagogia Franciscana – Desenvolvimento e perspectivas, p.146.

¹²⁵ ZAVALLONI, R., Pedagogia Franciscana – Desenvolvimento e perspectivas, p. 148.

simples de dialogar com o mundo, com os frades e com a Criatura, construindo na fraternidade relações sadias, amadurecidas pelo conhecimento e amor mútuo.

Para Francisco, a criação é o primeiro motivo da ação de Graças a Deus, sinal de que tudo é obra de Deus, a mesma fonte da essência, e como tal é uma verdade fundamental. Francisco tem esta percepção no Evangelho e contempla, “com olhos espirituais”¹²⁶, todas as criaturas que são parte desse amor de Deus. E a fraternidade é o lugar onde Francisco ouve e descobre Jesus Cristo “como seu irmão e irmão de toda criatura”¹²⁷ – não bastava só ter a consciência, era preciso também se pôr a serviço.

Na vida fraterna se faz o desejo de Francisco em alcançar uma renovação. Este desejo acompanha-o em toda sua vida, vemos isto a partir da leitura da sua Regra. As diversas correções pessoais e comunitárias atingiram este objetivo, ter o cuidado e a correção necessária aos irmãos, viverem o Evangelho e se unirem na intimidade do Cristo, resultando em uma convivência fraterna. Portanto, em vários aspectos da Regra, tanto a não bulada como a bulada, ambas traçam o perfil de uma fraternidade ligada pelo zelo pelas pessoas e pela criação.

2.4

Promulgação da Regra de São Francisco de Assis

A Regra de São Francisco é um documento aprovado pelo papa Honório III com a Bula *Soletannuere* de 29 de novembro de 1223. A origem da Regra está ligada estritamente à conversão e à vocação de São Francisco como também à construção do ideal de penitência, e como marco principal temos a fraternidade originária do anúncio que, lembrando a escolha dos discípulos no Evangelho, chama este novo grupo de “frades menores”. Destacam-se três experiências importantes de Francisco para construção do movimento franciscano: a busca para o sentido de sua vida, com orações, reflexão da leitura do Evangelho; a reconstrução da Igreja de São Damião; e o cuidado com os leprosos, quando se afasta da cidade e vai conviver com os doentes e os pobres.

Dessas experiências, destacamos a de São Francisco na convivência com os pobres, fora da cidade de Assis, onde tem a oportunidade de exercer o testemunho

¹²⁶ BECKÄUSER, A., Francisco e a Comunhão com toda Criatura, p. 205.

¹²⁷ BECKÄUSER, A., Francisco e a Comunhão com toda Criatura, p. 207.

do Evangelho. Devido à sua origem – filho de comerciante –, Francisco era “hostilizado pelos que o viam meio perdido, [e] foram pobres, mendigos e, sobretudo leprosos, também excluídos do convívio da cidade, que encontrou como próximos amigos”¹²⁸. Francisco começa a perceber o mundo através dos olhos daqueles que viviam pelas ruas, e com fé no Evangelho tinha a certeza do chamado do Senhor e da misericórdia que tinha para com ele e os necessitados de Assis.

A reflexão do Evangelho é a principal motivação de Francisco para a mudança de atitude. Depois do período das Cruzadas, onde esteve como cavaleiro defendendo sua cidade, e em seguida fora preso, foi na prisão que teve sua primeira experiência de conversão, ao achar o texto do Evangelho. As palavras lidas o transformam, ele se despoja de tudo, construindo o seu interior no encontro com o Senhor, que o inspira a uma nova busca de sentido à sua vida. Nesse momento, Francisco, em seu íntimo, se compromete a ser fiel ao Senhor.

O jovem convertido Francisco, depois de “sofrido processo de busca, fez seu encontro definitivo com o Evangelho”¹²⁹. E, segundo a tradição, no dia 24 de fevereiro de 1209, “durante a missa que se celebrava na Igreja da Porciúncula, escutou as palavras com as que Jesus enviava os discípulos a pregar”¹³⁰ (Mt 10,7-12). Essas palavras foram reveladoras e o fizeram responder de imediato: “Isto é o que eu quero, isto é o que busco, isto é o que no mais íntimo do coração anseio pôr em prática”¹³¹. Este seria o primeiro passo para a inspiração da Regra. Além desse motivo, temos ainda a conquista da permissão para pregar a Palavra, reservada aos que o papa liberava previamente, assim “a pregação foi o motivo que levou Francisco e seus seguidores a irem ao papa”¹³².

A Regra nasce da revelação divina a São Francisco em “viver o Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo”¹³³ – mesmo com pouco tempo de compreensão dessa inspiração divina, percebe-se nas pequenas atitudes pessoais e comunitárias da vida comum que “o núcleo central é o Evangelho de Jesus Cristo”¹³⁴. Desta maneira, observamos o desejo de São Francisco em compor uma Regra para “manter a

¹²⁸ CROCOLI, A.; SUSIN, L. C., A Regra de São Francisco de Assis, p. 21.

¹²⁹ URIBE, F., La Regla de San Francisco. Letra y espíritu, p. 14.

¹³⁰ URIBE, F., La Regla de San Francisco. Letra y espíritu, p. 14.

¹³¹ 1C 22, 3.

¹³² ACCROCCA, F., Un Cantiere aperto – “Travagli redazionali delle Regole ‘di’ Francesco”, p. 16.

¹³³ BOAVENTURA, S., Exposição Sobre a Regra dos Frades Menores, p. 7.

¹³⁴ BOAVENTURA, S., Exposição Sobre a Regra dos Frades Menores, p. 14.

Ordem ao desejo de Francisco: que todos os Frades a possuíssem e a levassem sempre consigo”¹³⁵. Portanto, a Regra inspirada pelo Evangelho vem regular esta nova forma de vida, ao mesmo modo dos apóstolos de Cristo, e nos apresenta a compreensão do movimento nascente obedecendo à Igreja e para os tempos futuros da Ordem.

Em outro acontecimento, temos a consulta que São Francisco faz à Palavra de Deus. Francisco abre a Palavra de Deus por 3 vezes “junto com os seus primeiros companheiros Bernardo e Pedro (não são todas as fontes que mencionam este último) na Igreja de São Nicolau, perto do mercado de Assis”¹³⁶, e, inspirado por Deus, três versículos o fazem pensar no modelo de uma estrutura de vida: Mt 19, 21; Lc 9,3 e Mt 16,24. Assim, se observa que:

Estas passagens, unidas ao que Francisco havia escutado pouco antes na Porciúncula, constituíram praticamente o guia que orientou o grupo dos primeiros irmãos. Esta passagem escutada inicialmente por Francisco, que é um texto de missão, aponta a natureza apostólica da nascente Fraternidade quanto aos outros três conselhos evangélicos relacionados com o seguimento de Cristo e dão a índole específica da vida religiosa. Entre ambos não existe contradição e sim estreita correlação que apresentam os evangelhos sinóticos entre as exigências do seguimento e o envio a pregar que fez Jesus a seus discípulos.¹³⁷

A vida religiosa desejada por São Francisco fora sendo desenvolvida na construção de um “estatuto”, em estrutura primitiva dada ao primeiro grupo de companheiros, a fim de que pudesse, a partir da Igreja, corresponder em obediência aos anseios da pregação e do testemunho ao Evangelho. Então, as primeiras intenções de Francisco, tendo como “parâmetro o Evangelho”¹³⁸, foram uma verdadeira *forma minurium*, também chamada protorregra.

No ano de 1209, foi aprovada oralmente a Regra, pelo papa Inocêncio III, concedendo ao movimento a permissão de viver o ideal da inspiração de Francisco. Este texto não foi encontrado, mas sabemos de sua existência a partir do Testamento de São Francisco, nos tempos finais de sua vida: “E eu o fiz escrever com simplicidade e com poucas palavras e o Senhor Papa me confirmou”¹³⁹. No Testamento, “Francisco trazia a história futura da Ordem e olhava a fraternidade [como] o caminho interior sendo parte de um projeto de Deus”¹⁴⁰. Nesta

¹³⁵ BOAVENTURA, S., Exposição Sobre a Regra dos Frades Menores, p. 15.

¹³⁶ URIBE, F., La Regla de San Francisco. Letra y espíritu, p. 14.

¹³⁷ BOAVENTURA, S., Exposição Sobre a Regra dos Frades Menores, p. 15.

¹³⁸ BOAVENTURA, S., Exposição Sobre a Regra dos Frades Menores, p. 16.

¹³⁹ T, 15.

¹⁴⁰ ACCROCCA, F., Un Cantiere aperto – “Travagli redazionali delle Regole ‘di’ Francesco”, p. 13.

constatação, percebemos que o Testamento deixado por São Francisco é escrito místico, em que retrata os últimos momentos de vida e afirma a necessidade e a postura dos frades em relação à Regra.

No início da fraternidade, reconhece-se o texto oral com grande importância – que ao longo do tempo foi se transformando em escrita, na Regra não bulada de 1221 e na Regra bulada de 1223 – mas é importante perceber que “na memória da Ordem franciscana, o encontro com Inocêncio III acabou assumindo um valor de importância absoluta”¹⁴¹. Este processo de institucionalizar a Ordem era necessário pela obediência à Igreja, que estava em combate com os movimentos heréticos que surgiam no período da Idade Média:

Inocêncio III, diz ele, abordou a questão em um consistório, que é o fórum mais adequado para analisar questões como a do grupo de Assis; relata que Francisco havia escrito sua proposta em um cronograma, o que indiretamente confirma a declaração do Testamento, segundo a qual seria um texto curto.¹⁴²

As afirmações sobre a existência da “protorregra” se devem às evidências das fontes franciscanas, mostrando a preocupação em relação ao carisma, suas missões e desdobramentos, e ainda à “boa marcha da vida fraterna”¹⁴³. E mesmo com a ajuda de Inocêncio III no processo de construção da identidade franciscana, como observamos:

E assim o abraçou e aprovou a Regra que escrevera. Deu também a ele e aos seus irmãos a licença de pregar a penitência por toda parte, desde que os que queriam pregar obtivessem licença do Bem-aventurado Francisco. E isto mesmo depois aprovou em consistório.¹⁴⁴

A Regra não bulada tem a sua promulgação em 1221. São Francisco, nesse texto, preenche a lacuna legislativa rumo à formulação definitiva, pois “Francisco, na ‘Regra não bulada’ não devia constituir um texto definitivo”¹⁴⁵. Assim, para o texto da construção de uma instituição eclesial, tendo como evidências a missão do carisma avançando fora de Assis e o aumento do número de frades, se fazia necessário um texto espiritual não oral, mas um com uma redação compreensível e contendo a obediência à Igreja. A situação era:

O rápido incremento numérico dos irmãos; a instituição dos Capítulos gerais; a criação das primeiras províncias (algumas fora dos confins da Itália); a abertura à ação missionária em países “sarracenos e outros infiéis”; as primeiras dificuldades

¹⁴¹ ACCROCCA, F., Un Cantiere aperto – “Travagli redazionali delle Regole ‘di’ Francesco”, p.15.

¹⁴² ACCROCCA, F., Un Cantiere aperto – “Travagli redazionali delle Regole ‘di’ Francesco”, p.17.

¹⁴³ URIBE, F., La Regla de San Francisco. Letra y espíritu, p. 18.

¹⁴⁴ LTC 51, 9-10.

¹⁴⁵ CONTI, M., Leitura Bíblica da Regra Franciscana, p. 43.

com alguns bispos e as suspeitas de heresias que despertava a presença dos irmãos em alguns lugares; a inadequada formação (não existia o ano de noviciado) para a vida e a pregação; sobre tudo, a falta de uma legislação adequada à qual se pudesse fazer referência.¹⁴⁶

A redação do texto de 1221 mostra-nos a convivência e a vida fraterna, expondo o detalhe organizacional do convívio fraterno, das orações, dos horários e o comportamento pessoal de cada frade. Francisco reconhece a necessidade de escutar os frades, portanto, “preferiu reconhecer as decisões tomadas pelos irmãos em reuniões capitulares”¹⁴⁷. Neste texto, temos os apontamentos feitos por “Pedro Cataneo, perito em direito canônico”¹⁴⁸, incorporando à Regra o aspecto institucional com as normas da Igreja da época. Em 1216, Jacke de Vitry escreve uma carta com o título de “Gênova”, onde temos os decretos de Francisco, acerca de promulgações e atos a respeito da Regra, ajudando a entender o contexto da vida religiosa que se formará a partir da Ordem franciscana:

Para todos os capítulos da Regra que tratam dos pecados mortais, no Capítulo de Pentecostes, com a ajuda do Senhor e o conselho de irmãos, faremos um único capítulo assim redigido. Se um irmão, por instigação do inimigo, pecar mortalmente, seja obrigado, por obediência, a recorrer ao seu Guardiã.¹⁴⁹

O texto da Regra não bulada (RNB), então, nos faz compreender esta unidade entre a vida dos frades, o zelo apostólico, a vida de pobreza e a recepção de novos irmãos. Por isso, era preciso estabelecer um texto capaz de nortear a vida dos frades, que estavam aumentando em número e assumindo diversos serviços na Igreja. A RNB é uma síntese dos primeiros anos do seguimento de São Francisco, que tem, no seu primeiro capítulo, a essência do movimento, que se dava em seguir Jesus Cristo em obediência, em pobreza e em castidade. Com esses três conselhos, a Ordem pode ser vista até o momento de hoje:

A Regra e a Vida destes Irmãos (*frateli*) é esta: viver em obediência, em castidade e sem nada de próprio e seguir a doutrina e os vestígios de Nosso Senhor Jesus Cristo que diz: Se queres ser perfeito, vai e vende tudo o que tens dá aos pobres e terás um tesouro no Céu: e vem, segue-me.¹⁵⁰

A Ordem tem no cerne a espiritualidade daqueles que são chamados a abraçarem a vida juntamente com Francisco. No texto, há o destaque da expressão “frade menor”, “o nome *di fratelli* que é o substantivo, e o adjetivo *minori* que o

¹⁴⁶ URIBE, F., La Regla de San Francisco. Letra y espíritu, p. 19.

¹⁴⁷ URIBE, F., La Regla de San Francisco. Letra y espíritu, p. 19.

¹⁴⁸ URIBE, F., La Regla de San Francisco. Letra y espíritu, p. 20.

¹⁴⁹ CM, 13-14.

¹⁵⁰ RNB, 1, 1.

qualifica”¹⁵¹, pois somente quem testemunha e vive o Evangelho é o frade menor, e em Jesus Cristo busca uma vida cristã, pois “(...) simplesmente notamos que somos filhos de Deus, pela graça e pelo seu dom, mas também sabemos que devemos nos esforçar para ser filhos de Deus, porque do dom recebido surge a estrutura moral para percebermos plenamente o que somos”¹⁵².

Desta maneira, podemos observar na Regra “o vínculo da obediência e a observância do Evangelho e obediência ao papa e a Francisco e a seus sucessores”¹⁵³. A virtude da obediência está presente em todo texto da Regra. Francisco, nos primeiros anos de sua conversão, prezava sobretudo a pobreza, a simplicidade e a liberdade de espírito. A difícil tarefa de Francisco era unir a espiritualidade e as normas eclesásticas, dando ao texto da Regra uma conotação jurídica, mas com a essência do carisma inicial da Ordem.

Francisco desejava, com este texto, salvaguardar o Evangelho, por isto “recorre a Cesário de Espira, homem perito na Sagrada Escritura, para ‘adornar’ a Regra com palavras do Evangelho”¹⁵⁴. Desta maneira, o texto apresentado em 1221 é o “resultado de uma progressiva sedimentação das experiências vividas durante os onze primeiros anos da Fraternidade”¹⁵⁵. É provável que o texto tenha as “exigências do Concílio IV de Latrão”¹⁵⁶, e também procure estabelecer um conteúdo que se assemelhe às outras Regras já então aprovadas pela Igreja, como as de São Bento e Santo Agostinho. O texto da Regra de 1221, na opinião de Fernando Uribe:

Em seu conjunto não é um documento literalmente acabado nem elaborado com rigorismo jurídico; pelo contrário, mas algumas repetições, presente em várias exortações de alto conteúdo espiritual que, por outro lado, fazem dele um recurso indispensável para conhecer as intenções mais profundas de Francisco.¹⁵⁷

O percurso da redação do texto até o ano de 1221 – texto não aprovado pela Igreja – faz perceber o questionamento dos frades para que a Regra fosse aprovada em bula papal. Assim, houve outro texto definitivo sendo aprovado dois anos após, em 1223, mostrando claramente que o escrito anterior “não havia sido do agrado de

¹⁵¹ VAIANI, C. La Fraternitas Nella Regola, p. 111.

¹⁵² VAIANI, C. La Fraternitas Nella Regola, p. 111.

¹⁵³ VAIANI, C. La Fraternitas Nella Regola, p. 111.

¹⁵⁴ URIBE, F., La Regla de San Francisco. Letra y espíritu, p. 20.

¹⁵⁵ URIBE, F., La Regla de San Francisco. Letra y espíritu, p. 21.

¹⁵⁶ URIBE, F., La Regla de San Francisco. Letra y espíritu, p. 21.

¹⁵⁷ URIBE, F., La Regla de San Francisco. Letra y espíritu, p. 22.

todos”¹⁵⁸, além da falta das exigências feitas pela Igreja, que fizeram ter a percepção que tal redação “não havia resolvido os problemas existentes”¹⁵⁹.

Todavia, a aprovação da Regra pelo papa Inocêncio “não colocou um ponto final no processo de confecção do projeto de vida”¹⁶⁰, Francisco escreve mais tarde o Testamento, com ajuda de alguns frades, com “determinações sobre a vida dos frades”¹⁶¹. Francisco pede aos frades que o leiam sempre com o auxílio da Regra.

Francisco de Assis, ao escrever o texto da Regra, procurou se influenciar por textos como a *Legenda Maior*, da biografia de São Boaventura, documentos antigos como a *Compilação de Assis* e o *Espelho da perfeição*, além de alguns textos dos espirituais. Estes textos traziam a experiência dos primeiros anos do movimento e, além disso, comprometiam com a mensagem deixada por Frei Elias, que antes havia pedido a redação do texto. A Regra fica mais concisa e a redação do texto começa ser pensada em Fonte Colombo com os irmãos. Conservando a aprovação com a bula *Solet annuare*, existe uma cópia deste texto até hoje em Assis, no Sacro Convento. O texto tem a seguinte estrutura:

No texto original se pode distinguir a divisão em doze capítulos, que foi feita sem muita lógica e com o título que nem sempre corresponde ao conteúdo. Em seu conjunto, esta versão da Regra reconhece todos os temas relacionados com a forma de vida dos irmãos da versão de 1221.¹⁶²

2.5 Promoção do diálogo e da paz

A espiritualidade escatológica entre os clérigos favorecia a motivação missionária, ocasionando a postura de apresentar a Igreja, à qual estava vinculada a manifestação da proximidade do Reino de Deus. Assim, a partir do século XI, as reformas se aceleravam em toda a Europa, impactando a cultura e a espiritualidade nos diversos movimentos religiosos. Tanto os representantes de vida cenobítica quanto os de vida eremítica começaram a se unir e construir uma maneira de se libertar das tutelas imperiais, e aos poucos esse movimento é chamado, pelos

¹⁵⁸ URIBE, F., La Regla de San Francisco. Letra y espíritu, p. 25.

¹⁵⁹ URIBE, F., La Regla de San Francisco. Letra y espíritu, p. 25.

¹⁶⁰ CROCOLI, A.; SUSIN, L. C., A Regra de São Francisco de Assis, p. 29.

¹⁶¹ CROCOLI, A.; SUSIN, L. C., A Regra de São Francisco de Assis, p. 29.

¹⁶² URIBE, F., La Regla de San Francisco, Letra y espíritu, OFM, p. 29.

historiadores, de “reforma gregoriana”¹⁶³. Nesta reforma, há uma reivindicação do pontífice em afirmar uma Igreja liberta do poder do Estado.

As forças do mal deveriam ser perseguidas pela sociedade, mesmo se estivessem na Igreja, voltando-se à essência do fundador, como discípulos de Cristo. Estes deveriam efetivar entre os seus a libertação do domínio do mal, se necessário até mesmo com o uso de violência para isto. Desta maneira, entre “os gregorianos, uma sensível mudança se operou no plano da escatologia: a espera inquieta da catástrofe última deu lugar ao desejo de construir *hic et nunc* o reino de Deus”¹⁶⁴.

O movimento gregoriano por muito tempo se situou apenas na percepção de uma simples reação contra os abusos do feudalismo, mas aos poucos foi promovendo um crescimento, chegando ao que se chamou de cristandade. A reforma já acontecia no começo do século XI, feita por bispos e abades, mas foi Gregório VII que lançou a motivação reformadora não apenas à vida religiosa e sacerdotal, mas a toda a sociedade. A reforma gregoriana coincidiu com o avanço do feudalismo e com a violência por parte dos clérigos, consumando as diversas defesas dos territórios em nome da Igreja. Na luta contra o Islã, particularmente vista na Espanha, existe um relato sobre a luta armada em “uma carta dirigida em 1063 ao arcebispo de Narbonne, o papa Alexandre II”¹⁶⁵, para a defesa contra os sarracenos, em que se verifica que derramar sangue era útil para Igreja – e este ato estava em uma satisfação penitencial no mesmo nível que a esmola ou peregrinação.

Papa Gregório VII pediu reforços, como fora traído pelos reis, ele apelou aos senhores e simples fiéis para que, com a espada, defendessem a Igreja, nascendo assim as Cruzadas. Eles procuravam então restaurar a Igreja com uma “preponderância maciça da espiritualidade monástica que, para além do mundo dos religiosos, influenciou profundamente a sociedade cristã em seu conjunto”¹⁶⁶. No ano de 1095, a pedido do papa Urbano II, se dirigem à Terra Santa, com a proposta da reforma Gregoriana, procurando conquistar aquelas terras e, ao mesmo tempo, impregnar uma nova religiosidade.

¹⁶³ VAUCHEZ, A., A Espiritualidade na Idade Média Ocidental – Séculos VIII a XIII, p. 57.

¹⁶⁴ VAUCHEZ, A., A Espiritualidade na Idade Média Ocidental – Séculos VIII a XIII, p. 58.

¹⁶⁵ VAUCHEZ, A., A Espiritualidade na Idade Média Ocidental – Séculos VIII a XIII, p. 61.

¹⁶⁶ VAUCHEZ, A., A Espiritualidade na Idade Média Ocidental – Séculos VIII a XIII, p. 62.

A história das Cruzadas aumentou as diversas lutas dos fiéis, com a restauração de uma espiritualidade vinculada à vida monástica, mas vivida entre os leigos. Contraponto à realidade do mundo, desenvolvendo uma fuga da realidade, procuravam viver o tipo de vida religiosa que se vivia nos mosteiros. Desta maneira, crescia entre os leigos o desejo de ascetismo e uma espiritualidade exacerbada, em alguns casos correndo o risco de ficarem fascinados e incorrerem em heresia. Podia-se perceber a clara divisão entre os santos e os pecadores, a carne e a alma, o mal e o bem. Além de vermos uma separação entre os clérigos e os leigos.

As Cruzadas, na Idade Média, tinham o objetivo de conquistar lugares e pessoas para a vida na Igreja. Promoviam a espiritualidade de uma nova forma religiosa e motivavam os pobres a defender a Igreja, como nos mostra André Vauchez:

na perspectiva de uma história da espiritualidade medieval, as Cruzadas nos interessam menos em seu desenrolar histórico do que como testemunho do aparecimento de uma nova religiosidade. Por trás da aristocracia que, graças a elas, encontrou um modo de inserção específica na Igreja, perfilava-se a massa dos pobres e dos indivíduos sem armas. Entre eles, muitos eram aqueles que aspiravam a uma vida religiosa autêntica, e que se recusavam a limitar-se a um papel puramente instrumental. Dessa tensão entre as solicitações de um evangelismo popular, atizado pela reforma gregoriana, e a atitude dos clérigos que tendiam a fazer do sagrado o seu apanágio, nasceram no século XII problemas e movimentos espirituais de um novo tipo.¹⁶⁷

No século XI, com a multiplicação de paróquias rurais e urbanas e as mudanças na forma do entendimento da vida religiosa, a difusão do ideal apostólico foi sendo fomentada entre os eremitas e os pregadores, e com isto nascia a motivação dos leigos em abraçar esta forma missionária de expandir a fé. Nesta perspectiva, aconteceu o sucesso dos apelos à Cruzada entre a sociedade, lançada por Urbano II. As Cruzadas tinham como objetivos defender os cristãos do Oriente e a libertação do túmulo de Cristo. O pedido de Urbano II, atendido por vários homens e mulheres, levou a plebe a sair em massa – por sofrimento e amor a Deus – para lutar nas Cruzadas.

A Cruzada tinha valor de penitência para aqueles que a realizavam, ficava “totalmente redimida depois de expiada”¹⁶⁸ a alma, portanto, o objetivo da Igreja era diferente daquele do povo, que estava mais interessado em “ganhar a indulgência da cruzada do que na esperança de que a libertação do Santo Sepulcro

¹⁶⁷ VAUCHEZ, A., *A Espiritualidade na Idade Média Ocidental – Séculos VIII a XIII*, p. 64.

¹⁶⁸ VAUCHEZ, A., *A Espiritualidade na Idade Média Ocidental – Séculos VIII a XIII*, p. 92.

inaugurasse uma nova era na história da Igreja e do mundo”¹⁶⁹. A Cruzada, para aqueles que a combatiam, tinha uma expressão de combate ao mal, do anticristo, e era então necessário contrapor com a resistência armada, se preciso, à conversão a Cristo.

O povo plebeu assumiu o trabalho de missionários, agindo de forma violenta para garantir acesso à salvação, justificando tal atrocidade pela implantação do Reino de Deus, a garantia dos lugares santos e para afastar as heresias da Igreja. Desta maneira, a Cruzada abria ao Ocidente um entendimento novo sobre a espiritualidade, um conjunto de atividades coerentes, resultando em uma forte devoção a Cristo, com uma característica de libertação individual do pecado, de forma penitencial que levava a dimensões messiânicas – “o cruzado ganhava o céu, por assim dizer, com a força dos punhos”¹⁷⁰.

As Cruzadas assumiram um papel importante na vida da Igreja durante os sécs. XI-XII, com um entendimento da vida religiosa na radicalidade, afetando diversos grupos no seu contexto histórico. Houve quatro Cruzadas entre os anos 1096 e 1204. Após esses anos, as Cruzadas foram perdendo seu potencial e os que estavam nelas inseridos voltaram às suas vidas comuns. Porém, sem empregos, sem dinheiro e com falta de liberdade.

Os conflitos eram gerados pelo desejo de ter um clero mais pobre e apostólico e que tivesse o estilo de vida baseado nos preceitos evangélicos deixado por Cristo, pois esta seria a condição fundamental para o desempenho missionário da Igreja. Assim, “prevalecia a ideia de que a Igreja só poderia ser fiel à sua missão voltando à pobreza evangélica, cuja prática permitiria não cair na contradição entre o ideal e a realidade vivida”¹⁷¹.

No ano de 1215, Francisco, em Roma, encontra-se com o papa Inocêncio III – antes estivera com ele no ano de 1212 – e, neste mesmo ano acontecia o Concílio de Latrão, convocado em 19 de abril de 1213. Nesses dois anos de Sínodo, tivemos a discussão dos seguintes temas: “a libertação da Terra Santa através da cruzada e a reforma da Igreja”¹⁷², uma preocupação sempre forte no entendimento do

¹⁶⁹ VAUCHEZ, A., A Espiritualidade na Idade Média Ocidental – Séculos VIII a XIII, p. 92.

¹⁷⁰ VAUCHEZ, A., A Espiritualidade na Idade Média Ocidental – Séculos VIII a XIII, p. 93.

¹⁷¹ VAUCHEZ, A., A Espiritualidade na Idade Média Ocidental – Séculos VIII a XIII, p. 95.

¹⁷² POLIDORO, G. M., Francisco de Assis, p. 116.

pontífice. Houve uma forte participação “seguramente 412 bispos (...) vários delegados de reinos, repúblicas e cidades, havia cerca de 800 pessoas”¹⁷³.

As sessões do Concílio aconteceram de diversas maneiras, algumas audiências foram públicas e outras privadas, todas bem organizadas e aprovando importantes ações, como a Cruzada e as relações entre os ortodoxos gregos e a clareza da fé católica. A Cruzada foi a principal decisão, iniciada em “1º de junho de 1217, com a concentração dos exércitos na Sicília, de onde partiram por via marítima”¹⁷⁴.

Neste período, com a incidência de vários grupos religiosos, alguns levados à heresia, havia grande preocupação em defender a Igreja. O Cânon legislava acerca da questão da doutrina em relação a novas formas de vida religiosa, sobretudo contra os problemas dos hereges:

Para que uma desmesurada variedade de ordens religiosas não provoque uma grave confusão na Igreja de Deus, proibimos formalmente a fundação de novas ordens. Quem quiser se tornar monge, deverá entrar numa ordem aprovada. Igualmente, quem quiser fundar uma nova casa religiosa deverá aceitar a Regra e a organização de ordens já aprovadas. (Cânon XIII)¹⁷⁵

As principais demandas da Igreja, naquele tempo do concílio, eram libertar a mentalidade de heresias e laxismo que fecundavam a missão e a sensibilidade da mensagem do Evangelho. Diante das situações, as ordens monásticas, em obediência, apoiavam o papa na defesa da fé. Francisco estava em Roma, mas não há na história algo que indique o encontro de Francisco com o papa, mas sabe-se que, historicamente, ele desejava contribuir com a Igreja na Cruzada.

Conduzindo sua vocação nesta disposição, “Francisco retoma seu velho desejo: ir aos infiéis, convertê-los ou sofrer o martírio”¹⁷⁶. O desejo inicial do carisma deixado por São Francisco teve início na sua conversão inicial, o discernimento da estrutura da Ordem. Desta forma, conduzido pelo Altíssimo, chamava os companheiros a estarem “separados” dos outros e assim viver a forma de vida junto aos pobres. Por isto, a espiritualidade missionária deveria ser uma característica entre os frades, saindo de seu convento precisavam sempre estar atentos aos mais necessitados, e, concomitantemente, havia a necessidade de prover o serviço evangelizador da Igreja.

¹⁷³ POLIDORO, G. M., Francisco de Assis, p. 116.

¹⁷⁴ POLIDORO, G. M., Francisco de Assis, p. 117.

¹⁷⁵ POLIDORO, G. M., Francisco de Assis, p. 118.

¹⁷⁶ LE GOFF, J., São Francisco de Assis, p. 83.

Francisco, com zelo apostólico e promotor dos valores da Igreja, inusitado pela história de sua época, se entusiasma com as Cruzadas convocadas pelo papa, a fim de reaver a Terra Santa, e resolve, com o coração aberto ao Senhor, primeiro navegar para a região da Síria, “no sexto ano de sua conversão”¹⁷⁷. Esse desejo nasce no Capítulo de 1217 e abre a Ordem à dimensão missionária. Neste entendimento, cumpre o desejo de pregar a fé cristã e a penitência entre os sarracenos – porém, soprando os ventos contrários, “foi parar com os outros navegantes na Eslavônia”¹⁷⁸. O projeto não deu certo, ficou adiado por dois anos, e Francisco só conseguiu realizá-lo em 1219.

Em Ancona, em 24 de junho de 1219, movido pelo Cristo pobre e crucificado, Francisco assistiu à tomada de Damietta “pelos cruzados a 5 de novembro, desgostou-se com o comportamento cúvido e sanguinário dos cruzados, conseguiu uma entrevista com o sultão Malik Al-Kamil, da qual nada resultou, foi à Palestina onde provavelmente visitou os Lugares Santos”¹⁷⁹. Este encontro, marcado pelo diálogo entre esses dois homens, deu início à presença dos franciscanos na Terra Santa e permanece até hoje, com o estilo e a espiritualidade do carisma, uma Custódia que é presença missionária para cuidar dos lugares santos.

Francisco abraçou a Senhora Pobreza. Viveu a fraternidade com os pobres. A Regra não bulada já se falava sobre o cuidado dos pobres e a Regra bulada confirmava essa dedicação. A visita ao sultão Malik Al-Kamil mostrou diálogo e desejo de paz.

¹⁷⁷ 1C 55, 2.

¹⁷⁸ 1C 55, 3.

¹⁷⁹ LE GOFF, J., São Francisco de Assis, p. 83.

3 Prosseguimento da espiritualidade franciscana

Este capítulo trata do prosseguimento da espiritualidade franciscana que chega a nossos tempos considerando nas duas primeiras seções: as diversas Ordens franciscanas; observações sobre a importância da espiritualidade franciscana no último século. Na terceira seção, destaca-se a vocação franciscana hoje, mantendo-se o lugar da Senhora Pobreza. As duas últimas seções falarão da atividade das comunidades franciscanas para com os pobres, lembrando o esforço feito na recente pandemia da Covid-19 e, finalizando esse estudo, a espiritualidade franciscana em meio ao mundo com a Ordem Terceira (que é a Ordem dos Franciscanos Seculares), de leigos e leigas que abraçam o carisma franciscano.

3.1 As Ordens franciscanas

Na Ordem dos Frades Menores, logo após a morte de Francisco, diversas mudanças decorreram advindas dos pontífices interagiram no processo de crescimento espiritual e unidade do movimento. Os processos ocorrem durante os séculos XIII a XVI, refletindo o entendimento da Regra e gerando o contexto dos grupos na forma do entendimento da pobreza. No ano de 1230, os conflitos ficaram mais sistemáticos e começaram a ser já considerados, quando horários e organizações canônicas foram tidos como inadequados para a essência do carisma e, portanto, foi necessário retornar à origem e seguir fielmente a observância restrita da Regra e do Testamento deixados por Francisco. Os diversos grupos e, como estes, os chamados de “Zelantes, preferiam viver a vida nos eremitérios, rejeitando os estudos ou compromissos pastorais, conventos transferidos nos centros urbanos, evolução da legislação sobre pobreza material...”¹⁸⁰. Porém, isso seria uma interpretação exagerada e não corresponderia à essência do carisma franciscano. A pobreza deveria ser compreendida e ao mesmo tempo testemunhada na vida do frade e na sua atividade comunitária e pastoral. Era esta a preocupação dos reformadores: não deixarem que o ideal legado por Francisco se tornasse apenas uma manifestação histórica da sua vida e que não tocasse mais a realidade do tempo

¹⁸⁰ CONVENTO SÃO BENEDITO, Noviciado OFMConv., Compilação de história franciscana, p. 79.

em que estivesse o franciscano que segue a sua espiritualidade. Pelas reformas buscadas na vida franciscana se desejava mais viver o ideal inserido na comunidade e na sociedade, pela espiritualidade inserida em meio às situações da vida.

Entre os frades da Comunidade e os “espirituais” estabelece-se a interpretação dos ensinamentos deixados por Francisco, correspondendo ao uso moderado dos bens e do dinheiro. A vontade era “retornar para a mais “primitiva observância da Regra, e mantendo o Testamento de Francisco como a chave para interpretá-la”¹⁸¹. Com a morte de Francisco, esses usos tiveram diversas condições interpretativas, gerando conflitos comunitários. Com o avanço e expansão da Ordem, era necessário salvaguardar a Regra e a intenção original de Francisco. Neste período, aconteceram decretos papais, que certificaram o cumprimento da vivência do projeto deixado por Francisco. A Bula *Quo elongati*, do papa Gregório IX, um dos mais significativos da época, corrige algumas formas da vivência prática e da convivência com o uso do dinheiro, que começava a apresentar problemas de organização:

Em 1230, com a oficial declaração papal, a Bula *Quo elongati*, Gregorio IX decreta o Testamento de Francisco não tinha força obrigatória como documento jurídico. Os frades eram obrigados a observar apenas os conselhos do Evangelho incluídos como preceitos da Regra. (...) O papa também aprovou o cargo de administrador de dinheiro para os frades, já que a Regra proibia o frade de aceitar dinheiro.¹⁸²

Os frades “espirituais”, em 1274, defendiam os aspectos mais rigorosos da Regra, trazendo as ideias de Joaquim de Fiori, com elementos pneumatológicos diferentes do que então era vivido na experiência da Ordem. Por isso, comungando com suas ideias, foram chamados também de “joaquinistas”. Estas propostas partiram da interpretação de seu escrito do “livro de Apocalipse”¹⁸³ e sua capacidade teológica acerca da Santíssima Trindade. A proposta, portanto, era provocar um novo tempo: o do Espírito Santo, para o entendimento da obediência na Ordem. Isso deveria ser feito imediatamente, sem os privilégios da autoridade e cargos da igreja institucional, e totalmente livres e pobres, de acordo com aquilo que fora a intuição de Francisco.

¹⁸¹ SHORT, W. J., *The Franciscans*, p. 40.

¹⁸² SHORT, W. J., *The Franciscans*, p. 42.

¹⁸³ MERLO, G. G., *Em nome de São Francisco*, p.167.

Os “espirituais” começaram a transformar e dividir os frades com esses ideais. Segundo o historiador Nachman Falbel, temos um cenário em que começa a haver uma divisão dentro do movimento franciscano, e fecundado na Igreja:

Da intensa vida religiosa da Idade Média desenvolveu-se por volta dos meados do século XIII, no seio da Ordem Franciscana, uma alarmante corrente extremista, que se difundia amplamente e teve grande importância também no mundo laico, pois coincidiu com a crise do pensamento unitário medieval por causa do averroísmo e com a defesa de uma concepção fortemente secularizada. Essa corrente [estava] vinculada ao pensamento do Abade Cisterciense Joaquim de Fiore (+1202), da Calábria.¹⁸⁴

Papa Nicolau III, em 1279, como cardeal protetor, desde jovem sempre ligado à Ordem, publicou a carta *Exiit qui seminat* em 14 de agosto, esclarecendo aos frades que eram obrigados a seguir a Regra e o Evangelho, que os ajudariam na compreensão de como deveria ser o processo daqueles que desejassem entrar na Ordem. Sobretudo a vida de pobreza com a renúncia aos bens e dinheiro, de comum acordo com os superiores, com o compromisso de seguir os documentos da Ordem, principalmente a Regra. O papa esclareceu o devido uso dos bens: “O *usus facti* todas as coisas que lhes são necessárias à alimentação, ao vestuário, ao culto divino e ao estudo sapiencial”¹⁸⁵. Porém, o *usus moderatus* é observar a pobreza e simplicidade na construção, roupas e alimentos, e não estar sempre querendo trocar suas casas por outras melhores e evitando reclamações.¹⁸⁶

A disciplina do uso dos bens competia exclusivamente aos Ministros e Custódios. O grupo dos frades “espirituais” defendia e procurava revitalizá-lo com a reflexão sempre mais radical para uso e finalidade do dinheiro, principalmente da esmola. Recorrem à autoridade da Igreja para expor seus objetivos e procurar soluções para suas motivações e interpretações para a vida de pobreza. Seguem fielmente o desejo do papa de modo a revitalizar o carisma original deixado por São Francisco.

Dessas motivações apresentadas nasceram diversas sugestões da Igreja para melhorar a convivência entre os frades ao longo dos anos. Estes desejos estavam sempre vinculados à autoridade da Regra e ao Testamento deixado por São Francisco. Cardeal Hugolino, já no tempo de São Francisco como cardeal protetor da Ordem, tinha como desejo reatar a unidade e mitigar problemas, evitando

¹⁸⁴ FALBEL, N., *Heresias Medievais*. São Paulo: Perspectivas, 1977, p. 2

¹⁸⁵ MERLO, G. G., *Em nome de São Francisco*, p. 158.

¹⁸⁶ MOROMA’S, J., *A History of The Franciscan Order*, p. 181.

rebeliões e retornando à paz, característica originária dos franciscanos. Assim, a centralidade do ideal de renúncia dos bens do mundo e a pregação do Evangelho deveriam ser observadas na Ordem, reabastecendo-a continuamente:

Parece, pois, que a vida da Ordem segue um duplo caminho: num, procura-se definir em que consiste a pobreza e como é possível vivê-la sem contrariar a inspiração franciscana e as prescrições da Regra: no outro, a Ordem desenvolve, reforçando-se, a própria ação pastoral, que é inevitavelmente também ação social e política (em relação ao diferente nível dos destinatários de tal ação), além de fonte de entradas econômicas.¹⁸⁷

No caso dos espirituais, temos uma linha de continuidade entre os primeiros companheiros de Francisco e aqueles após a morte do Santo, conservando algumas propostas:

os espirituais pretendiam observar a Regra literalmente, sem as “glosas”, declarações papais que favoreciam a adaptação, expansão e paroquialização da Ordem. A atitude deles baseava-se, como seria de esperar, na fidelidade à sua amada carta moral, Francisco Testamento.¹⁸⁸

Os “espirituais” e os da “Comunidade” reivindicam a originalidade do carisma. Confrontam entre si suas opiniões e interpretações e apresentam diversas contradições. Os conflitos serão resolvidos por bulas papais ao longo dos séculos, vinculadas à identidade do carisma, promovendo o prosseguimento da missão e do testemunho evangélico. Assim, confirmavam trazer a mesma origem pauperística de Leão, um dos companheiros de Francisco, e por isso eram “pobres evangélicos” e “homens espirituais”. Entretanto, em 1317, os diversos grupos franciscanos começam a viver crises cada vez mais evidentes sobre sua origem. Diante desse processo, surgem linhas e grupos com diversas teorias e soluções. Porém, verifica-se no processo que, ao longo dos séculos XIII a XVIII, dois grupos sobressaem: “comunidade” e “observante”. Além desses, surgem também, pela insatisfação dos “observantes”, os “capuchinhos”. Adiante, serão apresentados traços de sua história. Verificaremos as três famílias da Ordem Franciscana que se formaram então: os Franciscanos Menores, os Franciscanos Conventuais e os Franciscanos Capuchinhos.

Os frades “da comunidade” viviam nos conventos e concluíram que preferiam continuar como anteriormente, fiéis aos estatutos e à Regra. Conservavam as comunidades fraternas morando nos conventos e cuidando de suas dependências e

¹⁸⁷ MERLO, G. G., Em nome de São Francisco, p. 162.

¹⁸⁸ SHORT, W. J., The Franciscans, p. 50.

horários. Parece-nos, então, que a origem da ordem franciscana está em definir em que consiste a pobreza. Por isso, percebemos que muitos ao viverem em cabanas ou pequenas moradas consideravam isso como a restrita pobreza. Eles haviam sido aqueles que “escolhendo a parte espiritual ou simplesmente simpatizantes dos seus ideais, possuíam um nível de conhecimento sobre as origens da Ordem superior ao da Comunidade”¹⁸⁹. Portanto, consideravam-se como aqueles que detinham o entendimento da pobreza e da origem, apesar de serem a minoria dos frades.

Dentro deste grupo de frades, temos o maior número de irmãos seguindo os estatutos e admitindo a obediência papal. Porém, com o passar dos anos, podemos ver uma perda do número de frades por diversas perseguições e supressões, tanto por parte dos próprios frades quanto por pessoas de expressão política e social ligadas aos frades, como reis e membros de governos que desejavam, ao longo do tempo, desapropriar suas moradias e tomar a posse dos conventos.

O Papa Clemente V, no ano de 1309, procurando resolver o conflito, nomeia uma comissão cardinalícia, que visa avaliar pontos importantes acerca do carisma da Ordem e das Constituições. Tal comissão nomeia o governo dos frades com um novo ministro e escreve o documento *Dudum ad apostolatus*, criticando duramente os frades da Comunidade por não corrigirem o testemunho de pobreza entre si e elogiando os “espirituais”. Podemos perceber que este elogio correspondia “ao crescimento político de seus cardeais protetores”¹⁹⁰. Os aspectos jurídicos foram interpretados como incoerentes com a Regra, provocando descaracterização da teologia dos votos com a vida consagrada franciscana. A pobreza, a Regra e o Testamento deveriam ser norteadores para o exercício da fraternidade e para o uso coerente dos bens e para o serviço da autoridade junto aos frades. As diversas dimensões do carisma começam a ser novamente discutidas no ano de 1317. Os frades da “comunidade” mostram bastante zelo por seu projeto da Ordem e por tentar melhorar a possibilidade de viver entre o seguimento do carisma e o problema das diretrizes institucionais na igreja, entrando em forte conflito com o papa João XXII. Esses conflitos se arrastam durante vários séculos na Ordem.

As temáticas como pobreza, Regra, Testamento ou espiritualidade geravam, entre os membros, a desconfiança dos frades em opinarem ao propósito do bem

¹⁸⁹ SHORT, J. W. OFM, *The Franciscans*, p. 42.

¹⁹⁰ MERLO, G. G., *Em nome de São Francisco*, p. 169.

comum e do serviço da pregação, levando a divisões e subdivisões dentro da fraternidade, e resultando na perda da identidade carismática do movimento. As pequenas necessidades, tais como comprar roupa, adquirir móveis e até lavar roupas, começam a se tornar complexas e passam a ser resolvidas também junto com diretrizes da hierarquia eclesiástica, todas nomeadas em documentos papais.

Os conflitos geravam, entre os membros, uma ruptura da autenticidade sobre a herança espiritual de Francisco, ou seja, sua Regra e o Testamento. Houve ainda uma espécie de novidade na reação por parte dos frades, que queriam uma estrutura capaz de abarcar práticas generalizadas que fugiam do carisma inicial. Assim, frei Boaventura, ao ser eleito como ministro geral e preocupado com a Ordem, busca reorganizar as estruturas. Porém, não consegue o fim esperado. Os valores deixados e pregados por Francisco estavam sendo ainda conflitantes entre os frades e várias vezes motivo de rebeliões, não fazendo com que vivessem as fraternidades provinciais e custódias e não sendo presença de testemunho e missão.

As diversas intervenções pontifícias durante o século XV traziam um eixo de tensões sobre a ideia de pobreza ao movimento pauperístico, “reduzindo drasticamente suas pretensões de exemplaridade evangélica e conduzindo-o a uma normalidade”¹⁹¹, tornando a Ordem uma entre tantas na Igreja. Em toda a extensão da Europa, temos os frades ligados à aristocracia do poder afastado da pobreza. Além dos frades da Observância, esses eram os que pensavam ser os representantes legais do franciscanismo, também perseguindo outros frades e seguindo um estilo próprio de viver a Regra.

O franciscanismo passa por mudanças significativas na profissão religiosa dos frades e na maneira de entender seu papel na Igreja. A observância, até então um problema, começa a ser resolvida, não apenas como um problema formativo, mas de forma íntegra e original, voltando à origem do franciscanismo, restabelecendo a fraternidade, horários e a Regra. Assim, a observância deveria incorporar institucionalmente e dirimir conflitos dentro da comunidade. Os privilégios adquiridos por parte de alguns frades são agora revistos e aplicados novamente ao modo de vida que era a singularidade do movimento. No entanto, “continuavam presentes posições religiosas e motivações polêmicas próprias da tradição rigorista”¹⁹².

¹⁹¹ MERLO, G. G., Em nome de São Francisco, p. 184.

¹⁹² MERLO, G. G., Em nome de São Francisco, p. 190.

No século XV, temos um grande crescimento da observância: o ideal de Francisco começa a ser tomado de forma maior entre os frades, apresentando uma renovada vitalidade, com características de uma esperança escatológica, apocalíptica e diacrônica, mostrando o objetivo em caracterizar o passado e reafirmando a observância da Regra de São Francisco de Assis. “Os frades ‘observantes’ estavam se impondo sobre os frades ‘heterodoxos’ e sobre os frades ‘inobservantes’”¹⁹³.

A observância começa a crescer em números de conventos e igrejas, pois até então sendo eremitérios, começam a ter conventos em locais urbanos, fixando-se em todos os lugares da Itália, facilitando o crescimento do número de frades. A polêmica ainda persistia, pois havia os espirituais, que reafirmavam o compromisso com uma pobreza total na vida de pobre. Para as comunidades, ainda que tivessem os bens, a pobreza consistia na ausência de domínio jurídico dos bens pelos próprios frades.

O resumo de todas as características sobre o fragmento do movimento franciscano é difícil de ser totalmente explicado. Neste sentido, é notória a diferente interpretação da Regra pelos diversos grupos – a Regra adotada fielmente pela “Comunidade” e os grupos que buscavam uma nova possibilidade em viver uma “comum observância”, ou uma interpretação mais radical do ideal franciscano para se seguir. Porém, como percebemos, os frades descontentes eram orientados pela autoridade pontifícia a seguir a “observância regular”, ou seja, seguir o compromisso de viver a Regra segundo as declarações pontifícias.

A Ordem Franciscana, a partir do decreto *Supplicationibus personarum*, de 23 de setembro de 1415, “reconheceu a legitimidade da experiência religiosa que se vivia nos lugares ‘reformados’ das Províncias minoríticas de Touraine, França e Borgonha”¹⁹⁴. Esse decreto tratava dos frades da “Comunidade” sobre a autoridade observante, e os já então chamados de “Conventuais” reagiram energicamente contra as decisões. No ano de 1430, para estabelecer a paz, o papa Martinho V convoca, para toda a Ordem, a realizar-se em Assis, um Capítulo para restaurar a unidade e reformular as Constituições. Dentro das resoluções imediatas até as conclusões, houve um grande caminho percorrido.

¹⁹³ MERLO, G. G., Em nome de São Francisco, p. 204.

¹⁹⁴ MERLO, G.G, Em nome de São Francisco, p. 209.

Na tentativa de resolver conflitos, nomeia “São João de Capistrano a redigir as Constituições Martinianas, promulgadas com bulas”¹⁹⁵. Porém, mesmo trazendo um texto formulado e com os acertos feitos, as decisões elaboradas não aconteceram e não foram reflexos de unidade na Ordem dos Menores. Foi preciso um longo período até as próximas decisões papais, para prosseguirem na unidade do carisma franciscano.

Nos primeiros decênios do século XVI, chegou-se finalmente a uma tentativa de solução, mas que durante muitos anos atrapalhou a Ordem dos Frades Menores, pois acabava retirando uma distinção entre os observantes e os conventuais, que são dois modos de vida diferentes. O papa Leão X, em maio-junho de 1517, convoca todos os frades para um Capítulo extraordinário, em Roma. Nele estavam todas as presenças franciscanas, com as suas diferentes reformas, e o papa aprova a bula “*Ite vos in vineam mean*”, decidindo oficialmente pela liderança institucional da Ordem dos Frades Menores Observantes. A bula tratou os frades conventuais como comissionários e esses foram obrigados a renunciar ao cargo de Ministro Geral e entregar o selo da Ordem. O texto da bula *Ite vos in vineammean* dizia que a obediência estaria ligada aos observantes:

O geral dos conventuais se denominaria “*Magister generalis Fratrum Conventualium*” e deveria ser confirmado pelo ministro geral observante. Os conventuais não deveriam ser molestados no seu legítimo estilo de vida; cada ramo conservaria as casas que tinha até a data da bula e era proibido passar de uma família para a outra.¹⁹⁶

A bula *Ite vos*, para os Conventuais, teve o texto original perdido. Porém, a bula *Omnipotens Deus*, de 12 de junho de 1517, trouxe mudanças referentes ao superior, geral e províncias, não chamando mais os superiores de ministros, mas de “mestres”. Esta dava autonomia aos conventuais, mas não poderia tomar medidas jurídicas, sendo esta função do Mestre Geral, advindo dos Observantes. A bula “*Ite vos* foi chamada de ‘bula de união (*bullae unionis*)’ e a *Omnipotens Deus* de ‘bula de concórdia (*bullae concordiae*)’¹⁹⁷. Nos anos de 1525 a 1536, temos a evolução de outro grupo, com o nome de Frades Menores Capuchinhos, insatisfeitos com os frades da observância. Os capuchinhos nascem da tradição de buscar um rigor no

¹⁹⁵ CONVENTO SÃO BENEDITO, Noviciado OFMConv., Compilação de história franciscana, p.119.

¹⁹⁶ CONVENTO SÃO BENEDITO, Noviciado OFMConv., Compilação de história franciscana, p. 122.

¹⁹⁷ MERLO, G.G, Em nome de São Francisco, p. 247.

carisma franciscano e os conventuais oferecem o apoio necessário para prosseguirem. Assim, muitos procuram redesenhar sua vocação franciscana, prosseguindo na busca do carisma.

A decisão leonina ficou intacta com seu valor jurídico e a supremacia histórica, mesmo diante das diversas reformas concedidas aos observantes. Assim, temos o relato de Bento XIII, que considera os conventuais a mais antiga das famílias franciscanas: “antiquíssima entre as outras Ordens que servem a Deus, tendo o único e o mesmo fundador e pai Seráfico”¹⁹⁸. Os conventuais permaneceram auxiliares para os capuchinhos.

Entre os séculos XVI e XVIII, existiram diversas missões da Ordem Franciscana nos continentes como América Latina, Ásia e África, que se reorganizaram, onde houve perseguições, entrando em novos lugares de evangelização. No século XIX, com Leão XIII e a bula *Felicitate quadam* publicada em 15 de maio de 1897, temos a união da Ordem dos Frades Menores, divididas nas três famílias, com superiores próprios e Constituições. Com esta mesma bula, temos os frades da “comunidade”, chamados de Frades Menores Conventuais, com o direito de ficar com os conventos onde estavam os corpos de São Francisco e Santo Antônio. A observância, que antes havia em diversos grupos, recebe nessa união o nome de Ordem dos Frades Menores. Como até os dias atuais, no Brasil, é a parte da Ordem com maior número de frades.

Nos séculos XIX e XX, apesar das diversas crises no mundo, houve prosseguimento da missão franciscana, que desenvolveu diversas missões e teve crescimento das províncias. Os frades neste tempo continuaram com suas obras de evangelização e missões, participando das pastorais e serviços nas diversas dioceses e testemunhando o Evangelho como pobres e humildes, à maneira de Francisco.

A Ordem dos Frades Menores contou com 13.302 religiosos em 119 países segundo a *Acta Ordinis Fratrum Minorum*, divulgados estes dados no final do ano de 2017. Alguns detalhes importantes nestes números sobre os frades são:

608 postulantes (não são contados); 385 noviços; 1496 professos temporários (1129 com opção clerical, 150 sem opção clerical, 217 sem opção); 11.300 professos solenes (8977 sacerdotes, 62 diáconos permanentes, 410 com opção clerical, 1851 frades leigos); 4 Cardeais, 117 Arcebispos e Bispos. 303 frades faleceram em 2016.¹⁹⁹

¹⁹⁸ POMPEI, A.; ODOARDI, J.; DI FONZO, L., Frades Menores Conventuais, p. 121.

¹⁹⁹ FRANCISCANOS, Ordem dos Frades Menores tem 13.302 religiosos.

Outros números sobre a Ordem dos Frades Menores mostram como eles estavam distribuídos:

1234 na África e Oriente Médio; 3257 na América Latina; 1194 na América do Norte; 1487 na Ásia e Oceania; 3712 na Europa Ocidental; 2418 na Europa Oriental. A Fraternidade Universal está estruturada em 93 Províncias e 8 Custódias Autônomas, 8 entidades dependentes do Ministro Geral; 19 Custódias dependentes das Províncias; 14 Conferências de Ministros Provinciais e 3 Uniões de Conferências (Ásia/Oceania: FCAO; América Latina: UCLAF; Europa: UFME).²⁰⁰

3.2

A espiritualidade franciscana especialmente no último século

A atualização da espiritualidade franciscana mostra a amplidão de serviços e obras desenvolvidas pelos franciscanos ao longo do último século e de maneira plural nas diversas Congregações surgidas na Igreja com o carisma franciscano e sua espiritualidade. A Ordem Franciscana está dividida em famílias, tais como primeira, segunda e terceira, que, respectivamente, são: Ordem dos Frades Menores, Ordem de Santa Clara e Ordem Franciscana Secular. Entretanto, a Ordem dos Frades está dividida em três famílias distintas: Conventuais, Observantes e Capuchinhos. Todas têm a mesma Regra, porém as Constituições²⁰¹ diferem. Além das Ordens propriamente franciscanas, a espiritualidade franciscana influenciou a formação de outras congregações, como, em especial, a Ordem dos Mínimos, fundada por Francisco de Paula, e a Companhia de Jesus, fundada por Inácio de Loyola, tendo ambos os fundadores leitura e devoção por Francisco de Assis.

Como um dos objetivos desta pesquisa é apontar a espiritualidade franciscana na Igreja e na sociedade atual e trazer algumas indicações de renovação da vida religiosa, e, portanto, a Vida Religiosa Consagrada (VRC) como atualização do Evangelho e o carisma dos diversos fundadores, neste caso em particular, os franciscanos, vislumbra-se apresentar o carisma dos religiosos franciscanos e a maneira como atingem os objetivos desejados pela Igreja. Esta compreensão de renovação da VRC já foi pedida pelo Vaticano II. Na história foi tomando “o

²⁰⁰ FRANCISCANOS, Ordem dos Frades Menores tem 13.302 religiosos.

²⁰¹ “As constituições são o instrumento necessário para preservar o patrimônio carismático de um Instituto e garantir a sua transmissão futura. De fato, elas exprimem a modalidade concreta do seguimento de Cristo, proposta pelo Evangelho, regra de vida absoluta para todos os consagrados e particularmente para os seguidores de São Francisco de Assis.” (Discurso do Papa Francisco aos Participantes no 202º Capítulo Geral Ordinário dos Frades Menores Conventuais – 17 de Junho de 2019).

itinerário carismático que se encontra na origem inspiradora de cada família religiosa sob a experiência proporcionada por cada fundador/a”²⁰². Portanto, a VRC, no processo de conhecimento de sua identidade, leva os seus membros a viverem a comunhão-fraterna e vitaliza o dinamismo de toda experiência testemunhal.

Na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Vita Consecrata*, o papa João Paulo II aprofunda o modo de estar na sociedade da VRC e suas expectativas para o próximo milênio. Esse documento, aprovado em 1996, traz um desejo de toda a Igreja em animar a vida religiosa, lembrando de toda história através dos séculos e a dinâmica dos votos públicos na vida eclesiológica. O ideal pensado no século XIII, organizado no seu tempo por Francisco, mostra que a vida religiosa franciscana nasceu “em meio ao ambiente religioso próprio da Igreja da sua época. O movimento franciscano aparece como uma forma nova de irmãos itinerantes pelos caminhos do mundo”²⁰³ e teve continuidade ao longo dos séculos seguintes.

A Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Vita Consecrata*, de João Paulo II, apresenta indicações teológicas e doutrinárias, animando os religiosos para o chamado na sua perspectiva transcendental, pois, sendo do divino, é dirigido ao ser humano. Desta forma, Deus concede um valor rico e inesgotável de dons, robustecendo com sua graça a vida religiosa. Por isso, o documento é um convite a este caminho privilegiado, não como grandeza conferida a privilégios ou cargos, mas sim como um projeto dado por Deus – “escola do Senhor, escola do amor e de santidade, caminho ou estado de perfeição”²⁰⁴. É importante salientar o papel do carisma, no documento, lembrando a necessidade de renovar estruturas que foram perdidas, como nos adverte:

Antes de mais, exige-se a fidelidade ao carisma de fundação e sucessivo patrimônio espiritual de cada Instituto. Precisamente nessa fidelidade à inspiração dos fundadores e fundadoras, dom do Espírito Santo, se descobrem mais facilmente e se revivem com maior fervor os elementos essenciais da vida consagrada.²⁰⁵

A VRC franciscana anuncia profeticamente a vitalidade da Palavra de Deus e sua dinâmica na sociedade, fazendo com que o Evangelho seja conhecido na esperança contínua, nas diversas épocas e adversidades e em situações tais como:

²⁰² PRATES, L. F., *Renovação da Vida Religiosa Consagrada: indicações do Papa Francisco*, p. 211.

²⁰³ LEHMANN, L., *La idea fundacional en la orden Franciscana*, p. 83.

²⁰⁴ JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica Pós-Sinodal – *Vita Consecrata*, p. 68.

²⁰⁵ JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica Pós-Sinodal – *Vita Consecrata*, p. 69.

culturas que não dialogam, o fundamentalismo e a dificuldade em promover a paz. O anúncio profético atualiza a presença do homem medieval Francisco de Assis e auxilia, com “sua luz, a compreendermos melhor a atualidade de nosso carisma e (...) como o discernimento dos tempos devolve a nossa identidade”²⁰⁶.

Todavia, as ameaças e os rumos da humanidade de hoje indicam a necessidade contínua de apresentar o Reino de Deus em comunhão-fraterna e solidária como sinal da graça de Deus. Essa atualização constante do carisma é mostrar um novo significado de vida em uma modernidade que tem a sensação de um mal-estar cotidiano. Assim, “a ética franciscana do amor e da fraternidade universal [se revela] como chance de vida nova, de renascimento, de ressignificação de toda a nossa existência e oportunidade de uma nova civilização”²⁰⁷.

Papa Bento XVI, no encontro que teve com os religiosos e religiosas em Assis, pronunciou algumas palavras de incentivo para vivenciar a espiritualidade franciscana neste tempo contemporâneo, e pede que reforcem a evangelização, convidando-os a ter esperança e, como sustento, a oração, o que pode ser observado em uma parte deste discurso:

Vós, pessoas consagradas, dais razão com a vossa vida da esperança que depositastes em Cristo. Para esta Igreja constituís uma grande riqueza, tanto no âmbito da pastoral paroquial como em vantagem dos numerosos peregrinos, que muitas vezes vêm pedir-vos hospitalidade, esperando também um testemunho espiritual. Em particular, vós claustrais, sabeis ter alta a chama da contemplação. A cada uma de vós, desejo repetir as palavras que Santa Clara escrevia numa carta a Inês da Boêmia, pedindo-lhe que fizesse de Cristo o seu “espelho”: “Olha todos os dias este espelho, ó rainha esposa de Jesus Cristo, e nele perscruta continuamente o teu rosto...” (4 *LAg* 15: *FF* 2902). A vossa vida de escondimento e de oração não vos subtrai do dinamismo missionário da Igreja; pelo contrário, põe-vos no seu coração. Quanto mais altos são os desafios apostólicos, tanto mais é necessário o vosso carisma. Sede sinais do amor de Cristo, ao qual possam olhar todos os outros irmãos e irmãs expostos aos cansaços da vida apostólica e do compromisso laical no mundo.²⁰⁸

Por isso, o carisma franciscano no mundo contemporâneo mostra a motivação de seus inícios no tempo medieval, mas afirma sempre ser uma opção na vida do cristão de todo tempo, procurando em cada época reacender atitudes pacíficas de Cristo, com a esperança nos “desafios para uma convivência harmoniosa entre todos”²⁰⁹. Esta busca é percebida nas diversas fraternidades, em suas vivências do

²⁰⁶ GARRIDO, J., *La forma de vida Franciscana Ayer e Hoy*, p. 113.

²⁰⁷ MANNES, J., *Experiência e Pensamento Franciscano – Aurora de uma nova civilização*, p. 135.

²⁰⁸ BENTO XVI, *Discurso do Santo Padre ao Clero, aos religiosos e as religiosas durante o encontro na Catedral de São Rufino*.

²⁰⁹ MANNES, J., *Experiência e Pensamento Franciscano – Aurora de uma nova civilização*, p.11.

ideal, “apontando claramente na direção, a mesma de Francisco: pobres entre os pobres”²¹⁰.

A opção religiosa franciscana tem o ápice no modo em se doar inteiramente à sabedoria da Cruz. Com isto, a vocação do anúncio profético é consequência do fazer-se cada dia no sofrimento mesmo do Cristo. Francisco teve compaixão; esta sensibilidade é um passo rumo à misericórdia. Assim, ao perceber a necessidade de um mundo em crise, é preciso um olhar de compaixão com a capacidade em compartilhar as alegrias e os afetos da VRC franciscana e fazer este grande movimento de renúncia a si mesmo e a busca pelo outro. Pois, “Francisco de Assis foi bastante sensível ao sofrimento do próximo e agia com justiça misericordiosa”²¹¹. E diante dessas diversas necessidades do mundo, é preciso “repensar nosso modo de ser, pensar, sentir, agir e dialogar com a alteridade e a redefinir nosso lugar no cosmo”²¹².

No dia 17 junho de 2019, o papa Francisco fez um discurso aos participantes no término do 202º Capítulo Geral, na eleição do superior e sucessor de Francisco de Assis. E nos conta a tradição que o então Ministro Geral da Ordem Franciscana Menor Conventual²¹³, frei Carlos Trovarelli é o sucessor direto de São Francisco. O pontífice, nesse texto, escreve palavras de incentivo aos frades, e os chama a retornarem ao carisma, além de exortar os participantes a renovarem a espiritualidade franciscana a partir das propostas geradas no Capítulo e que agora serão concretizadas em novos trabalhos.

Como em outros textos dirigidos aos franciscanos, a aproximação histórica se faz através da Regra deixada por Francisco, e, por isso, o papa Francisco os exorta a atualizá-la neste momento de cansaço pelo fim do Capítulo, mas de alegria por perceberem a beleza na vida religiosa franciscana e por uma renovação que possa ser construída a partir de então. Tal experiência carismática deve estar no seguimento da Regra e, ao mesmo tempo, em simetricamente “viver segundo a forma do santo Evangelho”²¹⁴. O papa Francisco recorda a tradição que associa

²¹⁰ GARRIDO, J., *La forma de vida Franciscana Ayer e Hoy*, p. 116.

²¹¹ MANNES, J., *Experiência e Pensamento Franciscano – Aurora de uma nova civilização*, p. 148.

²¹² MANNES, J., *Experiência e Pensamento Franciscano – Aurora de uma nova civilização*, p.136.

²¹³ A Ordem dos Frades Menores Conventuais é a *Religio*, fundada por São Francisco de Assis, na Igreja, como o nome de “frades menores”, a qual, quase desde o início, juntou-se a qualificação de conventuais. O ideal do bem-aventurado Pai e dos frades é viver e testemunhar o santo Evangelho em comunhão fraterna, minoridade, obediência, sem nada de próprio e em castidade. Os membros da Ordem chamam-se Frades Menores Conventuais (CONSTITUIÇÕES, Título 1, §1, p. 31).

²¹⁴ T, 14.

estas palavras a Francisco de Assis: “Pregai o Evangelho e, se for necessário, também com palavras”.

A vida franciscana apresenta-se na pregação do Evangelho e deve estar ciente de seu serviço à Igreja e à sociedade, sendo fiel à sua própria situação de vida. Por isso é preciso o questionamento sobre sua vitalidade e suas contradições. Inserida no Evangelho, precisa vivê-lo em direção proporcional à minoridade, e conduzir a uma visão eclesiológica que apresenta o Cristo como opção essencial ao ser humano. Por isso, na mensagem dirigida aos religiosos franciscanos no ano de 2020, na solenidade de São Francisco, frei Carlos Trovarelli procura despertar sobre a percepção interna como processo de maturidade para o prosseguimento de testemunhar o Cristo ao mundo como franciscano, “a igualdade, o trabalho solidário e serviçal, a vida fraterna, a pobreza compartilhada, a rejeição à riqueza alienante”²¹⁵.

O itinerário de Jesus Cristo e de Francisco de Assis convida a VCR franciscana a realizar diante do tempo sua missão entre os homens, compartilhando sua aproximação com a Regra e o Evangelho. Diante desse itinerário e “memória”, compartilhar um significado místico que projeta toda história franciscana em uma identidade perceptível, e para os dias atuais, como informa frei Joaquim A. Giermek:

É na situação concreta da nossa história e do cotidiano em que se desenrola hoje nossa resposta à vocação divina, que somos chamados a acolher as sugestões do Espírito, para redundar o vigor da nossa vida pessoal, comunitária, provincial e da Ordem inteira, a partir dos parâmetros que constituem a estrutura fundamental do nosso ser, viver e agir segundo a Regra de São Francisco e as Constituições da nossa Ordem Franciscana: o Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo, forma da nossa vida, a profissão dos votos como meios para sermos homens evangélicos, a fraternidade na minoridade e na pobreza como conotação específica do nosso estar junto franciscano para o Reino, a missão na comunhão, como critério substancial para testemunharmos e anunciarmos a Boa Nova do Reino.²¹⁶

Desta maneira, temos outra dimensão importante na vida franciscana e percebemos, na leitura de vários teóricos sobre o tema, que é preciso reformar sem esquecer a essência carismática que levou os primeiros companheiros a viverem com Francisco de Assis. Por isso, a vida fraterna é uma dimensão importante para

²¹⁵ TROVARELLI, C. A., Saludo y Reflexión con ocasión de la Solemnidad de San Francisco de Asís, p.2.

²¹⁶ GIERMEK, J. A., Com Francisco no Seguimento de Cristo, hoje, p. 4.

o modo como a VRC franciscana se comporta na sociedade, e sendo o sinal da novidade deixada por Cristo.

Nestes locais fraternos, sobretudo nos conventos, encontram-se espaços para a conversão e a oração, proporcionando “relacionamento que não reside num ideal abstrato, mas nas relações recíprocas de um para com outro”²¹⁷, sendo um exemplo de “palavra e exemplo, por usar a linguagem de Francisco, preferindo exemplo; que é o Evangelho sua palavra em ato, mais que doutrina”²¹⁸. É em meio às dificuldades do tempo que a renovação do carisma é necessária; por isso, devem se “fazer menores, socialmente menores, ao invés de pároco; ser padres, ao invés de líderes dos pobres; ser pobres com eles”²¹⁹.

O objetivo é revitalizar a vida fraterna. Com isso, levar a família franciscana a buscar, nas fontes deixadas por Francisco de Assis, o caminho para vivenciar o tempo presente. Por isso, no ano de 2021, na comemoração dos 800 anos da promulgação da Regra não bulada (RNB), se fez necessária uma atualização, trazendo o sentido da redescoberta desse texto à vivência dos religiosos. Assim, foi feito e assinado um texto conjunto com os ministros gerais das três famílias que compõem a primeira Ordem.

Esse escrito, intitulado “Carta de los Ministros generales franciscanos”, adverte sobre a questão moderna dos modelos midiáticos como ameaça à vida religiosa franciscana, uma vez que pode afastar do sentido do estilo de vida franciscano, que seria a minoridade e a sensibilidade pelo cuidado um do outro. Portanto, ao recordar a RNB, é preciso reacender o desejo de escuta de se apropriar desses conceitos que geram “ótimos caminhos a todos, para viver principalmente assim, tendo o Espírito do Senhor”.²²⁰ A atualização é importante na percepção e escuta da voz do Espírito, recordando que a Regra é esta moldura de arte que a cada vez abre novas possibilidades à alma e ao coração, revitalizando o vigor de testemunhar ao mundo o modelo de santidade deixado por Francisco de Assis.

O Evangelho é a Regra de vida para os franciscanos. O religioso, ao longo de sua história formativa, conduz sua vida na escuta atenta e se deixa ser animado e conduzido no discipulado franciscano. Essa vivência é integral e exige gratuidade

²¹⁷ GIERMEK, J. A., Com Francisco no Seguimento de Cristo, hoje, p. 4.

²¹⁸ GARRIDO, J., La forma de vida Franciscana Ayer e Hoy, p. 117.

²¹⁹ GARRIDO, J., La forma de vida Franciscana Ayer e Hoy, p. 118.

²²⁰ PERRY, M.; GENIUN, R.; TROVARELLI, C. A., Vivir y seguir – Carta de los Ministros genelares franciscanos, p.4.

assumida na realidade, na completa disposição e despojamento de si e ao serviço de doação ao próximo, “é uma realidade sempre a ‘caminho’, em construção, e que, portanto, requer a contribuição de todos, sem que ninguém se exclua nem seja excluído”²²¹. Esta abertura pessoal se constrói no tempo, afirma o pontífice, e só será uma realidade se “cultivar o silêncio e o olhar contemplativo”²²². Por isso, o alimento para preservar é a oração e a devoção.

A minoridade é outra característica importante na espiritualidade franciscana, principalmente neste contexto moderno de situações opostas ao anúncio do Evangelho, em que os valores e opções subtraem a opção de ser menores e livres do poder e bens do mundo. Por isso, a vida franciscana exige afastar-se do sucesso e do consumismo, pois, mesmo sem esses, é uma espiritualidade que atrai e transmite felicidade. Assim, o papa Francisco admoesta “que a vossa única ambição seja esta: servi-vos uns aos outros. Se for vivida assim, a vossa existência será profecia neste mundo, onde a ambição do poder é uma grande tentação”²²³.

As palavras dirigidas aos participantes do capítulo eletivo de 2019 são palavras de felicitações, e também de fortes incentivos a se envolver com a minoridade e fraternidade, mas com o caráter de investigar o que possa ainda afastar a espiritualidade neste tempo presente. Esta possibilidade, refletida pelos participantes do capítulo, e também reafirmada pelo papa Francisco, busca relacionar o carisma a uma formação humana, onde as comunidades sejam lugares de experiência da misericórdia e que “durem a vida inteira”²²⁴, sendo esta uma cultura da misericórdia.

Outro ponto importante é a aprovação das Constituições da Ordem Franciscana Conventual, após leituras e debates, e como menciona o papa Francisco, deve proporcionar conservar o patrimônio carismático do início do movimento, sem romper sua essência, mas moldando-o aos tempos atuais. Assim, ao sair do Capítulo, o ideal de Francisco se revigora a partir da origem de sua vocação, possibilitando ainda dizer ao mundo como viver o Evangelho em silêncio

²²¹ FRANCISCO, PP. Discurso do Papa Francisco aos Participantes no 202º Capítulo Geral Ordinário dos Frades Menores Conventuais.

²²² FRANCISCO, PP. Discurso do Papa Francisco aos Participantes no 202º Capítulo Geral Ordinário dos Frades Menores Conventuais.

²²³ FRANCISCO, PP. Discurso do Papa Francisco aos Participantes no 202º Capítulo Geral Ordinário dos Frades Menores Conventuais.

²²⁴ FRANCISCO, PP. Discurso do Papa Francisco aos Participantes no 202º Capítulo Geral Ordinário dos Frades Menores Conventuais.

e seguir animando sempre com a vida fraterna, de pobreza, em oração e na minoridade.

O Ministro Geral Carlos Trovarelli recorda aos frades a necessidade de retornar à origem e sua história medieval sob a inspiração do Espírito Santo, do passado revitalizado no presente. Este patrimônio histórico, juntamente com a espiritualidade, reconstrói o sentido do tempo presente da compreensão de fraternidade – daquilo que era ordinário transforma-se e revitaliza-se, e aos poucos “essa fraternidade se converte em uma Ordem”²²⁵, com uma beleza que atraia.

A fraternidade é o lugar dessa renovação do jeito de vida do franciscano. Nesse espaço acontece o encontro do trabalho, da alegria e da oração. E, também, do apaixonar-se por Deus. Tal relação acontece sempre, em todos os momentos, sem perder-se nunca a memória das origens e renovando o carisma constantemente. Ele deve ser alimentado continuamente, com formações e encontros fraternos, e reforçando um comprometimento de “relação com o mundo, com a Criação, com os poderosos, os simples, com a Igreja”²²⁶. Assim, a fraternidade está diariamente na percepção dialogal com o mundo e cooperando no desenvolvimento da dignidade humana.

Os religiosos deste tempo de hoje, histórico, não podem ter dúvida de seu carisma e nem da expressão de conventualidade que apresentam, regendo suas vidas na expressão de santidade, retirando concepções clericalistas que podem gerar más interpretações e reduzir o carisma, não apenas em sentido externo, mas no jeito de conduzir os trabalhos e afetos. Por isso, sem ser ou apresentar um “exibicionismo religioso”²²⁷. É necessário que estejam perto “dos humildes, dos perseguidos, dos simples, dos atribulados, dos enfermos, dos excluídos, dos piedosos de coração, dos crentes, dos jovens, dos anciãos, dos imigrantes e dos despossuídos, de cada um dos irmãos”²²⁸.

O estilo da vida do franciscano tem como desafio viver no presente a radicalidade à luz do Cristo. Como desejou Francisco de Assis, uma busca da práxis vivida na dinâmica constante da identificação pessoal com a missão, como religiosos que possuam o espírito do Senhor e atentos à vontade e desejo de Deus,

²²⁵ TROVARELLI, C. A. Saludo del Ministro general en la solemnidad de San Francisco de Asís.

²²⁶ TROVARELLI, C. A. Saludo del Ministro general en la solemnidad de San Francisco de Asís.

²²⁷ TROVARELLI, C. A., Saludo del Ministro general en la solemnidad de San Francisco de Asís.

²²⁸ TROVARELLI, C. A., Saludo y Reflexión com ocasión de la Solemnidad de San Francisco de Asís, p. 3.

para transformar o audaz em humilde, a mentira em verdade, e provocar a reconstrução da justiça em sentimentos e ações justas. Assim, a contemplação do crucificado se dá de maneira autêntica no discernimento dos sinais dos tempos e sem encerrar este modo de agir em sentido privado – “nossa formação espiritual deve integrar a história e seus conflitos, suas esperanças e angústias”²²⁹.

Para fazer em estilo concreto este cotidiano de normas e projetos novos, se faz necessário manifestar à sociedade aquilo que é a expressão do franciscanismo nas mais diversas funções e obras, “como elemento, é dizer essencial e transversal, assim como elemento teológico é dizer dentro do “espelho’ da dinâmica trinitária”²³⁰. Portanto, o estilo da vida franciscana conventual renova-se a partir da comunhão com o Evangelho, assumindo-o na fraternidade de entrega e unidade aos serviços ao mundo em missão eclesial, sendo aquilo que o identifica: o amor total a Deus, à missão, à minoridade, ao cosmo, ao pobre e à paz.

3.3

Vocação franciscana hoje e Senhora Pobreza

A personalidade de São Francisco ainda continua a ser bem atual no contexto contemporâneo, despertando, não só entre os católicos, mas entre os agnósticos e ateus, um poder de atração para o conhecimento da história deste santo. As questões que mais aproximam São Francisco do senso comum são: a pobreza, a relação com a natureza e o sentido de diálogo e comunhão. Tendo a sociedade moderna tornado seu mundo (e nível técnico) cada vez mais desenvolvido e complexo, é preciso que os frades incrementem, nos contatos pessoais, um diálogo cada vez mais próximo das pessoas, para expressar seu ideal franciscano e sua missão evangelizadora, como percebemos nas Constituições dos Frades Menores Conventuais (OFMConv.): “(...) os frades aprofundem o conhecimento das situações sociais, econômicas e culturais, à luz do Evangelho e da doutrina social da Igreja, comprometendo-se com projetos comunitários de partilha solidária e fraterna”²³¹.

O hagiográfico Tomás de Celano descreve como Francisco via a necessidade, em sua época, de fazer algo pelos necessitados. Ao cuidar os pobres de Assis, ele

²²⁹ GARRIDO, J., La forma de vida Franciscana Ayer e Hoy, p. 120.

²³⁰ TROVARELLI, C. A., Saludo del Ministro general en la solemnidad de San Francisco de Asís.

²³¹ ORDEM DOS FRANDES MENORES CONVENTUAIS, Constituições da Ordem dos Frades Menores Conventuais, n.108 §1.

contagiava as pessoas a fazerem o mesmo, elas também compartilhavam o mesmo ardor, como nos mencionam as fontes franciscanas que o chamam de “Pai dos pobres”. Naquele momento, na Idade Média, diversas aldeias conheceram o Evangelho no testemunho de Francisco, contagiando outros com ardor missionário.

No tempo atual, enfrentamos diversos problemas de desigualdade. O carisma franciscano pode trazer resposta às cidades e difundir a necessidade de cuidado com os marginalizados nos mais diversos paradoxos. Francisco “é um personagem que continua a influir como modelo de humanização no mundo de hoje, prova disso é que foi eleito, em votação organizada pela revista norte-americana Times, em 1999, a personalidade mais marcante do segundo milênio”²³². Desta maneira, “o primado do pobre e a fascinação pela pobreza, típicos da espiritualidade franciscana, manifestam a intuição de um mistério divino que se oculta neles. Dentro do coração da pobreza e da minoridade franciscana, está a percepção de que a via marcada por Cristo – que sendo rico se fez pobre – manifesta uma opção precisa de Deus. Somente recorrendo ao mesmo caminho se pode “entrar no mistério que Cristo manifestou”²³³. São marcas que Francisco deixou e chegam ao presente, como bens inesgotáveis, de valor histórico, pertinentes à espiritualidade cristã, tais como: “a integração com o outro, o cuidado, a *metanoia* e a esperança dos arquétipos que podem auxiliar a compreender e construir soluções criativas que contribuam para desbancar a crise sistêmica atual”²³⁴.

Francisco apresentou uma mística que ainda hoje responde a questões das mais diversas dimensões, como o cuidado e o zelo em relação aos pobres, retirando-os das diferenças de classes e das misérias, e sendo sinal de pensamentos contrários aos mercados e países ricos, que desfrutam dos benefícios dessas diferenças. A difícil tarefa do franciscanismo é o comportamento contrário a essa estrutura, “dado que as sociedades hodiernas se tornam cada vez mais complexas”²³⁵. Francisco não é uma contribuição limitada a um passado, mas incorpora o essencial da mensagem

²³² SILVA, J. M. S., A influência de São Francisco de Assis na cultura italiana dos séculos XIII e XIV, p. 104.

²³³ MICHAEL, A. P., Los hermanos menores hacia las perefierias existenciales, p.35.

²³⁴ SOUZA, K. C. A.; FERREIRA, J. M.; FONSECA, A. S. de S. Práticas e saberes de Francisco, p. 167.

²³⁵ ORDEM DOS FRANDES MENORES CONVENTUAIS, Constituições da Ordem dos Frades Menores Conventuais, n.105, §3.

que vem do Cristo e ainda é pertinente, como “uma espiritualidade que leva ao despertar, e principalmente à abertura”²³⁶.

A identidade franciscana se reconhece na opção fundamental de conversão, movida de forma ética e moral pelos valores do Evangelho, visto, na prática, onde o frade é chamado a negar a si mesmo e testemunhar toda sua vida ao “serviço aos leprosos e à renúncia total dos próprios bens, e cujo produto de lucro, deve ser distribuído aos pobres”²³⁷. O principal enfrentamento na vida dos franciscanos nas grandes cidades consiste em perceber “o uso proveitoso da cidade”²³⁸, como este espaço tem aumentado ou diminuído a pobreza econômica e como esse dilema da “necessidade de emprego e da escassez de solo urbano”²³⁹ pode ser visto e deve ser superado com diálogo entre os frades e os moradores perto das paróquias ou conventos, que possa minimizar esta estrutura de contradição.

Os franciscanos estão inseridos na sociedade moderna e isto os envolve nos problemas dos centros urbanos e da carência entre os mais necessitados, em que respondem aos apelos sociais das pessoas em suas dificuldades, tais como: fome, doenças, necessidade de educação, falta de abrigos e guerras. Esses exemplos estão presentes em cada região na qual os frades são inseridos em suas missões, transformando a realidade social. Porém, essa realidade transformada não deve ser equiparada a um trabalho comunitário ou serviço de ONG, mas participante de comunhão com Cristo e sua Igreja, despertando o testemunho da vida franciscana. Respondem nas diversas estruturas de caridade evangélica indicando que “o futuro do cristianismo depende de uma medida da síntese entre compromisso ativo em favor dos pobres e da fidelidade do amor, ‘que tudo crê tudo espera e tudo suporta’, até a loucura da Cruz”²⁴⁰.

Para Francisco, servir a Cristo incluiria as virtudes da pobreza e da humildade. Essas ajudariam as pessoas a se tornarem mais livres e a serem testemunhas na vida apostólica. Seria importante procurar ter apenas o mínimo para a sobrevivência e captar os recursos comunitários para serem dados para o bem comum. Seria um modo de procurar ser pobre:

²³⁶ METZ, J. B., *Mística de olhos abertos*, p. 13.

²³⁷ CONFERÊNCIA DE LOS MINISTROS GENERALES DE LA PRIMEIRA ORDEM FRANCISCANAS Y LA TOR. *La identidad de la orden franciscana en su momento fundacional*, p. 3.

²³⁸ SAVIANO, B., *Pastoral nas Megacidades, um desafio para a Igreja da América Latina*, p. 43.

²³⁹ SAVIANO, B., *Pastoral nas Megacidades, um desafio para a Igreja da América Latina*, p. 43.

²⁴⁰ GARRIDO, J., *La forma de vida franciscana ayer y hoy*, p. 116.

ser pobre significa, pois, ser trabalhador manual, sem posses, nem dinheiro, que não dispõe de morada que não seja temporária e precária, sem garantias e privilégios, sem a possibilidade de recorrer à força ou a instrumentos de pressão ou de coação, sem peso e prestígio social, sem projetos para o amanhã, sem reconhecimentos ou meios tais de poder impor a própria presença, as próprias orientações na vida da sociedade.²⁴¹

Dessa maneira, os franciscanos recorreriam ao uso do dinheiro de maneira equilibrada, e com a necessidade de recorrer à esmola, como Francisco desejava. Por isso, ao menor problema sobre o uso do dinheiro, havia o risco de atrapalhar o desenvolvimento da forma de vida franciscana. Ou seja, isso “representa a advertência de que existe o perigo de acumulação”²⁴², devendo-se voltar à experiência teológica da pobreza. A pobreza, própria do movimento franciscano, leva os frades ao trabalho, e mesmo que recebam salário deixam esse salário para a Ordem: se trabalharem “com suas mãos, e se receberem o salário correspondente, não o devem reclamar, mas pedir esmola ao Senhor. Não devem receber dinheiro de qualquer espécie”²⁴³. Assim, a recusa do dinheiro corresponde à consciência original do movimento franciscano. Essa experiência radical da pobreza depois foi sendo assumida – ou modificada – ao longo dos tempos nas diversas realidades franciscanas.

A formação inicial na fraternidade franciscana apresenta essa relação dos frades com a pobreza, visando reconhecer, no contexto do apostolado e na aceitação em humildade, as diversas exigências próprias da vida religiosa assumidas pelos votos. A formação da pessoa religiosa franciscana a leva ao dever de exercer o bem e capacitar a “espiritualidade, a evangelicidade, a apostolicidade e a laboriosidade”²⁴⁴ para o cumprimento da pobreza como testemunho, imitando, como Francisco, a Cristo. Por isso, a formação religiosa dos frades deve ter uma harmonia em lidar com os problemas da pobreza econômica sem perder o diálogo com Evangelho, onde o frade redescobre “o que temos que fazer em nosso mundo de hoje”²⁴⁵. A formação tem o desafio da pregação e do testemunho, e de não levar nem para uma pobreza fantasiosa, nem a julgamentos de outras pessoas – possam elas ser mais miseráveis ou mais ricas.

²⁴¹ MICCOLI, G., Francisco de Assis – Realidade e memória de uma experiência cristã, p. 88 et seq.

²⁴² MICCOLI, G., Francisco de Assis – Realidade e memória de uma experiência cristã, p. 91.

²⁴³ BOFF, L., São Francisco de Assis, Ternura e vigor, p. 89.

²⁴⁴ ZAVALLONI, R., Pedagogia Franciscana – Desenvolvimentos e perspectivas, p. 179.

²⁴⁵ LECLERC, E., A pobreza Franciscana no mundo atual, p. 273.

Desta forma, esta novidade trazida por Francisco empolgou, à época, gerando boas interpretações e mudanças, mas trouxe desentendimentos a respeito de suas novidades, com dúvida sobre os valores morais e éticos, e a necessidade de dinheiro ou bens. O modo da pobreza gerava uma adesão, mas era vista por seu pai e alguns outros comerciantes como sinônimo de uma vida miserável e dada sem trabalho. Estas observações podiam ser errôneas para a época, pensando a “pobreza como um mal, como fonte de miséria e degradação”²⁴⁶, mas ainda podem ser concretizadas, se bem interpretadas à luz do tempo. Desta maneira, o desafio é contribuição de vida religiosa franciscana. Historicamente, não se esqueça o significado do projeto ideal, mas se viva a pobreza de modo real e adaptado às exigências do tempo para um testemunho relacionado com os aspectos social, político e econômico da sociedade, dialogando com as perguntas do tempo presente para trazer sempre a luz do Evangelho.

A vida franciscana, ao longo do tempo, em alguns casos não fez uma boa interpretação da pobreza ou da miséria, contribuindo para haver disparidade de opiniões, sem respostas objetivas para melhor interpretar a pobreza e o que, de fato, era o ideal de Francisco. Por isso, a vida religiosa franciscana, em seu modelo fraternal e evangelizador, deve se dar em todo lugar, inclusive no meio das grandes cidades e das políticas econômicas, como uma proposta de viver a pobreza, sem correr o risco de fazer confusão entre viver a miséria e o ideal de ser pobre, segundo o Evangelho, no ideal franciscano:

Há um perigo quando se experimenta a miséria e não desenvolve em si a virtude da pobreza. A miséria é simplesmente falta. Quando você mora nela, é fácil cultivar a inveja de quem tem propriedade, é fácil justificar sua própria desonestidade. Provavelmente, notamos isso ao examinar a quantidade de notícias sobre roubo, corrupção e fraude fiscal. A pobreza, por outro lado, é ser grato pelo que se tem. Reconheço o que tenho, aceito-o e desenvolvo-o, bendigo ao Senhor pelo que dEle recebi e quero dedicar tudo inteiramente ao serviço do seu reino. A miséria sem pobreza é um “poço sem fundo”; é uma espiritualidade que se concentra na multiplicação de bens, porque nunca são demais.²⁴⁷

As transformações sociais do mundo global permitiram que as cidades fossem aos poucos se desenvolvendo, marcadas por mudanças, em alguns casos positivas, em outros contribuindo para o agravamento de problemas – o aumento do número de habitantes, por exemplo, traz problemas de empregabilidade, de estabilidade

²⁴⁶ LECLERC, E., A pobreza Franciscana no mundo atual, p. 276.

²⁴⁷ STANISŁAWCZYK, P., ¿Ser miserable o hacerse pobre? Formación franciscana – inspiraciones.

econômica. Também nas megacidades, a falta de espaços para novas moradias e uma quantidade imensa de graves problemas, como para a segurança, educação, bens, serviços e outros, diferencia os espaços na divisão por classes sociais (periferias e centro) e provoca a marginalização das pessoas. Esse processo propicia o distanciamento do ideal de pobreza evangélica, principalmente nos grandes centros urbanos, até o modo como se faz a internacionalização:

A internacionalização da cidade leva a um rápido aumento dos preços imobiliários e do nível do aluguel. O êxodo de muitas pessoas do centro da cidade, vinculado a esse fato, o trabalho mal remunerado ou o desemprego estrutural colaboram para aumentar a pressão sobre a periferia das cidades.²⁴⁸

As Constituições dos Frades Menores Conventuais apresentam a interpretação de como se deve viver segundo a Regra, atualizando, para a vida na pobreza franciscana, as competências dos ministros (modo como são chamados os superiores) e as exigências para os frades, de modo que “estabelecem normas precisas a respeito da propriedade e uso dos bens (...), da administração das esmolas dadas para os frades, do uso dos livros, da pobreza nas habitações e do modo de vestir dos frades”²⁴⁹. Desta forma, as Constituições, sendo um texto passível de atualização, favorecem um lúcido desenvolvimento de suas missões e posturas em relação aos bens materiais, como observamos em uma prescrição das Constituições: “Tendo presente a escolha da pobreza evangélica e o dever da solidariedade, como também a necessidade de uma programação econômica, os frades procurem afastar-se de qualquer desnecessária acumulação de bens”²⁵⁰.

O empenho de servir a pobreza é ideal da vida franciscana, e esta deve ser compreendida na maneira do seu apostolado, tomando literalmente a Regra e as normas vigentes, e se dedicando “incondicionalmente ao anúncio do reino e da penitência”²⁵¹. Por isso, a vida dos franciscanos inicia com a renúncia à propriedade e a ligação ao Evangelho para cuidar todos os dias da fidelidade ao voto da pobreza e sua santa realização, como forasteiro neste mundo, sem nada de próprio. A pobreza dos frades tem sua totalidade na fraternidade e na busca incansável pela providência de Deus, com a identidade espiritual e cultural expressa na vida pessoal

²⁴⁸ STANISŁAWCZYK, P., ¿Ser miserable o hacerse pobre? Formación franciscana – inspiraciones.

²⁴⁹ CONTI, M., Estudos e Pesquisas sobre o Franciscanismo das Origens, p. 106.

²⁵⁰ ORDEM DOS FRANDES MENORES CONVENTUAIS, Constituições da Ordem dos Frades Menores Conventuais, 87, §1.

²⁵¹ CONTI, M., Estudos e Pesquisas sobre o Franciscanismo das Origens, p. 87.

de cada frade, que responde aos votos com um envolvimento livre e capaz de acolher o projeto franciscano na Igreja.

A fraternidade também é uma determinação da Regra e das Constituições e concretiza o ideal dessa vida religiosa franciscana, renovando as condições dos tempos e sem perder o ideal evangelizador. O ideal franciscano leva também a viver a pobreza na vida comunitária e na sua missão. Porém, “há um perigo quando se experimenta a miséria e não desenvolve em si a virtude da pobreza”²⁵². A miséria pode ter ou não ter – e ainda assim ser corrupto – porém ser pobre é ser eternamente grato a Deus. Como observamos no artigo do frei Piotr Stanislawczyk:

Mesmo que algo seja dado a alguém, deve haver um resultado, uma recompensa (um agradecimento, um artigo de jornal ou uma placa comemorativa, etc.). Ser miserável também pode assumir uma forma de autodivinização. Em tal situação, a pessoa pensa em si mesma com um sentimento de admiração e orgulho; sou miserável, isso significa que sou melhor, mais próximo do ideal, mais próximo de Cristo, e não como quem possui. Portanto, a tendência de julgar os outros aumenta. (...) Para nós, a humildade torna-se um dom para pedir ao Senhor e uma virtude para crescer. Quando pensamos em nossa formação para viver na pobreza, percebemos que a humildade nos ajuda a descobrir a verdade sobre nós mesmos: quais são os talentos que recebemos de Deus que devemos multiplicar e colocar a serviço do Senhor, e quais são os nossos vícios e pecados, porque por eles devemos fazer penitência e invocar continuamente o Espírito Santo, que tem o poder de reviver “ossos secos”.²⁵³

3.4

Atividade das comunidades franciscanas para os pobres

O projeto ousado e radical de Francisco implica necessariamente “virtudes heroicas, pois tem que conviver amigavelmente com a miséria, a fome, a doença, a exposição às intempéries e a toda sorte de privações”²⁵⁴. A atualidade necessita de mensagem profética para perceber que a sociedade pode conviver com seus problemas sem perder a esperança e o franciscanismo está para isto:

Falar em Francisco de Assis significa envolver-se com polêmicas e ambiguidades, mas também em carisma e sucesso. Símbolo do pobre e da pobreza, Francisco de Assis atravessou o tempo e o espaço, rompeu barreiras entre religiões e culturas, e sua mensagem assumiu um caráter universal. Sua atualidade e permanência apresentam um elo entre o ontem e o hoje: a pobreza e a exclusão social decorrente de processo de urbanização e de crescimento econômico.²⁵⁵

O mundo franciscano na sua adesão à pobreza espiritual procura a vivência do Evangelho, na obediência à vida fraterna e ao mesmo tempo sendo fiel àquilo

²⁵² STANISŁAWCZYK, P., ¿Ser miserable o hacerse pobre? Formación franciscana – inspiraciones.

²⁵³ STANISŁAWCZYK, P., ¿Ser miserable o hacerse pobre? Formación franciscana – inspiraciones.

²⁵⁴ BOFF, L., São Francisco de Assis, Ternura e vigor, p. 91.

²⁵⁵ SILVA, V. A. G., Francisco de Assis e a pobreza franciscana: a fundação de um discurso, p. 148.

que é chamado a desempenhar em testemunha na obediência ao Cristo pelo amor, seguindo todo o sentido do amor de Deus ao ser homem, tendo o Cristo se doado totalmente em sua paixão.

A imagem antropológica de Francisco, ou seja, como uma questão para o ser humano, nos gera então um conflito – com o qual somos confrontados: “procurar ser sempre o último e estar o mais embaixo possível para poder servir a todos, sem disputar lugar ou poder de quem quer que seja”²⁵⁶. Esta radicalidade no amor para os pobres deve ser caminho para libertação interior, trazendo-nos à reflexão da Palavra de Deus em um encontro simples e diário com a sociedade, tendo um discurso coerente e eficaz para retirar a alienação do mundo preso a tantas ideias que se antepõem ao Cristo.

Mesmo que se obtenha a resposta no mundo – em caos – para a resolução de conflitos, é importante destacar que Francisco, com humildade e docilidade, tendo o objetivo de apresentar ao mundo e à Igreja o comprometimento pela missão e “anunciar o Cristo com a vida e a palavra e indicar a estrada da conversão aos homens de seu tempo”²⁵⁷, tratou de seguir o serviço que deve ser desempenhado na Igreja. Porque sua humildade desejava chegar à luz da Verdade. Assim se chega à conclusão: “não se encontra em Francisco nenhuma preocupação social; ele não quis mudar nada, jamais pensou em contestar alguém nem estar contra nada.”²⁵⁸ Na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Vita Consecrata*, o papa João Paulo II reflete à luz do Concílio Vaticano II sobre o valor daquele que se doa totalmente ao serviço:

o profetismo é inerente à vida consagrada enquanto tal, devido ao radicalismo do seguimento de Cristo e da consequente dedicação à missão que o caracteriza. A função de sinal, que o Concílio Vaticano II atribui à vida consagrada, exprime-se no testemunho profético da primazia que Deus e os valores do Evangelho têm na vida cristã. Em virtude desta primazia, nada pode ser preferido ao amor pessoal por Cristo e pelos pobres, nos quais ele vive.²⁵⁹

A doação aos mais necessitados está na essência do franciscano. Ela é necessária também nas cidades e nas metrópoles – em nosso país, são exemplos maiores as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Essas ações podem ser percebidas, por exemplo, em sites franciscanos, onde se vislumbram os esforços

²⁵⁶ BOFF, L., São Francisco de Assis, Ternura e vigor, p. 95.

²⁵⁷ GIEMEK, J. A., Com Francisco no Seguimento de Cristo, hoje, p. 19.

²⁵⁸ BOFF, L., São Francisco de Assis, Ternura e vigor, p. 109.

²⁵⁹ JOÃO PAULO II, Exortação apostólica pós-sinodal *Vita Consecrata*, n. 84.

contínuos da prática do Evangelho e do Testamento deixado por Francisco aos frades, e a ação dos frades.

Na metrópole de São Paulo, na área central, o trabalho é desenvolvido pelos franciscanos que ali residem. Junto aos apelos comunitários de doações, diversas pessoas foram ajudar na iniciativa e, ao mesmo tempo, passaram a colaborar com recursos financeiros, sobretudo para os que sofreram com os efeitos da pandemia – em muitos casos, sem trabalho e moradia. No ano de 2020, os franciscanos, atendendo à urgência do momento difícil no contexto mundial, foram às ruas para ajudar a população de rua, tanto as pessoas que estavam afastadas já pelo seu contexto social quanto aquelas que adquiriram essa condição durante a pandemia. Localizado na Rua Riachuelo, no centro de São Paulo, alguns franciscanos chamaram esse serviço de “o Serviço Franciscano de Solidariedade (Sefras)”, com capacidade de atendimento para até mil pessoas, oferecendo as mais diversas ajudas, como café, almoço, roupas e outras coisas necessárias. Com três objetivos:

- 1) evitar as aglomerações nos espaços de cuidado e distribuição de alimentos voltados para esta população; 2) aumentar a oferta de alimentação para atender a demanda; e 3) dar apoio e espaço às iniciativas de solidariedade de pequenos grupos, movimentos e organizações.²⁶⁰

Frei Diego Melo, da Ordem dos Frades Menores, que trabalha nesse projeto, afirma que: “Esse é um trabalho amplo que vai ao encontro dos nossos valores”²⁶¹, sendo este o carisma e a solidariedade que Francisco teve com os empobrecidos, pois os franciscanos devem acolher e defender a vida como projeto de Deus e também da própria estrutura da vida consagrada franciscana. Por isso, para frei Diego, o frade que busca viver o carisma na obediência e humildade deve ter o cuidado necessário com os pobres, como ele nos apresenta:

O segundo passo é o da devolução da dignidade desses irmãos em situação de rua. Mais do que oferecer um prato de comida, a gente quer levar também a humanização dessas pessoas. Quer oferecer um olhar, um carinho, um gesto de atenção. Sabemos que a fome se manifesta de diferentes formas. “Existe essa fome física, mas existe a fome de sentido, a fome de atenção”, explicou. Defender é o terceiro verbo que norteia as ações dos franciscanos. “Significa comprometer-se com a causa dos mais pobres. Nesse eixo está também a nossa profecia, a nossa capacidade de denunciar os modelos que geram esta pobreza. Mais do que acolher e cuidar, é preciso lutar pelos direitos dessa população”.²⁶²

²⁶⁰ FRANCISCANOS, Franciscanos ampliam atendimento à população de rua.

²⁶¹ FRANCISCANOS, Franciscanos ampliam atendimento à população de rua.

²⁶² FRANCISCANOS, Franciscanos ampliam atendimento à população de rua.

A pandemia da Covid-19 fez com que o trabalho dos frades focasse na população de alta vulnerabilidade nos centros urbanos e “graças à sua criatividade social e à sua atuação, os moradores urbanos se tornam também agentes nos processos de transformação da cidade”²⁶³ e auxiliam nesta difícil tarefa. O Serviço Franciscano de Solidariedade atende diariamente cerca de 2 mil pessoas nas capitais dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, promovendo diversas atividades a fim de transformar a realidade dessas cidades, tais como: “ajuda escolar para crianças, convivência de idosos, atividades socioeducativas e de alimentação para população em situação de rua, acolhimento e inclusão social de imigrantes, sempre com a perspectiva franciscana de solidariedade”²⁶⁴. Os franciscanos desenvolveram junto aos pobres o cuidado humanitário para com as vítimas durante o período da pandemia, reconhecendo a expressão do amor de Deus e, por isso, procuram “ver o pobre com os olhos do pobre e assim permitir as descobertas dos valores dos pobres”²⁶⁵.

No Rio de Janeiro, os franciscanos, no Largo da Carioca, prestam, conjuntamente com a experiência denominada “Tenda Franciscana”, ajuda à população de rua com alimentos e oferta de empregos, tornando-se uma referência na cidade e no estado. A participação dos franciscanos no processo de evangelização nas cidades rompe a ideia de globalização individualista presente na sociedade à medida que distribuem as refeições produzidas pelos conventos e que estes abrem suas portas a essas ações. O número da rede de solidariedade tende a aumentar, tanto os que recebem quanto também aqueles que se oferecem a ajudar. Constatou-se que o número de quentinhas, na pandemia, ia aumentando, o que é significativo exemplo para os cariocas e para todo o país. Essa campanha, a Tenda Franciscana, se expande não apenas no Rio, mas em outros lugares, com o objetivo de superar as dificuldades que resultaram da pandemia da Covid19, como se descrevia em um registro do ano de 2020, na continuidade do projeto:

A Tenda Franciscana no Rio de Janeiro faz parte de uma grande ação franciscana de enfrentamento à pandemia do novo coronavírus, idealizada pelo Sefras. Iniciada em março em São Paulo e nas cidades fluminenses de Petrópolis, Tanguá e Duque de Caxias, ela já distribuiu, até o dia 5 de junho, mais de 130 toneladas de alimentos, entre cestas básicas (12 mil) e marmitas (170 mil), além de milhares de cobertores, kits de higiene e itens de proteção individual.²⁶⁶

²⁶³ SAVIANO, B., Pastoral nas Megacidades, um desafio para a Igreja da América Latina, p. 50.

²⁶⁴ FRANCISCANOS, Franciscanos ampliam atendimento à população de rua.

²⁶⁵ BOFF, L., São Francisco de Assis, Ternura e Vigor, p 70.

²⁶⁶ BOFF, L., São Francisco de Assis, Ternura e Vigor, p 70.

Os Frades Menores Conventuais (OFMConv.), no ano de 2022, diante dos diversos conflitos gerados pela guerra entre os países da Rússia e Ucrânia, promovem em seus conventos ajudas humanitárias a fim de confortar aqueles que se encontram naquela situação. A motivação dos frades nasce do espírito do carisma franciscano, pois Francisco sempre procurou conviver com o outro transmitindo a paz e diálogo. Por isso, a praxe do servir tem como essência a “verdadeira e santa obediência de nosso Senhor Jesus Cristo”²⁶⁷. Os franciscanos, ao observarem tal realidade, mostram o cuidado com aqueles que sofrem, anunciando com o testemunho ao serviço dos mais necessitados nesse tempo de guerra.

Os frades, apesar de não conseguirem o fim do conflito armado, e não terem esclarecimentos satisfatórios para saberem quem são os reais culpados, servem para a paz e a transformação das dores que a guerra traz. O testemunho franciscano propõe forças humanitárias e convoca as diversas forças espalhadas no mundo para salvar uma população inocente, que nada tem a ver com aquele conflito. Assim, a referência à obediência a Cristo é sustento de coragem para os frades proporem uma mudança daquela realidade.

No dia 19 de março de 2022, os OFMConv. saíram de Barcelona com sete micro-ônibus e chegam à fronteira da Polônia com a Ucrânia, levando ajuda humanitária aos conventos daquele lugar. A ideia dessa ajuda nasceu da motivação dos sermões de domingo de um determinado frei polonês que estava em missão na Espanha, frei Marek Wawrzysko. Nos dois domingos em que estive com os espanhóis foi possível apresentar fotos da guerra na Ucrânia e conversar via internet com o vigário e secretário da Custódia Provincial da Santa Cruz na Ucrânia: “Conversamos sobre a situação na Custódia e na Ucrânia, suas necessidades, etc.”²⁶⁸.

Desta motivação foram partilhados os meios que fariam essa ajuda. Os franciscanos mobilizaram o povo e conseguiram bastante ajuda para ir até os lugares onde sofriam aquelas pessoas. A ajuda foi levada conjuntamente com a Província de São José, da Romênia, reforçando a missão e testemunho de unidade dos frades. Conseguem chegar à cidade de Bilshivtsi, na região de Ivano-Frankivsk, na Ucrânia, onde os refugiados estavam alojados:

²⁶⁷ MICCOLI, G., Francisco de Assis – Realidade e memória de uma experiência cristã, p. 76.

²⁶⁸ SZEWEK, J. M., Conventuales de España y Alemania por Ucrania y los refugiados.

A ajuda humanitária consistiu em alimentos (especialmente para recém-nascidos), medicamentos e material de primeiros socorros, colchões, cobertores, travesseiros e sacos de dormir. Parte do material foi adquirido pela Fundação, por meio de doações recebidas especificamente para ajudar refugiados; o restante foi trazido por Frei Gabriel Budão juntamente com benfeitores da Paróquia de Chieming – Alemanha, em transporte.²⁶⁹

Os paroquianos, a pedido do frei Juan Antonio Adánez Silván, superior da província da Espanha, organizaram esta empreitada com muita dedicação, e da qual temos o seguinte relato: “Não podemos ficar de braços cruzados vendo a velha Europa sangrar até a morte. Esta Europa sempre assombrada pelos fantasmas da guerra e do totalitarismo”²⁷⁰. Assim, junto à ajuda material pediam também para rezarem ao Bom Pastor “para que as hostilidades cessem logo e a paz reine na Ucrânia e em todas as partes do mundo”²⁷¹. Em outros lugares, os OFMConv. estão organizando este mesmo tipo de ajuda, como é caso da Alemanha e França.

Nos EUA, a Província Nossa Senhora dos Anjos (OLA) desenvolve, junto à Paróquia da Assunção, em Siracusa, Nova York, há exatos 100 anos, ajuda aos pobres e enfermos. O lugar é conhecido como assistência aos pobres. Os Frades Menores Conventuais juntamente aos fiéis daquela paróquia, alimentam e cuidam dos enfermos de todas as idades que ali vão procurar ajuda. A proposta do serviço é servir como São Francisco de Assis, com suas palavras evangélicas e despojamento aos necessitados, não excluindo ninguém e fazendo o que for preciso para sanar as dores dos que se encontram em dificuldades.

A Palavra de Deus também é oferecida àqueles que estão ali procurando ajuda. O serviço conta com a ajuda do Dr. Daniel Ryan, que faz toda parte administrativa. Foram distribuídos, “em abril [de 2022], 3.827 sanduíches e 2.385 refeições de sopas”²⁷². Ao resgatar a parte humana, recebendo pessoas de várias partes da cidade e as mais vulneráveis, o local oferece também ajuda para a obtenção de documentação e atenção aos problemas físicos de saúde urgente – na pandemia também foi local de vacinação. No local são atendidos diversos perfis de pessoas com diferentes idades, como desempregados, imigrantes e refugiados e, infelizmente, jovens sozinhos, sem documentação nem família.

²⁶⁹ BOBÂRNAC, L. M., Ucrania: Ayuda humanitaria a los refugiados.

²⁷⁰ BOBÂRNAC, L. M., Ucrania: Ayuda humanitaria a los refugiados.

²⁷¹ BOBÂRNAC, L. M., Ucrania: Ayuda humanitaria a los refugiados.

²⁷² WINKLER, J., Dar de Comer al hambriento, curar al enfermo.

Desta maneira, a assistência tem um bom número de voluntários que se distribuem entre os serviços administrativos e médicos. “O centro de distribuição de alimentos da Paróquia proporciona alimentos a pessoas e famílias necessitadas cinco dias da semana. Normalmente, se oferecem pacotes de alimentos que contêm alimentos suficientes para cinco dias”²⁷³. Ainda que o país seja considerado desenvolvido e rico, a Província Nossa Senhora dos Anjos (OLA) desenvolve, naquela cidade, necessária ajuda humanitária a imigrantes e pessoas vulneráveis que não contam com seguro médico e documentação.

3.5

Espiritualidade franciscana em meio ao mundo com a Ordem Terceira

A família franciscana é composta por três famílias distintas com mesmo carisma e mesma essência em sua Regra, cooperando na Igreja na ação evangelizadora e aproximando o Evangelho do modo de viver a pobreza e a penitência. O movimento franciscano atravessou diversas crises e as superou através dos séculos, apresentando à Igreja e ao mundo o despojamento em anunciar e viver os valores do Reino dos Céus.

É importante perceber, ao longo da história, a Ordem Terceira e sua capacidade em apresentar o carisma franciscano à sociedade com despojamento, encorajando sempre a vivência e os valores contidos no Evangelho.

A Ordem Franciscana Secular (OFS) correlaciona a história da Ordem Terceira e as ordens monásticas, os chamados irmãos e irmãs oblatas, homens e mulheres que aderem à Regra e ao carisma monástico, vivendo na sociedade com orações e nos serviços comunitários dos mosteiros. Os oblatas correspondem, para nosso tempo, aos penitentes da Idade Média, que buscavam viver o ideal da vida apostólica, sendo radicais no Evangelho, mas diferentes da vida monástica, e, procurando manter-se em posição contrária a costumes que apareciam na Igreja de sua época, desejando reformas. Por isso, ao longo dos séculos, a Igreja esforçou-se por delinear uma doutrina e uma prática penitencial capaz de se esforçar ao máximo para que não haja uma dissociação do Evangelho e as práticas da conversão ou metanoia, por parte dos penitentes.

²⁷³ WINKLER, J., Dar de Comer al hambriento, curar al enfermo.

Desta forma, a história da OFS apresenta em sua origem essas tendências, oblatas e “penitentes”, que, em São Francisco começam a delinear uma espiritualidade de irmãos e irmãs comprometidos em Cristo, sendo submissos, desprezando o mundo, vivendo da esmola, de um jeito próprio na Igreja, um jeito particular de ser franciscano. A vida cristã da Idade Média teve seus problemas em relação à Igreja, com “um clero secular pouco preparado, tanto no tocante à sua formação como no serviço pastoral, na pregação, na instrução do povo²⁷⁴. Isso corroborou para o seguimento dos leigos passar a ser um instrumento de formação na sociedade, em obediência à Igreja, transparecendo o engajamento ao humano e às potencialidades dos leigos, com respeito e dignidade, com zelo apostólico, compreendendo também o que é uma vida na pobreza evangélica.

O cuidado dos frades pelos pobres, pela pregação, pela penitência e a obediência à Igreja sempre marcaram um diferencial do que era visto até então pelos leigos que procuravam uma proposta no seguimento de Cristo. Este despertar revigorou uma época e transformou a realidade, motivado pela essência do carisma de Francisco, em continuidade através dos anos na Igreja. Assim, os “penitentes de Assis” procuraram, já no início do movimento, um cristianismo radical, unidos ao Evangelho, à Regra e na insistência dos valores que deveriam ser vividos fora da sociedade burguesa.

A OFS, com seu ideal de convenção, “continua a ser o elemento caracterizante da espiritualidade dos irmãos e irmãs da Penitência”²⁷⁵. Antes da Igreja ter em suas pautas quaisquer menções sobre a valorização do laicato, no movimento já havia esta condução. No Concílio de Latrão IV, a Igreja inicia esse interesse através de documentos e menções sobre a vida laical, após a renovação recebida pelo franciscanismo. Por isso, a consciência laical e sua identificação mostraram a motivação que o movimento franciscano oferece à Igreja, além de expressar, naqueles que aderem ao carisma franciscano, uma aderência espiritual ao sacramento e à liturgia. Os “penitentes” são inseridos em uma espiritualidade nascente e, apropriando-se dos valores do Evangelho e não sendo importunos,

²⁷⁴ CONFERÊNCIA DOS ASSISTENTES GERAIS DA ORDEM, Manual para Assistência à Ordem Franciscana Secular (OFS) e à Juventude Franciscana (JUFRA), p. 25.

²⁷⁵ PAZZELLI, R., São Francisco e a Ordem Terceira – O movimento penitencial pré-franciscano e franciscano, p. 194.

servem à Igreja e cooperam no apostolado. Desta forma, o movimento propôs agir em várias demandas, como podemos observar:

Esses elementos de eclesiologia e práxis já estavam na base da novidade (a *Novitas franciscana*, precisamente) introduzida por inspiração divina, por São Francisco na Igreja e no mundo do século XIII! Francisco antecipou, por assim dizer, o conteúdo do Concílio Vaticano II precisamente porque, valendo-se da pureza evangélica das suas origens, restaurou e renovou a Igreja dando plena cidadania a todos os componentes da família humana e eclesial (clero, homens e mulheres, religiosos e leigos) para que assumissem a responsabilidade de difundir o Evangelho de Cristo.²⁷⁶

Na Idade Média, entre os séculos XII e XIII, existiram outros grupos que buscaram viver tal ideia de penitência, como os valdenses e cátaros. Porém, este radicalismo foi apropriado de visões agnósticas, desenvolvendo um sentido herético, que não chegaram a ser reconhecidos pela Igreja. Aconteceram algumas transformações jurídicas com o nascimento de outras congregações de nomes franciscanos, como conhecidas até os dias atuais, e isto se deu devido ao crescimento de fraternidades terceiras espalhadas no mundo e que avançaram seus serviços, como colégios, asilos, hospitais e outros. Entre os séculos XVIII e XIX, foi necessário um viés jurídico para desvincular as novas iniciativas como congregações ou institutos da Ordem Franciscana Secular que se conhecia até então. Mesmo através de sombras e luzes, decorrentes de diversas transformações, o movimento continua sendo firme na certeza da espiritualidade deixada por Francisco, desde o início de sua aprovação da Regra, junto com as especificidades da OFS.

A Ordem Franciscana Secular, em sua história, devido a toda sua evolução numérica e geográfica revela difícil obter uma exatidão sobre sua origem, pois a Tradição nos afirma o ano de 1221 com a aprovação da Regra. A Regra está ligada, como descrito acima, a várias expressões de movimentos penitentes que existiram na Idade Média, com propostas parecidas às de São Francisco, e, portanto, não se pode precisar uma data fixa, em qual momento aconteceu o início do movimento. É importante destacar que se temos diversas estruturas históricas na Ordem primeira, com diversos frades em divisões e reivindicando o carisma, no movimento dos leigos isto não acontece: a Ordem Terceira, desde o início, vivencia o chamado original, e seus seguidores foram fiéis à Regra e à proposta original deixada por Francisco.

²⁷⁶ PAZZELLI, R., São Francisco e a Ordem Terceira – O movimento penitencial pré-franciscano e franciscano, p. 194.

O texto mais antigo das obras de São Francisco que remete à Ordem Franciscana Secular é a “Carta a todos os Fiéis”. Esse texto é composto de duas redações, ambas de forma exortativa, propondo aos fiéis viver uma vida de penitência e com os valores do Evangelho. Na narrativa, temos valores importantes sobre a doutrina da fé católica, porém, não é explícito o desejo de Francisco em combater as heresias. Na Carta, temos o jeito de viver a espiritualidade franciscana, meditando a Palavra e a eucaristia, adorando o Senhor, servindo aos mais necessitados e na fraternidade.

A “Carta a todos os Fiéis” convoca os penitentes a servir sempre os irmãos e amar o próximo de forma virtuosa em caridade, em particular os membros da Penitência ou da Ordem Terceira, sem esquecer as necessidades existenciais, físicas ou espirituais, como nos mostra no capítulo 25 da “Carta a todos os Fiéis”:

Façamos, além disso, “dignos frutos de penitência” (Lc 3,8). E amemos o nosso próximo como a nós mesmos. E se alguém não quiser ou não puder amá-lo como a si mesmo, ao menos não lhe faça algum mal, mas o bem.²⁷⁷

Desta maneira, “na primeira Regra dos Irmãos e das Irmãs da Penitência, isto é, no *Memoriale Propositi* de 1221-1228, diz-se expressamente que os membros desta Ordem deverão ser exortados a conservarem o espírito de penitência e a se dedicarem às obras de caridade”²⁷⁸. Então temos, no ano de 1221, a exortação para que os leigos pudessem viver sua própria forma de vida da Regra, e mesmo havendo outros movimentos penitentes na época “foi-lhes dado o *Memoriale propositi*, embora, nos tenha chegado uma cópia refeita em 1228”²⁷⁹.

A Ordem Franciscana Secular, tal como os frades menores, se compunha de muitos homens e mulheres, de diversos níveis sociais e culturais, “nobres e pessoas do povo, letrados e ignorantes, clérigos e leigos que acolheram a proposta de vida evangélica”²⁸⁰. Este estilo de vida seguido por diferentes penitentes motivou diversos vocacionados espalhados por toda a Itália, irmãos e irmãs, no sul e no norte. A vida dos penitentes seguia três importantes elementos constitutivos advindos da Regra dos frades: a oração, a pobreza e a vida fraterna. Nesse tempo, houve muitos franciscanos da Ordem Terceira vinculados aos privilégios da

²⁷⁷ 2CF, n. 25.

²⁷⁸ ZOPPETTI, G. et al., Dicionário Franciscano, p. 554.

²⁷⁹ CONFERÊNCIA DOS ASSISTENTES GERAIS DA ORDEM, Manual para Assistência à Ordem Franciscana Secular (OFS) e à Juventude Franciscana (JUFRA), p. 41

²⁸⁰ CONFERÊNCIA DOS ASSISTENTES GERAIS DA ORDEM, Manual para Assistência à Ordem Franciscana Secular (OFS) e à Juventude Franciscana (JUFRA), p. 41.

sociedade, gozando de regalias de poder e dinheiro – por isto, São Boaventura, proíbe os frades de cuidarem dos “penitentes” no período em que ele era ministro geral nos anos de 1257-1274.

Em Florença, ao interpretar a Regra, os penitentes tiveram conflitos entre eles, gerando a separação em grupos distintos, e frei Caro, ex-ministro geral da Ordem dos Frades Menores e diretor espiritual, faz uma releitura do texto *Memorial* com eles. A reflexão sobre a unidade, mesmo havendo uma crise de separação, foi imposta a eles para viverem em harmonia no carisma e na caridade. Entre os anos 1280-1284, houve a aprovação da Regra pelo Papa Nicolau IV, e em 1289 foram feitas algumas modificações. O texto do *Memorial* refeito transformou-se em uma Regra “bulada” da Ordem Franciscana Secular. Porém, não se pode confirmar quem é o verdadeiro autor desse texto, chamado pela tradição de “texto de frei Caro”.

No século XVI, a OFS obedece ao projeto de reformulação do Concílio de Trento e deixa suas atividades apostólicas e sociais, se empenhando no serviço da caridade e piedade. A missão está ligada às motivações da Igreja contra o protestantismo e unifica as Igrejas nos centros urbanos, onde estão suas fraternidades, perdendo o sentido originário de viverem o carisma franciscano no mundo. Desta forma, a caridade e a piedade são difundidas no ambiente paroquial e começa a crescer o culto do Ofício Divino e a eucaristia. Alguns santos bebem desta espiritualidade, como “Fellipe Neri, a educadora da juventude Ângela Merici, o contrarreformista Carlos Borromeu”²⁸¹. Nesse período, entram nas fraternidades reis e rainhas, nobres e aristocratas, decrescendo também o valor do aprofundamento espiritual, e as fraternidades começam a ficar bastante ligadas aos costumes políticos, sociais e econômicos, influenciando decisões nas cidades e na Igreja.

No século XVII, os papas desse período promovem a Ordem, ela é também aquela que ministra a educação das classes dirigentes, e “recorre-se aos ricos e poderosos para servir os pobres, para dirigir hospitais, gerir celeiros, cantinas e farmácias e colocar médicos, advogados e notários à disposição dos pobres”²⁸². A

²⁸¹ CONFERÊNCIA DOS ASSISTENTES GERAIS DA ORDEM, Manual para Assistência à Ordem Franciscana Secular (OFS) e à Juventude Franciscana (JUFRA), p. 41, p. 47.

²⁸² CONFERÊNCIA DOS ASSISTENTES GERAIS DA ORDEM, Manual para Assistência à Ordem Franciscana Secular (OFS) e à Juventude Franciscana (JUFRA), p. 41, p. 47.

Ordem continua apresentando as características próprias de penitência, agora acrescida de motivações devocionais.

A OFS nas suas diversas realidades, está espalhada ao redor do mundo e, juntamente com o diretor espiritual, os irmãos da primeira Ordem cuidam da assistência espiritual e colaboram no processo de discernir a caminhada vocacional desses irmãos. Para isto, estes precisam de um tempo de aproximação do carisma da fraternidade, conhecendo seus membros e a história de São Francisco, e, logo em seguida, as diversas etapas formativas – o postulante, noviciado e pós-noviciado, até os votos perpétuos. Os seus membros devem ser pessoas atentas ao mundo em que vivem, como famílias que trabalham na sociedade, participando da eucaristia e das atividades religiosas, não apenas de maneira devocional, mas que estejam prontos a ver, no projeto vocacional de Francisco, a assistência de caridade. Assim, podemos perceber uma vida radicalmente cristã exercida com intensidade no carisma franciscano:

São aptos para fazer a caminhada espiritual da Ordem Franciscana Secular os que desejam desvencilhar de certas amarras da sociedade: dinheiro, sempre mais dinheiro, profissão rentável, sempre mais rentável, sociedade de competição e de esquecimento dos outros, sociedade que usa as pessoas como coisas. Não estão de acordo com o individualismo e o regime ou império do provisório. No fundo, os franciscanos seculares são pessoas contestadoras de uma sociedade que não tem senso crítico, mas cria robôs.²⁸³

Os franciscanos seculares têm seu modo de viver a fraternidade, com sua reunião, trocando ideias e visitando seus membros que precisam de orações e conversas fraternas, não se limitando a espaços físicos dos templos. Também exercem o mandato de evangelização associando suas vidas à caridade, se esforçando em suas atividades profissionais e sendo um elo entre Igreja e sociedade, reafirmando-se verdadeiros cristãos missionários.

²⁸³ GUIMARÃES, A. R., Quem pode ser franciscano secular? Critérios de chamamento.

4

Protagonismo do Papa Francisco: uma “Igreja pobre junto aos pobres”

O estudo deste capítulo comenta a ideia de uma “Igreja pobre junto aos pobres”, com protagonismo do papa Francisco. Para isso, vê a questão do pobre dentro da contribuição do cardeal Bergoglio na Conferência de Aparecida. Em seguida vê o papa Francisco em relação com o Dia Mundial dos Pobres, o ano do Jubileu Extraordinário da Misericórdia e, no final, junto aos jovens por uma renovação do sistema econômico-social.

4.1

O cardeal Bergoglio na Conferência de Aparecida

A V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe foi realizada no ano de 2007 em Aparecida. Ela é um marco significativo para a Igreja latino-americana, atendendo aos “novos sinais dos tempos”. Ela buscou reanimar as mais diversas comunidades na Igreja presente em toda essa região, em suas particularidades culturais e suas especificidades de carismas, de atividades pastorais, levando também a mais viver e celebrar a unidade eclesial, ou a comunhão desejada no Evangelho.

Nessa intenção, a V Conferência redescobre a grandeza de uma Igreja discípula-missionária. Seguindo a tradição da teologia latino-americana, procura respeitar os mais necessitados e observa que hoje ainda é acentuado o problema da miséria. A conferência procura ter um olhar com solicitude para os vulneráveis. Portanto, o Documento de Aparecida, fruto dessa V Conferência, traz perspectivas em sua redação e possibilidades para os cristãos viverem o Evangelho no contexto de culturas da Igreja latino-americana.

A mensagem de Aparecida, mesmo quinze anos após a aprovação do texto oficial, nos propicia motivações primordiais ao serviço eclesial e ao anúncio do Reino “com zelo pastoral e entranhas de misericórdia” (DAp n. 177). Apresenta-se na mesma linha em que Bergoglio já atuava na sua pastoral, considerando o rosto de Cristo presente nos outros e de modo a pensar o anúncio constante “não no

Evangelho imaginado, não no Evangelho *light*, não no Evangelho filtrado, mas no verdadeiro Evangelho”²⁸⁴.

A composição do Documento de Aparecida contou com contribuição dos fiéis da Igreja latino-americana e do Caribe, trazendo sugestões para essas regiões com os mais diferentes pedidos para o futuro das Igrejas particulares da região. Os principais autores do texto de Aparecida são os bispos motivados pelo método ver-julgar-agir, das diversas conferências episcopais que se envolvem no CELAM e contemplam as necessidades de evangelização. Houve muitas contribuições debatidas e utilizadas.

Sabe-se que houve um trabalho importante. A análise dos relatos das conferências foi feita por peritos, sacerdotes, religiosos e leigos, envolvidos no trabalho de examinar os textos e sintetizá-los. Mesmo não tendo voto, esses colaboradores participaram emitindo julgamentos importantes e trazendo contribuições de seus conhecimentos particulares, colaborando, assim, para os resultados ao longo do Documento de Aparecida.

A Comissão de Redação da V Conferência, formada por bispos e peritos, tinha como coordenador o então cardeal Jorge Bergoglio. Recebeu o “texto original” e o acompanhou até propor para a assembleia o “texto oficial”, com as devidas mudanças. O “texto original” aprovado, porém, foi modificado até chegar a uma nova forma de “texto oficial”, conduzido pela aprovação do pontífice, na época o papa Bento XVI. Na elaboração dessas etapas, até a finalização, houve acréscimos e mudanças no texto que estava sendo elaborado, incorporando algumas diferenças daquilo que fora aprovado inicialmente pela assembleia. Algumas ideias, aliás, foram corroboradas, por exemplo, a utilização do Vaticano II. Foram feitas em torno de “250 mudanças no ‘texto original’, muitas delas de menor importância”²⁸⁵ e “pelo menos 40, importantes”²⁸⁶, em que o “texto original” foi acrescido e chegou ao definitivo “texto oficial”, em uma dinâmica a fim de propor e estruturar uma evangelização com “sábria articulação entre o anúncio e o diálogo” (DAp n. 237).

²⁸⁴ BERGOGLIO, J. M., Anunciar o Evangelho – Mensagens aos catequistas, p. 11.

²⁸⁵ BRIGHENTI, A. B., Documento de Aparecida: o texto original, o texto oficial e o papa Francisco, p. 3.

²⁸⁶ BRIGHENTI, A. B., Documento de Aparecida: o texto original, o texto oficial e o papa Francisco, p. 3.

O teólogo Brighenti levanta a hipótese sobre a atuação do cardeal Jorge Bergoglio, então coordenador da Comissão da redação do Documento, na incorporação de assuntos importantes no texto. Essa ideia é corroborada pela comparação com a sua atuação anterior na Igreja de Buenos Aires e em toda sua participação em momentos da Igreja latino-americana e na postura do cardeal como relator do Documento de Aparecida. Diante disto, seria importante levantar que sua intervenção e cuidado em abordar temas importantes tenham sido realizados por sua experiência e percepção em diversos trabalhos desenvolvidos ao longo de seu ministério como bispo.

O texto foi recebido e aprovado pelo papa Bento XVI, sendo fiel àquilo que os bispos da América Latina pensaram e levaram para a produção do texto final da conferência, como mencionado na sua Carta dirigida ao Documento de Aparecida: “(...) em comunhão com a Santa Sé e com o devido respeito e responsabilidade de cada bispo em sua própria Igreja local, ele seja luz e alento para um rico trabalho pastoral e evangelizador nos anos vindouros” (DAp p.7). Sendo assim, em comunhão com os bispos e com coordenação do cardeal Jorge Bergoglio, o documento foi entregue ao papa Bento XVI sem outras alterações. A participação do papa Francisco, então como cardeal Jorge Bergoglio, aponta uma Igreja que percebe elementos urgentes de um mundo moderno em crise.

No ano de 2007, o cardeal Jorge Bergoglio expôs o texto “Paróquia e Família”, dirigido à Pontifícia Comissão para América Latina. Nesse novo texto, apresentou questões do Documento de Puebla a importância da adesão a esse documento na evangelização e suas consequências para a vida cultural e da fé, na paróquia e na família, no continente latino-americano e caribenho. O texto nos permite perceber o pensamento sistemático do autor, antes mesmo da aprovação do texto do Documento de Aparecida, pois apresenta problemáticas sobre as evangelizações semelhantes às discussões evidenciadas na V Conferência de Aparecida – o discurso mostra dimensões comunitárias e culturais, provocando uma busca de novas possibilidades de linguagem para o anúncio do Evangelho a todos que se encontram em paróquias.

O espaço paroquial não se detém no valor de um espaço meramente litúrgico, mas é também um lugar cultural e fraterno, tendo a participação de todos que o compõem em suas mais diversas questões, sejam políticas, sociais, sejam econômicas. Assim, para esse lugar (de paróquia) “não há menção a uma família e

paróquia abstratas, mas à família e paróquia latino-americana na qual se semeou a fé em Jesus Cristo”²⁸⁷. A dimensão cultural dessa evangelização se diferencia, no continente latino-americano, em relação às demais regiões onde está a Igreja pela forma de sua história evangelizadora, que envolve uma série de características próprias de suas comunidades, cidades e cada paróquia. Por isso, valorizar esse espaço de paróquia-cidade também é valorizar a própria história do continente, como sugere o cardeal nesse texto. Seria um dos aspectos dos valores culturais da região latino-americana a destacar. Um dado indicado seria a afirmação do valor do sacramento do matrimônio como possibilidade de viver a fé e respeitando os valores culturais do povo latino-americano.

Desta forma, é preciso uma ligação entre a família e a paróquia, tendo este processo histórico como entendimento no contexto da evangelização. É necessária uma retomada cultural e social desse espaço de evangelização, e também uma retomada do estímulo da evangelização às bases essenciais do cristianismo presente na região. Para Bergoglio, “a família e a paróquia são lugares onde a palavra é verdadeira, onde a verdade não é só revelação, mas também fidelidade”²⁸⁸.

Na família, reconhecendo os valores da Palavra, e conseqüentemente dela aprendendo, os membros a escutam; e anunciam o amor. Por isso, além de ser um valor cultural, a família e a paróquia têm um valor social e religioso importante, pois fecundam a vida fraterna, transformando a sociedade numa cultura de valores éticos e morais pautados no Evangelho. A Palavra, nos tempos atuais, deve ser como sinal de Nazaré, como afirma, em outro momento, o Cardeal Jorge Bergoglio, ao dirigir-se aos catequistas em Buenos Aires, alertando-os:

No ser e na vocação de todo cristão está o encontro pessoal com o Senhor. Buscar a Deus é buscar seu Rosto, é adentrar na Sua intimidade. Toda vocação, principalmente a do catequista, pressupõe uma pergunta: “Mestre, onde vives? – Vem e verás... Da qualidade da resposta, da profundidade do encontro, surgirá a qualidade de nossa mediação como catequistas.”²⁸⁹

As propostas apresentadas pelo cardeal Jorge Bergoglio antes da V Conferência de Aparecida assemelham-se muito às do “texto original”. Portanto, a leitura eclesiológica, vista na Igreja latino-americana e apresentada anteriormente, é também referência de caminho sinodal para uma melhor síntese de trabalhos e

²⁸⁷ BERGOGLIO, J. M., *Nei Tuoi Occhi è La Mia Parola*, p. 493.

²⁸⁸ BERGOGLIO, J. M., *Nei Tuoi Occhi è La Mia Parola*, p. 495.

²⁸⁹ BERGOGLIO, J. M., *Anunciar o Evangelho – Mensagens aos catequistas*, p. 17.

desenvolvimento de uma Igreja evangelizadora, com os temas que enfatizam a comunhão e a renovação pela proposta da Palavra anunciada.

O Documento de Aparecida já apresentava menções importantes apontadas hoje pelo papa Francisco, corroborando sua percepção do “texto original” e sua participação na redação final do “texto oficial”. Um dos pontos em questão era o caráter profético evangelizador da conferência, que ainda fica presente e segue no pontificado de Francisco.

Quando se vê, na atualidade, o empenho do Papa Francisco na reforma da Cúria Romana e as dificuldades e até hostilidades que está encontrando em levar a cabo sua arrojada proposta evangelizadora, se entende melhor de onde vieram as mudanças no “texto original” de Aparecida e as razões que moveram seus censores. Felizmente se, por um lado, tal ingerência minimizou o profetismo da Conferência de Aparecida, por outro, mostra Papa Francisco fazendo porta-voz da rica trajetória da Igreja na América Latina à Igreja inteira, ainda que isso incomode ou pareça inoportuno para determinados segmentos da Igreja, alguns deles muito perto do Papa ou até em sua casa, como provavelmente alguns dos censores do Documento de Aparecida.²⁹⁰

Estes temas novamente abordados pelo papa Francisco ecoam na Igreja, não só na América Latina, mas em toda a parte. Essa temática é inspiradora nas diversas agendas do pontífice.

Também o teólogo Dom Joel Amado observa a contribuição do Documento de Aparecida para a Igreja pelo mundo todo. Dom Joel mostra que o Documento de Aparecida precisa ser conhecido a partir do seu legado histórico, em referência a Puebla, Medellín e São Domingo, com o desejo de tratar a atualidade com método ver-julgar-agir e tendo a ideia de não formar tratados teológicos, mas sim o “desejo de discernir o caminho evangelizador e isso se faz do encontro entre a realidade e o dado revelado”²⁹¹, com reflexão pastoral. A Conferência de Aparecida enriqueceu o continente latino-americano, apresentando intensamente o modelo de um trabalho teológico e pastoral e o agir como discípulo-missionário de Jesus Cristo.

Desta forma, a identidade do Documento de Aparecida é cristológica, mostrando a necessidade de (re)apresentar o sentido da Palavra ao mundo. E também a cultura do encontro, junto a outros modelos que antecipam a alegria e o desejo pela pessoa do Cristo. O papa Francisco parte deste anúncio de Jesus Cristo como motivação. Fica, também, clara a ligação com a Exortação Apostólica

²⁹⁰ BRIGHENTI, A. B., Documento de Aparecida: o texto original, o texto oficial e o papa Francisco, p. 4.

²⁹¹ AMADO, J. P., O Documento de Aparecida e sua proposta para toda a Igreja, p. 69.

Evangelii Gaudium: ela encontra-se em direta conexão com as conclusões de Aparecida. Joel Amado mostra que “temos uma dezena de citações diretas de Aparecida”²⁹². Apesar do Documento ter diversas realidades e ser complexo em seus aspectos, é preciso perceber eixos comuns ao conjunto, incluindo uma “consciência eclesial”²⁹³. Além disso, a compreensão desse documento de Aparecida vai servir ainda como proposta de aprofundamento para a compreensão em outros lugares da Igreja no mundo.

Assim, o Documento de Aparecida é conduzido, no pontificado do papa Francisco, para influenciar nas diretrizes para a ação evangelizadora, a começar tudo através do anúncio da Palavra em Jesus Cristo, que é recebida pelos discípulos: “temos que ser de novo evangelizadores e fiéis discípulos” (DAP n. 549). Como já mencionado, era preciso uma reflexão do tipo proposto em Aparecida para clarear mais, também, o conjunto da Igreja. Daí, temos uma base de escuta do Evangelho, e para formar discípulos missionários *a partir* do Evangelho.

Outra dimensão importante apresentada pelo Documento de Aparecida é a necessidade de revitalizar o Concílio Vaticano II e dar respostas aos tempos atuais, envolvendo a questão do mundo e sendo fiel aos sacramentos, à doutrina (recapitulando sempre, sem ser reducionista), e buscando sempre viver a comunhão. Como percebemos, na proposta do Documento de Aparecida:

O DAP propõe dar continuidade ao Concílio Ecumênico Vaticano II e, ao mesmo tempo, recapitular a caminhada da Igreja latino-americana. Apesar de aspectos positivos da renovação iniciada pelo Vaticano II, apontam para um mal-estar com a recepção do Concílio: “leituras e aplicações reducionistas”, “ausências de uma autêntica obediência e do exercício evangélico da autoridade”, “infidelidades à doutrina, à moral e à comunhão”, “não poucas recaídas secularizantes na vida consagrada influenciadas por uma antropologia meramente sociológica e não evangélica”, “débeis vivências da opção preferencial pelos pobres”.

O mal-estar explicitamente apontado no DAP reflete o pensamento de um setor da Igreja liderado por aquela ala que considerou a sua visão teológica não suficientemente contemplada pelo Concílio.²⁹⁴

A continuidade proposta para o Concílio Vaticano II tem aspectos bastante positivos, apesar de linguagens que indicam “leituras e aplicações reducionistas da renovação conciliar” (DAP n. 100b). Por isso, em um primeiro momento, o Documento de Aparecida observou diversos aspectos que não foram valorizados pelo Concílio. Diante dessa percepção, fez-se uma renovação de uma “eclesiologia

²⁹² AMADO, J. P., O Documento de Aparecida e sua proposta para toda a Igreja, p. 66.

²⁹³ AMADO, J. P., O Documento de Aparecida e sua proposta para toda a Igreja, p. 70.

²⁹⁴ SUESS, P., Dicionário de Aparecida, p. 26.

da comunhão”, pois era esta a proposta sinodal: reconhecer os lugares de acesso a essa eclesiologia de comunhão como lugar de diálogo e convite para a unidade. Deste modo, observamos as propostas trazidas no Documento de Aparecida para reafirmar a opção pelos pobres, as CEBs, o compromisso pastoral, o valor da pessoa humana na sociedade e a promoção da pessoa humana na vida plena em Cristo. Esses e outros valores podem ser aplicados ao texto que levou à compreensão de uma renovação nas estruturas do Concílio Vaticano II.

A Conferência de Aparecida viu que os anos de missão e anúncio da Palavra, depois do Concílio Vaticano II, ainda não haviam priorizado bastante os contextos culturais para conduzir a evangelização. Assim, na V Conferência, os participantes discutiram em assembleia esta trajetória histórica e ousaram buscar alternativas metodológicas para renovar o anúncio do Reino de Deus no continente, tão marcado pela injustiça. Ficou claro o objetivo da V Conferência de apresentar, para a Igreja da região, uma linguagem que proporcione uma animação missionária sem perder sua essência e verdade, mas rompendo com as ideias fechadas de cristandade. A Conferência propôs uma análise e uma linguagem que valorizassem mais a justiça e os contextos culturais.

A linguagem do Documento de Aparecida valorizou o Vaticano II, mas ainda sofre, cada vez mais, dificuldade em transmitir esses dados – que muitas vezes são vistos como redução da verdade. Portanto, sempre é preciso revitalizar a comunicação da proposta. A V Conferência de Aparecida avaliou tal problemática no Continente pelo corrente número de fiéis que saíram dos templos, e esses desejando uma fidelidade maior com Deus, por interpretarem, a seu modo, a evangelização com ideias ou linguagens retrógradas, e não correspondendo aos anseios do tempo em que estão inseridos. Diante de tais afastamentos, seja em suas estruturas hierárquicas, seja nos engajamentos da pastoral, foi possível observar a ineficiência dos modelos modernos até então vividos no continente latino-americano. Portanto, é preciso, como proposta, uma releitura baseada no Evangelho advindo do Espírito Santo para que Palavra de Deus possa ser mais bem assimilada pelo homem pós-moderno. Desta forma, os cristãos que se afastaram da Igreja procuram “respostas a suas inquietações” (Dap n. 225) que não encontram nela. Alguns buscam formas de pensamento que não aceitam o Vaticano II e o Documento de Puebla. Outros não acharam a linguagem acolhedora como apoio

para suas inquietações, e isso pode ser um dos motivos de êxodo para igrejas pentecostais e neopentecostais.

A adesão à proposta do Concílio Vaticano II pela Igreja Latino-Americana é dos temas apontados no Documento de Aparecida. No “texto oficial”, na segunda parte do documento, o discípulo-missionário deve ter uma profunda conversão aos ensinamentos conciliares. Porém, mesmo sendo transmitido o conhecimento do Concílio, alguns segmentos da Igreja não aderiram a suas propostas, contrariando o texto e criando mal-estar em relação ao texto. Portanto, a Conferência de Aparecida tinha e tem ainda o objetivo de reconciliar a visão reducionista sobre o Concílio e interagir nos diversos campos da Igreja em uma conversão eclesial, fazendo surgir uma “Igreja samaritana” (DAp n. 26), no sentido de atuar no modo como atuou o “bom samaritano”. Essa expressão faz lembrar a parábola do samaritano que se coloca disponível para socorrer. A ideia é que a Igreja deve procurar socorrer as muitas pessoas que necessitam de auxílio.

No documento da V Conferência de Aparecida, como observado, houve a participação do cardeal Jorge Bergoglio em acordo com suas diversas conferências e catequeses no tempo de seu serviço pastoral em Buenos Aires – uma participação ativa como Coordenador da redação do Documento Oficial de Aparecida. Desta maneira, ao refletir sobre o Concílio Vaticano II e juntamente com o Documento de Aparecida, percebemos que ambos se assemelham em vários objetivos, e vemos evidências de ligação e continuidade dos temas, em catequeses e documentos que surgem no tempo de seu pontificado como papa Francisco.

Pode-se verificar que algumas propostas do Vaticano II, valorizadas no Documento de Aparecida, estavam também na pastoral de Bergoglio e continuam na pastoral dele como papa. Assim, vemos, entre muitos pontos presentes no Documento de Aparecida, essas ideias, como: a escuta da Palavra, ser discípulo e missionário, a ideia de comunhão da Igreja, a ideia de ter diálogo, a valorização das culturas e da pessoa humana, dos pobres, a justiça e a misericórdia. Destaca-se, na seção seguinte, a preocupação com os pobres. É um tema da pastoral nos documentos do CELAM. Está no Documento de Aparecida. É destacado no pontificado de Francisco, inclusive com a criação do Dia Mundial dos Pobres.

4.2 Papa Francisco e o Dia Mundial dos Pobres

Uma iniciativa do papa Francisco foi estabelecer, para reflexão a cada ano, um Dia Mundial dos Pobres. Em 19 de novembro de 2017, no término do tempo litúrgico, o papa promulgou na igreja o primeiro Dia Mundial dos Pobres, logo após o ano jubilar da misericórdia. O ano da Misericórdia teve início em 8 de dezembro de 2015, a partir da solenidade da Imaculada Conceição, e teve término em 20 de novembro de 2016, com a solenidade de Cristo Rei. Com o ano jubilar da misericórdia, o papa Francisco procurou resgatar a busca da esperança, da justiça, dialogando com o mundo, e fecundando de modo urgente o atributo de Deus, sua misericórdia. Esse assunto será abordado com mais detalhes em outra seção deste capítulo da tese.

A principal preocupação do papa Francisco está em apresentar uma Igreja da misericórdia junto aos que mais sofrem e assumir a unidade no “repartir e receber o pão eucarístico”²⁹⁵. A opção preferencial pelos pobres já é algo vivido no Evangelho e na vida da Igreja durante séculos, como apontado por Paulo VI, por outros pontífices e por teólogos, e neste tempo, é retomada como característica importante do momento: “a simplicidade e o compromisso com os pobres, excluídos e sofredores deste mundo”²⁹⁶. O dia dos pobres caracteriza a postura do seu pontificado, como também toda a sua ação, e o que “parece ser a novidade maior”²⁹⁷ pode ser “a sua preocupação com os pobres, sua insistência na centralidade dos pobres na vida e missão da Igreja”²⁹⁸.

O amor ao próximo é de importância vital para a novidade da Igreja. Esta renovação espiritual trazida pelo papa Francisco, portanto, serve ao Evangelho e se apresenta como testemunha da existência de Cristo pobre e humilde, assim como a adoção do nome de “Francisco”, em sua identificação na simplicidade com os pobres. Esta capacidade de ver no pobre o Cristo se faz a partir de viver a pobreza evangélica como uma virtude de diálogo com o próprio Cristo pobre e humilde. Ao reconhecer esta “essência” dada por Deus (como algo que Deus coloca no ser humano em busca do bem, e revelado por Deus para o bem), o cristão, junto com

²⁹⁵ FRANCISCO, Mensagem para o I Dia Mundial dos Pobres.

²⁹⁶ AQUINO JUNIOR, F., Os pobres e a pobreza como carisma fundante da Igreja de Jesus, p. 210.

²⁹⁷ AQUINO JUNIOR, F., Teologia em saída para as periferias, p.214.

²⁹⁸ AQUINO JUNIOR, F., Teologia em saída para as periferias, p.214.

Cristo, ou comungando com Cristo, constrói em si a possibilidade de ajuda aos mais necessitados. Isso está em ser parte do Corpo místico de Cristo. O papa Francisco vê que os talentos são também para isso:

Antes de mais nada, reconhecemos isto: temos talentos, somos “talentosos” aos olhos de Deus. Por isso ninguém pode considerar-se inútil, ninguém pode dizer-se tão pobre que não possua algo para dar aos outros. Somos eleitos e abençoados por Deus, que deseja cumular-nos dos seus dons, mais do que um pai e uma mãe o desejam fazer aos seus filhos. E Deus, aos olhos de Quem nenhum filho pode ser descartado, confia uma missão a cada um.²⁹⁹

A mensagem do papa Francisco visa a um diálogo com o mundo, apresentando possibilidades para minimizar as diversas sequelas da má distribuição de renda entre os povos. Neste objetivo, a parábola dos talentos é uma proposta possível ao serviço à caridade, chamado por Deus e intervindo na dinâmica da vida moderna, não tendo importância ao outro. Para o cristão, ao também ser contemplado nessa mensagem, a responsabilidade aumenta, uma vez que sua capacidade de discernimento cresce em torno do anúncio da palavra. É necessário vivenciar a fé em uma escolha fundamental como batizado, servido da Palavra e da eucaristia, recebendo bens celestes da liturgia, e os devolvendo generosamente à sociedade, de forma gratuita e livre.

O pecado da omissão, corriqueiro no contexto mundial, revela-nos o paradoxo entre a vida de fé e o testemunho da vida cristã. Esta percepção inibe a expressão da caridade, apesar dos talentos. O Dia Mundial dos Pobres percebe tal estrutura e procura abrir-se ao diálogo fraterno, em serviço de doação e misericórdia, procurando renovar o testemunho cristão em diálogo com o próximo. Portanto, a pobreza tem a expressão do rosto de Jesus Cristo e a Igreja contempla este rosto para encontrar soluções a fim de multiplicar talentos, na forma concreta de ajuda aos pobres:

E a omissão é também o grande pecado contra os pobres. Aqui assume um nome preciso: indiferença. Esta é dizer: “Não me diz respeito, não é problema meu, é culpa da sociedade”. É passar ao largo quando o irmão está em necessidade, é mudar de canal, logo que um problema sério nos indis põe, é também indignar-se com o mal, mas sem fazer nada. Deus, porém, não nos perguntará se sentimos justa indignação, mas se fizemos o bem.³⁰⁰

No Evangelho da “parábola dos talentos”, o papa Francisco apresenta à Igreja o principal objetivo do Dia Mundial dos Pobres. Na parábola dos talentos, Jesus

²⁹⁹ FRANCISCO, Mensagem para o I Dia Mundial dos Pobres.

³⁰⁰ FRANCISCO, Mensagem para o I Dia Mundial dos Pobres.

convida os discípulos a serem multiplicadores dos seus talentos recebidos em favor dos outros. Se não fossem, esses não multiplicariam; esses discípulos se tornariam servos maus, contrários à proposta do Mestre. Por isso, os ensinamentos da Escritura Sagrada, aplicados à vida do cristão, devem ser equivalentes aos que multiplicam os dons a favor dos outros, e como resultado serão servos bons. Essa exortação, dando como exemplo a parábola dos talentos, o pontífice aplica a toda Igreja, que deve promover a evangelização e os dons a serviço de todos, sem distinção, incluídos os pobres da sociedade, em suas causas materiais ou espirituais.

Os ensinamentos dados pelo papa buscam reconhecer a esperança trazida por Cristo, na qual acolheu todo aquele que estava em sofrimento. Nessa dinâmica, a experiência em Deus reacende o desejo de multiplicar os talentos para toda a sociedade. A contemplação do rosto de Jesus vendo a pobreza como dom de salvação não vê identidade de pessoas, mas sim irmãos – “são o faminto e o doente, o forasteiro e o recluso, o pobre e o abandonado, o doente sem ajuda e o necessitado descartado”³⁰¹, que precisam receber a atenção e o cuidado.

O Dia Mundial dos Pobres, portanto, nasce da atenção assídua com o corpo e o sangue de Cristo, e, conseqüentemente, da consciência pela dor do próximo. A participação, não só de forma ritual, faz com que a profundidade da liturgia se transforme em comunhão e partilha na vida dos irmãos e irmãs. A sociedade é convidada a renovar a vivência eclesial, a participação na eucaristia como fonte de fé, curando as pessoas da indiferença e do egoísmo, que podem provocar uma falsa percepção da realidade. É preciso ter o “dever evangélico”³⁰² de mudar a consciência pela luz que vem do Senhor, iluminados por compaixão e amor, revelando o dever de todo cristão em ser, na sociedade, a ação do próprio Cristo.

A pobreza deve ser encarada como um projeto vindo da revelação de Jesus no Evangelho. Ele despojou-se totalmente para encontrar a humanidade e, sendo humilde, despojou-se de si para encontrar as enfermidades humanas e fazer-nos semelhantes a Ele. Assim, o desejo do papa Francisco é aniquilar a cultura hostil do vazio e da indiferença e revestir a sociedade dos talentos que aproximam as pessoas: ter “coragem de amar, não com palavras, mas com obras”³⁰³. A humildade presente no coração daquele que converte busca refúgio em Deus. Além de uma ajuda

³⁰¹ FRANCISCO, Mensagem para o I Dia Mundial dos Pobres.

³⁰² FRANCISCO, Mensagem para o I Dia Mundial dos Pobres.

³⁰³ FRANCISCO, Mensagem para o I Dia Mundial dos Pobres.

material, encontramos um coração dócil às necessidades individuais, como uma conversa, um abraço, um agradecimento, resultados esses de um coração convertido na pobreza do Evangelho de Cristo.

Na mensagem do segundo Dia Mundial dos Pobres, em 18 de novembro de 2018, observamos a existência e continuidade do papel da Igreja no cuidado com os pobres, percebendo as suas origens históricas e o discernimento frente à sociedade moderna. Papa Francisco adverte sobre formas de exclusões. A percepção antropológica de verificar as relações das pessoas e condições sociais e ambientais poderia ser guiada pela fé em Cristo para a pastoral. A fé e a Igreja têm condição de exercitar sua percepção na responsabilidade comunitária. Desta maneira, na dimensão da fé, temos a caridade. Logo, a fé traz o compromisso de ajudar as demandas urgentes no mundo, tais como evitar a guerra e a pós-pandemia, quando aumentou o número de pobres no mundo. Desta forma, a solidariedade se faz presente, e também o Evangelho de Cristo. Buscar a solução na solidariedade, pode ser um modo de incrementar o pensamento que “os pobres salvam-nos, porque nos permitem encontrar o rosto de Cristo”³⁰⁴.

A sociedade é convidada a se deixar envolver com a ideia de consolação, encorajando as pessoas com o coração sensível, trazendo palavras que revigoram e saibam trazer esperança discernida em uma coragem que não desanima. Pela fé procuram, através da realidade, contribuir para a qualidade social e econômica. O papa Francisco tem mostrado preocupação com os pobres durante todo o seu pontificado, e nesta mensagem diz que eles apresentam um “grito” de ajuda, e por isso a fé é desenvolvida na medida em que esse chamado é testemunhado, mesmo em lugares supostamente difíceis de serem vistos ou ouvidos.

Por isto, a coragem precisa ter recursos humanizados e se abastecer da fé, para não tendermos a uma sociedade de “braços cruzados”³⁰⁵. E, conseqüentemente, gerar uma fraternidade dada objetivamente em propagar o Reino, sem falsos comodismos, mas construindo, apesar dos sofrimentos, o testemunho coerente de cristão no mundo e na Igreja. Desta maneira, as diversas incertezas, como as guerras, os medos, as injustiças econômicas e sociais e os diversos abandonos são superados por esta exigência teológica de viver a fé em

³⁰⁴ FRANCISCO, Mensagem para o II Dia Mundial dos Pobres.

³⁰⁵ FRANCISCO, Mensagem para o II Dia Mundial dos Pobres.

contato com os pobres. Estas percepções, mesmo que angustiantes, devem ser sempre renovadas em Cristo, sabendo que no barco “nunca sofremos naufrágio”³⁰⁶, pois, sempre temos a graça de sermos continuadores do projeto divino.

A desigualdade social no contexto mundial tem aumentado significativamente. Isto é constatado em diversos meios de comunicação e pesquisa. É evidente que a Igreja está atenta a essa situação e tente, como fraternidade, encontrar meios que aliviem as dores de tantos que sofrem. Esta crise social foi agravada com a Covid-19, a partir de 2019, sendo sentidos seus efeitos até este momento presente. Encontramos um número crescente de pobres, aumentadas a imigração e a fome. Entende-se que é necessário, como Igreja, ter um resgate da experiência sensível e a justiça aos mais pobres:

(...) a Palavra de Deus indica que os pobres são todos aqueles que, não tendo o necessário para viver, dependem dos outros. São o oprimido, o humilde, aquele que está prostrado por terra. Mas, perante esta multidão inumerável de indigentes, Jesus não teve medo de se identificar com cada um deles: “Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a Mim mesmo o fizestes” (Mt 25, 40). Esquivar-se desta identificação equivale a ludibriar o Evangelho e diluir a revelação. O Deus que Jesus quis revelar é este: um Pai generoso, misericordioso, inexaurível na sua bondade e graça, que dá esperança sobretudo a quantos estão desiludidos e privados de futuro.³⁰⁷

Temos de maneira geral a distinção de pobres e ricos, mesmo nos países ricos. Porém, nos países mais pobres, esta percepção é mais assustadora; os efeitos da pobreza são vistos em suas habitações e na maneira como se alimentam. Estas dificuldades acarretam marginalização e ódio, tendo como resultados: preconceitos, fome e guerras migratórias. Por isso, o Dia Mundial dos Pobres faz um discernimento da esperança, recolhendo seus traços na Sagrada Escritura. Dessa forma, o papa deseja fazer este processo com a Igreja, renovar a evangelização e, conjuntamente com os pobres, mostrar como saída o Cristo que supre as necessidades espirituais, mas que também ajuda a saciar as dores materiais.

Diante dessa percepção, o papa Francisco reforça a desigualdade do mundo como uma realidade ruim, que provoca diversas crises e escravidões. Porém, com a ação da Palavra de Deus e a contemplação do rosto de Jesus Cristo, é possível revigorar a esperança, mesmo para aqueles que se encontram em situações extremas, contando com as pessoas que realizam os trabalhos humanitários para

³⁰⁶ FRANCISCO, Mensagem para o II Dia Mundial dos Pobres.

³⁰⁷ FRANCISCO, Mensagem para o III Dia Mundial dos Pobres.

transformar os sinais dessas dores. Mesmo em uma realidade marcada por aspectos ruins, é preciso ver as conquistas obtidas através do Dia Mundial dos Pobres, em resgatar a fé na humanidade, visibilizando o que pode ser dado em sabedoria com atenção e cuidado e no diálogo, aspectos talvez antes não percebidos pela sociedade.

O olhar sensível da realidade, quando faz superar a indiferença, provoca uma sensibilidade particular em cada situação. Esse movimento vai sendo feito a partir da mensagem revelada da Sagrada Escritura. O texto sagrado nos apresenta o modo de agir nas mais diversas situações, com sabedoria, “à luz duma relação íntima com Deus, criador e amante da criação, justo e providente para com todos os seus filhos”³⁰⁸. Assim, vão sendo retiradas as diversas arrogâncias de um mundo insensível à pobreza, favorecendo uma melhor distribuição dos bens. A Palavra de Deus mostra que pobres são todos – sejam os ricos que precisam ser mais sensíveis, sejam aqueles que precisam de ajuda material para viverem com mínimo para se alimentar, trabalhar e vestir.

O entendimento da Palavra de Deus é afetado diante das diversas crises econômicas e sociais. Elas assolam a humanidade, gerando escravidão de todas as formas e deixando os pobres em sua marginalização social.

Toda a experiência do discipulado se orienta pela necessidade de obedecer ao comando do mestre. A virtude da coragem só pode ser conduzida em um processo de aprofundamento do discípulo, entregando totalmente sua vida a Ele, persistindo em momentos mais tenebrosos na tempestade da vida, tendo a certeza de que Jesus conduz a barca e liberta do medo e restaura a segurança. Por isso, é preciso ter a segurança espiritual para se abrir à necessidade de receber e dar consolo:

E só com Jesus é que nos tornamos capazes também de encorajar. Há uma grande necessidade de pessoas que saibam consolar, não com palavras vazias, mas com palavras de vida, com gestos de vida. No nome de Jesus, encontramos e oferecemos verdadeira consolação: não são os encorajamentos formais e previstos que restauram, mas a presença de Jesus. Encorajai-nos, Senhor! Consolados por Vós, seremos verdadeiros consoladores para os outros.³⁰⁹

A tempestade abre-nos para a intimidade com o Mestre, crescendo no dom da fé. Nesta sintonia, cresce a percepção de abandono em Deus, a verdadeira posse da nossa condição humana em busca da salvação, uma exigência teológica. Por isso, o

³⁰⁸ FRANCISCO, Mensagem para o IV Dia Mundial dos Pobres.

³⁰⁹ FRANCISCO, Mensagem para o II Dia Mundial dos Pobres.

espírito do Evangelho é valorizar o ser humano e estender a mão, como fez a Pedro, e de maneira caridosa retirou-o do medo. Somos então estes que, no contato com o Mestre, estendem a mão aos outros em caridade, reconhecendo o testemunho da Igreja de Cristo no mundo através do dom da fé. A tendência natural daquele que é fecundado pela boa nova é amar gratuitamente. O papa Francisco, pela luz do Evangelho, incentiva o gesto gratuito e sempre está de mão estendida aos mais necessitados.

O Dia Mundial dos Pobres é um tempo propício para celebrar a cultura da misericórdia. A Igreja é chamada à transformação de uma realidade espiritual em via para a caridade. Esta via espiritual deve ser envolvida de responsabilidade, comprometendo-se com a realidade, captando e vendo nos pobres os sinais do Messias, através de dois vieses importantes: “as dores de hoje e a esperança de amanhã”³¹⁰. Portanto, o compromisso “não consiste apenas em iniciativas de assistências que, embora louváveis e necessárias, devem tender a aumentar, em cada um, aquela atenção plena, que é devida a toda a pessoa que se encontra em dificuldade”³¹¹. A opção de prestar ajuda aos pobres deve ser coerente e não apenas um tempo disponível ou em algum projeto pastoral, mas deve ter uma direção social e pessoal constante, a fim de revelar a existência de Cristo todos os dias.

O encontro com o Evangelho deve ser constante, não apenas em palavras, mas no testemunho missionário, trazendo uma experiência do Cristo misericordioso, em comunhão e partilha, com os pobres, reconhecendo as feridas do mundo e vivendo “pessoalmente a pobreza evangélica”³¹². A Igreja deve encontrar o rosto do pobre, e mesmo não tendo como resolver todas as situações, deve com gestos simples mostrar o sentido da vida.

Nas mensagens do Dia Mundial dos Pobres, o papa Francisco chama a Igreja à cultura da misericórdia e do cuidado, propondo que a cultura do descartável possa ser mudada no entendimento da sociedade. Temos, portanto, o chamado do papa para sanar as barreiras do indiferentismo e romper com as diversas formas de violências que sofrem as pessoas pobres. Todavia, se permanecermos contrários à fé e à caridade, talvez esta urgência não aconteça no meio eclesial e tampouco na sociedade. Por isso, a superação da pobreza requer o caminho da fonte que é o

³¹⁰ FRANCISCO, Mensagem para o II Dia Mundial dos Pobres.

³¹¹ FRANCISCO, Mensagem para o III Dia Mundial dos Pobres.

³¹² FRANCISCO, Mensagem para o IV Dia Mundial dos Pobres.

Evangelho, e da transformação pessoal e social, em que “sua superação passa necessariamente pela transformação dessa forma de organização da sociedade”³¹³.

Este diálogo fica claro quando há a escuta da voz de Deus que está vinculado ao outro. Esta profunda dádiva espiritual e significativa, em tempos tão desvinculados de uma escuta, mostra que pode haver uma transformação pelo diálogo da pobreza. Assim, se pode transmitir um modo de atuar na história, dado pela condição de escuta a Cristo e aos outros. Tal ação é uma revolução espiritual, que nasce da necessidade do ouvir e atender a quem pede ajuda e precisa ser curado em suas mais preocupações, como nos mostra o papa:

O Dia Mundial dos Pobres pretende ser uma pequena resposta, dirigida pela Igreja inteira dispersa por todo o mundo, aos pobres de todo o gênero e de todo o lugar a fim de não pensarem que o seu clamor caíra em saco roto. Provavelmente, é como uma gota de água no deserto da pobreza; e, contudo, pode ser um sinal de solidariedade para quantos passam necessidade a fim de sentirem a presença ativa dum irmão ou duma irmã. Não é de um ato de delegação que os pobres precisam, mas do envolvimento pessoal de quantos escutam o seu brado. A solicitude dos crentes não pode limitar-se a uma forma de assistência – embora necessária e providencial num primeiro momento – mas requer aquela “atenção amiga” (EG n. 199) que aprecia o outro como pessoa e procura o seu bem.³¹⁴

O papa Francisco mostra que o desencontro com os pobres revela que sociedade vive, em muitos casos, uma postura de fechamento, elencando algumas características, tais como: rejeição, indiferença, preconceito. Para Deus, diz o pontífice, “os primeiros habilitados a reconhecer a presença de Deus e a dar testemunho da sua proximidade à própria vida são os pobres”³¹⁵. Como é um risco do tempo presente desenvolver um afastamento do outro, é necessário que toda a Igreja se empenhe no diálogo com as diversas experiências e colabore para enriquecer os dons do Espírito Santo, motivando a conversão pessoal e fraterna.

Torna-se evidente que, para o papa Francisco, o trabalho com os pobres deve promover uma mobilização dos cristãos. Assim, ao evangelizar os pobres, o cristianismo tende a crescer em sabedoria, graça e alegria – somos os primeiros a sermos evangelizados, quando nos tornamos os portadores da missão coerente do Cristo em transformar os problemas da sociedade. Como nos afirma a mensagem:

Os pobres evangelizam-nos, ajudando-nos a descobrir cada dia a beleza do Evangelho. Não deixemos cair em saco roto esta oportunidade de graça. Neste dia, sintamo-nos, todos, devedores para com eles, a fim de que, estendendo reciprocamente as mãos uns para os outros, se realize o encontro salvífico que

³¹³ AQUINO JUNIOR, F., Teologia em saída para as periferias, p. 98.

³¹⁴ FRANCISCO, Mensagem para o II Dia Mundial dos Pobres.

³¹⁵ FRANCISCO, Mensagem para o II Dia Mundial dos Pobres.

sustenta a fé, torna concreta a caridade e habilita a esperança a prosseguir segura no caminho rumo ao Senhor que vem.³¹⁶

Francisco, em 2021, aconselhou à sociedade e aos cristãos, de modo particular, um olhar atento à realidade da humanidade, com suas mais diversas formas de egoísmos, para superá-las. Por isso, desenvolve o tema da empatia como motivação ao cuidado e promoção do valor da dignidade humana. Temos no texto do Evangelho de Marcos, citado nessa mensagem, a imagem evangélica do sentido dessa empatia, como percebemos: “Sempre tereis pobres entre vós” (Mc 14, 7). Nesta parte do Evangelho, temos a narrativa da mulher que vai ao encontro de Jesus. Ela o encontra e, com um vaso de alabastro cheio de perfume, derrama esse perfume na cabeça de Jesus, na frente de todos os presentes que estavam ali, inclusive dos discípulos. Esses pensam ser um desperdício de um perfume tão caro, para tal finalidade, achando que “teria sido melhor vendê-lo aos pobres”³¹⁷.

Esta era forma de pensar entre os discípulos, como também a de Judas, “não porque se preocupasse com os pobres, mas porque era ladrão e, como tinha a bolsa do dinheiro, tirava o que nela se deitava (Jo 12,5-6)”³¹⁸. A contrariedade de seu agir limita o entendimento sobre a simplicidade e humildade dadas por Jesus. O gesto da mulher aparece em certas atitudes até então não observadas. Assim, diante dos fatos, é preciso não ficar distraído à condição do outro, “não basta temos a consciência tranquila pelo fato de não fazermos mal a ninguém ou não estarmos diretamente envolvidos”³¹⁹.

A mulher nos mostra o exemplo da empatia, ela se sente acolhida e aceita. Desta forma, ela partilha daquilo que era mais nobre na sua vida. Jesus a acolhe, acolhe o gesto daquela mulher que se faz pobre entre os pobres. Os pobres se permitem ser evangelizados pelo rosto do Pai, contemplando o olhar do Senhor, realizando gestos que mostrem o seu amor. Assim, o papa Francisco indica, no Dia Mundial do Pobre, que as ações em prol da evangelização e serviço aos pobres devem transmitir a mesma empatia daquela mulher que vai até Jesus:

não consiste exclusivamente em ações ou em programas de promoção e assistência; aquilo que o Espírito põe em movimento não é excesso de ativismo, mas primariamente uma atenção prestada ao outro, considerando-o como um só consigo

³¹⁶ FRANCISCO, Mensagem para o II Dia Mundial dos Pobres.

³¹⁷ FRANCISCO, Mensagem para o IV Dia Mundial dos Pobres.

³¹⁸ FRANCISCO, Mensagem para o V Dia Mundial dos Pobres.

³¹⁹ ZACHARIAS, R., O Cuidado com os mais frágeis como desafio ao pensamento e à ação social da Igreja, p. 41.

mesmo. Esta atenção amiga é o início duma verdadeira preocupação pela sua pessoa e, a partir dela, desejo de procurar efetivamente o seu bem.³²⁰

Neste gesto, temos a partilha e o olhar de misericórdia de Jesus, gerando dignidade: “a esmola é ocasional, ao passo que a partilha é douradora”³²¹. A compreensão de justiça deve ter ação ética, capaz de transformar as diversas formas de sofrimento no rosto de misericórdia de Cristo. É preciso realizar atos em prol dos outros; a mesma dignidade recebida por aquela mulher deve ser testemunhada. Assim, os que realizam este encontro dirigem-se aos pobres, como sacramento do próprio Cristo, tornando-se solidários como muitos santos na Igreja. Portanto, esta libertação histórica acontece dentro dos reais desafios contemporâneos e “abre-se a libertações mais integrais até uma expressão suprema, que é então a perfeita liberdade dos filhos de Deus, dos justos de todas as nações, raças e línguas que acolheram o dom de Deus dentro da história”³²².

As diversas crises sociais evidenciam a indignação, a compaixão, a responsabilidade em mudar a realidade. Existem fatos que retratam as dificuldades enfrentadas para sobrevivência, trazendo consigo a morte como condição diária. Esses acontecimentos devem ter respostas teológicas, creditar as opções do Evangelho como tomada de iniciativa para esta crise de valores que impactam as diversas formas de pobres no mundo. Por isso, no Dia Mundial do Pobre, a sociedade global tem o compromisso de manifestar esta compreensão e romper com a estrutura já organizada, assumindo a compreensão teológica em que todos são envolvidos e comprometidos no processo da pobreza mundial. É preciso fazer uma leitura comprometida da realidade:

ler teologicamente a realidade significa reconhecer que o Verbo, ao se fazer carne, fez opções concretas para realizar a vontade de Deus. Portanto, uma leitura teológica da realidade é chamada a ser, eminentemente, evangélica, isto é, a partir dos sentimentos e das opções feitas por Jesus. E, se não restam dúvidas a respeito do lado de quem ele se colocou, uma leitura evangélica da realidade não pode ser feita senão a partir do sofrimento dos pobres, oprimidos e vulneráveis.³²³

O modo de entender os pobres e ricos da sociedade deve ser percebido através do Evangelho, realizado a partir da dimensão da compaixão e da misericórdia. O

³²⁰ ZACHARIAS, R., O Cuidado com os mais frágeis como desafio ao pensamento e à ação social da Igreja, p. 41.

³²¹ ZACHARIAS, R., O Cuidado com os mais frágeis como desafio ao pensamento e à ação social da Igreja, p. 41.

³²² BOFF, L., Ética e Ecoespiritualidade, p. 143.

³²³ ZACHARIAS, R., O Cuidado com os mais frágeis como desafio ao pensamento e à ação social da Igreja, p. 41.

papa alerta que esse processo deve ser prioritário e, ao mesmo tempo, disciplinado. Todo o cristão deve fazer parte deste processo, gerando alternativas para promover meios humanizados que oportunizem a fé e a caridade. O Dia Mundial do Pobre marca, na Igreja, este incentivo à empatia e à justiça social, agindo para a reciprocidade. Porém, é preciso ter sensibilidade com as necessidades situacionais dos pobres, sempre agindo para uma transformação de inspiração social e religiosa.

Em 2022, o papa Francisco fez sua reflexão para o Dia Mundial dos Pobres mencionando a passagem de São Paulo à comunidade de Corinto: “Jesus Cristo fez-se pobre por vós (2Cor 8,9)”. Nessa passagem, o papa apresenta os sinais ao apóstolo no serviço da caridade: Jesus, apesar de rico, se fez em pobre em favor da humanidade, para enriquecer na sua pobreza. Assim, Paulo, atento à experiência do encontro com Jesus, organiza entre os cristãos de Corinto a coleta em favor dos pobres. A comunidade era disponível e sensível aos mais vulneráveis e, por indicação de Paulo, participava de uma coleta para atender aos pobres: “em cada primeiro dia da semana recolhiam quanto haviam conseguido poupar e todos foram muito generosos”³²⁴. Esta coleta era destinada aos mais pobres e, retribuindo o que era recolhido em favor dos pobres, repartiam em nome da justiça e da fraternidade.

A compreensão do agir ético se faz pela procura do serviço do amor e doação ao mais necessitados em uma teologia em favor da fraternidade e que busca na solidariedade vivenciar as conexões entre a ideia moral e a espiritualidade. Por isso, a crítica está na fascinação dos desejos em um mercado livre, de compras, esquecido o comprometimento com a libertação do pobre e o favorecimento da justiça. Podemos perceber que a missão da fraternidade deve ser revigorada na justiça:

De maneira particular, a Igreja, enquanto sacramento de Cristo, é responsável por garantir e tutelar a todos os seres humanos uma condição digna de trabalho, moradia, educação, saúde, alimentação, saneamento etc. O Evangelho é eficaz à medida que ele se torna atitude concreta na preservação da vida, pois o maior mandamento é o amor doado e partilhado com próximo.³²⁵

Todavia é preciso reconhecer os perigos da idolatria do dinheiro e as implicações teológicas que isto pode acarretar. Com a mensagem do Dia Mundial do Pobre, o papa Francisco desenvolve uma teologia moral fazendo um discernimento acerca da globalização e da vida dos pobres. A vida contemporânea nos mostra um sistema de apego ao dinheiro e descarte dos pobres.

³²⁴ FRANCISCO, Mensagem para o V Dia Mundial dos Pobres.

³²⁵ SANTOS, T. M., Uma humanidade descartável? Um projeto Social chamado “Francisco”, p. 73.

Neste contexto, a mensagem do Dia Mundial dos Pobres de 2022 faz duas alusões importantes. A primeira, sobre os efeitos da Covid-19 sobre humanidade na pós-pandemia, em especial a observação da recuperação econômica. Sobre a oferta e a partilha, muito necessárias neste período, para gerar uma economia solidária. Deviam auxiliar a recuperação das diversas economias ao redor do mundo. O cristão deve se afastar dos diversos ídolos da riqueza do mundo, como o dinheiro e o apego aos bens materiais, para fomentar mais unidade e acesso à partilha. Assim, as necessidades do pobre não devem correr o risco de se tornarem ativismo, mas sim luta por uma justiça social, capaz de inserir os irmãos e irmãs nas dores dos mais sofridos.

A segunda urgência que chama a atenção de toda sociedade são as guerras eclodindo nesta segunda década do século XXI. O papa Francisco, em diversos momentos, através de seus discursos e catequeses, alerta sobre as consequências da guerra, que gera morte, destruição, abandono, escravidão e processo migratório. Além de acarretar o perigo de voltar à história do século passado, em que milhares de pessoas morreram ou perderam seus lares devido à guerra – “quantos pobres gera a insensatez da guerra!”³²⁶. Existem, neste tempo sombrio, diversas formas de violências, como nos apresenta na mensagem:

Milhões de mulheres, crianças e idosos veem-se constringidos a desafiar o perigo das bombas para pôr a vida a salvo, procurando abrigo como refugiados em países vizinhos. Entretanto, aqueles que permanecem nas zonas de conflito têm de conviver diariamente com o medo e a carência de comida, água, cuidados médicos e sobretudo com a falta de afeto familiar. Nestes momentos, a razão fica obscurecida e quem sofre as consequências é uma multidão de gente simples, que vem juntar-se ao número já elevado de pobres. Como dar uma resposta adequada que leve alívio e paz a tantas pessoas, deixadas à mercê da incerteza e da precariedade?³²⁷

Na mensagem de 2022 do Dia Mundial do Pobre, o papa Francisco faz a reflexão sobre o paradoxo da humanidade em meio às riquezas que o mundo oferece e as diversas desvantagens sociais. Porém, os efeitos dessa contingência de recursos provocam as limitações humanas. Estas afetam, sobretudo, o sentimento e o testemunho da Igreja para fazer superar no mundo a exclusão e desvalorização do outro. Na reflexão da VI mensagem, o papa recupera o amor de Jesus, trazido por Paulo, o amor que se fez pobre em favor da humanidade – mesmo sendo rico, se despojou totalmente. Com isso, somos conduzidos na mesma condição, em aceitar

³²⁶ FRANCISCO, Mensagem para o V Dia Mundial dos Pobres.

³²⁷ FRANCISCO, Mensagem para o V Dia Mundial dos Pobres.

o ensinamento do apóstolo e se deixar guiar pela experiência da pobreza que tinha Jesus para libertar os pobres da miséria e os levar à esperança.

Em 2023, Francisco apresenta a mensagem do Dia Mundial do Pobre fazendo-nos lembrar do Antigo Testamento, no livro de Tobias. Nesta mensagem, nos narra o projeto de Deus à Igreja que promove, em cada ser humano, a fidelidade à Palavra e aos mandamentos, fazendo descobrir a imensidão do mistério de Deus. Neste discernimento, se experimenta a nobre ação do projeto da Salvação inundar nossos sentidos para aquilo que é de urgência. Neste caso, a mensagem remete ao olhar de Tobias, que, fecundado por este amor, “descobre a própria pobreza, que o torna capaz de reconhecer os pobres”³²⁸.

Por isso, neste tempo de injustiça mundial, podemos então perceber que se faz necessário ir ao encontro do pobre e da pobreza, e fecundar-nos desse olhar de misericórdia e justiça, revelando o serviço autêntico ao Reino de Deus. A mensagem de 2023 lembra a encíclica *Pacem in terris*, do papa João XXIII, em que ele expõe os direitos que a humanidade precisa ter para uma satisfação em seu modo de vida, uma sobriedade que realiza com o necessário para a existência. Isso tem sido interrompido por uma desordem ética que marca uma crise política, social e econômica. O ano de 2023 chama nossa atenção para distinguir a necessidade da nossa “humanidade, do nosso coração aberto ao amor”³²⁹. Assim, o papa Francisco faz um grande apelo, discernindo que “nesta casa que é o mundo, todos têm direito de ser iluminados pela caridade”³³⁰.

4.3

Papa Francisco e o Jubileu Extraordinário da Misericórdia

Francisco, em 2015, no segundo ano de seu pontificado, com a intenção de fazer a Igreja viver mais a Misericórdia, escreveu a Bula *Misericordiae Vultus* – O Rosto da Misericórdia (MV), para proclamar um ano de Jubileu Extraordinário da Misericórdia. Esse texto não só convoca a Igreja, mas ajuda a sociedade, a refletir sobre o anúncio e a prática da misericórdia na vida cotidiana das pessoas. Um dos principais aspectos apresentados por ele na Bula mostra a “gravidade do pecado” (MV n. 3) na sociedade moderna e como deve ser a ação misericordiosa de Deus

³²⁸ FRANCISCO, Mensagem para o VII Dia Mundial dos Pobres.

³²⁹ FRANCISCO, Mensagem para o VII Dia Mundial dos Pobres

³³⁰ FRANCISCO, Mensagem para o VII Dia Mundial dos Pobres

para renovar na Igreja o desejo do perdão e da prática da misericórdia com os pobres.

Desta forma, temos o “contemplar o mistério da misericórdia” (MV n. 2) e o convite para a temática da misericórdia ser desenvolvida na sociedade, o que é “urgente não só para os cristãos, mas para toda a humanidade”³³¹, dispendo todos a fazerem um diálogo fecundo com a misericórdia e incentivando fazer uma “nova etapa na evangelização” (MV n. 4). A Bula MV levanta temas fundamentais da práxis da fé, revisitando temas como a esperança e a caridade. Esta temática é dinâmica e inspiradora, na qual a misericórdia aponta para uma relação fraterna e desempenha um papel de acolhimento para com os mais pobres.

O anúncio da misericórdia se dá pela presença a resgatar da dignidade da pessoa humana, mostrando ao mundo a face do Pai nas diversas situações e contextos nos quais precisam ser tocadas as realidades que precisam do compromisso da misericórdia. Assim, o papa Francisco considera que é preciso “abrir o coração àqueles que vivem nas mais variadas periferias existenciais” (MV n. 15). Assim, a mensagem da misericórdia precisa ser objetivo de uma aplicação concreta:

Daí a necessidade de obras de misericórdia. E os cristãos devem praticar obras de misericórdia. A Igreja é chamada a cuidar dos que sofrem. As obras de misericórdia são diversas. Algumas se enunciam como obras de misericórdia corporal e outras se enunciam como obras de misericórdia espiritual.³³²

As diversas obras de misericórdia traduzem a expressão do amor e transformam o anúncio evangélico em realidades concretas. Por isso, nas Igreja particulares, ao redor do mundo, com sua cultura e em cada região, as comunidades foram animadas para a misericórdia, pelo papa, por seus bispos, padres, religiosos e leigos, a terem misericórdia com “sentimentos de gratidão” (MV n. 4). E retomando costumes simples, mas com a essência da fé, e aplicando-se em várias obras, como vemos:

Entre as obras de misericórdia corporal, devemos: dar de comer aos famintos; dar de beber aos sedentos; vestir os nus; acolher os peregrinos; dar assistência aos enfermos; visitar os presos; enterrar os mortos. Entre as obras de misericórdia espiritual devemos: aconselhar os indecisos; ensinar os ignorantes; admoestar os

³³¹ CARDOSO, M. T. F., Diálogo da misericórdia: estudo sobre um tema da Bula *Misericordiae Vultus*, p. 601.

³³² CARDOSO, M. T. F., Diálogo da misericórdia: estudo sobre um tema da Bula *Misericordiae Vultus*, p. 605.

pecadores; consolar os aflitos; perdoar as ofensas; suportar com paciência as pessoas molestas; rezar pelos vivos e defuntos.³³³

Desta forma, a cultura da misericórdia durante todo aquele ano jubilar foi uma renovação de atitudes simples, mas profundas, de unidade e da beleza do rosto do Pai. O papa Francisco, com as diversas reflexões, audiências, homilias e catequeses oferecidas aos fiéis e à sociedade, ajudou muito a refletir sobre o diálogo da misericórdia. Esses temas estavam principalmente ligados às parábolas do Evangelho de São Lucas, destacando-se a do Samaritano e do Pai da misericórdia. Também se percebe o sentido que os textos catequéticos do papa refletem a experiência religiosa de São Francisco de Assis, destacando-se a dimensão da compaixão e da misericórdia. O papa, com o exemplo do santo e sua forma de viver a fraternidade, reitera a linguagem de cuidado e humildade.

Os leprosos em Assis estavam fora dos muros da cidade. São Francisco, quando jovem, não conseguia se encontrar com os leprosos, devido à exclusão, às feridas e ao completo abandono. Porém, ao encontrar-se com o Evangelho na prisão, fez uma mudança radical em sua maneira de ver o leproso. São Francisco, ao sair do cativeiro, encontra o leproso e o beija. O leproso, portanto, o cura de sua indiferença. Observamos isso em sua história, no profundo contato com sua própria condição de si: “O beijo do leproso fez entrar na vida o tema da repugnância vencida, da caridade para com os que sofrem, a novidade de ter o corpo como irmão. Então, também na vida de Francisco, o serviço para os mais infelizes, para os mais pequeninos”³³⁴.

Na ação da misericórdia, percebemos a abertura do papa Francisco à espiritualidade franciscana, e, por meio dela, assumimos o compromisso dado por Deus. Por conseguinte, resulta em melhor ação humana de cuidado para com os pobres. A misericórdia, portanto, é o agir de Deus na humanidade, convertendo na vida e na motivação das ações feitas no cotidiano. Essa pode ser uma abertura à conversão, como a que São Francisco experimentou ao mover-se, saindo si, ao encontro do leproso.

Podemos perceber, na experiência de São Francisco e na Bula MV, que o movimento de misericórdia leva a pessoa a experimentar o encontro com a

³³³ CARDOSO, M. T. F., Diálogo da misericórdia: estudo sobre um tema da Bula *Misericordiae Vultus*, p. 605.

³³⁴ LE GOFF, J., São Francisco de Assis, p. 67.

transcendência de Deus representada na existência humana, e assim encontrar na pessoa humana uma presença de finitude do Senhor. Por isso, o papa Francisco afirma, na Bula *MV*, que Jesus é o rosto da misericórdia. A história da salvação é revelada em Cristo. Esta revelação salvífica nos faz perceber que, através do pai misericordioso rico em misericórdia, Deus restaura a humanidade com seu projeto de amor e fé, dado pelo mistério do encontro com a pessoa que se dá em fidelidade a Ele:

Jesus Cristo é o rosto da misericórdia do Pai. O mistério da fé cristã parece encontrar nestas palavras a sua síntese. Tal misericórdia tornou-se viva, visível e atingiu o seu clímax em Jesus de Nazaré. O Pai, “rico em misericórdia” (Ef 2, 4), depois de ter revelado o seu nome a Moisés como “Deus misericordioso e clemente, vagaroso na ira, cheio de bondade e fidelidade” (Ex 34, 6), não cessou de dar a conhecer, de vários modos e em muitos momentos da história, a sua natureza divina. Na “plenitude do tempo” (Gl 4, 4), quando tudo estava pronto segundo o seu plano de salvação, mandou o seu Filho, nascido da Virgem Maria, para nos revelar, de modo definitivo, o seu amor. Quem O vê, vê o Pai (cf. Jo 14, 9). Com a sua palavra, os seus gestos e toda a sua pessoa, Jesus de Nazaré revela a misericórdia de Deus. (*MV* n. 1)

No ano do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, o papa Francisco apresentou várias catequeses sobre o tema da misericórdia, com o objetivo de expressar a ética do Evangelho e constituir bem-aventurança, formulando no mundo o sacramento do amor. O Jubileu Extraordinário da Misericórdia foi concluído no dia 20 de novembro de 2016 na festa de Jesus Cristo, Rei do Universo, com a publicação da Carta Apostólica *Misericordiae et misera*. Ao longo daquele ano, o papa Francisco foi inspirado por Walter Kasper, autor do livro *A misericórdia: condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*, que desenvolve a relação da misericórdia com a vida cristã e procura promover uma “cultura da misericórdia”.

No início do livro indicado acima, Walter Kasper comenta a importância de desenvolver na teologia sistemática o tema da misericórdia de Deus, como importante atributo de Deus: “É necessário repensar do princípio ao fim a doutrina sobre os atributos de Deus, concedendo à misericórdia divina o lugar que lhe pertence.”³³⁵ O livro mostra a misericórdia de Deus, na concepção metafísica de Deus, na relação entre justiça e misericórdia, e como elemento fundamental do Evangelho e para a prática da Igreja.

³³⁵ KASPER, W., *A misericórdia*, p. 23.

A misericórdia foi inspiradora para CF-2020, que trouxe a temática do texto bíblico da parábola do bom samaritano. A CF reconhece a importância da misericórdia para a Igreja, gerando simpatia, compaixão e solidariedade. A temática “viu, sentiu compaixão, e cuidou dele” (Lc 10, 33-34) está no centro da mensagem da misericórdia. Nela, vemos o desejo de Deus em apresentar o amor trinitário e encarnado, revelado na atitude de se dar ao outro em diálogo. Assim, segundo Kasper, a linguagem da misericórdia deveria se tornar urgente no estudo teológico sistemático. Ele observa que este aprofundamento está esquecido, e se deveria mostrar como importa avançar na direção de uma “cultura da misericórdia”:

Pode-se constatar que a misericórdia, que é tão fundamental na Bíblia, ou caiu largamente no esquecimento na teologia sistemática, ou é tratada apenas de forma muito pouco cuidada. Nestas questões, como em tantas outras, a espiritualidade e a mística vão muito adiante da teologia acadêmica. Assim, o presente texto propõe-se estabelecer a ligação entre a reflexão e as considerações espirituais, pastorais e sociais com o intuito de propiciar uma cultura da misericórdia.³³⁶

A Igreja é chamada por Deus a ser sacramento da misericórdia. Esse chamado, no qual ela é constituída pela manifestação kenótica do dom de Cristo, se faz pelo dom do amor divino realizado no seu amor que é comunicado. Isso acontece de modo especial nos sacramentos. Nesta ação kenótica, advinda do centro da vida de Cristo, nasce a potencialidade do conhecimento da verdade, que é gerada no testemunho da caridade. Por isso, a Igreja, que é sacramento, é chamada para a humildade e assume esse papel quando reconhece que precisa exercer o mandato de Cristo, conferindo o anúncio e a misericórdia. Assim, faz o diálogo nas diversas fronteiras que precisam ainda ser trilhadas como lugares ainda a serem evangelizados, ou, ainda, exercendo sempre a misericórdia. Pode-se também perceber que a misericórdia não só acontece entre os católicos, mas é chamada para ser exercida no mundo pelos outros cristãos e pelas pessoas todas. Nesse contexto, a Igreja ajuda o mundo quando realiza “obras de amor e misericórdia”³³⁷.

O papa Francisco, no ano da misericórdia, recordava sempre a Igreja ao aproximar-se dos textos da Sagrada Escritura, principalmente das narrações do Novo Testamento, em especial dos textos lucanos. Nesses textos, desejava que os fiéis fossem motivados a se inserirem no lema do ano da misericórdia: “Misericordiosos como o Pai” (Lc 6, 36). Nesse lema, temos a força do chamado a

³³⁶ KASPER, W., La Iglesia de Jesus Cristo. Escritos de eclesiologia, p. 9.

³³⁷ KASPER, W., La Iglesia de Jesus Cristo. Escritos de eclesiologia, p. 165.

nutrir os fiéis com a Palavra e os capacitando a serem missionários da misericórdia. A ação da misericórdia é reconhecida na caridade solidária refletindo-se na vida em fraternidade.

Em uma das catequese dirigidas naquele ano, o papa deixa-nos perceber que a misericórdia de Deus deve ser uma união entre a boa-nova e uma proposta missionária, em que se garante o crescimento da vontade de acolher todos pelo dom do amor:

A misericórdia que recebemos do Pai não nos é dada como uma consolação individual, mas torna-nos instrumentos a fim de que também outros possam receber o mesmo dom. Há uma circularidade admirável entre a misericórdia e a missão. Viver de misericórdia torna-nos missionários da misericórdia, e ser missionários permite-nos crescer cada vez mais na misericórdia de Deus. Portanto, levemos a sério o nosso ser cristão, comprometendo-nos a viver como crentes, porque só assim o Evangelho pode comover o coração das pessoas e abri-lo para receber a graça do amor, para receber esta grande misericórdia de Deus que acolhe todos.³³⁸

As catequese nos lembram muitas ideias anteriores, dos papas João Paulo II e Bento XVI, além de conterem a doutrina social, destacando o papel social e ético em que se deve promover a necessidade básica para todo ser humano. Desta maneira, se percebe que um outro papel da misericórdia é ter uma consciência solidária e participativa na sociedade, traduzindo as ideias do Evangelho em uma construção que revele o compromisso do rosto da misericórdia de forma testemunhal. Ao ver o mundo com as diversas demandas sociais, se pode perceber que muitos tendem ao fechamento e outros procuram abrir-se para a demanda da misericórdia. Estes reconhecem que é preciso avançar para a ajuda ao outro. A realidade do fechamento precisa ser vencida. Existem necessidades humanas que pedem misericórdia. Percebemos isso na catequese do papa Francisco:

É por isso que, entre as obras de misericórdia, encontramos a referência à fome e à sede: dar de comer aos famintos — há muitos hoje em dia — e de beber aos sedentos. Quantas vezes os meios de comunicação informam sobre populações que sofrem por falta de alimentos e de água, com graves consequências, especialmente para as crianças.³³⁹

No ano do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, o papa Francisco, ao observar a dinâmica da sociedade com suas situações e crises econômicas, indicou a necessidade de que urgências sociais se convertessem em questões objetivas. Com isso, os cristãos seguem uma experiência sensível do discernimento em Jesus

³³⁸ FRANCISCO, Audiência Geral, 30 de janeiro de 2016.

³³⁹ FRANCISCO, Audiência Geral, 19 de outubro de 2016.

Cristo. As obras de misericórdia conferem e proporcionam um legado social, colocando a Igreja em um papel de não tranquilidade perante esses desafios. Então percebemos que “não há como conformar-se aos sentimentos de Jesus sem [assumir] opções que ele fez”³⁴⁰.

O papa Francisco, nas diversas catequeses no ano da misericórdia, recomendava aos cristãos e à sociedade o cuidado e a ética do encontro com aqueles que estão em necessidade, buscando sanar suas dores. Percebe-se uma preocupação com respostas “assistenciais imediatas, porque não podem esperar”³⁴¹, nas diversas formas de mostrar as realidades de misericórdia.

Na parábola do Bom Samaritano, ao trazer o conteúdo catequético, o papa apresenta a dinâmica do cuidado daquele que se envolve por amor ao outro sendo mais do que uma ajuda, mas uma presença marcada pela misericórdia. Por isso, todos os cristãos são convidados a influenciar a sociedade com esta mensagem apostólica missionária, servindo ao outro de forma a envolver-se pelo cuidado e amor. Observa-se a ternura como elemento essencial. Francisco mostra aos cristãos que a ajuda não deve ter condições. No exemplo de Jesus, “a misericórdia configurou toda a sua vida e missão, embora não tenha sido ela a única virtude exercida por Ele”³⁴².

A Igreja, com o papa Francisco, é convocada a seguir a radicalidade do Evangelho anunciado e testemunhado, com a sensatez de se pôr a serviço, sendo motivada diariamente em uma preocupação motriz – movimentar as diversas realidades distantes, desvalorizadas e descartadas, para uma essência comum que é a misericórdia. Portanto, existe o caminho de conversão, em que a Igreja se apresenta na sociedade com o testemunho do Evangelho:

Quanto à Conversão Pastoral, lembro que “pastoral” nada mais é do que o exercício da maternidade da Igreja. Ela gera, amamenta, faz crescer, corrige, alimenta, conduz pela mão (...). Por isso, faz falta uma Igreja capaz de redescobrir as entranhas maternas da misericórdia. Sem a misericórdia, poucas possibilidades temos hoje de inserir-se em um mundo de “feridos”, que têm necessidade de compreensão, de perdão, de amor.³⁴³

³⁴⁰ ZACHARIAS, R.; O cuidado com os mais frágeis como desafio ao pensamento e a ação social da Igreja, p. 49.

³⁴¹ SILVA, A. F. F.; CRUZ, A. A.; MATOS, P. F. R.; QUEIROZ, P. P. E., Por uma ética social da misericórdia, p. 83.

³⁴² SILVA, A. F. F.; CRUZ, A. A.; MATOS, P. F. R.; QUEIROZ, P. P. E., Por uma ética social da misericórdia, p. 82.

³⁴³ FRANCISCO, Discurso ao episcopado brasileiro – Visita Apóstolica do Papa Francisco ao Brasil MJM.

A Igreja, sendo a imagem do Cristo pobre, deve acompanhar e estar presente junto aos necessitados e agir com compaixão, saindo de si mesma e tendo “uma ética que dê centralidade à misericórdia e impulsione todos aqueles que partilham dos mesmos valores a assumir com atitudes concretas o serviço da misericórdia”³⁴⁴. Na cultura da misericórdia pronunciada e vivida pelo papa Francisco naquele ano da misericórdia, ele desejou que toda a Igreja pudesse abrir os olhos aos constantes desafios e pudesse superar as dificuldades do mundo com o Evangelho.

Na vida do cristão, temos a busca de conversão e testemunho. Deve haver um modo inclusivo de curar as diversas mazelas que se percebem nas relações humanas. Viver valores éticos e morais, agindo com a dignidade do cuidado e do zelo, a fim de garantir os direitos integrais do ser humano são alguns, como percebemos:

É dessa concepção que deriva a obrigatoriamente da defesa e tutela dos direitos necessários, inclusive de denúncia de qualquer ação que venha a negar, abolir, impedir ou desrespeitar qualquer um desses direitos. E a justiça é centro dessa prática, pois é ela que avalia e tutela a dignidade do ser humano, regulando a reciprocidade de direitos e deveres entre os cidadãos.³⁴⁵

Os seres humanos, criados à imagem e semelhança de Deus, participam de uma relação com o Criador, e assim vivem uma relação integral com as pessoas de modo a cuidarem um dos outros e zelarem pelas criaturas. A misericórdia não envolve apenas o ser humano, mas engloba os demais seres da Criação, na relação de cuidado.

A questão da misericórdia, envolvendo a justiça e a ética com a Criação, é proposta pelo papa Francisco, revelando que a crise presente no Planeta é um convite de uma “perspectiva antropológica, cosmológica e ética, que busque inserir reflexão teológica diante de novas exigências tanto para fé como para razão”³⁴⁶. Este movimento ético do cuidado faz um movimento positivo da realidade diante do Criador e da criatura, pois o ser humano muda o comportamento, e “cuidar da criação é cuidar da vida humana, da vida de todas as criaturas, para que todos tenham vida em abundância”³⁴⁷.

³⁴⁴ FRANCISCO, Discurso ao episcopado brasileiro – Visita Apóstolica do Papa Francisco ao Brasil JMJ.

³⁴⁵ ZACHARIAS, R.; MANZINI, R., A Doutrina Social da Igreja e o com os mais frágeis, p. 34.

³⁴⁶ FERNANDES, L. A.; GRENZER, M., Dança ó Terra!, p. 29.

³⁴⁷ SILVA, A. F. F.; CRUZ, A. A.; MATOS, P. F. R.; QUEIROZ, P. P. E., Por uma ética social da misericórdia, p. 90.

O papa Francisco, na Carta Apostólica *Misericordia et Misera*, ao final do ano extraordinário jubilar da misericórdia, convoca a Igreja a compreender o amor de Deus na experiência profunda do Evangelho, constituindo um legado pastoral. A proposta evangelizadora, tendo como fundamento o encontro de Jesus com mulher adúltera, como chave de leitura da carta, nos faz compreender a sutileza de Cristo que se abre ao diálogo do perdão para todos que assim o desejem. O amor de Deus está revelado no encontro significativo do perdão de Cristo para a mulher adúltera. Nesse texto, temos então a compreensão da misericórdia como cura da dignidade perdida daquela mulher, resgatando-a da marginalidade.

Por isso, o valor dessa ação central do amor-doação-de-perdão, é como um “fermento que faz levedar a massa (Mt 13,33), e como o grão de mostarda que transforma em árvore (Lc 13,19)” (MM n. 19). Assim, o documento *Misericordia et Misera* mostra que toda pessoa humana a receber o perdão retorna ao sentido original de sua dignidade humana. Esse ato de gratuidade do amor de Deus faz-nos entender que “a misericórdia é esta ação concreta do amor que, perdoadando, transforma e muda a vida” (MM n. 2).

A Carta *Misericordia et Misera* resgata também uma síntese, de maneira pedagógica, para que possam ser vividos melhor a misericórdia, o perdão e a superação dessas condições de pobreza: trata-se de uma cura, a de depender da misericórdia e de ser misericordioso. O documento mostra diversos traços de sentimentos, tristezas, melancolias, angústias e enfermidades psicológicas, e que o perdão motiva momentos de alegria e aprendizado. Por isso, se faz necessário um diálogo de misericórdia, para doar e receber perdão, que suscita nova alegria e leva a também ser misericordioso:

A misericórdia suscita *alegria*, porque o coração se abre à esperança duma vida nova. A alegria do perdão é indescritível, mas transparece em nós sempre que a experimentamos. Na sua origem, está o amor com que Deus vem ao nosso encontro, rompendo o círculo de egoísmo que nos envolve, para fazer também de nós instrumentos de misericórdia (MM n. 3).

4.4

Papa Francisco junto aos jovens por uma renovação do sistema econômico-social

O papa Francisco, em 2018, convocou o sínodo dos bispos com o objetivo de refletir sobre a urgência da condição social e religiosa dos jovens. As percepções

dialogadas e vistas pelos participantes estão contidas na exortação pós-sinodal *Christus Vivit*.

Na introdução da exortação, percebe-se toda a preocupação do sínodo – e do pontificado de Francisco – em apresentar aos jovens o caminho do Evangelho, e proporcionar a esperança, indicando que Cristo vive sempre presente na vida dos jovens. As convicções da fé encorajam também a buscarem sonhos, projetos, vocação e futuro profissional.

O diálogo do documento entre os jovens, a Igreja e a sociedade permite estimular os fiéis a fomentar o discernimento eclesial visando contribuir nesta difícil etapa da vida, tão importante para o crescimento da autoestima e dos valores morais e éticos. O sínodo teve a preocupação de recordar questões importantes que permeiam a reflexão antropológica, espiritual e psicológica a respeito da juventude global.

A juventude mundial deve estar sobre o cuidado pastoral e antropológico da Igreja. Assim, no texto da exortação, temos as diversas formas de exclusões que recaem sobre os jovens na modernidade, sobretudo nas cidades e nas periferias, em que acontecem diversas formas de violência social. Esta crise social apresenta um difícil trabalho para o desenvolvimento das ações pastorais, com as diversas formas de dialogar no mundo com os jovens. A ação da missão eclesial requer criatividade sem perder o carisma do Evangelho. Observamos as diversas violências e medos em que vivem os jovens em seus contextos familiares, mas também nas escolas, universidades e outras situações. Diante deste olhar, o sínodo descreve as possibilidades de ações pastorais que podem servir para inserir a Igreja na vida dos jovens e fazê-los sonhar e ter esperança no mundo.

Assim, as diversas urgências e as percepções do sínodo são nomeadas, para mostrar uma crise de sentido. Os jovens são as maiores vítimas dessa crise, apesar de muitos adultos ainda passarem por momentos dessa crise. Temos que “muitos jovens são ideologizados, usados e aproveitados como bucha de canhão ou como força de choque para destruir, intimidar ou ridicularizar os outros” (ChV n. 72), vivendo uma vida com pensamentos e “comportamentos negativos” (ChV n. 72). Portanto, vemos as diversas formas de egoísmos e individualismos, na vida da juventude, sendo recorrentes nessa crise de sentido, levando a não encontrem saída para suas vidas, ocasionando uma vida de “delitos e violências: crianças-soldados, milícias armadas e criminais, tráfico de drogas, terrorismo” (ChV n. 72).

O teólogo Dom Joel Portela analisa a tendência da sociedade em buscar projetos que impactam a lógica do mundo e busquem novos rumos para viver o futuro. Ao tratar de temas urgentes, o sínodo vem perceber estas causas que provocam as mudanças. Por isso, precisa ser apresentada para a sociedade uma via de uma nova evangelização. A juventude precisa de uma formação espiritual catequética, que a acompanhe no desejo de agir com opiniões, colocações, apresentando valores humanos para viverem no mundo, cumprindo o seu dever social de ser uma juventude com um olhar no presente e na construção de um futuro:

Se, em outras épocas, encontrávamos jovens com suas camisas, boinas e jeans “enfrentando canhões”, atualmente encontramos jovens com vestes religiosas de estilo medieval, com silícios e similares, enfrentando batalhas com a espada de S. Miguel. Não são – precisamos perguntar – formas diferentes da mesma atitude de busca e empenho pelo aqui tão destacado mundo diferente? É certo que, a partir do lugar sociocultural e teológico em que cada um se encontra, a resposta será diferenciada. É, todavia, igualmente certo que, tanto em razão de estarmos diante do ser humano quando em virtude da necessária isenção acadêmica, devemos aprofundar na compreensão desses fatos humanos e sociais, ultrapassando leituras mais imediatistas, com o risco de serem até mesmo preconceituosas e não leais ao real.³⁴⁸

O sínodo faz referência ao ambiente digital, provocando que se percebam as consequências que a tecnologia pode provocar na juventude. Este lugar sem endereço prévio e desconhecido para quem o navega. Acontecem ali relacionamentos, mesmo com desconhecidos, que não dialogam com a realidade. A vida pessoal começa a ser exposta em lugares e situações, em muitos casos desconfortáveis, gerando crises psicológicas. A *web* é um local que propicia as instabilidades e conseqüentemente a solidão – a perda da realidade resulta na fuga dos diálogos. O sínodo busca retomar esse diálogo com jovens e “ajudar o intercâmbio das individualidades”³⁴⁹ e o crescimento das capacidades e de suas experiências. Reconhece, ainda, a contradição do ambiente virtual e busca capacitar pastoralmente a Igreja a exercer o papel de acompanhar e ajudar que os jovens sejam testemunhas de suas capacidades relacionais no meio virtual no que são fortemente conhecedores.

Desta maneira, o papa Francisco, a partir da busca pela individualidade do jovem, deseja construir uma identidade integral do sujeito, tão importante no seu pontificado, não apenas na agenda ambiental, mas também na antropológica. A

³⁴⁸ AMADO, J. P., Aspecto antropológicos para a evangelização junto às Juventudes, p. 45.

³⁴⁹ AMADO, J. P., Aspecto antropológicos para a evangelização junto às Juventudes, p. 51.

mesma condição de cuidado é vista também para a pessoa do jovem, que pode ser influenciado para uma maneira nova de encarar a realidade. Consequentemente fomentar políticas de ajuda de forma global – e cooperar na ação pastoral das urgências de um mundo que precisa do conhecimento e do ideal da juventude.

Assim, a ecologia integral está relacionada na construção do indivíduo, e neste caso, dos jovens. Ao aproximar-se de suas feridas, a Igreja procura recuperá-los e “desenvolver força e esperança” (ChV n. 1). E só através do encontro com a pessoa de Jesus Cristo, como nos afirma a exortação *Christus Vivit*, é possível hoje “fazer essa síntese entre o pessoal, o próprio de cada cultura e o global. Mas isso requer que eles consigam passar do contato virtual para uma comunicação boa e saudável” (ChV n. 90).

Em 2022, o papa Francisco escreveu a Carta convite do evento “Economy of Francesco”, chamando jovens economistas, empresários e empresárias do mundo inteiro para estudarem formas de “reanimar a economia”³⁵⁰. O primeiro encontro aconteceu de forma remota, entre os dias 26 e 28 de março, na cidade de Assis, na Itália, reunindo cerca de 20 mil jovens de mais de 115 países. A organização do evento ficou a cargo da Diocese de Assis, o instituto Seráfico dos Franciscanos de Assis e a Economia de Comunhão – movimento ligado ao segmento católico de classe média Focolares³⁵¹.

Os jovens foram motivados pelo papa a estudarem uma economia para o mundo, de forma que fosse mais humana e, desta forma, constatar que a economia de mercado vigente na sociedade não é solidária e fraterna, pois fere a ética e as relações humanas. Assim, convidou os jovens estudantes economistas a formularem alternativas para a construção de uma economia diferente, que tenha como centro o pobre, não visando o lucro do mercado capitalista.

O exemplo de São Francisco, o amor pela pobreza, que o fez reconhecer na pessoa humana o mesmo amor sentido por Cristo, fez deste o caminho de sua conversão. Esta dinâmica do santo é a proposta do encontro, fortalecer nos jovens uma capacidade pessoal e comunitária de transformar os rumos da sociedade. O papa chamou este momento de “pacto”, em que, juntamente com os jovens e os seus principais documentos como a *Laudato Si'* e a *Fratelli Tutti*, os convoca a perceberem os valores ambientais e fraternos, esquecidos no mundo global. Afirma

³⁵⁰ FRANCISCO, Carta do Papa Francisco para o evento “Economy of Francesco”.

³⁵¹ FRANCISCO, Carta do Papa Francisco para o evento “Economy of Francesco”.

que é preciso discernimento diante das diversas ameaças mundiais que precisam ser combatidas, com uma relação com as dimensões social, relacional e espiritual.

O autor Luigino Bruni afirma, em entrevista sobre o evento da “Economy of Francesco”, a importância da ética e o respeito às relações humanas e a observação da pobreza como algo fundamental a ser revisto neste momento da sociedade. Diz que esse encontro apresenta uma sobriedade da pobreza capaz de gerar uma igualdade e um ideal de fraternidade entre aqueles que estarão dispostos a colaborar com a iniciativa do papa Francisco. Eis aqui um trecho dessa entrevista:

Hoje não podemos mais considerar a ética ambiental como um vínculo a ser respeitado, um custo a ser mantido; a ética ambiental deve se tornar diretamente economia. Depois o tema do meio ambiente, o tema da paz e o tema dos pobres: a pobreza não é uma maldição. Hoje existe um grande tema em torno disso. Hoje, como você disse, a ideia arcaica de que os pobres são culpados e amaldiçoados está voltando com grande força. Então, diremos que, em vez disso, o pobre não é amaldiçoado, é apenas desafortunado, mas também que existe uma dimensão de pobreza como compartilhamento da vida, como providência, como entrega aos outros, como gratuidade. Essa pobreza não é algo ruim. Portanto, existe uma pobreza como sobriedade, como libertação das mercadorias para escolher os bens, que é algo muito importante em um tempo como o nosso, no qual devemos revisar completamente a ideia de desenvolvimento que não pode mais estar ligada à acumulação das coisas, de mercadorias, de “objetos”, mas deve estar ligada ao acúmulo de relações, de gratuidade, de reciprocidade.³⁵²

Este “pacto” deve ser urgente e, ao mesmo tempo, desenvolver tarefas importantes que precisam ser estudadas conjuntamente, com um compromisso sério e sem poses ideológicas, fomentando o desenvolvimento técnico com sustentabilidade, em que todos possam usufruir desses mecanismos econômicos. É preciso pensar não de forma isolada, mas sempre com os pobres. A economia deve ser estudada e pensada com os pobres, e ser desenvolvida em vista de uma ética a favor da vida humana, libertando das diversas escravidões, tais como as políticas de mercado consumistas tão nocivas, principalmente aos mais pobres. Portanto, essa economia tem como viés o desenvolvimento humano integral, capaz de profetizar e programar o desenvolvimento de um futuro promissor, na relação espiritual, antropológica e social. Assim, o “pacto” tem como objetivo apresentar medidas ao desenvolvimento de valores sustentáveis a respeito da “casa comum”:

Não podemos continuar a adiar certos assuntos. Esta tarefa enorme e inadiável exige um compromisso generoso na esfera cultural, na formação acadêmica e na investigação científica, sem nos perdermos em modas intelectuais nem em poses ideológicas — que são ilhas — que nos isolam da vida e do sofrimento concreto do povo. É tempo, queridos jovens economistas, empresários, trabalhadores e dirigentes

³⁵² BRUNI, L., Os trabalhos em andamento para o evento “A economia de Francisco”.

empresariais, é tempo de ousar o risco de fomentar e estimular modelos de desenvolvimento, progresso e sustentabilidade em que as pessoas, e especialmente os excluídos (e entre eles, também a irmã terra), deixem de ser – no melhor dos casos – uma presença meramente nominal, técnica ou funcional para se tornar protagonistas das suas vidas, assim como de todo o tecido social.³⁵³

A cidade de Assis foi o lugar escolhido para ser a sede do encontro “Economy of Francesco”. São Francisco nasceu nessa cidade, em que aconteceram diversos eventos de sua conversão – e esses foram os motivos para sediar o evento. A dimensão que mais inspira, e que deve ser inspiradora nos estudos dos jovens, é o ideal de pobreza, que São Francisco viveu com despojamento e simplicidade. Ele deixou a sua vida como parte da burguesia, do conforto com os pais, se despojou de suas vestes, renunciando aos bens, para viver exclusivamente o chamado que Deus lhe fez – viver a favor dos mais frágeis e servir.

Outro fato importante é o movimento da entrega de Francisco, diante do Crucifixo de São Damião, quando o Senhor o chama para reconstruir a Igreja, pois ela “está em ruínas”³⁵⁴. São Francisco decide se envolver na reforma das igrejas de Assis e aos poucos vai discernindo que este chamado tem a ver em resgatar almas à Igreja.

Assim, reparar a Igreja é um chamado de toda sociedade e, desta forma, mais uma inspiração aos jovens vinda de São Francisco. Os jovens são chamados a rever o modo e as exigências do bem comum, e se seus valores são de construção de uma sociedade ética, solidária, fraterna, que não visam o lucro, mas estão disponíveis à igualdade e ao serviço do bem comum. Assim, diz o papa aos jovens: “como vosso o desejo de um porvir bom e jubiloso, já sois a profecia de uma economia atenta à pessoa e ao meio ambiente”³⁵⁵. O papa Francisco menciona o dever da construção de uma nova economia que pode reparar princípios antigos que não foram bons:

Por conseguinte, é preciso corrigir os modelos de crescimento incapazes de garantir o respeito pelo meio ambiente, o acolhimento da vida, o cuidado da família, e equidade social, a dignidade dos trabalhadores e os direitos das gerações vindouras. Infelizmente, ainda não foi ouvido o apelo a tomar consciência acerca da gravidade dos problemas e sobretudo a pôr em prática um modelo econômico novo, fruto de uma cultura da comunhão, baseado na fraternidade e na equidade.³⁵⁶

³⁵³ FRANCISCO, Visita a Assis por ocasião do evento “Economy of Francesco”.

³⁵⁴ FRANCISCO, Carta do Papa Francisco para o evento “Economy of Francesco”.

³⁵⁵ FRANCISCO, Carta do Papa Francisco para o evento “Economy of Francesco”.

³⁵⁶ FRANCISCO, Carta do Papa Francisco para o evento “Economy of Francesco”.

Assis é lugar onde o papa mostra ao mundo o desejo de um “modelo econômico novo, fruto da comunhão, baseado na fraternidade e na equidade”³⁵⁷. Ele convida os jovens, frutos dessa esperança, a basearem suas vidas na conversão de São Francisco. Esses jovens e a sociedade são “chamados a rever nossos esquemas mentais e morais, para que estejam em conformidade com os mandamentos de Deus e com as exigências do bem comum”³⁵⁸.

Assis também foi sede do encontro com líderes religiosos, no pontificado de João Paulo II, buscando uma cultura de paz que o homem de Assis mostrou ao mundo. Por isso, o encontro “Economy of Francesco” também tem a motivação de aproximação das várias realidades e visões, somando conhecimento e experiência, e permitindo serem abertas vozes para um caminho de futuro de paz na sociedade. “Por isso que vamos a Assis: para lembrar que a pobreza é um tema importante da economia atual, que não está resolvendo a pobreza, mas está aumentando as desigualdades”³⁵⁹.

A Carta de convocação para o primeiro evento “Economy of Francesco” busca incentivar os jovens à mudança de paradigma, a terem como inspiração o jovem São Francisco e a refletirem sobre o seu despojamento e o seu olhar os outros, seus sentimentos de paz, fraternidade, justiça, diálogo e renúncia. As urgências presentes são convites a esses jovens a dialogarem e assumirem, em seus países, uma economia diferente, solidária e de comunhão. Essa economia deve ser de mudança, permitindo traçar novos caminhos e abrir horizontes, ter novos estilos de vida, sobretudo na sobriedade, gerando novos modelos de produção e serviço, e fazer com que as estruturas envelhecidas possam ser transformadas. Além disso, externar o desejo do papa Francisco pelo cuidado do planeta, apresentando políticas sociais e econômicas que visem a sustentabilidade.

A cultura do descarte é outra grande preocupação no encontro. O papa Francisco deseja que os jovens vençam as diversas formas de escravidão, sem esquecimento das realidades que os cercam. Os estudantes precisam ser mergulhados em suas realidades sociais e não esquecer que fazem parte de uma

³⁵⁷ FRANCISCO, Carta do Papa Francisco para o evento “Economy of Francesco”.

³⁵⁸ FRANCISCO, Carta do Papa Francisco para o evento “Economy of Francesco”.

³⁵⁹ BRUNI, L., Os trabalhos em andamento para o evento “A economia de Francisco”.

sociedade que sofre; por isso, os jovens são chamados a restaurar as feridas contidas no mundo, com uma “economia justa, sustentável e solidária”³⁶⁰.

O modelo de uma economia alternativa deve ser criado para que possa ser um mecanismo de engajamento global, aliando forças e corrigindo exclusões na “nossa casa comum, a nossa irmã Terra Mãe, como Francisco chama no seu Cântico do Irmão Sol”³⁶¹. O papa Francisco tem “a sua preocupação com os pobres, sua insistência na centralidade dos pobres na vida e missão da Igreja”³⁶². Por isso, o desejo deste evento é ter uma profecia de uma economia pensada a partir dos jovens, em Assis, com São Francisco:

evento que me permita encontrar-me com quantos estão a formar-se e começam a estudar e a pôr em prática uma economia diferente, que faz viver e não mata, inclui e não exclui, humaniza e não desumaniza, cuida da criação e não a devasta. Um acontecimento que nos ajude a estar unidos, a conhecer-nos uns aos outros, e que nos leve a estabelecer um “pacto” para mudar a economia atual e atribuir uma alma à economia de amanhã.³⁶³

Nesta proposta, a Igreja reafirma o seu convite à experiência de São Francisco. O seu modo particular reacende o cuidado e atenção aos mais frágeis, despojamento e restauração de uma ecologia. Francisco, o papa, através desse chamado, mostra o seu comportamento e articulação, e todo seu coração voltado à misericórdia, sobretudo aos povos mais sofredores da Terra. Este encontro em Assis, lugar místico e ao mesmo tempo local de mudança e de ruptura, tendo como ícone a santidade de São Francisco de Assis, faz dali um lugar de mudanças para um mundo que precisa tornar-se mais afetuoso com o cosmo e com outros.

No encontro que reuniu os jovens em Assis no ano de 2022, o papa Francisco chamou a atenção sobre a instabilidade espiritual. Afirma que o principal capital a ser desenvolvido para uma sociedade ter sentido é ser semelhante a Deus. As diversas religiões fizeram com que muitos fossem em busca de sentido para suas vidas, encontrando, em muitos casos, “sofrimentos, frustrações, desilusões e lutos”³⁶⁴.

Na experiência no Brasil, temos a mobilização e articulação com os jovens que participaram – junto a outros do mundo inteiro e com o papa Francisco – do evento. Este grupo se reuniu pela primeira vez em 2019, na PUC-SP e hoje já conta

³⁶⁰ FRANCISCO, Visita a Assis por ocasião do evento “Economy of Francesco”. Discurso.

³⁶¹ FRANCISCO, Carta do Papa Francisco para o evento “Economy of Francesco” .

³⁶² AQUINO JUNIOR, F., Os pobres e a pobreza como carisma fundante da Igreja de Jesus, p. 214.

³⁶³ FRANCISCO, Carta do Papa Francisco para o evento “Economy of Francesco”.

³⁶⁴ FRANCISCO, Carta do Papa Francisco para o evento “Economy of Francesco”.

com a ajuda da CNBB e tem reuniões agendadas para estudar temas importantes, e colabora o bispo Dom Joaquim Mol, da Arquidiocese de Belo Horizonte. A proposta do papa Francisco traz uma mobilização global e no Brasil se veem algumas iniciativas, primeiramente o nome escolhido: “Economia de Francisco e Clara” – a importância de São Francisco em fazer eco a uma “ecologia integral”; também Santa Clara como disponível à missão e ao despojamento, e o convite às mulheres a fazerem parte desse processo de estudo sobre a economia solidária.

No encontro da versão brasileira, foram abordados quatro temas importantes: “renda básica, a economia solidária, orçamento participativo e a dimensão da espiritualidade”³⁶⁵. O direito a estes pilares implicaria a aplicação de valores constitutivos como importantes na vida de uma justiça social e o fim de uma pobreza extrema, retirando trabalhos escravos e salários baixos, proporcionando “princípios igualitários e democráticos”³⁶⁶ a todas as pessoas. Por isso, é importante repensar sobre o que vem sendo aplicado no capitalismo, nas ideias neoliberais sobre o consumo e produção. Tais ofertas e lucros não são justos em relação às pessoas com rendas inferiores. O encontro procurou reacender essa atenção a um mundo consumista e global que, em muitos aspectos, tem indícios contraditórios ao bem humano. A dimensão da espiritualidade é a dimensão que está em todo o processo do encontro, mas que deveria ser mais efetiva, não apenas naquele momento, mas em toda a extensão das problemáticas levantadas pelos jovens economistas e debatidas pelos princípios éticos do Evangelho a toda sociedade global.

³⁶⁵ SOUZA, A. R. de, Pilares da Economia de Francisco e Clara e o enfrentamento da profunda crise, p. 373.

³⁶⁶ SOUZA, A. R. de, Pilares da Economia de Francisco e Clara e o enfrentamento da profunda crise, p. 375.

5

Destaques do magistério do Papa Francisco na direção da Pobreza evangélica e Sobriedade feliz

Para destacar os pontos principais do magistério do papa Francisco na direção da Pobreza evangélica e da Sobriedade feliz, o presente capítulo toma os seguintes documentos papais: toma como base a Exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, com a direção da atenção aos frágeis e ao diálogo social; depois, a Exortação apostólica *Gaudete et Exultate*, com as bem-aventuranças da pobreza; destaca a Carta Encíclica *Laudato Si'*, para o cuidado da casa, com a sobriedade feliz; a Exortação apostólica *Querida Amazônia* e os sonhos de fraternidade – social, cultural, ecológica e eclesial; e a Carta Encíclica *Fratelli Tutti* na solidariedade com os povos e a criação e para a paz.

5.1

Exortação apostólica *Evangelii Gaudium* e sua atenção aos frágeis e ao diálogo social

A Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* – A alegria do Evangelho – é datada de 24 de novembro de 2013, primeiro ano do pontificado do papa Francisco, sendo esse documento um marco na Igreja. Na exortação, temos os caminhos que serão motivados na Igreja para a forma de conduzir os processos de evangelização, a partir da alegria encontrada no Evangelho.³⁶⁷

No documento EG, há diversas recomendações advindas do Evangelho, no contínuo processo de diálogo com a sociedade, mantendo-se a fidelidade ao Evangelho. O papa Francisco faz uso de nova linguagem, mais acessível, sendo também sóbria. Retoma vários aspectos do Documento de Aparecida. Pela linguagem, mais popular, torna mais fácil compreender o Evangelho hoje. Evita, assim, certos afastamentos que se fazem – seja por motivo religioso, seja político, embora também indique atitudes que tenham influência religiosa e até política na condução do mundo com responsabilidade. Mesmo expresso em uma forma de linguagem simples, traz uma profunda aplicação do Evangelho, apresentando uma evangelização ao mesmo tempo inculturada e com uma mística popular. O desejo

³⁶⁷ FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, n.1.

do papa é uma Igreja que esteja ligada ao povo e promova o bem comum, sem que a igreja fique fechada ao mundo:

O verbo posto no centro da reflexão é “sair”. Que as Igrejas tenham em todos os lugares “as portas abertas” para que todos aqueles que estão em busca não encontrem “a frieza de uma porta fechada”. As portas dos sacramentos também nunca devem se fechar. A própria eucaristia “não é um prêmio para os perfeitos, mas um remédio generoso e um alimento para os fracos”. Isso determina “também consequências pastorais, que somos chamados a considerar com prudência e audácia” (47). Muito melhor uma Igreja ferida e suja, que sai pelas ruas, do que uma Igreja prisioneira de si mesma. Que não se tenha medo de deixar-se inquietar pelo fato de que muitos irmãos vivem sem a amizade de Jesus (49).³⁶⁸

O Evangelho deve ser um marco de acontecimento que renova toda a dimensão social e humana. Aqueles que são tocados pela mensagem, mesmo não sendo cristãos, que seriam “praticantes da Palavra”, poderiam ser influenciados a escutar também, inclusive para, de certo modo, renovarem seu viver e se tornarem, por vezes, atentos às sugestões do papa sobre contribuir para soluções para os problemas atuais. A proposta do Evangelho nunca envelhece. A evangelização sempre tem um significado atual e atravessa os períodos mais obscuros e traz consigo uma novidade. Portanto, “toda a ação evangelizadora autêntica é sempre ‘nova’” (EG n. 11). O papa Francisco deixa claro que, mesmo que os documentos eclesiais não tenham o mesmo resultado esperado da ação pastoral do passado, essa exortação vem apresentar “meios necessários para avançar no caminho de uma conversão pastoral e missionária” (EG n. 25). Este forte esforço em favor da missão de evangelização deve ter uma linguagem que consiga mostrar o sentido da realidade com uma formulação mais clara para os fiéis e os faça compreender o Evangelho apesar da forte mudança cultural por que passa a humanidade.

Na Exortação EG, observamos uma Igreja disposta a acolher e inculturar, na evangelização, não supondo lugares e pessoas, mas sim em uma realidade permanente de testemunho cristão, principalmente junto aos mais pobres. É necessário viver a fé em uma realidade presente, mesmo existindo uma certa bipolaridade entre a ideia e a realidade no contexto humano.

O papa Francisco, no ano de 1974, como Bergoglio, provincial dos jesuítas, em seus discursos já tinha uma teologia que aproximava o Evangelho em diálogo com a realidade. Esta percepção o insere em uma postura de entendimento sobre a cultura e a necessidade de apresentar uma linguagem com perspectiva teológica,

³⁶⁸ VALLI, A. M., Um guia para a *Evangelii Gaudium*.

mas com o envolvimento pastoral daquele espaço evangelizador. E, como bispo, também apresenta uma teologia que convoca o povo, com iniciativa pastoral a partir de uma teologia que se envolve com a vida humana.

Os documentos do Vaticano II são embasamentos importantes para a construção de todo pensamento teológico do papa Francisco, além de suas iniciativas apresentadas no texto da exortação como exemplo de seu trabalho pastoral em Buenos Aires. Esta maturidade teológica do papa tem importante papel para fomentar diversos aspectos do seu trabalho pastoral humanizado, desempenhado não apenas para a realidade latina, mas na extensão de toda a Igreja e da sociedade.

A virtude teologal da pobreza faz com que o papa Francisco proponha à sociedade que busque pautar sua vivência humana com uma profunda responsabilidade comunitária. Por isso, a exortação faz com que o ser humano possa ser visto em sua integridade, como ser desejado e criado por Deus. Ao levantar a questão sobre o consumismo, percebe-se a lógica do Evangelho. A pobreza deve ser vista como bem dado ao cristão para que este pense nas suas atitudes de acumulação e descarte. Estas medidas apontadas na exortação fazem perceber que, em muitos casos, o ser humano desconsiderou o anúncio do Evangelho com as suas consequências, como no caso de seguir a pobreza evangélica. Por isso, essas consequências fizeram com que a vida humana passasse também a ser um bem de consumo descartável, gerando mais exclusão por causa de uma pobreza econômica, sobretudo em lugares onde há os ricos – do ponto de vista econômico.

A Exortação EG traz-nos a compreensão da pobreza, pois apresenta diversos temas importantes que circundam três principais eixos.³⁶⁹ Sendo capaz de mostrar o dinamismo profundo da linguagem do Evangelho e as razões de promover uma religião, em trazer o sentido último, fala também de uma preocupação com as dimensões humanas que precisam ser novamente revisitadas e restauradas, como estas mencionadas pelo teólogo Mario de França Miranda: “Palavras como participação, descentralização, diálogo, espírito de serviço, sensibilidade humana, proximidade aos pobres e marginalizados brotam de sua preocupação central com o Reino de Deus”³⁷⁰.

³⁶⁹ SCANNONE, J. C., La teología del pueblo: Raíces teológicas del papa Francisco, p. 205.

³⁷⁰ MIRANDA, M. F., Linhas Eclesiológicas da *Evangelii Gaudium*, p. 185.

O papa Francisco fala com esta teologia do povo, ou dada ao povo de Deus, com suas nuances nas questões indicadas sobre diálogo, descentralização e outros pontos. Esses pontos servem para perceber o dom da salvação confiada ao povo de Deus, pois se vislumbra uma valorização pastoral do serviço eclesiológico na realidade dos mais pobres. O dom gratuito da salvação é dado, não de maneira isolada, mas sim confiado àqueles que são cristãos e seriam convocados a ser Igreja, e Igreja com os pobres. Portanto, a teologia do povo tem forte sintonia com a convocação dos fiéis em fraternidade na Igreja. A salvação nunca seria dada de forma isolada. O Evangelho deve ser vivido não com medo, sugere o papa, mas dizendo: “chama para seres partes do seu povo” (EG n. 113).

A experiência pastoral do papa Francisco, advinda da época de sua pastoral na Argentina, é novamente relatada no texto da EG, apresentando uma teologia do povo. O discurso e ação mostram uma linguagem simples e ao mesmo tempo uma singularidade que difere de outros documentos exortativos. A teologia do povo contida em toda a extensão do conteúdo da EG faz perceber que todo caráter tem a proposta de vincular a linguagem simples a uma vida simples e vocacional do papa. Assim, a evangelização a partir do Evangelho se dá no gesto de muita identificação com o acolhimento que Francisco faz, com sua própria vocação. Ele se mostra como aquele que dirige a Igreja e, ao mesmo tempo, como homem que segue as pegadas da pobreza com alegria de Cristo.

Na exortação, temos uma reflexão com a Palavra de Deus e a relação entre o fundamento da fé e o modelo do povo de Deus no Antigo Testamento, no qual o povo caminhando com Deus faz seu caminho de conversão e missionaridade, levando até a luz do Evangelho em Jesus Cristo. Desta maneira, o povo de Deus deve fazer este caminho existencial, “sair da sua própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho” (EG n. 19). Este “povo fiel a Deus” (EG n. 95) não pode limitar-se a eventos sociais ou necessidades egocêntricas, mas sim em uma “história de sacrifícios, de esperança, de luta diária, de vista gasta de serviço, de constância no trabalho fadigoso” (EG n. 96). A Sagrada Escritura mostra que foi uma difícil caminhada, em que o povo viveu, com dias de vitórias e derrotas, com alegrias e cansaços. Desta maneira, existe no documento EG o desejo de uma retomada, uma renovação, pretendida pelo papa, em reanimar a Igreja a buscar a alegria do Evangelho.

O povo fiel, portanto, deve anunciar “a alegria do Evangelho, que enche a vida da comunidade dos discípulos” (EG n. 21). Deve ter a intenção de ir ao encontro dos pobres, “sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho” (EG n. 20). Anunciar não só em palavras, mas nos gestos e atitudes, daquele que caminha e semeia de um modo totalmente apaixonante, como os que experimentaram o encontro com o Senhor. O projeto da Igreja deve ser fiel ao Evangelho. Esta sempre foi a principal preocupação de vários papas, mas o papa Francisco não quer fazer apenas com que este Evangelho seja lido e crido dentro da Igreja, mas deseja “impactar positivamente muito mais em outros setores da sociedade”³⁷¹.

O papa Francisco, na Exortação EG, privilegia os pobres e os doentes. A compaixão e misericórdia de Deus, “um vínculo indissolúvel entre nossa fé e os pobres” (EG n. 48), serão dadas pelo critério do Evangelho. Isto se torna possível quando existe uma preocupação em apresentar o Reino de Deus como uma “Igreja acidentada, ferida e enlameada” (EG n. 49), transmitindo coerentemente, na “vida de seus membros, que este Reino não é uma utopia, mas uma realidade da história da humanidade pelo testemunho de vida dos cristãos”³⁷².

A transmissão do texto do Evangelho, seja este anúncio em obras, seja em palavras, não deve ser excludente, deve ser semeada de modo igualitário a todos grupos ou organismos pelas raízes da Trindade, que reúne Pai, Filho e Espírito. A Igreja segue a Palavra do Evangelho de modo peregrino e evangelizador. Assim, o povo de Deus, em cada cultura em que está inserido, conhece o rosto de Cristo e sua obra de misericórdia. Reconhece o projeto de Deus na sua convocação e percebe a forma com que Ele age junto à humanidade. O povo de Deus deve ser motivado a estar perto dos critérios que fortalecem sua identidade cristã e os laços da comunidade, levando-os a construir “diversas expressões da vida cristã” (EG n. 115), fortalecendo as mais diversas formas de personalidades. Tendo Cristo na caminhada, e com o Espírito, sustenta-se este corpo místico que se faz Igreja.

A teologia contida na EG quer levar à experiência da Palavra de Deus, sobretudo sobre a Revelação da promessa que Deus faz aos pobres e humildes. O papa percebe os valores de uma pastoral inserida junto aos pobres, pois esta promove uma conversão dos modos de vida da sociedade. A teologia do povo

³⁷¹ AQUINO JÚNIOR, F., Nas periferias do mundo, Fé-Igreja-Sociedade, p. 65.

³⁷² MIRANDA, M. F., Linhas Eclesiológicas da *Evangelli Gaudium*, p. 185.

mostra seu discernimento como jesuíta, e o seu respeito às diversas culturas. O teólogo Juan Carlos Scannone faz uma reflexão a respeito da atuação de Francisco como jesuíta a serviço da Igreja:

A meu ver, o sentido espiritual do momento propício para a decisão correta, seja ela existencial, interpessoal, pastoral, social ou política, faz parte do carisma inaciano, intimamente ligado ao discernimento dos espíritos. Em sua teologia, gera reconhecer sua importância para profetas, pastores e políticos, e é conhecido por suas análises geopolíticas e por sua interpretação cristã dos sinais atuais dos tempos e da Igreja latino-americana como já deveria ser Igreja fonte. Por sua parte, Bergoglio, como jesuíta, participa desse carisma e discernimento e conhecia os mencionados aportes teóricos desses pensadores.³⁷³

A expressão dessa teologia é vista na linguagem usada na Exortação Apostólica EG. Há uma dinâmica especial ao convocar os cristãos para uma profunda adesão ao Evangelho. O papa, de modo simples, porém bem direto, mostra a preocupação pedagógica em apresentar um ser humano que busca desenvolver suas potencialidades. Assim, ele propõe a reformar a Igreja baseado no critério da evangelização, sendo que “deve ser uma linguagem que os destinatários compreendam, para não correr o risco de falar ao vento” (EG n. 158). Neste importante aprendizado, advindo de um processo histórico, onde o sujeito pode ficar marcado pela liberdade, em suas escolhas e projetos, se percebem experiências concretas das diversas etapas de um “caminho de formação e amadurecimento” (EG n. 160).

Na Exortação EG, temos uma antropologia do ser humano. Esta antropologia tem como percepção a realidade de um sujeito em desenvolvimento nos modelos sociais modernos, que deturpam o conhecimento da Palavra e o conhecimento da verdade divina. Todavia, o desenvolvimento ligado às características pessoais e aos pecados é diagnosticado no documento como um processo, revelando as limitações de cada indivíduo, sem, entretanto, serem impossibilitados de mudança em modo de ser. O documento reconhece este processo de o ser humano se perceber limitado e apresenta um caminho em que se pode perceber “a importância, tão presente na exortação, de acompanhar, esperar, escutar as pessoas em seus processos”³⁷⁴. Assim, também a humanidade pode se ver através dos critérios do Evangelho, reconhecer o seu valor como criatura e reassumir o significado de sua presença

³⁷³ SCANNONE, J. C., *La teologia del pueblo. Raíces teológicas del papa Francisco*, p. 209.

³⁷⁴ PÁDUA, Lúcia P., *O Ser humano*, Centro da *Evangelli Gaudium*, p. 140.

como pessoa em um mundo que muitas vezes faz com que o ser humano seja descartado.

A crise antropológica apresentada no texto da exortação aborda também a organização econômica e política, que se dá na forma inconsequente e desordenada do uso do dinheiro e do poder, revelando a incapacidade do ser humano em construir relações fraternas seguras, saindo do critério material. Assim, a idolatria ao dinheiro e poder afasta do relacionamento com os outros, negando o ser humano em sua existência. Deste modo, a reflexão de Lúcia Pedrosa Pádua nos aponta a antropologia do ser humano a partir da reflexão da Exortação EG:

Nesse sentido, podemos dizer que a Exortação traz a noção de um humano criado por Deus e assumido por Ele em Jesus Cristo, chamado à liberdade e, por isso, inacabado, aberto, convidado a uma história que não está predeterminada, mas que é convocada a se desenvolver e realizar no amor, na misericórdia e na doação.³⁷⁵

5.2

Exortação apostólica *Gaudete et Exultate* e bem-aventuranças da pobreza

O tema da santidade comentado pelo papa Francisco envolverá o tema da pobreza evangélica. Na Exortação Apostólica *Gaudete et Exultate*, Francisco convida à reflexão pastoral e quer estimular a vocação à santidade nos cristãos e da sociedade³⁷⁶. Temos, no texto, a indicação de como viver a santidade em sua essência, explicitando o objetivo para o qual fomos criados, para sermos felizes: “santidade como proposta de vida plena e realizante”³⁷⁷. A exortação foi publicada na solenidade de São José, em 19 de março de 2018.

A vida cotidiana é um dos eixos importantes do documento, trazendo a reflexão de uma espiritualidade com o outro, e “a pobreza e outras manifestações da sua doação por amor” (GE n. 20). A mensagem da santidade é contemplar o conjunto da vida, como caminho de santidade à vida em Cristo, mostrando a totalidade da missão, e “chamados a viver a contemplação no meio da ação” (GE n. 26). Este desejo é contínuo, marcado pela trajetória em “espírito de santidade que impregne tanto a solidão como o serviço” (GE n. 31).

³⁷⁵ PÁDUA, Lúcia P., O Ser humano, Centro da *Evangeli Gaudium*, p. 139.

³⁷⁶ FRANCISCO, *Gaudete et Exultate*, n.1.

³⁷⁷ NUGNES, A., Ripatire dalla Santità. Un invito alla lettura di *Gaudete et Exultate*, p. 358.

Observa-se que o documento trata da relação de uma experiência mística centrada na pessoa de Jesus Cristo, e há uma consequência direta entre a vida de santidade e a vida espiritual de cada pessoa, resultando na vivência ética. Assim, temos o escrito do teólogo Juan Martin Velasco ao descrever sobre a mística relacionada à ética:

Assim, pois, a experiência mística não exclui a dimensão ética: a inclui, a provoca e desenvolve. Porém, dada a relação estreita e recíproca que mantém estas duas dimensões, é possível mostrar que a experiência ética remete à experiência mística, constitui seu preâmbulo natural, predispõe a ela e a expressa. É possível, pois, mostrar um lado místico da experiência ética do crente, e incluir a experiência de todo homem.³⁷⁸

Todavia, a vocação universal à santidade assumiu diversas formas de interpretar a espiritualidade mística, no entendimento da religião e da mística. Existe “a preocupação com o corpo, mas também com sua interioridade, seu equilíbrio e bem-estar, sentir-se em harmonia com o universo inteiro”³⁷⁹. Percebemos isso na forma de encarar a busca religiosa neste tempo pós-moderno. O documento mostra uma espiritualidade encarnada de Cristo e a busca dela no cotidiano. Na Idade Média, havia uma possível unidade entre mística e ascese, inclusive sobre o tema da santidade e da pobreza. Depois, houve separações, com diversos prejuízos para o entendimento da vocação à santidade.

No Concílio Vaticano II tivemos a redescoberta da vocação universal à santidade. Este movimento é importante – próprio para cada cristão e para todo o povo de Deus – como vocação plural e encarnada na pessoa de Jesus Cristo. O papa Francisco reitera este processo de reabertura dos documentos conciliares na Exortação GE. Apresenta este desejo: “todos os cristãos estão chamados por Deus à santidade; uma santidade que consiste na perfeição da caridade é, antes de tudo, o dom de Deus de si mesmo; cada cristão deve participar desta santidade doada, até alcançar sua plenitude, mas segundo sua própria história pessoal e concreta”³⁸⁰. Esse Concílio foi um processo de renovação para a Igreja, considerando Jesus Cristo como “luz dos povos”, e chamando todos os cristãos e a sociedade para uma união entre Deus e os seres humanos. Considerava, também, que a “Igreja precisa

³⁷⁸ VELASCO, J. M., *Perfil Del Místico Contemporáneo*, p. 462.

³⁷⁹ MARDONES, J. M., *Mística Transreligiosa en una sociedad de incertidumbre*, p. 100.

³⁸⁰ PEÑALBA, J. L., *La Vocación universal a la santidad en Gaudete et exultate*, p. 35.

se converter em si mesma, sempre de novo, em todas as realidades (...), a Aquele que é a ‘luz dos povos’, Jesus Cristo”³⁸¹.

O cristão iluminado por Cristo abre-se à contemplação do mistério e ao desejo incessante por santidade. No sacramento do batismo se dá o nascimento desse seguimento radical a Jesus Cristo na vida cristã e na vocação do fiel na Igreja, mediante a unção do Espírito Santo. O ato de santidade precisa de “uma liberdade a toda prova e uma preocupação de agir em favor dos outros, tornando assim visível o fruto das obras de Deus através das pessoas”³⁸².

Consequentemente, vê-se uma relação entre o chamado e a obediência a Cristo no seguimento do Reino, em um processo de contemplação diária, doando sua vida em prol dos irmãos. A necessidade dessa doação em prol dos outros se dá em dinâmica no tempo e no espaço cultural em que vive, correspondendo a uma experiência individual de cada pessoa com a transcendência.

As diversas demandas sociais devem ser atendidas por toda a sociedade. Porém, na vida daquele que é cristão esta percepção se torna mais latente pelo conhecimento da proposta que Cristo faz no Evangelho a todo que o segue. Este discipulado a serviço do Cristo mostra-nos o questionamento dos aspectos presentes na dimensão humana, como a justiça e as suas adequações na vida cotidiana. Tais questões fazem parte da vida de santidade do cristão, na busca de um mundo justo, assumindo as diversas “tarefas como [ser] sal da terra e luz do mundo, onde quer que se encontrem” (GE 33). A santidade, segundo o autor Marcelo Coelho tem uma proposta de caminho solidário, que não perde seus efeitos ao longo da história:

Os cristãos que atuam no desenvolvimento econômico-social do nosso tempo e lutam por respeito e solidariedade podem contribuir muito para o bem-estar da humanidade e a paz do mundo. Cada um, adquirindo a competência profissional e a experiência que são absolutamente necessárias, é chamado a respeitar na ação temporal a justiça hierárquica de valores, com fidelidade a Cristo e a seu Evangelho, a fim de que toda sua vida, tanto a individual como a social, fique repleta do espírito das bem-aventuranças, particularmente com o espírito de solidariedade, em especial para com os pobres.³⁸³

A santidade, como não é uma forma homogênea a todos, não é uma interpretação determinada de regras. Envolve uma resposta pessoal às exigências de que o “ser humano, ao ser obra de Deus, está chamado a participar da

³⁸¹ EKHOLT, M., Llegar a Ser Cristão en Medio de Las Fracturas Del Presente, p. 5.

³⁸² BINGEMER, Maria C. L., Santidade Chamado à Humanidade – Reflexões sobre a Exortação Apostólica *Gaudete et Exultate*, p. 15.

³⁸³ COELHO, M. M., Recuperar a solidariedade e o respeito, p. 106 et. seq.

santidade”³⁸⁴. Diante das diversas escolhas que favorecem a vida, os bens materiais e o consumo, busca alicerçar-se na construção do bem eterno e vislumbrar o Reino dos Céus, com uma abertura à santidade. É importante que os esforços advindos do exercício da santidade tenham um “sentido evangélico e nos identifiquem cada vez mais com Jesus Cristo” (GE n. 28). Buscar atender aos desafios dessa intimidade mística do tempo presente com a santidade é bem adequado ao ensinamento de Deus, correspondendo à necessidade de uma profunda espiritualidade identificada no mundo e na humanidade:

Amigo de Deus e amigo da vida, o santo mostra a possibilidade de viver a “intimidade com Deus” voltando em amorosa misericórdia para o mundo e a humanidade. Aqueles que fazem a experiência de ser encontrados e “ensinados” por Deus, acederão a um nível diferente de conhecimento que os levará a uma vida diferente e transformará adequação às necessidades de cada tempo e lugar.³⁸⁵

O cristão acolhe paz, justiça e a misericórdia e “vive a contemplação mesmo no meio da ação” (GE n. 26). Por isso, o papa Francisco afirma que o modelo da santidade corre o risco das incertezas e deve procurar sempre corresponder à missão, sem ter medo de ser guiado pelo Espírito do Santo, mesmo que não veja o real sentido desse seguimento (GE n. 34). Perceberemos, então, que a santidade não é uma disputa ou um processo de heroísmo, mas sim uma experiência insondável com Deus e sua imanência:

O santo é uma pessoa “ex-cêntrica”, uma vez que é sempre Outro quem o guia. Ao mesmo tempo, trata-se de pessoa consciente da própria fragilidade. Seu heroísmo consiste em consentir em ser conduzido por esse Outro, de forma que o poder divino se manifeste sobretudo ali onde a humanidade é com maior evidência mais fraca e impotente. Já o afirma o mesmo Paulo de Tarso, ao dizer com inexplicável gozo, em meio a tormentos e tribulações: “Por isso sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias por amor de Cristo. Porque quando estou fraco, então sou forte” (2Cor 12,10).³⁸⁶

A missão da santidade é consequência do entendimento da centralidade da radicalidade cristológica, vivida nos ritos salvíficos e no seu conteúdo de salvação, em continuidade ao processo da realização das promessas de Jesus Cristo. Todavia, esse processo de perseverança se dá em meio aos riscos e medos inerentes a toda missão. O papa Francisco fala dessa dimensão pedagógica testemunhal à luz da

³⁸⁴ CARDONA, H. D.; PINZÓN, O. S., *Asemeljarse a Dios como Camino de Santidad en Gregorio de Nisa*, p. 29.

³⁸⁵ BINGEMER, Maria C. L., *Santidade Chamado à Humanidade – Reflexões sobre a Exortação Apostólica *Gaudete et Exultate**, p. 19.

³⁸⁶ BINGEMER, Maria C. L., *Santidade Chamado à Humanidade – Reflexões sobre a Exortação Apostólica *Gaudete et Exultate**, p. 17.

Palavra para apresentar Cristo como caminho de santidade a todo cristão e à sociedade, não dando um exemplo particular, mas mostrando o valor da mensagem de Cristo que é dada à sociedade e à Igreja – que deve ser santa como Cristo para caminhar na santidade em meio às vicissitudes da missão. A sequência para o bom êxito da missão está na correspondência às bem-aventuranças, sobretudo quanto à virtude da pobreza, em que serão pobres aqueles que entendem que a santidade está no despojar-se de tudo para ser feliz ao lado de Cristo.

Francisco, no documento *Gaudete et Exsultate*, apresenta este projeto de Cristo deixado à humanidade. Aquele que vive uma vida feliz no caminho de santidade entende o despojamento e busca uma vida pobre para o seguimento do Reino. Permite-nos, assim, vislumbrar os ensinamentos das bem-aventuranças até a contemplação do “ético e escatológico”³⁸⁷ até o “manifesto na parábola do Juízo Final (Mt 25)”³⁸⁸. É um caminho de renúncia e de entendimento ao desejo de entrega total às coisas celestes. Porém, essa entrega não significa abandonar as situações históricas, mas “na verdade, deseja fazer entender que o cristão não deve ser alguém supraterrrestre ou angélico, mas, pelo contrário, ter os pés profundamente fincados no chão da humanidade à qual pertence”³⁸⁹.

A santidade almejada por Francisco está na vida concreta, na existência do cristão e no cuidado consigo, com a natureza e os outros, na dimensão antropológica e com o zelo pela Criação. Esta espiritualidade pastoral-teológica criacional compõe a intenção e o respeito fraterno direcionado a uma sobriedade feliz, composta no documento *Laudato Si'*. Esta santidade é encarnada em Cristo e discernida em uma consciência que cuida do outro e da natureza. Esta ideia de transmissão da santidade com o respeito pelo ser humano e pela criação mostra como é um projeto unitário-fraterno, em que “somos chamados a viver a contemplação mesmo no meio da ação, e santificamo-nos no exercício responsável e generoso da nossa missão” (GE n. 26). Existe uma correspondência dialogal: “dirigida a todo crente a viver com plenitude a vida do Espírito”³⁹⁰.

A oração e o silêncio são práticas cristãs do sujeito que busca a santidade. São benéficos ao serviço missionário e evangelizador, levando a uma abertura ao amor

³⁸⁷ IRRAZÁBAL, G., Santidad y absolutos morales en *Gaudete et exsultate*, p. 4.

³⁸⁸ IRRAZÁBAL, G., Santidad y absolutos morales en *Gaudete et exsultate*, p. 4.

³⁸⁹ BINGEMER, Maria C. L., Santidade Chamado à Humanidade – Reflexões sobre a Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*, p.63.

³⁹⁰ PEÑALBA, J. L., La Vocación universal a la santidad en *Gaudete et exsultate*, p. 34.

ao próximo e à misericórdia com os necessitados, mesmo adversários. Porém, mesmo com todas as tarefas missionárias variadas, podem acontecer inadequações, como “pela ansiedade, o orgulho, a necessidade de aparecer e dominar” (GE n. 28). Destaca-se então, na Exortação GE, uma reflexão pastoral, para a oração e o silêncio serem restaurados e ter “o testemunho dessa santidade divina e ao mesmo tempo o ser humano como dom”³⁹¹.

A missão da santidade sofre diversas ameaças e destruições, e é necessário responder com a lógica da Palavra do Evangelho e o testemunho coerente com a vida. A “santidade primordial é aquela que faz resplandecer a beleza da vida em meio a um meio cotidiano brutal e destrutivo”³⁹². Estes diversos desafios da missão evangelizadora, percebidos no texto da GE, são pertinentes para o seguimento da busca pela santidade em mundo em crise; porém, é necessário que aconteça “com alegria e sentido de humor, sem perder o realismo” (GE n. 122).

Nesse sentido, a experiência da santidade envolve o ser humano como consagrado à liberdade pelo batismo, “não se conformando com este mundo, mas discernindo dentro dele o que é melhor, o que é perfeito, o que é de Deus (Rm 12, 1-2)”³⁹³. A santidade é como liberdade interior que encara a realidade sem perder a perseverança, mesmo com sacrifícios existenciais que levarão a mudanças. Os sinais evidentes da missão se dão no sentido “teológico clássico e fundamental, que ela traz de forma explícita: a relação entre Deus e a felicidade”³⁹⁴. A santidade é uma relação concreta entre a contemplação e o olhar perceptível do mundo, não eximindo sua consciência e dignidade, mas em um processo radical que dá frutos, de uma religião que se preocupa com o outro e com o sentido fraterno.

No texto da GE, Francisco descreve dois inimigos que atrapalham a santidade: o gnosticismo e o pelagianismo atuais. Eram heresias dos primeiros séculos do cristianismo, mas que continuam neste século, esvaziado da fé por propostas enganadoras. Levam a uma “fé fechada no subjetivismo” (GE n. 36), um racionalismo que é contrário ao conhecimento da fé e distorcem os ensinamentos da doutrina e do Evangelho, refletindo uma lógica de domínio sobre os

³⁹¹ BINGEMER, Maria C. L., Participar da Santidade de Deus, p. 2.

³⁹² BINGEMER, Maria C. L., Santidade Chamado à Humanidade – Reflexões sobre a Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*, p. 28.

³⁹³ BINGEMER, Maria C. L., Santidade Chamado à Humanidade – Reflexões sobre a Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*, p. 51.

³⁹⁴ NUGNES, A., Ripatire dalla Santità. Un invito alla lettura di *Gaudete et Exsultate*, p. 362.

ensinamentos da verdade. Por isso, o papa Francisco chama o gnosticismo de “uma das piores ideologias, pois, ao mesmo tempo que exalta indevidamente o conhecimento ou uma determinada experiência, considera que a própria visão da realidade seja a perfeição” (GE n.40).

O ensinamento da salvação em Cristo fica ameaçado por essas duas crises, e há constantes indícios delas na Igreja. Já presentes nos dois primeiros séculos do Cristianismo, vemos que, “em ambos os casos, o gnosticismo isola e distancia daquilo que é fundamental: Deus e o próximo, que constituem os dois eixos maiores da vida cristã e, portanto, da santidade cristã”³⁹⁵. No discurso aos participantes dos líderes da Pastoral da Igreja Italiana, em 2015, o papa já falava dos riscos do pelagianismo na Igreja e da acentuada crise de fé. No discurso convocava, à luz das bem-aventuranças, uma reforma da Igreja na forma de evangelizar e discernir acerca da fé, como percebemos em um discurso do papa:

A primeira delas é a pelagiana. Ela impele a Igreja a não ser humilde, abnegada e bem-aventurada. Fá-lo com a aparência de um bem. O pelagianismo leva-nos a ter confiança nas estruturas, nas organizações, nas planificações perfeitas porque abstratas. Com frequência leva-nos até a assumir um estilo de controle, de rigidez, de normatividade. A norma dá ao pelagiano a segurança de se sentir superior, de ter uma orientação exata. Nisto encontra a sua força, não na leveza do sopro do Espírito. Diante dos males ou dos problemas da Igreja, é inútil procurar soluções em conservadorismos e fundamentalismos, na restauração de condutas e formas superadas que nem sequer culturalmente têm a capacidade de ser significativas. A doutrina cristã não é um sistema fechado incapaz de gerar perguntas, dúvidas, interrogações, mas é viva, sabe inquietar, animar. Tem uma face não rígida, um corpo que se move e se desenvolve, tem a carne macia: a doutrina cristã chama-se Jesus Cristo.³⁹⁶

A atitude proposta na santidade é outra: é a pobreza evangélica. Na GE podemos perceber um vínculo entre o anúncio do Evangelho e a dinâmica da felicidade apresentada nas bem-aventuranças. Este vínculo está pautado no “fundamento eclesiológico oferecido para afirmar a vocação universal à santidade”³⁹⁷. A santidade diz respeito à compreensão das obras da bem-aventurança.

³⁹⁵ BINGEMER, Maria C. L., Santidade Chamado à Humanidade – Reflexões sobre a Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*, p. 73.

³⁹⁶ FRANCISCO, PP. Discurso do Santo Padre aos representantes do V Congresso nacional da Igreja Italiana.

³⁹⁷ PEÑALBA, J. L., La Vocación universal a la santidad en *Gaudete et Exsultate*, p. 42.

Na Igreja, durante séculos, as mais variadas expressões místicas e regras de diversos santos, com exercícios de oração, aproximaram os cristãos de uma espiritualidade da caridade e da justiça. O papa Francisco, na GE e em outros momentos do seu pontificado, diz que é urgente uma volta à experiência mística dos mestres da oração, capaz de reaproximar não apenas uma “espiritualidade do catequista, de uma espiritualidade do clero diocesano, de uma espiritualidade de trabalho” (GE n. 28), mas de uma espiritualidade cristã dada pelo Evangelho. Por isso, é importante, como afirma o teólogo França Miranda, fazendo uma reflexão sobre a sociedade e a mística no tempo moderno: “uma mística que revela Deus para o mundo hodierno não como uma entidade suprema e onipotente, mas como Amor e Misericórdia, presente e atuante na história em favor de uma humanidade mais fraterna e feliz”³⁹⁸.

O testemunho é um dos grandes temas da exortação e também de todo pontificado do papa Francisco. Na GE, ele fala da harmonia e da exigência do mundo para que o cristão alcance a santidade. A santidade deve ser um encontro entre o cuidado e a relação da Criação: “na *Evangelii Gaudium*, quis concluir com uma espiritualidade da missão, na *Laudato Si'* com uma espiritualidade ecológica e na *Amoris Laetitia* com uma espiritualidade da vida familiar” (GE n. 28).

A fé e o testemunho estão em conexão. São vias para santificação, aprimoradas na relação com a oração, a eucaristia e a reconciliação. Assim, a GE também apresenta como via de santidade a direção espiritual e as ofertas de sacrifícios (GE n. 110) para o alcance de um virtuoso caminho de encontro consigo mesmo e com o amor de Deus e o próximo, destacando-se a plena realização de uma vida nas bem-aventuranças.

Neste entendimento, as características espirituais revelam a santidade presente no cotidiano da vida cristã, e podem ser vividas por todo aquele que deseja viver o seguimento místico da santidade. No Capítulo IV da GE, o papa Francisco, ao refletir sobre o Evangelho de Mt 25,31-46, mostra a importância de viver a caridade com as pessoas. O caminho da santidade leva a estar com os irmãos e é caminho de fraternidade com todos.

³⁹⁸ MIRANDA, M. F., *Vislumbres de Deus*, p. 30.

O papa também fala dos problemas do mundo acelerado e agressivo e, como antídoto, ensina a santidade como fidelidade apoiada em Deus e fidelidade aos irmãos:

Com base em tal solidez interior, o testemunho de santidade, no nosso mundo acelerado, volúvel e agressivo, é feito de paciência e constância no bem. É a fidelidade (*pistis*) no amor, pois quem se apoia em Deus também pode ser fiel (*pistós*) aos irmãos, não os abandonando nos momentos difíceis, nem se deixando levar pela própria ansiedade, mas mantendo-se ao lado dos outros mesmo quando isso não lhe proporcione qualquer satisfação imediata. (GE n. 112)

Na GE, o papa mostra alguns exemplos de santidade, como as mulheres após a Ressurreição ou Paulo de Tarso, que anuncia o Evangelho. Esta característica testemunhal é um processo de tantos santos que, tocados pelo Evangelho, anunciaram o Evangelho, que liga a fé e a caridade:

Heróis da fé e da caridade – alguns são verdadeiros heróis da fé, da esperança e da caridade. Homens e mulheres que viveram e vivem despojados de todo conforto, de toda segurança. Pessoas que foram capazes de sacrificar a própria vida no martírio cruento e radical, – como por exemplo Monsenhor Oscar Romero – ou no oferecimento generoso da vida gota a gota até o último suspiro no serviço aos últimos, como Madre Tereza de Calcutá.³⁹⁹

A atualidade sempre se mostra um desafio para o entendimento da santidade. Podem acontecer diversos equívocos quando se fala sobre santidade ou do conceito “santos”. O papa Francisco faz uma aproximação histórica e coerente com a humanização da santidade, provocando a sociedade de maneira a ver “o discernimento espiritual como crente de descobrir e realizar a vontade de Deus”.⁴⁰⁰ A santidade não é um grupo de pessoas em separado, mas fazer a vontade de Deus, seguindo o Evangelho. O papa mostra vários exemplos e “poucos documentos pontifícios se articulam à base de tantas citações e alusões a figuras de santos. Temos contado uns quarenta nomes”⁴⁰¹.

Destaca-se também, na Exortação GE, que para viver a santidade é preciso viver uma vida simples, humilde e verdadeira, como viveu Cristo ao entregar sua vida à salvação. Esta proposta de vida “nos quer santos e espera que não nos resignemos com uma vida medíocre, superficial e indecisa” (GE n. 1). É ter uma vida a seguir o Evangelho.

³⁹⁹ BINGEMER, Maria C. L., Participar da Santidade de Deus, p. 5.

⁴⁰⁰ IRRAZÁBAL, G., Santidad y absolutos morales en *Gaudate et exultate*, p.7.

⁴⁰¹ CAMINO, J. A. M., Mártires y santos, en el centro de la historia, p. 11.

No capítulo III da GE, temos o discurso da bem-aventurança no Evangelho. Temos o programa da vida cotidiana com aquilo que deve ser a prática da santidade, com o método claro incentivado pelo papa para viver a praticidade de uma vida em santidade. O título da exortação corresponde às primeiras palavras do versículo que conclui o discurso da bem-aventurança em Mt 5,12 “alegrai-vos e exultai”.

A santidade é comunicada através do Espírito Santo e sua graça “em uma dinâmica popular” (GE n. 1). Essa compreensão da santidade, para o papa Francisco, se faz em uma dinâmica do cotidiano, no encontro com o outro, sendo fiel aos compromissos cotidianos, no compromisso pelo cuidado com o outro e o mundo, como aqueles que seguem o caminho das bem-aventuranças.

Essa santidade chamamos de “pé da porta” (GE n. 7), dos que vivem perto de cada um de nós e presentes cotidianamente em sociedade. Em outras palavras, são a “classe média da santidade” (GE n. 7). O chamado para a santidade deve ter características de firmeza interior:

mediante uma série de atitudes capazes de brindar-se fisionomia especial, apta a responder aos grandes desafios do mundo atual: resistência, paciência e mansidão que supere a ansiedade nervosa; audácia e fervor para não cair na acédia cômoda; espírito comunitário para não ficar preso no individualismo; e a oração constante como antídoto frente a qualquer forma de falsa espiritualidade.⁴⁰²

O dom recebido do Espírito Santo é livre na escolha e nas atitudes da santidade. Esta vocação, sendo obra do Pai, nasce do discernimento do Evangelho e se revela nas atividades propostas no cotidiano. Tais propostas variam nas circunstâncias da vida. Porém, podemos compor nossa busca sobre três cuidados que podem medir nosso encontro com a santidade: paz, justiça e amor. A santidade nasce desse vínculo direto entre o Evangelho e o testemunho, onde acontece a oração com a ação:

Não é saudável amar o silêncio e esquivar do encontro com o outro, desejar o repouso e rejeitar a atividade, buscar a oração e menosprezar o serviço. Tudo pode ser recebido e integrado como parte da própria vida neste mundo, fazendo parte do caminho de santificação. Somos chamados a viver a contemplação mesmo no meio da ação, e santificando-nos no exercício responsável e generoso da nossa missão. (GE n. 26)

A santidade é meta de todo cristão. O anúncio *kerigmático* dado na economia salvífica nasce pelo amor de Deus e se dá no cotidiano testemunhado pelo

⁴⁰² IRRAZÁBAL, G., Santidad y absolutos morales en *Gaudate et exsultate*, p. 5.

Evangelho. Por conseguinte, a “santidade é divina e ao mesmo tempo dada ao ser humano como dom”⁴⁰³. Os cristãos fortificam suas vidas pelo Evangelho.

5.3

Carta Encíclica *Laudato Si'* para o cuidado da casa comum na sobriedade feliz

O papa Francisco, no terceiro ano do seu pontificado, assinou a Carta Encíclica *Laudato Si'* (LS) no dia 24 de maio de 2015, na solenidade de Pentecostes, provocando uma forte reflexão na Igreja e na sociedade. Nela convoca ao respeito pela Criação e atenção ao planeta, para a vivência deste tempo e das futuras gerações. Apresenta aos cristãos e a toda sociedade as diversas causas do problema do não cuidado. A Carta Encíclica LS, sobre o cuidado da Casa Comum, contém uma parte do texto sobre a Palavra de Deus e sobre a obra da Criação. Este é o primeiro documento de um pontificado, entre os outros papas, dedicado todo à Casa Comum, “focando a complexa relação entre antropologia e ecologia, na qual se incluem muitas questões éticas, econômicas, políticas, educacionais e mesmo teológicas”⁴⁰⁴.

A primeira frase que abre o documento está no texto do Cântico das Criaturas de São Francisco “*Laudato Si' mi' Signore* - Louvado sejas, meu Senhor”. Lembrava o santo do sustento e do valor espiritual que Deus dava ao homem e a condição de zelar e guardar a Criação. O encontro de São Francisco com as criaturas faz reconhecer a generosidade da Criação de Deus, nas diversas obras que havia feito e no cuidado com os seres humanos. Francisco de Assis consegue contemplar a Criação com olhar fraterno e em uma relação de intimidade do Criador com o ser humano, gerando um entendimento de unidade cósmica. Assim, se faz o seguinte questionamento: Será que a fraternidade entre os humanos e com os demais seres da criação é possível? Se pressupõe, então, que era esta a contemplação em sentido retórico que São Francisco externava no Cântico das Criaturas ao descrever a grandeza e a beleza da Criação dada por Deus.

A Encíclica quer responder às diversas dificuldades ecológicas, econômicas e sociais que se tornam vitais ao mundo em transformação. Todas estas questões implicam assegurar o sentido fraterno e conciliador entre o ser humano e a

⁴⁰³ BINGEMER. Maria C. L., Participar da Santidade de Deus, p. 4.

⁴⁰⁴ MAÇANEIRO, M., Ecologia e Solidariedade: proposições da Encíclica LS, p. 253.

possibilidade ética do cultivo do cuidado. A LS, então, mostra que as necessidades vitais como “alimentos e materiais para sobreviver, necessidades afetivo-sexuais para perpetuar-se e reconhecer-se em relação consigo e com os outros, e até necessidades de autodesenvolvimento e desenvolvimento”⁴⁰⁵ podem ser desarmoniosas para o entendimento dessa fraternidade cósmica. Por isso, é importante tratar de uma conversão ecológica e espiritual, que o ser humano, em todo seu ambiente natural, possa contemplar.

Francisco, com a Encíclica LS, na luz da Palavra de Deus e na sua particularidade como pessoa, carisma, dom e ação em diálogo com os cristãos e o mundo, exorta todos a cuidarem da Casa Comum:

quero dirigir-me a cada pessoa que habita neste planeta. Na minha exortação EG, escrevi aos membros da Igreja, a fim de mobilizá-los para um processo de reforma missionária ainda pendente. Nesta encíclica, pretendo especialmente entrar em diálogo com todos acerca da nossa casa comum. (LS, n. 3)

A Casa Comum, que deveria ser cuidada e preservada, sente os males causados e destruições sofridas em diversos abusos – de causas particulares a mecanismos governamentais. Isto se deve a uma falsa compreensão de considerarmos “que éramos seus proprietários e dominadores, autorizados a saqueá-la” (LS n. 2). O ser humano, de acordo com a LS, deve retornar à sua condição de essência de ser humano, ao ser criado por Deus. Foi criado não para saquear ou destruir, mas chamado para cuidar e cultivar a natureza e os povos que precisam viver nesse lugar comum. O uso exagerado e ilimitado de diversos tipos de tecnologias e produtos nocivos ao meio ambiente resultaram em forte degradação ambiental. Esses sintomas são percebidos na vida social – poluição, áreas devastadas, água poluída e os sintomas de graves epidemias e pandemias que vieram com a destruição planetária. Tudo isto gerou um forte risco à vida humana. Por isso, “a violência, que está no coração humano ferido pelo pecado, vislumbra-se nos sintomas de doença que notamos no solo, na água, no ar e nos seres vivos” (LS n. 2).

A *Laudato Si'* apresenta uma ideia clara de cuidar e ao mesmo tempo uma conversão, propondo forte mudança no coração e comunhão de amor e boa vontade, gerando apreço pela Terra e a entendendo como lugar de compaixão e respeito. Percebemos esta dinâmica entre a Casa Comum e a ideia de cuidar quando existe a

⁴⁰⁵ FIDALGO, G. A., Rostos e significados atuais do poder humano, p. 25,

superação do pecado com o perdão, vislumbrando que a necessidade de zelar pelo planeta se faz em todos que o habitam, perdoando as consequências geradas por anos:

Cuidar é envolver-se com o outro ou com a comunidade de vida, mostrando zelo e até preocupação. Mas é sempre uma atitude de benevolência que quer estar junto, acompanhar e proteger. A compreensão quer conhecer efetivamente a comunidade de vida. Quer conhecer com o coração e não apenas com a cabeça.⁴⁰⁶

Há, na LS uma reflexão acerca de diversos problemas ecológicos. Tais problemas apontam a necessidade de valores e princípios éticos, morais, nascidos da espiritualidade do Evangelho, que nos fazem ver a “disponibilidade do ser humano para uma atitude de mudança do comportamento”⁴⁰⁷. O papa Francisco alerta que o cuidado deve se dar em conversão ecológica. Em todas as gerações, principalmente “os jovens exigem de nós uma mudança; interrogam-se como [se] pode pretender construir um futuro melhor sem pensar na crise do meio ambiente e nos sofrimentos dos excluídos” (LS n. 13). Essa é uma mudança de valores que pode provocar uma forte reação em toda sociedade, postura que deve ser adotada por todos.

Essas mudanças de valores são significativas para o desenvolvimento humano e o bem comum. Porém, toda mudança provoca questionamentos e, com eles, corre-se o risco de as preocupações não levarem a novas transformações que precisam ser realizadas no planeta. Na LS fica explícita a urgência dessa mudança, pois já se depara com alguns elementos importantes para a vida. Exemplo disto é a água, bem necessário à existência, que em muitos lugares já está escassa e sem possibilidade de renovação – o que gera desigualdade e políticas que acabam por diferenciar pobres e ricos. Esses perigos ambientais provocam riscos à sociedade. Por isso, “a humanidade é chamada a tomar consciência da necessidade de estilos de vida, de produção de consumo, para combater o aquecimento ou, pelo menos, as causas humanas que o produzem ou acentuam” (LS n. 23).

A cultura do descartável e o uso irresponsável dos bens dados por Deus são um risco que impacta toda a humanidade, que vive, infelizmente, sem mudar essas atitudes. A sociedade tem hoje uma postura de descaso em relação às ações socioeducativas em relação ao ambiente. A crise de compromisso com uma vida

⁴⁰⁶ BOFF, L., *Ética e Ecoespiritualidade*, p. 40.

⁴⁰⁷ CONCEIÇÃO, E. da. *O Sínodo da Amazônia e a ética do cuidado: a Amazônia clama por uma resposta concreta e reconciliadora*, p. 218.

sóbria, os bens econômicos e as políticas globais em torno do lucro desfiguram toda a ação de direito e justiça de cuidar daquilo que vem se degradando. A ética apresentada na LS provoca uma ruptura desse problema e propõe uma solução de enfrentamento, fazendo com que o Evangelho possa ser um caminho iluminativo a uma consciência ética. Este respeito responsável para com a Casa Comum deve ser um método de relação pessoal e ao mesmo fraterna, que “mostra o esforço do humano de analisar e organizar as relações humanas com a criação e a natureza, e os ecossistemas mostram a auto-organização da própria natureza que foi criada em diferentes níveis”⁴⁰⁸.

A ética teológica pode ser um instrumento de apresentar à humanidade um mecanismo de verdade, contrária à falácia de qualquer proposta que faz do sujeito voltado para si mesmo seu único e decisivo critério, sem pertencer ao local em que vive. Em um mundo onde o ser humano vive o não sentido, a ética teológica precisa desempenhar o papel daquele pedagogo que conduz o humano para além dele mesmo; ajudá-lo a descobrir que, para sua realização, ele precisa cuidar das suas relações fundamentais: com o mundo, com o outro e com o Transcendente.⁴⁰⁹

Também vemos, na LS, que as soluções são apontadas como urgentes para que aconteçam o diálogo e os meios para que se estabeleçam as possíveis mudanças, sejam elas de ordem política, social e econômica. Os agentes de transformações se percebem em crise; é importante “construir lideranças que apontem caminhos, procurando respostas” (LS n. 53). Os elementos de transformação não podem vir simplesmente de uma forma de interpretar a realidade, mas devem vir do empenho dos diversos meios da existência humana, como: artes, religião, espiritualidade, poesia. A comunicação também é aliada para fomentar os indícios de mudança de pensamento e conhecimento, como a educação daqueles que precisam ajudar na conservação e preservação do meio em que vivem, sobretudo para despertar o conhecimento. Assim, podemos perceber que a profundidade dialógica entre a cultura e a fraternidade pode atingir todos, gerando verdadeiro êxito para o bem comum.

O desejo humano sempre é de mudar aquilo que está errado, com possibilidades e caminhos alternativos que propiciem uma reforma. Não apenas

⁴⁰⁸ SUESS, P., Dicionário da Laudato Si'. Sobriedade feliz, 50 palavras-chaves para uma leitura pastoral da Encíclica “sobre o cuidado da casa comum” do Papa Francisco, p. 81-82.

⁴⁰⁹ SOUZA, M. P. de, Sujeitos éticos e poder nas diferenças, p. 219.

vinda de um desejo pessoal, mas que a ideia de mudança possa abranger todos que pertencem àquele grupo. Aqueles que serão beneficiados por uma ecologia integral e sustentável são parte integrada da Casa Comum. Analisam as condições de mudanças e procuram vincular o processo de busca de condições melhores para a sustentabilidade, sejam dos pobres ou ricos. A encíclica LS percebe que o bem comum é benefício fraterno, gerando mudanças no interior do coração e santidade. Todavia, então:

O importante é que todos tenham o compromisso de melhorar a cada dia, procurando sempre se superar. Também não se pode cometer o erro de subordinar a luta em defesa da natureza às mudanças nas estruturas injustas da sociedade. Essa busca pelos objetivos decorre de lutas interligadas e simultâneas, já que de nada adianta alcançar a riqueza do mundo ou a justiça social almejada, se o planeta for incapaz de sustentar a vida humana com qualidade.⁴¹⁰

A LS aborda reflexões sérias e existenciais nas áreas de teologia ou filosofia. Porém, com o ritmo de aceleração constante do mundo, fica ainda difícil analisar as mudanças como solução para os perigos que acontecem. Francisco, ao apresentar a LS, propõe intensificar um diálogo de saberes para proporcionar respostas condizentes com a realidade do mundo moderno. Mudanças de comportamentos só serão alcançadas quando houver um desenvolvimento humano centrado na justiça e na caridade em benefício aos outros. Por isso, o discurso do papa na LS tem a preocupação de não apenas despertar o sentido da Criação, mas “desvelar a real situação de cumplicidade entre a tecnociência, economia, e política, desmascarando os reais interesses do paradigma tecnocrático”⁴¹¹.

A ecologia integral é inseparável do bem comum. O entendimento da condição individual deve aproximar todos de uma vivência fraterna de forma ética e moral. É preciso modificar estruturas e refletir sobre o valor da individualidade em relação ao bem comum. Caso isto não aconteça, as atitudes que envolvam a fraternidade não chegarão ao seu correto e efetivo destino. Portanto, a preservação ambiental e a qualidade de vida do ser humano dependem de uma tomada de atitude pessoal e uma vivência fraterna registradas pela conversão em uma ecologia integral.

⁴¹⁰ BERNA, V. S. D., Pensamento ecológico. Reflexões críticas sobre meio ambiente, desenvolvimento sustentável e responsabilidade social, p. 23.

⁴¹¹ TAVARES, S. S., Evangelho da Criação e Ecologia Integral: uma primeira recepção da LS, p. 61.

Na LS percebemos a inspiração em São Francisco de Assis, tendo como principais pontos o cuidado da Criação e o cuidado aos pobres: “nunca alguém na história da Igreja tomou a sério a solidariedade, mais ainda, a identificação com os pobres e com Cristo pobre”⁴¹². Percebemos, também, as questões ambiental, social, econômica e a íntima relação que se estabelece entre a ecologia integral e a sobriedade feliz. Tendo a gratuidade e pensando na esperança como São Francisco, “o santo padroeiro de todos que estudam e trabalham no campo da ecologia, amado também por muitos que não são cristãos” (LS n. 10), vê-se que o seu testemunho mostra preocupação com os pobres, com a ecologia integral e com o ser humano. A sua espiritualidade com a Criação fez desse santo um admirador das criaturas.

O significado de sentir ou agir pode ser meio de nascimento de uma espiritualidade ecológica. Este encontro com a Casa Comum deve ser integrado ao “bem comum das maiorias; a opção pelas grandes maiorias violadas e oprimidas”⁴¹³. Tal compromisso com os mais pobres evidencia que a sua condição não os pode tornar isolados ou marginalizados, mas precisa de “prioridade primeira, detém o direito à vida e aos meios de vida, como integridade física, a saúde, a casa, o trabalho, a segurança social, a educação”⁴¹⁴.

Embora o papa Francisco não queira uma teologia longa da Criação no texto da LS, observamos uma explícita catequese sobre Sagrada Escritura a respeito da Criação, trazendo pistas de uma teologia da Criação. Nessas narrativas, percebe-se o sentido e a “singularidade no conjunto das criaturas”⁴¹⁵ e, conseqüentemente, a história da salvação vinda no Novo Testamento. Temos então a construção da identidade humana na Encíclica LS com forte entendimento de liberdade e a relação autêntica e autônoma do ser humano com Deus, e após o pecado, a possibilidade de vislumbrar o caminho de conversão a Cristo. O ser humano entende sua relação mística com a Criação, pois, sendo obra dela, reflete a essência do Criador, com a possibilidade de “abandonar a sua condição instrumental e consumista”⁴¹⁶ e voltar à harmonia com a Criação que é descrita no relato do Gênesis.

O papa Francisco, na LS, indica que o ser humano precisa fazer uma reflexão de sua presença no mundo e de sua relação com o outro que habita esse mesmo

⁴¹² BOFF, L., *Ética e Ecoespiritualidade*, p. 170.

⁴¹³ BOFF, L., *Ética e Ecoespiritualidade*, p. 89.

⁴¹⁴ BOFF, L., *Ética e Ecoespiritualidade*, p. 89-90.

⁴¹⁵ BOFF, L., *Ética e Ecoespiritualidade*, p. 67.

⁴¹⁶ BOFF, L., *Ética e Ecoespiritualidade*, p. 69.

mundo – “a partir dos textos bíblicos, consideramos o ser humano como sujeito, que nunca pode ser reduzido à categoria de objeto” (LS n. 81). É “errado também pensar que os outros seres vivos devam ser considerados como meros objetos” (LS n. 82), pois implicaria uma desarmonia entre o ser humano e a Criação. Por isso, o papel da Igreja é “procurar não só lembrar o dever de cuidar da natureza, mas também e ‘sobretudo proteger o homem de destruição de si mesmo’” (LS n. 79).

O espírito do Criador faz então recordar esta dinâmica entre a interioridade das criaturas e o rico processo da esperança em preservar da Casa Comum. No texto na LS, pode-se perceber esse movimento de colaboração mútua para a mudança da situação de crise histórica e o cuidado do ecossistema, como observamos:

Apesar disso, Deus, que deseja atuar conosco e contar com a nossa cooperação, é capaz também de tirar algo de bom dos males que praticamos, porque “o Espírito Santo possui uma inventiva infinita, própria da mente divina, que sabe prover a desfazer os nós das vicissitudes humanas mais complexas e impenetráveis”. De certa maneira, quis limitar-se a Si mesmo, criando um mundo necessitado de desenvolvimento, onde muitas coisas que consideramos males, perigos ou fontes de sofrimento, na realidade fazem parte das dores de parto que nos estimulam a colaborar com o Criador. Ele está presente no mais íntimo de cada coisa sem condicionar a autonomia da sua criatura, e isto dá lugar também à legítima autonomia das realidades terrenas. Esta presença divina, que garante a permanência e o desenvolvimento de cada ser, “é a continuação da ação criadora”. O Espírito de Deus encheu o universo de potencialidades que permitem que, do próprio seio das coisas, possa brotar sempre algo de novo: “A natureza nada mais é do que a razão de certa arte – concretamente a arte divina – inscrita nas coisas, pela qual as próprias coisas se movem para um fim determinado. Como se o mestre construtor de navios pudesse conceder à madeira a possibilidade de se mover a si mesma para tomar a forma da nave”. (LS n. 80)

Outra questão a ser debatida no âmbito do bem comum na Casa Comum é a pobreza. Um dos grandes problemas globais, além da destruição da natureza, é sem dúvida erradicar a pobreza. Nos países com maior índice de pobres, a justiça ambiental é também combater a fome e os diversos perigos que a população pobre atravessa, a corrupção, a violência e fome. Há na LS uma crítica à sociedade, que esquece o lugar de Deus e assume uma visão de mundo que descarta os pobres em nome da industrialização e da tecnologia.

A especialização própria da tecnologia comporta grande dificuldade para se conseguir um olhar de conjunto. A fragmentação do saber realiza a sua função no momento de se obter aplicações concretas, mas frequentemente leva a perder o sentido da totalidade, das relações que existem entre as coisas, do horizonte alargado: um sentido, que se torna irrelevante. (LS n. 116)

O importante da LS não está no fato de ser uma encíclica que apenas traz dados em defesa do meio do ambiente, mas porque tem como tema central a

“ecologia integral”. Nesta intenção, relaciona os problemas da modernidade e “todos os aspectos da crise mundial” (LS n. 137), tendo como compreensão as dimensões humanas e sociais. O texto aborda as diversas propostas modernas que esquecem o ser humano e sua relação com a natureza e o lugar social em que vive, e não consegue vislumbrar respostas específicas e independentes para cada parte dos problemas que enfrentamos. É preciso contemplar soluções integrais, pois se chega à conclusão de que “não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa socioambiental” (LS n. 139). Portanto, existe uma preocupação do papa Francisco em relacionar a degradação ambiental e a injustiça social, integrando o esforço em combater a pobreza com o cuidado da natureza.

O sentido de cuidado não está separado do contexto social e humano. Há a percepção do cuidado não se limitando apenas às coisas do ambiente, mas um extenso entendimento social, envolvendo as diversas relações humanas e instituições que atuam em prol de uma mesma ideia. Deve haver um ecossistema sustentável onde o ser humano e os diversos seres do ambiente possam conviver em harmonia.

A dignidade humana, a ética e a qualidade de vida não podem ser menores do que as diversas técnicas e produções. Na Encíclica LS vemos o forte compromisso com o cuidado social e a relação do amor fraterno, provocando uma cultura e sentimentos de gratidão à Casa Comum:

É preciso cuidar dos espaços comuns, dos marcos visuais e das estruturas urbanas que melhorem o nosso sentimento de pertença, a nossa sensação de enraizamento, o nosso sentimento de “estar em casa”, dentro da cidade que nos envolve e une. É importante que as diferentes partes de uma cidade estejam bem integradas e que os habitantes possam ter uma visão de conjunto. (LS n. 151)

São Francisco de Assis, visto como aquele que manifestou atenção pela Criação e pelos pobres, também é apresentado na LS. Nota-se que a questão da ecologia integral está ligada ao ser humano e ao mesmo tempo à Criação. Nesta linha de reflexão, percebe-se inseparável a natureza e a justiça aos pobres. Essa relação também se desdobra na dimensão escatológica, em que a vida eterna transformada “ocupará o seu lugar e terá algo para oferecer aos pobres definitivamente libertados” (LS n. 243). Esta mudança de paradigma na LS provoca a percepção de como deve ser a luta social para eliminar a pobreza no mundo.

Assim, na LS observa-se a “peculiaridade da experiência cristã expressa no termo ‘criação’”⁴¹⁷. A espiritualidade cristã tem o pressuposto de um estilo profético e contemplativo, capaz de permitir saborear as coisas e atitudes humanas naquilo que parece simples e necessário. Este “regresso à simplicidade nos permite parar e saborear as pequenas coisas, agradecer as possibilidades que a vida oferece, sem nos apegarmos ao que temos nem nos entristecer por aquilo que não possuímos” (LS n. 222).

A *Laudato Si'* propõe um estilo de vida com a pretensão de melhorar o planeta, conservando as espécies, as diferentes fontes de vida e convivência entre as pessoas, sem conflitos e proporcionando aos pobres uma melhor qualidade de vida. O novo estilo marca uma sobriedade feliz, capaz de viver o cuidado pela Casa Comum em contemplação e com solidariedade incondicional. Fazendo, deste modo de vida, um crescimento no espírito de uma fraternidade universal provocando uma paz interior. Vemos, então, que este cuidado com o mundo está em ligação com a ascese que a humanidade precisa realizar para ter os bens em benefícios da vida, e ao mesmo que a faça encontrar seu sentido ético, desistindo de tudo aquilo que traga a ideia de um capitalismo centrado no lucro. A ideia da LS é seguir São Francisco de Assis e viver na sobriedade com felicidade.

5.4

Exortação apostólica *Querida Amazônia* e os sonhos de fraternidade – social, cultural, ecológica e eclesial

O papa Francisco, ao convocar o Sínodo da Amazônia em 15 de outubro de 2017 e o concluir em Roma em 2019, com a Exortação Apostólica pós-sinodal *Querida Amazônia* (2020), documento no qual o papa deseja “oferecer um breve quadro de reflexão que encarne na realidade amazônica uma *síntese* de algumas grandes preocupações já manifestadas [...] em documentos anteriores”⁴¹⁸. A QA foi apresentada como “uma grande possibilidade de reflexão sobre a ética do cuidado”⁴¹⁹.

⁴¹⁷ TAVARES, S. S., Evangelho da Criação e ecologia integral: uma primeira recepção da LS, p. 66.

⁴¹⁸ FRANCISCO, *Querida Amazônia*, n. 2.

⁴¹⁹ CONCEIÇÃO, E. da, O Sínodo da Amazônia e a ética do cuidado: a Amazônia clama por uma resposta concreta e reconciliadora, p. 245.

Na exortação, percebemos as preocupações com a região Amazônica e o discernimento das possibilidades do futuro de evangelização daquele espaço. Observa-se como o tema da Amazônia também é importante para a sinodalidade para a Igreja. O sínodo é um método importante para a investigação, no que tange aos diversos aspectos eclesiais e doutrinários. Este processo propicia a investigação cultural e aumenta a capacidade de diálogo com a sociedade.

No Concílio Vaticano II, as diversas conferências episcopais, contando com ajuda do povo de Deus, trazem os ensinamentos do múnus de Cristo, renovando a evangelização na Igreja. Com isto, o trabalho do sínodo é observar os temas que precisam serem revistos para uma renovação do trabalho evangelizador. O papa Francisco, ao longo do seu pontificado, tem encarado diversos desafios deste século XXI e faz com que sejam dialogados na metodologia sinodal. A vida pastoral e o exercício de servir o múnus de Cristo de ensinar entram na dinâmica de discernir em humildade sobre a diversidade, tendo “como herança metodológica a missão como relevância para a Igreja no mundo atual e a ecologia integral como responsabilidade para as futuras gerações”⁴²⁰ – proposta específica do sínodo da Amazônica.

O sínodo da Amazônia teve como temática “Novos caminhos para Igreja e para uma Ecologia Integral”, que já havia sido proposto em outros momentos de encontros episcopais dessa região, como também em conferências do CELAM, das quais Francisco já participara, especialmente em Aparecida. Isso deu seguimento a discursos e documentos de espiritualidade ecológica, como o que vimos na *Laudato Si'*. Neste caminho, podemos compreender a “sinodalidade não somente entre os bispos, mas com todo o povo de Deus”⁴²¹. A sinodalidade não está voltada ao povo da Amazônia, mas visa aproximar a Igreja e o mundo daquela área, para observarem os sérios problemas que possam ser questionados e estimulados à preservação, como cristãos e sociedade.

Na Exortação QA, temos a apresentação de importantes temáticas que impactam a vida do povo da Amazônia. A investigação dos diversos temas do Sínodo é observada principalmente nas “dimensões do divino, do humano e do cosmos”⁴²². Portanto, a Igreja tem a preocupação como “experiência de fé do

⁴²⁰ SUESS, P., A proposta do papa Francisco para o Sínodo Pan-Amazônico de 2019, p. 17.

⁴²¹ SUESS, P., A proposta do Papa Francisco para o Sínodo Pan-Amazônico de 2019, p. 18.

⁴²² RONSI, F. de Q., O futuro da Amazônia diante da crise cosmoteândrica, p.132.

cristão que encontra em Jesus Cristo a razão de sua preocupação com vida de todas as pessoas, e, dessa forma, empenhe-se para que a todos seja proporcionado um desenvolvimento integral”⁴²³.

O cuidado da Casa Comum não é uma responsabilidade apenas dos cristãos, mas de toda sociedade. É uma responsabilidade de todos. Também a Amazônia é uma preocupação para todos. A sinodalidade é um modo de a Igreja viver sua missão. Com o sínodo da Amazônia, procurou refletir sobre “a caridade divina que brota do coração de Cristo e gera uma busca da justiça que é inseparavelmente um canto de fraternidade e solidariedade” (QA n. 22). Por isso, o papa Francisco procura ser fiel às diversas discussões dos grupos envolvidos neste sínodo: “Ouvi as intenções ao longo do Sínodo e li” (QA n. 2).

Na Exortação QA, a degradação do espaço ecológico amazônico fica evidente pelo número de debates e conclusões. Observa-se que, desde o passado, aquela região foi um lugar de grande escassez de cuidado pelo poder público. A Igreja, para servir como voz profética naquela região, enviou diversos missionários e foi ajuda para evangelizar os povos à fé cristã e lembrar também do cuidado pela Criação.

A proposta do sínodo foi procurar incentivar uma vida em harmonia com a natureza. A Igreja reviu seu papel evangelizador e concentra-se em ser na Amazônia uma “igreja com o rosto amazônico”. E apresenta, durante o sínodo, uma atitude sensível ao tempo, sendo escuta das diversas culturas e desenvolvendo um cuidado integral aos povos e à natureza, e proporcionado um diálogo com o mundo sendo discípula-missionária. O anúncio missionário contido na exortação também vem de encontro às dimensões relacionais do ser humano com a Criação provocando o cuidado com os biomas e os integrando com o meio e a conservação. E, conseqüentemente, tendo um “rosto do Cristo sofredor no imenso bioma amazônico”⁴²⁴.

Como foi relatado nos capítulos anteriores, São Francisco de Assis, valorizou a criação. O papa Francisco, seguindo São Francisco, com a LS, discerniu sobre o cuidado com a Criação revelando ao mundo essa fragilidade universal, a devastação do espaço comum, que deveria ser cuidado por todos. A Amazônia também precisa

⁴²³ RONSI, F. de Q., O futuro da Amazônia diante da crise cosmoteândrica, p.131.

⁴²⁴ CASTRO, P. R. C., Amazonizar a Igreja a partir da Eclesiologia do Sínodo para a Amazônia, p. 158.

de cuidado. Francisco mostra que a temática ambiental tem forte elo com o anúncio do Senhor Jesus Cristo no Evangelho e nos faz refletir sobre o cuidado das relações humanas. O amor de Deus reflete cuidado na criação e, por consequência, nos gestos de solidariedade que a promoção e a compreensão têm espalhado no cuidado do planeta, nas gerações presentes e futuras. E ao ter essa consciência histórica do carisma de São Francisco, o papa Francisco nos faz compreender que a temática do sínodo é essa nova atitude na Igreja e propõe a transformação do modo de tratar a Amazônia.

As diversas explorações ao longo dos séculos resultaram em processos migratórios e no aumento da pobreza daquela região, especialmente nas cidades que compõem a região da Amazônia. Por isso, o Sínodo deve incentivar uma cultura do cuidado do ecossistema e da cultura, provocando a defesa de toda aquela realidade, promovendo “aspecto educativo” (QA n. 57) e mostrando as possibilidades de “novos hábitos a pessoas e nos grupos humanos” (QA n. 57), realizando uma transformação das crises sociais. E faz um debate lembrando que aquela região, desde o início, foi um lugar dos pobres, como nos dizem os bispos da Amazônia brasileira:

a história da Amazônia revela que foi sempre uma minoria que lucrava à custa da pobreza da maioria e da depredação sem escrúpulos das riquezas naturais da região, dádiva divina para os povos que aqui vivem há milênios e os migrantes que chegaram ao longo dos séculos passados. (QA n. 16)

O sínodo recordou o problema da colonização deixado na região e o fluxo migratório e as diversas violências perpetradas contra os povos indígenas não ainda superadas. Os agentes econômicos, outro problema visível naquele espaço, fazem com que o ser humano seja desprezado, dando lugar ao desinteresse público e ao aumento significativo da pobreza material. Assim, os agentes políticos e econômicos desprezam o ser humano em toda sua extensão e cuidado. Podemos perceber que a economia globalizada gera uma riqueza social e cultural e ao mesmo tempo desintegra a família e a cultura. É necessário que sejam restaurados os locais culturais, sociais e políticos, como observamos:

A economia globalizada danifica despididamente a riqueza humana, social e cultural. A desintegração das famílias, que resulta das migrações forçadas, afeta a transmissão de valores, porque a “família é, e sempre foi, a intuição social que mais contribui para manter vivas as nossas culturas”. Além disso, “diante duma invasão colonizadora maciça dos meios de comunicação” é necessário promover para os povos nativos “comunicações alternativas, a partir das suas próprias línguas e

culturas”, e que “os próprios indígenas se façam protagonistas presentes nos meios de comunicação já existentes”. (QA n. 39)

Observa-se então o sentido da LS em que se destaca a conversão ecológica, insistindo na questão pastoral, cultural e eclesial, tendo uma harmonia entre o cuidar e preservar a ecologia e a dignidade humana. “Tratando-se, então, de retomar o caminho da liberdade humana, pautada pelo reconhecimento de uma relacionalidade inextirpável com o meio ambiente, que dá condições e favorece a continuidade da obra criadora de Deus”⁴²⁵.

Os debates sobre a evangelização daquele espaço, como do próprio cristianismo, mas também o que já existia naquele espaço, antes da chegada da colonização, foram valorizados nas temáticas, gerando diálogos entre a liturgia e o magistério. A exploração dos diversos aspectos, como o humano, espaço cultural, crença, valores, mas também os biomas fizeram pensar novas propostas que podem assegurar aqueles que vivem naquele espaço. A exortação procura tratar a ligação entre a fraternidade e a Casa Comum, e a fé, como estão sendo vividos neste espaço onde a Igreja se faz presente.

Nessa exortação pós-sinodal, a preocupação de transcendência é verificar que “para o planeta e para a Igreja”⁴²⁶ a vida daquele lugar se faz importante a todos. Por isso, a preocupação do Sínodo era voltada à construção não de problemas específicos, em casos particulares, como “ordenação de mulheres e de homens casados”⁴²⁷; a necessidade é o bem eclesial, está em agendas que fazem parte de um pacto Global, como a questão da devastação da natureza e o cuidado pela geração de vidas, e a proporção de um bem-estar fraterno, mais do que pensar em saber o que irá acontecer com normas eclesiais.

Os diversos modos de interpretação para a identificação da exortação pós-sinodal configuraram mais um problema de interpretação fraterna. Por isso, a necessidade era voltar-se à tradição bíblica do Livro do Gênesis, no seu relato da Criação. Nesse relato, podemos ver a dinâmica da criação que vai da origem à teologia da Criação, que corresponde à *Laudato Si'* e ao cuidado da Casa Comum. Portanto, temos como expectativa sinodal promover uma cultura do bem viver, procurando conciliar as diversas urgências dos povos da Amazônia e integrando o

⁴²⁵ MARTINS FILHO, J. R. F., Um sonho ecológico para a Igreja: o magistério de Francisco da *Laudato Si'* ao Sínodo para a Amazônia, p. 113.

⁴²⁶ BRIGHENTI, A., Sínodo da Amazônia-Quatro sonhos e um impasse, p. 313.

⁴²⁷ BRIGHENTI, A., Sínodo da Amazônia-Quatro sonhos e um impasse, p. 313.

cuidado ecológico e o serviço de caridade aos mais pobres. Este é o sonho sinodal, mas é preciso sair do sonho para a construção de condições que conservem aquele espaço:

O nosso é o sonho duma Amazônia que integre e promova todos os seus habitantes, para poderem consolidar o “bem viver”. Mas impõe-se um grito profético e um árduo empenho em prol dos mais pobres. Pois, apesar do desastre ecológico que a Amazônia está a enfrentar, deve-se notar que “uma verdadeira abordagem ecológica sempre se torna uma abordagem social, que deve integrar a justiça nos debates sobre o meio ambiente, para ouvir tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres”. Não serve um conservacionismo “que se preocupa com o bioma, porém ignora os povos amazônicos”. (QA n. 8)

Na fraternidade temos o forte sentido que nos faz nos perceber o sentido de comunhão com o povo da Amazônia. Esta condição de vínculo não diminui a capacidade de liberdade, mas é capaz de intensificar a vida. Diferente de outras culturas, este povo vive uma vida com a demanda da ajuda e cuidado mútuo. Assim, essa experiência fraterna é vista como característica importante entre esses que vivem nesta parte do Planeta. Existe, neste espaço, devido a dificuldade diversas – de tecnologias e acessos a outros meios manufaturados, um verdadeiro “espírito de comunhão humana” enriquecendo as tarefas cotidianas e administrado a vida comum, também valorizando a cultura dos antepassados. Percebe-se, na Exortação QA, a intenção de conviver com aquilo que é diverso e fazer o contato em diálogo fraterno.

A Igreja, então, convidada a fazer este processo, expressou as diversas realidades sociais anunciando a revelação em Cristo, com aquele que acolhe todos, como faz Francisco quando acolhe os diversos povos da Amazônia no Vaticano. Esta ação, apesar das críticas internas, se deu no tempo e no espaço colocando a revelação em Cristo, aquele que traz o estilo pastoral acolhendo todos na sua diferença. O sínodo atendeu a este princípio eclesiológico missionário mostrando uma linguagem simples e aceitando a cultura local:

Para isso, não se moldar a sua própria identidade na escuta e no diálogo com as pessoas, realidades e histórias do território. Desta forma, ir-se-á desenvolvendo cada vez mais um processo necessário de inculturação, que nada despreza do bem que já existe nas culturas *amazônicas*, mas recebe-o e leva-o à plenitude do Evangelho. E também não despreza a riqueza de sabedoria cristã transmitida ao longo dos séculos, como se pretendesse ignorar a história na qual Deus operou de várias maneiras, porque a Igreja possui um rosto pluriforme, vista “não só da perspectiva espacial [...], mas também da sua realidade temporal”. Trata-se da Tradição autêntica da Igreja, que não é um depósito estático e nem uma peça de museu, mas a raiz duma árvore que cresce. É a Tradição milenar que testemunha a ação divina no seu povo e cuja “missão é mais a de manter vivo o fogo, do que conservar as suas cinzas”. (QA n. 66)

O ser humano, como nos permite ver a exortação, tem a responsabilidade em abrir-se à Criação na sua liberdade. A intenção do sínodo é fazer com que a sociedade em geral possa abrir-se ao cuidado, confiando em Deus em sua revelação. A humanidade torna-se sensível ao convite do criador e acessível à liberdade. “A pessoa humana já nasce com o conhecimento natural de Deus por meio da consciência e é recebida efetivamente por meio da ação de Deus na natureza”⁴²⁸.

A fé no Cristo abre-nos uma rede de solidariedade que faz superar “diferentes mentalidades de colonização” (QA n. 17) e o sínodo nos faz contribuir em um projeto solidário. Isso resulta no cuidado como princípio evangélico de profunda consciência ética teológica, tendo um sentido educativo e ao mesmo tempo uma sensibilidade pessoal que provoca o desenvolvimento de novos hábitos. Este cuidado nos faz ver uma “ecologia, sã e sustentável, capaz de transformar seja o que for, se não mudarem as pessoas” (QA n. 58). O cuidado com as pessoas e o cuidado dos ecossistemas são inseparáveis:

a floresta não é um recurso para explorar, é um ser ou vários seres com os quais se relacionar”. A sabedoria dos povos nativos da Amazônia “inspira o cuidado e o respeito pela criação, com clara consciência dos seus limites, proibindo o abuso. Abusar da natureza significa abusar dos antepassados, dos irmãos e irmãs, da criação e do Criador, hipotecando o futuro. (QA n. 42)

5.5

Carta Encíclica *Fratelli Tutti* na solidariedade com os povos e a criação e para a paz

Na Carta Encíclica *Fratelli Tutti* (FT), o papa Francisco lembra desde o início que São Francisco mostrou fraternidade com todos⁴²⁹. A carta apresenta aspectos sobre o amor fraterno e a relação com o Evangelho “como referência fundamental”⁴³⁰, apresentando as diversas dimensões e valores constitutivos desse amor fraterno. O texto tem a preocupação de transmitir o sentido de fraternidade universal e a dimensão do amor fraterno dos que são envolvidos pelo Evangelho, cooperando para transmitir estes valores ao mundo. A Encíclica trata de apresentar os diversos problemas que o mundo vive quando desarticula a fraternidade da ação do amor de Deus. As consequências desses problemas são geradas a partir de pontos

⁴²⁸ MOLTSMANN, J., BOFF, L., Há esperança para a criação ameaçada?, p.40.

⁴²⁹ FRANCISCO, *Fratelli tutti*, n. 1.

⁴³⁰ VALDIVIESO, R. S., Notas para un Comentario a “*Fratelli Tutti*”, p. 279.

comuns, como os interesses econômicos, a economia global e o crescimento da pobreza no mundo, temas já abordados em outros textos do papa Francisco.

A principal característica dessa Encíclica é que “rompe as cadeias que nos isolam e separam, lançando pontes; o amor que nos permite construir uma grande família” (FT n. 62). Busca integrar as pessoas e gerar a fraternidade no sentido social, que supera as diversas crises ideológicas. Assim, este projeto comum nos mostra o compromisso responsável e presente “na irmandade universal entre as religiões e povos, propondo a fraternidade e a amizade social”⁴³¹.

São Francisco, com sua Regra de vida, já mostrava essa proposta aos seus primeiros companheiros e como ela foi dando significados à Igreja. Essa ideia fraterna supera as barreiras de tempo e de espaço, gerando a fraternidade em diversos lugares que foram sendo evangelizados. Francisco de Assis, “com poucas e simples palavras, explicou o essencial de uma fraternidade aberta, que permite reconhecer, valorizar e amar todas as pessoas, independentemente da sua proximidade física, do ponto da terra em que cada um nasceu e habita” (FT n. 1).

O texto nos permite ainda ver, de modo significativo, quando São Francisco vai ao encontro do Sultão Malik-al-Kamil. Exigindo o esforço em compartilhar a sua vida, apesar de cultura e religião diferentes, o encontro acontece de forma dialogal, com cada um comunicando a sua verdade e respeitando a do outro. A história de São Francisco nos faz perceber que o amor “cria vínculos e amplia a existência” (FT n. 88) Assim, “São Francisco de Assis escutou a voz de Deus, escutou a voz dos pobres, escutou a voz do enfermo, escutou a voz da natureza. E transformou tudo isso em um estilo de vida” (FT n. 48).

Francisco de Assis mostra a origem fraterna que se dá em Jesus Cristo. Esta inspiração é proposta no primeiro capítulo da Regra Franciscana, em que temos a invocação da Santíssima Trindade: “Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo! Esta é a vida do Evangelho de Jesus Cristo”⁴³². O conceito de fraternidade manifesta a importância do ser humano:

Os frades franciscanos consideram que a relação fraterna é uma condição essencial e incontornável para que o ser humano se desenvolva como tal e possa seguir Cristo. O outro não é visto como um competidor, mas como um dom divino que completa minha própria limitação. Portanto, ele não deve ser reduzido a uma variável

⁴³¹ VALDIVIESO, R. S., Notas para un Comentario a “Fratelli Tutti”, p. 279.

⁴³² RNB, n. 1.

econômica nem a um indivíduo anônimo entre muitos outros. Ele é um irmão que eu aprecio em sua singularidade.⁴³³

A FT não tem a pretensão de apresentar os aspectos teológicos ou uma doutrina acerca do amor fraterno. Porém, tem a intenção necessária de sensibilizar o cristão à vivência fraterna e ao relacionamento nas diversas dimensões em que vivem, tais como: sociais, culturais e políticas. Tal relacionamento fraterno visto como etapa de construção social humana advinda do povo de Israel, na Sagrada Escritura, ajuda-nos a compreender as motivações fraternas e o desequilíbrio que pode advir deste convívio. Caim elimina seu irmão, como lemos no texto do Gn 4, e, questionado por Deus, mostra total descaso com Abel, seu irmão. A indicação nos permite perceber que esta fraternidade “é um vínculo que todo ser humano recebe com o nascimento pelos seus pais, que não se escolhe quando vem ao mundo, porque nenhum dos seres humanos que vem à terra é dado a si mesmo a existência, compartilhar a mesma humanidade recebida”⁴³⁴. Portanto, o texto sugere que a fraternidade nasce de uma diversidade.

A prática fraterna é vista como modo de o mundo contemplar o planeta e se organizar em comunhão com respeito a todos. Casos como a recente epidemia da Covid-19 nos revelam as falsas seguranças e a incapacidade das nações em estreitar laços de diálogo para enfrentar os riscos que correu a humanidade nesse período. O texto da Encíclica FT indicava que a busca de unidade se faz urgente, alertando que esta “mesma terra nos alberga a todos, cada qual com sua riqueza da sua fé ou das suas convicções” (FT n. 8).

As diversas ações que realizamos ao longo da vida mostram que precisamos ter um relacionamento fraterno e humanizado para sermos inspirados contra a cultura moderna do individualismo. A cada tempo histórico, e as gerações que se renovam, somos impactados na forma de agir e viver a fraternidade, somos questionados por nossas ações – o que pode gerar medo e insegurança em nos doar ao semelhante, “impactados por uma forma de emancipação social, econômica, cultural, política e até religiosa que afeta e condiciona diretamente o modo de lidar com a intimidade e a subjetividade”⁴³⁵. São posturas que não geram um amor fraterno, mas sim formas de egoísmo e autoproteção.

⁴³³ NÚNEZ, M. C.; *A Economia do nós – Uma perspectiva franciscana*, p. 666.

⁴³⁴ VALDIVIESO, R. S., *Notas para un Comentario a “Fratelli Tutti”*, p. 277.

⁴³⁵ ALMEIDA, A. L. B., *Da indiferença narcisista à consciência social: repondo a alteridade de base cristã numa era globalizada*, p. 59.

A fraternidade é o sinal inspirado pelo Espírito Santo capaz de mostrar as necessidades de uns aos outros, não como uma ideia vantajosa, mas como um projeto dado de fidelidade, respeito e liberdade, nascente do amor de Deus por nós. Este impulso precisa ser realizado de modo constante, pois “a fraternidade dará à liberdade e à igualdade a justa sintonia”⁴³⁶. Este futuro fraterno só será reconhecido quanto forem quebradas as barreiras do modo de pensar e agir individualista, incentivando comportamentos de forma proporcional ao estilo de vida fraterna. Considerar, nisso, “os pobres, os excluídos, os vulneráveis, e que lhes deem voz nas decisões que afetam suas vidas”⁴³⁷, recuperando um sentido de salutar agir nas propostas do Evangelho. Este vínculo nos faz perceber o sentido de uma relação sadia e verdadeira, fazendo crescer a existência nos sinais do amor de Deus no convívio entre os seres humanos.

O papa Francisco “conclama os povos à fraternidade global”⁴³⁸, à harmonia entre as pessoas, de forma individual e fraterna, exercendo um modo de vida em que “sejamos capazes de reagir com o novo sonho de fraternidade e amizade social” (FT n. 6). O princípio humanitário entre os povos cresce entre as diversas culturas e as mais diversas sociedades, espalhadas no mundo, se o modo fraterno for decisivo em “sair de nós mesmos até acolher todos” (FT n. 89). Entretanto, observa-se no mundo contemporâneo, que a decadência dos valores éticos e morais desvincula o modo de ação fraterna concreta entre os seres humanos e a Transcendência de Deus, que liga a vida ao Cristo fraterno. Percebe-se uma verdadeira crise de referência:

A insensibilidade em relação ao sofrimento humano é uma das expressões mais claras do vazio humanístico a que se entregou a nossa época. O nosso vazio não se trata simplesmente de uma atitude anti-humana ou de contraposição em relação ao humanismo e ao personalismo moderno; trata-se, na verdade, de algo bem mais grave, ou seja, da consideração de tudo aquilo que transcende a esfera estritamente material, utilitária, individual e local como sendo inexistente ou, no mínimo, irrelevante.⁴³⁹

A reflexão sobre a experiência do humano e suas relações com o outro é algo que promove uma gama de entendimentos e possíveis possibilidades de adequação à cultura, à política e à religião. A capacidade de análise da realidade humana se dá

⁴³⁶ FRANCISCO, Vamos sonhar juntos – O caminho para um futuro melhor, p. 13.

⁴³⁷ FRANCISCO, Vamos sonhar juntos – O caminho para um futuro melhor, p. 12.

⁴³⁸ BAVARESCO, A.; JUNG, J. H. S., A Encíclica Fratelli Tutti e a inserção do Vaticano nas Relações Internacionais Contemporâneas, p. 1.

⁴³⁹ OLIVEIRA, A. E. B., Direitos humanos em tempo de “cegueira moral”, p. 13.

pelo vínculo do amor, que nos faz nos abrir para uma relação de experiência. Percebemos esta experiência humana quando os diversos grupos sociais não fecham seu modo de pensamento e coexistem em progressivo sentido de convivência fraterna universal. Sendo assim, este amor fraterno não requer um entendimento particular que traga algo em benefício, mas sim um sentido de união em que todos participam do legado fraterno, “só cultivando essa forma de nos relacionarmos é que tornaremos possível aquela amizade social que não exclui ninguém e a fraternidade aberta a todos” (FT n.94).

A vida fraterna é fundamentada no bem comum e para levar o ser humano a se abrir em diálogo ao próximo no entendimento de sua dignidade como pessoa. Esta condição aproxima as realidades daqueles que estão perto, até das pessoas desconhecidas. Para os cristãos, esta experiência com o outro se dá pela fé, reconhecendo no outro o próprio Cristo. E com a cooperação da Igreja, este humanismo da fé cresce na religião, fecundado na oração e na espiritualidade. Para tal crescimento fraterno e de amizade:

A fé, com o humanismo que inspira, deve manter vivo um senso crítico perante as tendências e ajudar a reagir rapidamente quando começam a insinuar-se. Para isso, é importante que a catequese e a pregação incluam, de forma mais direta e claro, o sentido social da existência, a dimensão fraterna da espiritualidade, a convicção sobre a dignidade inalienável de cada pessoa e as motivações para amar e acolher a todos. (FT n. 86)

É importante fomentar o sentido de amor que vai se tornando relações fortes de vínculo e abrindo uma ampla existência na assistência ao outro. Observa-se que este crescimento do amor nasce de uma vida em relação de abertura, saindo de bolhas ou grupos, com regras próprias e uma relação de afetos que não permite outras pessoas entrarem naquele grupo. O amor autêntico cresce “e as formas mais nobres de amizade habitam em corações que se deixam completar” (FT n. 89). Este valor único de amor é visto no exemplo do Evangelho do Bom Samaritano, observando o outro que se dá numa experiência de abertura em compaixão levado às vias da misericórdia.

Tal testemunho é ainda visto na Igreja, em diversos núcleos pastorais e religiosos, na ação com os necessitados e desamparados socialmente, criando um verdadeiro sentido de abertura para conduzir a vida do outro em plena posse dessa espiritualidade que capacita as virtudes que vêm do Evangelho. Como vemos em São Bento, o papa Francisco também recorre ao silêncio do mosteiro e ao seu

paradoxo da hospitalidade. O sentido da hospedaria exercido por São Bento, e que atinge a extensão da vida contemplativa e ativa religiosa, indica que os valores cultivados pelas pessoas “deviam ser acompanhados por essa capacidade de transcender a si mesmas em abertura aos outros” (FT n. 90).

O toque de abertura ao outro revela o valor da amizade e, conseqüentemente, o exercício da fraternidade. A realidade passa ser apresentada de forma mais clara, os assuntos e temas ficam explícitos. Não há mais dúvidas a respeito do fato apresentado. Na fraternidade, conseguimos observar a realidade humana e nos damos conta das feridas e problemas que atingem o outro que esteve distante, vamos nos dando conta das realidades externas que nos incapacitam de ter uma percepção fraterna, tais como: o racismo, a pobreza, a situação dos enfermos e dos idosos. Esses e outros problemas sociais indicam a urgência de abertura para a realidade que nos cerca. O papa Francisco revela que “uma verdadeira abertura universal” (FT n. 99) oportuniza o envolvimento com o próximo, “fundamental para a construção de um mundo possível”⁴⁴⁰.

O texto da Encíclica FT lembra ainda o valor social e eclesial do outro em detrimento da situação econômica. Observa-se esta percepção em todos os documentos e atitudes do papa em seu pontificado. Estabelece sempre a ligação com os direitos humanos e como a Igreja reconhece, na atitude da amizade social, o sentido de romper a desigualdade que muitos povos da Terra hoje vivem. Temos então a crítica à globalização e ao capitalismo, que valorizam os aspectos tecnológicos, mas esquecem as pessoas em sua dignidade – evidenciando-se o aumento significativo da violência, da migração e um modelo econômico que se fundamenta no lucro e na escassez aos mais pobres.

As diversas formas de descuido da humanidade são observadas na FT, mostrando que “os direitos humanos não são iguais para todos” (FT n. 22). Esses direitos desrespeitados são reflexo da perda de sentido para muitas pessoas, que desacreditam na justiça. “Diante dessa realidade, sonhar com um novo mundo à luz da ética evangélica é o estímulo que pode provocar em nós verdadeira conversão de valores e hábitos”⁴⁴¹. É preciso então pensar em revigorar no mundo a partir do processo que Francisco propõe: fortalecer o sentido fraterno. Neste sentido, deve o

⁴⁴⁰ MARIANI, C. M. C. B., Viver a esperança: uma reflexão sobre a espiritualidade e mística em vista da manutenção da esperança a partir da Fratelli Tutti, p. 851.

⁴⁴¹ SANTOS, T. M., Uma humanidade descartável? Um projeto social chamado “Francisco”, p. 56.

ser humano redescobrir suas potencialidades, desenvolvendo uma humanidade contra uma “sociedade de exclusão, caracterizada por uma política imperialista e uma economia selvagem que aniquilam a possibilidade de sobrevivência justa para milhares de pessoas”⁴⁴² que necessitam o básico.

⁴⁴² SANTOS, T. M., Uma humanidade descartável? Um projeto social chamado “Francisco”, p. 65.

6 Fundamentos bíblicos e diálogo da Senhora Pobreza e Sobriedade Feliz

Este capítulo se reporta à pobreza no vocabulário bíblico, do Antigo Testamento e do Novo Testamento, onde se encontram inspirações para aprofundar a reflexão. Depois, estuda a contribuição do CELAM em vários tópicos, inclusive de orientação pastoral para seguir o Evangelho e considerar o tema da pobreza. Por último se desenvolve uma reflexão final sobre o carisma franciscano e principalmente o tema da Senhora Pobreza, em vista da Sobriedade Feliz dita pelo Papa Francisco.

6.1 A pobreza no vocabulário bíblico do Antigo Testamento

O Antigo Testamento apresenta diversos momentos que retratam as condições sociais e econômicas do povo de Israel. Nos textos, temos as considerações dos problemas e, ao mesmo tempo, a solução adequada, com a graça, a misericórdia e a justiça vindas de Deus. No processo de formação do povo de Israel, há o conceito social em detrimento da liberdade, a condição dos bens e a renúncia do mundo. Desde o tempo de Moisés até Jesus, em Israel havia muitos pobres, mas é “realmente difícil termos uma imagem exata de Israel”⁴⁴³ em relação à vida econômica de toda a sociedade daquele tempo. Israel não tinha uma classe média como conhecemos na sociedade moderna, a “pobreza coletiva”⁴⁴⁴, havia uma parcela significativa de pobres na sociedade. A injustiça social estava ligada “à existência da pobreza difundida”⁴⁴⁵.

A vida no Antigo Israel, seus diversos períodos históricos com características próprias, foi marcada por mudanças que impactaram profundamente a trajetória do povo. Ao longo do período dos patriarcas até Moisés, o povo, que tinha uma vida nômade, começa a ter se estabelecer em territórios. Esta vida se torna seminômade, retratada nos livros históricos no período dos juízes. Tal mudança acontece em “um

⁴⁴³ GEORGE, A., A pobreza Evangélica segundo o Antigo Testamento, p. 16.

⁴⁴⁴ GEORGE, A., A pobreza Evangélica segundo o Antigo Testamento, p. 16.

⁴⁴⁵ McKENZIE, J. L., Dicionário Bíblico, p. 666.

processo lento e gradual, não foi acompanhada de mudança social rápida”⁴⁴⁶. Porém, podemos afirmar que existia uma pobreza coletiva no sentido econômico e “a concentração da terra nas mãos dos grupos mais poderosos”⁴⁴⁷.

O povo de Israel foi atingido por grande pobreza, provocando sofrimento e trazendo consequências como “dependência, a humilhação e a opressão”⁴⁴⁸. Segundo os critérios humanos, a pobreza é associada “à preguiça (Pr 6,6-11; 10,4; 20,4.13; 24,30-34), ou às palavras fúteis (Pr 14,23), ou à vaidade (Pr 28,19; 12,11), ou ainda à busca desenfreada do prazer (Pr 21,37; 23,20-21; Eclo 18,32-19, 2)”⁴⁴⁹. Estes critérios levaram a pobreza a ser entendida como mal. Devido a isto, estas considerações humanas não poderiam trazer soluções ao problema da pobreza, recorrendo “a pobreza com a justiça e a graça de Deus”⁴⁵⁰. Recorrendo a Deus e à oração como assistência fraternal.

A pobreza ou a ideia do pobre no Antigo Testamento está associada aos que sofrem, ou seja, a partir da população que sofre diversas opressões. Neste caso, temos os órfãos, as viúvas e os estrangeiros, apresentados em situações diversas. O “pobre” no Antigo Testamento são as pessoas “sem-terra e sem recursos políticos, legais e econômicos para ter uma casa autossustentável”⁴⁵¹. O texto do livro do Gn 31 narra a fuga de Jacó e seu retorno à sua terra, mostrando a difícil justiça com o salário e a inveja, provocando injustiça e pobreza. Por isso, a partir desse texto, temos “um modelo social de justiça, amor e compaixão”⁴⁵² realizado por Deus, dando segurança a Jacó para recuperar seus bens.

O sentido bíblico da ajuda ao necessitado se compõe de uma relação ética entre o direito e a proteção social, tanto no sentido individual quanto comunitário. A forma de pensamento ético apresentado pelos diversos autores do Antigo Testamento permite perceber o valor da fé e a relação com a justiça de Deus. A violência marcada pela falta de seguridade e também pelo desemprego econômico se apresenta nas diversas tradições do Antigo Testamento encarando a pobreza

⁴⁴⁶ SICRE, J. L., Com os pobres da Terra. A justiça social nos profetas de Israel, p. 69.

⁴⁴⁷ SICRE, J. L., Com os pobres da Terra. A justiça social nos profetas de Israel, p. 70.

⁴⁴⁸ GEORGE, A., A pobreza Evangélica segundo o Antigo Testamento, p. 20.

⁴⁴⁹ GEORGE, A., A pobreza Evangélica segundo o Antigo Testamento, p. 21.

⁴⁵⁰ GEORGE, A., A pobreza Evangélica segundo o Antigo Testamento, p. 21.

⁴⁵¹ ROSSI, L. A. S., Catálogo de violência e a desumanização dos pobres no Antigo Testamento, p. 109.

⁴⁵² ANDERSON, A. F.; GORGULHO, Fr. G., O Deus Vivo Liberta e Reúne o Povo dos Pobres, p. 662.

como fato anormal e, portanto, buscando reivindicar uma assistência fraternal aos pobres.

Em Isaías e Sofonias, vemos a necessidade de denúncia das crises de injustiça e a falta de alimento. Os diversos momentos de crises mostram que o acesso à divisão coerente entre aquilo que se produz se torna injusto ao povo. A falta de alimentos mostra uma vida de exclusão, não há o essencial. Portanto, a linguagem do modelo mosaico é reassumida. Israel tem a visão da pobreza no sentido do pecado, com o Código da Aliança em defesa dos pobres, das viúvas e órfãos. A busca pelos mandamentos da Lei faria gerar o conhecimento sobre Deus e provocaria a comunidade a viver com amor-compaixão. Assim, a “experiência concreta, quer dizer material, quer principalmente social, parece ter conduzido os homens do Antigo Testamento à humilde submissão a Deus e ao abandono da sua graça”⁴⁵³.

O profeta Isaías, decepcionado com o modelo de organização do governo do Rei Acáz, denuncia a política de opressão aos pobres. A preocupação de Isaías está sob a autoridade do grupo contrário ao povo, que se declara contra os “oprimidos, órfãos e viúvas”⁴⁵⁴. O pecado tem o sentido com a relação com o poder e o dinheiro e interpretando com o pecado de Sodoma e Gomorra. Isaías está descontente com a ideia de culto e o cuidado com o povo sofredor e fixa, então, que o pecado de Israel teria “a possibilidade de castigo divino”⁴⁵⁵. A percepção do povo em relação ao pobre deveria mudar radicalmente: “defendei o órfão, protegei a viúva” (Is 1,17), exigindo uma justiça que proponha uma reta distribuição ética aos mais pobres.

O Antigo Israel, nos diversos textos, mostra a história sobre os diversos aspectos do processo de formação e fixação da terra e constituição das famílias nos diferentes territórios. A posse de terra estava ligada ao processo social e econômico constituído como forma de entendimento sobre a pobreza e a renda da sociedade de Israel. O termo “pobre” mostra o seu sentido etimológico no respeito e compreensão para com aqueles necessitados de recursos à sobrevivência na situação de povo eleito. O termo pobre vai se consolidando em conexão com os momentos centrais da história do povo de Israel, sobressaindo-se o cuidado e relação com a misericórdia de Deus.

⁴⁵³ GEORGE, A., A pobreza Evangélica segundo o Antigo Testamento, p. 32.

⁴⁵⁴ SICRE, J. L., Com os pobres da terra. A justiça social nos profetas de Israel, p. 256.

⁴⁵⁵ SICRE, J. L., Com os pobres da terra. A justiça social nos profetas de Israel, p. 256.

A qualidade de vida do povo mais simples se dá na produção de alimentos, na agricultura. O estilo de vida social ligado à terra e ao meio rural geram o lucro, resultando na constituição da vida pessoal e comunitária das tribos e clãs, e estes favorecem o sentido de lucro que interfere na vida dos pobres. A agricultura é o meio de subsistência, inserida no processo cultural da vida do povo do Antigo Testamento. No período dos patriarcas, aparecem diversas palavras conectadas com a vida social e religiosa do termo pobre, tais como: latifúndio, capital, troca, servos, consumo e renda, ligadas ao meio de produção. O trabalho deveria garantir o sustento, associado ao culto e à religião, compreendendo já uma ideia de pobreza espiritual. Os bens produzidos eram dados por Deus em benefício de todos do povo de Israel e demonstrava a expectativa de promoção de qualidade de vida para o povo.

A história do povo de Israel inicia pela história dos patriarcas, passando pela mensagem dos profetas até os textos sapienciais. A fuga do povo do Egito, o êxodo, a Palestina e a formação da monarquia com os Juízes nos aproxima da realidade do sofrimento, mostrando as diversas dificuldades para a distribuição dos bens. Durante o tempo dos patriarcas, temos a fixação de propriedade, em que saem de uma vida de seminômades para a construção de casas e lugares de luxo, instaurando a visão de uma separação de classes.

A sociedade patriarcal tem sua constituição familiar com o pai, mãe, filhos, chefe, sacerdote e juiz, vivendo do trabalho e produzindo, entre eles, os meios de sobrevivência, garantindo o sustento entre todos. Essas famílias possuíam escravos, gerando, nesta convivência, diversos conflitos. Tais grupos eram representados pelos mais pobres da sociedade, acrescentados os órfãos, as viúvas e os estrangeiros, em que se observa uma “prática social na qual se preserva de forma concreta a subsistência, a dignidade, a segurança e o bem-estar de cada membro da comunidade”⁴⁵⁶. O importante da história de Israel, era a sobrevivência, sem acúmulos de propriedades e outros benefícios. As partir da formação histórica do povo de Israel, temos “o compromisso de Deus para com os fracos [que] ficará enraizado na consciência de Israel”⁴⁵⁷.

Com a fixação das terras, vão sendo formadas diversas tribos. Elas vivem em uma “organização artificial apoiada na proximidade física e nos interesses

⁴⁵⁶ BRUGGEMAN, W., Teologia do Antigo Testamento, testemunho, disputa e defesa, p. 269.

⁴⁵⁷ SICRE, J. L., Com os pobres da Terra - A Justiça Social nos profetas de Israel, p. 66.

comuns”⁴⁵⁸. Acontece uma mudança na forma de vida do povo de Israel, uma adaptação mais profunda ao seu território, na implementação da agricultura, com o manejo do trabalho, a criação de animais. Enquanto se via uma mudança de estrutura social, por outro lado, observa-se a disputa por terra e pela água. A divisão da terra foi dada pelo livro dos Números, a repartição da terra era pelo maior número de membros de uma tribo, com espaços maiores, conseqüentemente. Porém, existiam ainda as disputas e os sorteios na distribuição das terras – os mais fortes tinham as terras maiores e mais produtivas, gerando injustiças e sendo contrária a fraternidade em “manifestar com isso a vontade de Deus e ausência de arbitrariedades.”⁴⁵⁹

Dentre as análises do verbete “pobre”, podemos perceber as seguintes indicações, a partir da espiritualidade do pobre:

No, Antigo Testamento existem muitas palavras hebraicas que são comumente traduzidas como "pobre". São elas: 1. *'ani*, que em seu uso mais completo descreve uma situação de inferioridade de alguém em relação a outro. Em termos concretos, *'ani* é alguém dependente. Quando usada em combinação com *dal* descreve uma relação econômica. O contrário de *'ani* é o opressor ou aquele que emprega violência. Deus é o protetor dos *'anim* porque eles são pessoas que foram empobrecidas através da injustiça. 2. *dal* é usada em dois sentidos: pode referir-se tanto à fraqueza física quanto à posição baixa na sociedade. 3. *'ebion* frequentemente se refere aos que são bastante pobres e estão numa situação de miséria. Originalmente significava alguém que pede esmolas, um pedinte, mendigo. 4. *rash* é o pobre ou pessoa necessitada; sua antítese é a pessoa rica. O significado mais proeminente é o socioeconômico. 5. *misquen* significa "dependente", alguém inferior na sociedade.⁴⁶⁰

O uso do termo pobre acontece no decorrer do texto, obedecendo ao período, de diferentes formas, de acordo com os vários períodos históricos. As raízes são *'Anî* e *'ânâh*, que têm como significado “curva-se”, “evocando inferioridade, humilhação e submissão”⁴⁶¹. O pobre no sentido “*'anî* é literalmente aflito – no uso, a aflição consiste em ser membro de uma classe mais baixa indigente e sujeita à opressão, sem meios de se defender”⁴⁶². No sentido religioso, temos a palavra *'anî* como tradução de humilde “dito de quem não tem vontade de resistir, *dal* significa literalmente “desfalecido”, ou seja, uma classe social cuja fraqueza deriva da sua indigência *'ebyon* significa mais propriamente pobre e necessitado”⁴⁶³.

⁴⁵⁸ SICRE, J. L., Com os pobres da Terra - A Justiça Social nos profetas de Israel, p. 68.

⁴⁵⁹ SICRE, J. L., Com os pobres da Terra - A Justiça Social nos profetas de Israel, p. 68.

⁴⁶⁰ SIEPIERSKI, P. Espiritualidade e pobreza, p. 221.

⁴⁶¹ CARDOSO, M T. F., Opções preferenciais: solicitude e desprendimento como temas de teologia e diálogo na perspectiva de Puebla, fundamentos bíblicos e ênfases do Papa Francisco, p. 287.

⁴⁶² McKENZIE, J. L., Dicionário Bíblico, p. 666.

⁴⁶³ McKENZIE, J. L., Dicionário Bíblico, p. 666.

No contexto atual, percebemos a conotação material e espiritual no emprego de “pobreza”. Nestes dois sentidos, temos, no primeiro caso, o entendimento ligado à carência dos bens econômicos, necessários à vida do ser humano. E no segundo sentido, temos a compreensão que existe algum pecado ou fato de origem divina que faz com que aquele se encontre pobre. Notamos, então, o sentido religioso como “pobreza espiritual” vinda do entendimento de *Anâwim*. Esta expressão usada no Antigo Testamento remete a uma mística de despojamento e renúncia dos bens temporários, esse “desprendimento será uma das novidades trazidas pelo próprio Cristo”⁴⁶⁴. Portanto, a pobreza não está totalmente no sentido ter ou não os bens, mas sim na forma como os benefícios da Graça de Deus são usados no decorrer da existência.

No Antigo Testamento, durante e após o exílio, temos o sentido de pobre com conotação “espiritual ou religiosa”⁴⁶⁵. Os judeus que foram para Babilônia durante o período do exílio tiveram diversos problemas para reconquistar suas terras e voltar a morar nos seus lugares de origem após o exílio. Neste retorno, percebemos o processo da repartição das terras e “juntaram-se à população que tinha ficado na terra e passaram a levar uma vida feita de todas as espécies de dificuldades”⁴⁶⁶.

A pobreza não deve ser compreendida no sentido literal, mas ser interpretada nos diversos momentos da história de Israel. Vemos a origem dessa dimensão religiosa já nos livros mais recentes do Antigo Testamento tendo a palavra pobreza como conotação de esmola. Esta era dada aos pobres, por justiça em cumprimento da vontade de Deus no entendimento que “diversas tradições interpretaram os fatos partindo da consciência que Deus escuta o clamor dos oprimidos (Ex 2, 24s; 3.7-10.17; 4, 31; 6, 5-8)”⁴⁶⁷. Enraizado no senso comum de Israel estava o compromisso de Deus com os mais pobres.

A denúncia feita pelos profetas corresponde à percepção das diversas insatisfações dos sofrimentos vividos pelo povo de Israel. Estas denúncias também aconteciam em outros momentos dos povos do Oriente, não apenas em Israel. A denúncia se dava como resultado das inúmeras injustiças. Os profetas, com forte consciência no Deus único, esforçavam-se em testemunhar e transmitir os

⁴⁶⁴ GEORGE, A., A pobreza Evangélica segundo o Antigo Testamento, p. 27.

⁴⁶⁵ SIEPIERSKI, P. Espiritualidade e pobreza, p. 220.

⁴⁶⁶ BRIGHT, J., História de Israel, p. 465.

⁴⁶⁷ SICRE, J. L., Com os pobres da Terra - A Justiça Social nos profetas de Israel, p. 66.

ensinamentos do Decálogo trazido por Moisés ao povo da libertação. Esta união religiosa do anúncio de Javé se faz no ideal comum dos profetas de Israel, observando os pobres como pessoas concretas e viventes. A pobreza então trazia a identificação entre Deus e outro. Resultado disto são as diversas profecias que encaram a justiça como causa primeira na vida dos profetas, que em seus oráculos denunciam os poderosos e ricos. Como podemos perceber:

Os grandes profetas, erigidos e defensores dos débeis, não cessam de denunciar todas as formas de opressão: o comércio fraudulento (Os 12, 8; Am 8, 5), acumulação das terras (Miq 2, 1-3; Ez 22, 29), a arbitrariedade da justiça (Am 5, 7), as reduções escravidão (Ne 5, 1-5), a violência das classes possuidoras *'am ja'ares* (2 Re 23, 30.35)- e os oficiais covardes atrás dos quais os próprios reis se escondiam (Jr 22, 13-17): Ai daqueles que transformam o julgamento em absinto e jogam a justiça por terra! (Am 5, 7). A medida do mal transbordou... a lei não é respeitada... a causa dos pobres não é defendida (Jr 5, 28).⁴⁶⁸

A pobreza econômica faz entender a limitação da injustiça contra os pobres e em muitos momentos dos textos pode-se perceber uma situação de inferioridade. Se pensarmos no pecado contra a vida humana, a pobreza material representa uma inferioridade da vida humana, não sendo condizente com a dignidade dos seres criados por Deus. Portanto, ofender o pobre é desconhecer a predileção de Deus pelos pobres.

Os órfãos, viúvas e estrangeiros são uma tríade que nos mostram o cuidado de Deus para esses que sofrem devido à sua condição de pobreza social. Nos textos sagrados, percebemos que a condição se dá pela forma de a sociedade organizar-se, revelando diversos tipos de preconceitos religiosos ou sociais. Estas injustiças atingem os que deveriam “estar sob a proteção da família e não representavam problema especial”⁴⁶⁹, mas, vivendo à margem da sociedade, viviam suas vidas sem dignidade.

Em outras classes sociais, os que eram os pobres trabalhavam no meio rural, e ali tinham seu meio de subsistência. Porém, em muitos casos, com péssimas condições de trabalho – em alguns textos observamos que não havia terra a todos e o lucro era dividido de forma desigual e, em alguns casos, em péssimas condições de sobrevivência, vivendo até como escravos. Este tipo de condição social é contrário ao “espírito de pobreza” narrado no Antigo Testamento e aos poucos, com as inúmeras denúncias dos profetas e o conhecimento da revelação em Cristo e a

⁴⁶⁸ GÉLIN, A., Los pobres de Yavé, p. 3.

⁴⁶⁹ SICRE, J. L., Com os pobres da Terra - A Justiça Social nos profetas de Israel, p. 65.

espiritualidade advinda dessa revelação, começa a ser fecundado na história do povo de Israel. Em detrimento não de uma satisfação apenas material, mas de uma realidade transcendental e escatológica.

Na mensagem de Gn 31, vê-se a defesa dos pobres, que estavam sofrendo sobre o peso da fome. A generosidade de Deus para com eles faz com que possam ter mínimo necessário para sobrevivência e nos faz perceber que o povo de Israel observava a pobreza material e, ao mesmo tempo, a oscilação entre pobres e ricos, a busca pela partilha dos bens. Esta linguagem de misericórdia para com os pobres brota na vida concreta das pessoas e, ao mesmo tempo, fomenta um movimento ético de conduta que proporciona ao pobre os benefícios para sua sobrevivência.

No Antigo Testamento, observamos que “a riqueza estava concentrada nas mãos de poucos, e a massa da população era pobre”⁴⁷⁰, estando o poder econômico nas mãos dos reis e de sua corte. Apesar da linguagem do Antigo Testamento ser contundente, principalmente a dos profetas, com expressões e ditos contra a forma de injustiça sobre a pobreza, vemos que o pobre, de maneira geral, não tinha garantidos os seus direitos, já que os ricos dominavam os governos e o meio jurídico, corrompendo-os a fim de satisfazer suas necessidades:

Não se encontram, no mundo antigo, reações contra a pobreza dominante, e ainda menos qualquer ideal de justiça social; a existência da pobreza difundida era admitida, sem mais, como processo de natureza, pois nenhuma outra condição era conhecida como possível.⁴⁷¹

Nos textos dos profetas Isaías e Sofonias, vemos uma crise social em detrimento de uma justiça social, gerando a ideia de divisão de terra e água ao povo, principalmente aos pobres. A injustiça enfrentada pelo povo gerava os oráculos de libertação do povo, como em Isaías que denuncia o enriquecimento dos ricos à custa dos pobres e “principalmente ficando com suas posses e até com suas pessoas, para vendê-los como escravos”⁴⁷². Neste véis de entendimento, se retoma a linguagem do modelo mosaico. Aquele que cumpria os mandamentos e adorava a Deus tinha autoconhecimento e conseguia expressar sua fidelidade tendo amor-compaixão à comunidade. Assim, percebemos que o profeta Isaías se decepciona com a forma de governo de Acaz e denuncia a política do rei e sua opressão aos pobres: “Ai de vós que decretam decretos iníquos, dos notários que registram vexames, que deixam

⁴⁷⁰ McKENZIE, J. L., Dicionário Bíblico, p. 666.

⁴⁷¹ McKENZIE, J. L., Dicionário Bíblico, p. 666.

⁴⁷² SICRE, J. L., Com os pobres da Terra - A Justiça Social nos profetas de Israel, p. 299.

sem defesa o desvalido e negam seus direitos aos pobres do meu povo, que fazem das viúvas sua presa e saqueiam os órfãos!” (Is 10, 1-2).

Sofonias, acompanhando a mesma ideia de opressão sentida por Isaías, denuncia o Rei Acáz. A crise gerada pelo Rei, segundo Sofonias, estava na percepção de uma vida contrária à conversão, fazendo o povo de Israel afastar-se do verdadeiro Deus de Israel. O povo de Israel deveria fazer memória da libertação do Egito e conseqüentemente se libertar das diversas crises e escravidões vinda dos seus dominadores, proclamando a libertação de toda opressão. Sofonias expressa a defesa dos pobres – “os pobres são convidados a ‘buscar’ o Senhor, não os ídolos em potências humanas”⁴⁷³. Por isto, no entendimento da palavra “pobreza”, nos textos de Sofonias, temos o sentimento de indignação e denúncia:

Para o homem bíblico, o pobre não é indigente, mas alguém que é inferior, um humilde, um oprimido. Trata-se, por conseguinte, de um conceito social. Por esta razão, quando os pobres tentarem a espiritualizar a sua condição, eles não visarão à renúncia aos bens deste mundo. Eles procurarão simplesmente submeter-se voluntariamente à vontade de Deus.⁴⁷⁴

A Sagrada Escritura nos narra a fuga do povo de Israel do Egito, descrevendo a situação de fome e miséria. Deus na fidelidade em defender o povo, busca os sobrevivência e os leva ao deserto rumo a terra prometida. No livro do Êxodo temos esta narrativa, informando-nos a implicação desta travessia, envolvendo a percepção de pecado e a fidelidade do povo em responder os ensinamentos vindo de Deus. Neste caminho de diversas narrativas, temos a fidelidade de Moisés que os leva a atravessar o deserto. Em muitos momentos da história o povo não “captava a mensagem de Deus, como indicação sacerdotal da missão de Moisés”⁴⁷⁵. Por isso, no Antigo Testamento temos diversas indicações sobre o pobre:

Graças à sua maneira toda peculiar de encarar as coisas concretamente, o Antigo Testamento fala bem menos da pobreza do que os pobres. Estes são citados cerca de 245 vezes e, ao menos, por seis termos principais que as traduções modernas reduzem, em geral, a um só termo: “pobre”.⁴⁷⁶

Diversas mensagens trazem a concepção de injustiça com o pobre, e o seu conteúdo, principalmente dos profetas, apresenta a denúncia do direito aos bens que teriam. Na tradição deuteronômista e eloísta, os textos narram acerca do povo de Israel na direção de uma organização de vida social e revelando Deus no encontro

⁴⁷³ BÍBLIA do Peregrino, p. 2269.

⁴⁷⁴ GEORGE, A., A pobreza Evangélica segundo o Antigo Testamento, p. 16.

⁴⁷⁵ SICRE, J. L., Com os pobres da Terra - A Justiça Social nos profetas de Israel, p. 66.

⁴⁷⁶ GEORGE, A., A pobreza Evangélica segundo o Antigo Testamento, p. 12.

com o ser humano. Neste caso, então, percebemos um sentido literal da pobreza ou do pobre, mas também o desenvolvimento da misericórdia de Deus, que visa o material em um sentido espiritual – este sentido tem forte ligação com o despojamento, resultado de uma vida fora do pecado daquele que busca estar ao lado de Deus. “O movimento deuteronomista visava acentuar mais o papel do povo e manter o modelo igualitário da aliança mosaica”⁴⁷⁷.

Os termos *Ânî* e *ânâw* – significam, respectivamente, “curvar-se” e “ser humilhado” – precisam ser lidos juntos e significam “pobres” na maioria das vezes. Têm sua origem na linguagem bíblica, “aplicam-se, portanto, com muita propriedade aos que são denominados ‘oprimidos’”⁴⁷⁸, e em diversos textos aparecem como “pobre, miserável, infeliz, aflito e humilde”⁴⁷⁹. Estes termos são empregados nos diversos textos da Tradição do Antigo Testamento designando a condição espiritual e a forma de renúncia aos bens, ou simplesmente aqueles que são pobres na condição social.

No Antigo Israel, na época da fuga do Egito rumo a terra da libertação, temos os textos em um sentido sociológico, marcando a pobreza em meio às diversas necessidades de alimentos e abrigo, e ainda com as perseguições em diversos momentos durante a fixação de terra, também com falta de água e moradia. O povo de Israel encara isso como uma pobreza coletiva e o termo pobre ligado à atividade econômica. Apesar das diversas crises sociais, há a dinâmica de ajuda comunitária, com o surgimento do Código da Aliança, em particular defesa aos pobres. No texto Êxodo, há a seguinte ideia de pobre:

O cerne da vida do povo em aliança com Deus está também no binômio amor-compaixão que, aliás, constituem o próprio Deus (Ex 34, 6s). O amor é o espírito e a prática da comunidade (*hesed*), e a compaixão é o amor ativo que defende, sustenta e incentiva o modelo igualitário da Aliança.⁴⁸⁰

A compreensão dos textos do Pentateuco tem como principal referência a fuga do povo e a proclamação dos mandamentos no Sinai. Nestes dois eventos se pode encontrar o sentido de justiça ao povo. Na narração dos textos do Êxodo, evidencia-se a seguridade e a vontade de Deus em organizar as diversas instituições

⁴⁷⁷ ANDERSON, A. F.; GORGULHO, Fr. G., O Deus Vivo Liberta e Reúne o Povo dos Pobres, p. 664.

⁴⁷⁸ GEORGE, A., A pobreza Evangélica segundo o Antigo Testamento, p. 13.

⁴⁷⁹ GEORGE, A., A pobreza Evangélica segundo o Antigo Testamento, p. 14.

⁴⁸⁰ ANDERSON, A. F.; GORGULHO, Fr. G., O Deus Vivo Liberta e Reúne o Povo dos Pobres, p. 662.

injustas, proclamando uma história de comprometimento com o povo e revelando sua vontade em distribuir os bens sociais e o poder em uma justiça organizada e distributiva, visando o bem-estar da comunidade e a relação do povo com Deus.

Percebemos, então, a opção de Deus pelos injustiçados:

É justo dizer que, devido à sua exposição subsequente ao longo do tempo, o evento do êxodo e a estrutura do Sinai realmente testemunham sobre a opção preferencial de Javé pelos pobres, fracos e marginalizados. Ou, dito de outra maneira, Javé é aqui conhecido como um agente e defensor resiliente e implacável da justiça, o que implica em reordenação dos arranjos de poder na terra.⁴⁸¹

O povo de Deus se define como “povo santo” a partir da linguagem dos livros do Pentateuco. Esta santidade se define pela presença de Deus e a defesa dos direitos dos mais pobres e marginalizados, exercitando e atualizando a memória do Sinai e ao mesmo tempo a libertação do Egito. Este modelo igualitário se manifesta nos âmbitos social, político e econômico, leva o povo à “prática do dízimo”, tendo como centro a liturgia e o Templo de Israel. O Código da Aliança de Moisés já previa o cuidado dos pobres e sua defesa, e não acolhê-los seria uma condição de estar insultando o próprio Deus.

Na tradição deuteronomista, temos o sentido de organização social e a libertação do Egito. Nos diversos textos, temos a apresentação da liturgia celebrada em uma memória histórica, lembrando-se o cuidado com os marginalizados, e esta memória torna-se libertação em cada movimento do povo à obediência. No projeto igualitário, é lei a “expressão do amor de Deus para com o povo, e a atualização concreta da libertação da escravidão na organização do modelo igualitário a partir da defesa do direito dos pobres”⁴⁸². Neste sentido, Israel deve “ouvir” os mandamentos de Javé.

A organização dos diversos serviços do povo é vista como ideal comunitário. A vida do povo está na busca do único Deus, de justiça e liberdade, saindo da idolatria ao deus Baal e procurando a fidelidade humana. Israel ouve a voz de Deus e respondendo aos clamores de Deus realiza a justiça em comunidade. O ideal comunitário se baseia na justiça e realizando a unidade entre os diversos membros e serviços. Porém, a questão social no Antigo Testamento está fortemente ligada ao

⁴⁸¹ BRUEGGEMANN, W., Teologia do Antigo Testamento. Testemunha, disputa e defesa, p. 950.

⁴⁸² ANDERSON, A. F.; GORGULHO, Fr. G., O Deus Vivo Liberta e Reúne o Povo dos Pobres, p. 665.

entendimento espiritual, não apenas algo em momento concreto e limitado, mas traz uma compreensão que denota uma “questão teológica”⁴⁸³.

A linguagem bíblica correlaciona a violência e opressão como um mal dado por uma situação de dominação, característica do povo de Israel e de Judá. A presença do pobre nestes lugares mostrava a existência de pessoas pobres, expondo o enriquecimento ilícito e também o incômodo sentimento de injustiça, configurado como violência e opressão sistemática ao povo, em uma linguagem bem concreta. Os pobres mostram o sentido da aliança destruído, em contradição com os mandamentos de Deus:

A presença de empobrecidos no meio do povo de Deus era um sinal evidente de que alguns se enriqueceram demais e que, portanto, a aliança havia sido quebrada. Por isso o pobre tornou-se uma presença incômoda. Mesmo sem falar nada, a simples presença da vítima era um grito que interpelava a consciência da nação. Jamais o Deus da aliança se manifestaria no poder capaz de gerar a morte. A aliança de Deus com os seres humanos será sempre, e continuamente, uma aliança de geração de vida e de vida abundante.⁴⁸⁴

Outra questão percebida nos livros do Antigo Testamento é a questão do ter (possuir) de maneira soberba, acumulando bens e fazendo os pobres sofrerem. A ganância é algo que atrapalha a harmonia e a relação de cuidado entre os reis e o povo sob seus cuidados, gerando escravidão e cobrança de impostos. No livro do Levítico, vemos em 19,18: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo”. A relação de amor é em Deus, não deveria usar os pobres de uma forma exploradora. Mas a compreensão fraterna fora do amor de Deus, a idolatria da riqueza e do poder aumentavam. E “quem serve ao dinheiro não pode servir a Deus. Este é o ponto mais radical (‘raiz’!) de onde partimos ao condenar a exploração dos pobres”⁴⁸⁵.

Assim, temos uma sequência de textos do Antigo Testamento, dos profetas de maneira geral, denunciando a exploração do próximo e a idolatria do dinheiro e do poder. Há tentativas e estratégias para conseguir diminuir as diversas formas de desigualdade social, incrementar o cuidado com as pessoas empobrecidas. Por isso, vemos a terra, lugar de cultivo e de subsistência, em que todos pudessem plantar, dividida entre muitas famílias para que todos pudessem cultivar e manter sua

⁴⁸³ ROSSI, L. A. S., Catálogo de violência e a desumanização dos pobres no Antigo Testamento, p. 110.

⁴⁸⁴ ROSSI, L. A. S., Catálogo de violência e a desumanização dos pobres no Antigo Testamento, p. 111.

⁴⁸⁵ TEPE, V. (1983). Opção pela pobreza evangélica, p. 754.

família, repartindo os produtos. A “vida digna estava assegurada nas unidades básicas da família, clã ou tribo”⁴⁸⁶.

Nos livros sapienciais, no livro dos Salmos, temos a distinção dos termos: “pobre” (Sl 9,19); “desgraçados” (Sl 9,13) e “humilde” (Sl 10,17). Nestes textos evidencia-se a manifestação divina, julgando e fazendo intervenção universal na vida dos pobres, a recomposição da justiça sobre o sofrimento do pobre. O pedido dos pobres é alcançado.

No Antigo Testamento, em Dt 15,4, o texto diz que sempre haverá pobres no meio de nós, e é ordenado que se cumpra os mandamentos a fim de que esses excluídos consigam experimentar a fraternidade seguindo a unidade vinda de Deus na revelação como projeto missionário para erradicar a pobreza no meio da população de Israel. Este é um chamado de Deus em que há desaprovação aos ricos. Altamente criticados e sendo fechados entre si, levavam a vida de forma ambiciosa e egoísta. “O pão dos indigentes é a vida dos pobres, e quem tira a vida dos pobres é assassino. Mata o próximo quem lhe tira os meios de vida, e derrama sangue priva o operário de seu salário (Eclo 34, 21s.).

Percebe-se, em diversos textos do Antigo Testamento, a mensagem de Deus como aqueles que cuida dos mais necessitados. Em algumas passagens da Sagrada Escritura Deus é mencionado como o *go'el*, pai dos órfãos, defensor dos sofridos e consolo dos famintos, apontando para a revelação de Deus. A pobreza, é indispensável que se diga, não faz parte do projeto de Deus para o ser humano.⁴⁸⁷ Assim, no Antigo Testamento, há um reino de Deus sendo manifestado na história em relação à Criação e ao entendimento social e político e demandando uma efetiva colaboração do ser humano, permitindo o trabalho e estabelecendo uma relação de justiça, por isso “o Antigo Testamento aponta para um Reino vindouro de *Yahweh*, pois é evidente que a plenitude do seu Reino não se manifesta no mundo histórico”⁴⁸⁸.

⁴⁸⁶ REIMER, I. R.; REIMER, H., Cuidado com as pessoas empobrecidas na tradição bíblica, p. 183.

⁴⁸⁷ GALVÃO, A. M., O Rico e o Pobre: estudo da parábola do rico insensível e do pobre Lázaro, p. 54.

⁴⁸⁸ MCKENZIE, S. J., J. L., *The Power and the Wisdom an Interpretation of The New Testament*, p. 49.

6.2

A pobreza no vocabulário bíblico do Novo Testamento

Nos textos dos Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos não aparece a palavra pobreza no sentido literal. Porém, a explicitação da palavra tem seu sentido metafórico na compreensão religiosa e, ao mesmo tempo, no viés fraterno humano, relacionado ao sentido de justiça social. O termo revela a ideia de doação em favor dos pobres, como a esmola e o relacionamento com aqueles que mais sofrem. Assim, a virtude da pobreza vinda dos textos neotestamentários mostra a relação direta com o sofrimento humano e a providência divina em propiciar condições na vida daquele que sofre. A pobreza tem uma relação com o sofrimento material e, ao mesmo tempo, a consequência do conhecimento de Deus, dado pela fé, em que os fatos materiais trazem uma condição espiritual para lidar com os diversos problemas que acontecem no âmbito pessoal ou comunitário. A exigência para com os pobres aponta a exigência de fraternidade no sentido de amor ao próximo, resultando em justiça social.

A revelação da Palavra mostra esta pobreza ao percebermos que Jesus, em obediência ao Pai, se faz pobre (2Cor 8,9). Promove-se um olhar para aqueles que “são [des]considerados na sociedade humana, mas bem-vindos no Reino dos céus”⁴⁸⁹. A onipotência divina exprime a condição social em diversas parábolas a favor do ser humano na condição espiritual, mas existe uma crítica social e de clamor por justiça. Portanto, a implantação do Reino de Deus manifesta que Jesus é “aquele que defende o pobre e se solidariza com ele, não deixa à margem os que tombam no decurso da história humana, vítimas de injustiça social e política”⁴⁹⁰.

No Novo Testamento, a questão social atinge o ser humano no desdobramento de diversas crises, tais como: a repartição da terra, da água, dos meios de produção, da criação e dos bens materiais. Nessa repartição pode ser percebido o descuido para com o pobre, provocado pelo frequente abandono dos seus direitos. A ideia de partilha nasce de uma experiência vinda de Deus, fomentando a caridade e fraternidade e se torna uma exigência escatológica. Tal percepção se dá pela

⁴⁸⁹ GALVÃO, A. M., O Rico e o Pobre. Estudo da parábola do rico insensível e do pobre Lázaro, p. 56.

⁴⁹⁰ GALVÃO, A. M., O Rico e o Pobre. Estudo da parábola do rico insensível e do pobre Lázaro, p. 65.

conversão ao projeto do Evangelho anunciado. Observamos isso em diversos exemplos, como por exemplo, na parábola do homem rico: “vende tudo o que tens e dá-o aos pobres.” (Mc 10, 21; Mt 19, 21; Lc 18, 11). Este homem sentiu-se acolhido em uma esperança que não se dava nos bens materiais, mas sim na partilha desses, e que o conduzia a uma vida de despojamento e entrega total à espiritualidade do Reino.

O Evangelho de Lucas apresenta Zaqueu, e exprime outra imagem acerca da pobreza material em detrimento a busca espiritual. O evangelista mostra, na narrativa, como Zaqueu desejou ver o Senhor e o chamou à sua casa, prometendo ao Senhor doar metade dos seus bens em favor aos pobres (Lc 19, 8). A mensagem fundamental de Cristo é percebida na vida de Zaqueu e o faz converter-se, mudando seu modo de pensar e agir no mundo. A pobreza passa a ser fortemente valorizada como aceção espiritual enquanto “a busca pela riqueza também é fortemente desencorajada”⁴⁹¹. As parábolas do Evangelho revelam que “a conduta de Deus leva à conduta dos ouvintes. É essa conduta humana que aplica o verdadeiro ensinamento, mesmo que se apoie numa consideração relativa à conduta de Deus”⁴⁹².

A mensagem contida no anúncio do Evangelho é a opção preferencial pelos pobres, fazendo-nos entender que o despojar leva a uma consciência reta, buscando a virtude da pobreza. No texto de Lucas, temos em Lázaro a centralidade temática na salvação e na construção do Reino dos Céus. Ele, faminto, deseja saciar sua fome na porta do rico. O rico e os convidados o deixam ali à própria sorte, ele não pode entrar naquele banquete – a “privação material representando um mal na medida em que estimula o vício e impede a virtude”⁴⁹³ conserva aqueles presos à avareza e os impede de perceber na partilha aos mais pobres o elemento-chave para a construção do Reino. Deus então resgata os pobres, não pelo aspecto econômico, mas sim por uma responsabilidade em humildade e obediência.

A vida humana apresenta-nos um processo do ser humano com suas dimensões sociais, culturais e religiosas com o relacionamento de Jesus. Este relacionamento faz nos perceber que a Aliança de Cristo com a humanidade faz com que estes percebam seu papel importante na história salvífica, onde todo povo

⁴⁹¹ ARMITAGE, D. J., *Theories of Poverty in the World of the New Testament*, p. 198.

⁴⁹² DUPONT, J., *Por que parábolas?*, p. 23.

⁴⁹³ ARMITAGE, D. J., *Theories of Poverty in the World of the New Testament*, p. 195.

de Deus tem como preocupação os sofrimentos dos pobres e em contrapartida anunciar Cristo. “Jesus quer exercer a misericórdia de Deus junto aos pobres e aos infortunados”⁴⁹⁴. Aquele pobre com fome, na porta dos ricos, necessita do auxílio das pessoas para sua sobrevivência e descortina a indiferença dos ricos. Existe aqui um entendimento da pobreza como algo genuinamente social. Porém, a mensagem do Senhor fala dos pobres “aos quais é anunciada a boa-nova, são considerados ‘pobres’ pela disposição de espírito e não pela sua situação econômica ou social”⁴⁹⁵.

Nas diversas parábolas das narrativas do Novo Testamento verifica-se o anúncio da boa-nova a muitas pessoas que se encontram em situações vulneráveis e de angústia. Percebe-se na forma deste anúncio uma espiritualidade que contagiava os ouvintes, ao passo que também os fazia encarar suas vidas de sofrimento. Há ali uma mensagem aos pobres:

Todos estes textos que acabamos de salientar não supõem evidentemente nenhuma idealização da pobreza: eles tomam em consideração o ponto de vista econômico e falam dos “pobres” como de pessoas infelizes que têm necessidade de receber alguma ajuda material.⁴⁹⁶

O dever em doar esmola permeia todo o Novo Testamento. Mt 6,2-4 apresenta o doar esmola sem a vanglória e o poder – para doar-se, é necessário ter condições de compaixão pelo outro, pois, além de oferecer o bem material se faz necessário ter um coração em misericórdia para o outro. A esmola é vista desde do Antigo Testamento dessa forma, em humildade e contrito ao desejo de Deus. No texto de Pr 19,17: “Quem se compadece do pobre empresta ao Senhor”. A esmola é recomendada na articulação entre a fraternidade e a unidade, está a serviço do Senhor e no testemunho para com aqueles que são prediletos do Senhor a serviço dos pobres. Portanto, “a dimensão da fé tem duas direções: a primeira é mística, e se caracteriza pelo amor de Deus. A segunda, social, e se baseia na acolhida ao irmão, preferencialmente o pobre, o fraco, o oprimido”⁴⁹⁷.

Em diversas parábolas do Novo Testamento, Jesus mostra ao povo de Israel o sentido espiritual do Reino de Deus e a justiça feita a partir da nova aliança. Na

⁴⁹⁴ DUPONT, J., Os pobres e a pobreza segundo os ensinamentos do Evangelho e dos Atos dos Apóstolos, p. 48.

⁴⁹⁵ DUPONT, J., Os pobres e a pobreza segundo os ensinamentos do Evangelho e dos Atos dos Apóstolos, p. 50.

⁴⁹⁶ DUPONT, J., Os pobres e a pobreza segundo os ensinamentos do Evangelho e dos Atos dos Apóstolos, p. 39.

⁴⁹⁷ GALVÃO, A. M., O Rico e o Pobre. Estudo da parábola do rico insensível e do pobre Lázaro, p. 68.

parábola do homem chamado Lázaro, temos um pobre e cheio de feridas caindo na porta do rico (Lc 16, 20). Era um homem pobre e doente, excluído de todo o direito dado as pessoas. O outro personagem da parábola é o rico, em “traje de púrpura e linho finíssimo fica evidenciada a riqueza do homem”⁴⁹⁸. Usa a veste vermelha, que tem o significado de riqueza e poder, e além disso esbanjava no seu banquete. Percebe-se que, “na história, o rico é avarento, descuidado, insensível apenas com os pobres, com os sem expressão social”⁴⁹⁹.

O drama do homem rico e do pobre Lázaro mostra a falta a sensibilidade do rico para perceber as dores daquele que sofre a sua porta. Os “ricos são convidados por Jesus a receber o Reino de Deus como libertação; eles não são excluídos; são eles mesmos que podem se excluir”⁵⁰⁰. Percebe-se uma teologia escatológica ligada ao texto, indicando que todo ser humano participa da morte independentemente de sua condição social e ao mesmo tempo revelando a igualdade entre as pessoas. Por isso, no juízo final não conta o entendimento social ou status vivendo neste mundo, mas sim a solidariedade e a justiça praticada na construção de uma felicidade eterna.

Observa-se a ideia escatológica refletida nesta parábola, em que surge uma teologia diferente do que se pensava no Antigo Testamento a respeito dos mortos. Na nova aliança em Cristo, percebemos que a ideia da morte mostra como a vida tem algo após a morte. Esta definição, a partir dos textos evangélicos, permite perceber a procura de uma consciência e razão aos diversos modos de discernir os fatos da vida, entre pecado, mal ou bem. Existe um julgamento, mostrando que o céu é para os justos, para quem praticar os ensinamentos deixados por Deus no Evangelho e, ao contrário, o inferno para quem não confiar sua vida à verdade do Cristo. As parábolas apresentam um comportamento de mudança radical e um plano diverso do que até então se vivia:

Desse comportamento imposto pela amizade se pode concluir o que não pode deixar de ser a atitude de Deus para com o homem que recorre a seu auxílio. Mas, ainda aqui, a parábola só ilustra a conduta de Deus para melhor fazer compreender a confiança com que nos devemos dirigir a ele na oração.⁵⁰¹

⁴⁹⁸ GALVÃO, A. M., O Rico e o Pobre. Estudo da parábola do rico insensível e do pobre Lázaro, p. 57.

⁴⁹⁹ GALVÃO, A. M., O Rico e o Pobre. Estudo da parábola do rico insensível e do pobre Lázaro, p. 57.

⁵⁰⁰ REBRÉ, A., Que tipo de libertador foi Jesus? São Paulo: Paulinas, 1982.

⁵⁰¹ DUPONT, J., Por que parábolas?, p. 25.

O pobre relatado em Lc apresenta a realidade histórica de Israel. Lázaro não poderia estar no banquete do rico. É preciso uma nova consciência para perceber a mudança da vida espiritual que acontece na vida desse homem em relação ao rico. No Evangelho de Lucas há o julgamento daquele que não renunciou as coisas materiais que o impediam de ver os valores maiores. “É necessário deixar de lado o egoísmo, as paixões, a ambição e falta de visão crítica, de nossa vida, da sociedade e de todos os sistemas”⁵⁰². Portanto, a riqueza não deve ser a perdição da alma desse rico. A partir da construção literária e teológica, o texto sintetiza o futuro da vida e a busca pela vida de pobreza:

A este respeito, as bênçãos e as desgraças estão a meio caminho entre as reservas do cântico de Maria, onde a experiência passada e a possibilidade presente são mais proeminentes, e a visão completamente escatológica de reserva implantada na parábola do homem rico e Lázaro.⁵⁰³

A autoridade profética de Jesus vai se apresentando claramente na construção do Reino de Deus, na sua forma de anunciar a libertação aos mais vulneráveis. Este projeto messiânico desejado por Deus vai tomando forma no Novo Testamento: “O próprio Jesus é descrito como validando sua própria história, começando com Moisés e todos os profetas”⁵⁰⁴. A comunicação a todo gênero humano da obra da Criação mostra o resgate da dignidade humana à desobediência do pecado original. Este resgate une a bondade de Deus à Criação, havendo um resgate da humanidade e a identificação do projeto anunciado por Deus em viver despojados. Os relatos da Criação em Gênesis explicitam a concepção da vocação humana, que é refletida pela imagem de Deus, sendo restaurada por Deus, através da encarnação em Jesus. O relato da Criação nos leva a este sentido da concepção humana e teológica da existência humana, que deve ser restaurada pela boa-nova. O ser humano desvela a “consequência da transgressão da maldição do pecado, uma característica da aliança Deuteronomica”⁵⁰⁵. Ao mesmo tempo, nos relatos do Novo Testamento, somos remetidos à nova realidade de ser novamente inseridos em uma nova criação em Cristo.

No Novo Testamento há a preocupação da restauração do projeto original de Deus, de retirar o ser humano da situação de pecado. Este processo identifica a

⁵⁰² GALVÃO, A. M., O Rico e o Pobre. Estudo da parábola do rico insensível e do pobre Lázaro, p. 63.

⁵⁰³ ARMITAGE, D. J., Theories of Poverty in the World of the New Testament, p. 216.

⁵⁰⁴ ARMITAGE, D. J., Theories of Poverty in the World of the New Testament, p. 130.

⁵⁰⁵ ARMITAGE, D. J., Theories of Poverty in the World of the New Testament, p. 137.

espiritualidade ao despojamento, ligando os aspectos sociais do povo de Israel ao entendimento moral e ético. À medida que o encontro de Cristo é revelado na humanidade, percebemos mais de perto as dores do ser humano em solidariedade e misericórdia. O povo de Deus em “Jesus descobre o amor de Deus para os pecadores através do amor que impele, a ele próprio, para os deserdados de todo gênero: a paternidade divina se revela a ele através de sua própria práxis”⁵⁰⁶. Assim, este amor em despejamento revela a fraternidade que colabora na salvação dada por Cristo.

Nos relatos sinóticos há toda a narrativa da construção da esmola, servindo ao bem da humanidade, no sentido pessoal e individual. E em Atos dos Apóstolos 4,34, por sua vez, dizem dos primeiros cristãos: “não havia entre eles nenhum necessitado”, ou seja, todos tinham ao menos o necessário para viver”⁵⁰⁷. Observa-se como a esmola produzia, nos que a recebiam, um sentido de unidade comunitária, servindo para o desempenho da missão e ao serviço evangelizador.

Assim, nas diversas formas de entender a problemática da privação, reconheciam as soluções, tais como: o trabalho, a reparação dos bens por parte de Deus e ainda a aceitação que o mundo é decepcionante, precisando uma restauração humana e uma intervenção divina. Disso resulta uma construção escatológica, nascendo a ideia de uma teologia revelada ao humano, capaz de o capacitar a uma identidade pessoal ligada ao ser de Deus. A resolução da pobreza está vinculada ao discernimento da fé e obediência a Deus, incluindo a forma do culto – revelada na forma do ser humano em capacitar sua vida ao discernimento e, ao mesmo tempo, à conversão e santidade. Portanto, “a pobreza é antecipada como parte de uma transformação escatológica”⁵⁰⁸.

No Evangelho de Mateus 25,31-45 temos a conclusão de um discurso com o julgamento dos que não são comprometidos com a sociedade. Nesta parte da narrativa, o texto apresenta o julgamento com a separação dos bons e maus, dos justos e injustos. Essa é uma cena muito comum nos textos apocalípticos em diversas passagens da Sagrada Escritura. Em Mateus revelam um julgamento coerente às circunstâncias difíceis no contexto social do povo em Israel. O

⁵⁰⁶ DUPONT, J., Por que Párabolas?, p. 75.

⁵⁰⁷ DUPONT, J., Os pobres e a pobreza segundo os ensinamentos do Evangelho e dos Atos dos Apóstolos, p. 38.

⁵⁰⁸ ARMITAGE, D. J., Theories of Poverty in the World of the New Testament, p. 197.

juízo será então o critério para essa separação – as obras de misericórdia contempladas a partir da fidelidade a Deus e ao amor ao próximo. A situação revela o que é a mensagem de Deus ao povo de Israel:

As cenas normalmente são apresentadas desde a perspectiva dos desvalidos. Os impérios poderosos são derrotados; os ricos, os proprietários de terras, os governantes recebem suas justas recompensas por sua tirania opressiva. Os oprimidos são libertados para desfrutar o governo justo e vivificador de Deus. As cenas revelam a que se assemelha o juízo e qual será a base para a separação. Elas funcionam para encorajar a minoria oprimida para perseverar, permanecer fiel aos propósitos de Deus em circunstâncias difíceis. A cena revela que a injustiça presente não é um modo de vida permanente. A ação de Deus inverterá isto.⁵⁰⁹

As condições do serviço ao próximo e a forma como esse serviço se realiza são identificadas como comprometimento ao culto e à Lei. O evangelista Mateus narra o juízo final, o resultado do agir daquele que profundamente espera no Senhor e a consumação final do Reino, o dia do Senhor. Ali acontece a apresentação dos diversos modos de exercer este mandato deixado por Deus, que se dá pela lógica do serviço à caridade – ser cristão é levar todos os dias o serviço caritativo de doação ao próximo, dado pela justiça.

O termo mais comum do Evangelho para designar “pobres” é *ptochós*. Vários momentos dos textos do Evangelho trazem recomendações, vindas de Cristo, para que o pobre pudesse ser percebido e, ao mesmo tempo, ser ajudado:

Ele é encontrado por 24 vezes: 5 vezes em Mateus, 5 vezes em Marcos, 10 vezes em Lucas e 4 vezes em João. Os Atos dos Apóstolos não empregam este termo. Acrescentamos o adjetivo *penichrós*, que Lucas 21, 12 usa em substituição ao *ptchós* de Marcos 12,42, ao falar de uma “pobre viúva”. Notemos ainda que existe em Atos 4,34 e que significa indigente.⁵¹⁰

Nas narrativas da nova aliança, observamos o uso de parábolas contando a história salvífica e tendo como conteúdo da mensagem a experiência de “algo na própria natureza do que ele tinha a dizer, algo da própria natureza do Evangelho”⁵¹¹. Nelas se pode ver o conjunto das diversas mensagens de Cristo observando o auxílio da esmola e a ajuda fraterna. A pobreza está ligada diretamente à pessoa do pobre, que serão os beneficiados a conhecer o Reino de Deus e a sua justiça a favor desses desfavorecidos.

⁵⁰⁹ CARTER, W., O Evangelho de São Mateus. Comentário Sociopolítico e Religioso a partir das margens, p. 609.

⁵¹⁰ DUPONT, J., Os pobres e a pobreza segundo os ensinamentos do Evangelho e dos Atos dos Apóstolos, p. 38.

⁵¹¹ DUPONT, J., Por que Parábolas?, p. 16.

A esmola, segundo as leituras do Novo Testamento, era dada a quem tinha necessidade (Lc 6,30) e sem retribuição daquele que recebia os benefícios. Em Atos dos Apóstolos, Paulo trabalha com suas próprias mãos socorrendo os necessitados (At 20, 35). Na vida comunitária, revelava-se o despojamento dos diversos cristãos na partilha dos benefícios vindos de Deus; temos o exemplo de Barnabé, que vende o seu campo e o lucro reparte com os apóstolos da missão (At4, 36-37), reforçando a imagem da comunidade primitiva em que os bens eram repartidos entre eles e viviam unidos sempre na partilha – “todos os fiéis viviam unidos e tinham tudo em comum” (At 4, 32). A comunidade primitiva realizava o ideal de amizade na caridade entre eles. Esta caridade de tudo em comum “não é propriamente para se fazer pobre ou por amor de um ideal de pobreza, mas precisamente para que não haja pobres”⁵¹². Tal ideal considera a comunidade na pessoa do pobre, dada a mesma fé, um só corpo e um só coração constituindo a mensagem central advinda do Evangelho.

A primeira bem-aventurança de Mateus promove a centralidade do pobre, salientando a sabedoria do Pai com todas as criaturas. Em Mt 5,3: “Bem-aventurados os pobres em espírito, deles é o Reino dos Céus”. Este Reino é anunciado pelo profeta Isaías 61,1-2, a missão dita no texto profético revela na antiga aliança como deveria ser anunciada a Palavra àqueles que sofrem dificuldades. A boa nova é revelada aos pobres marcando a missão de Jesus em curar os cegos, leprosos e coxos, consumando a mensagem na Ressurreição dos mortos.

O seguimento em Cristo é consumado pela disponibilidade da vida dos seguidores. No caso dos apóstolos, eles deixaram tudo para o seguir, por amor a ele renunciaram aos bens e até a própria família. Esses companheiros seguem Jesus até a cruz, mostrando que é esta a condição máxima para o seguimento: “levar a cruz é sempre a condição indispensável para segui-lo”⁵¹³. Seguir Cristo após sua Páscoa significa, para Paulo, ser pobre como Cristo: “sendo rico, ele se fez pobre, por vós, a fim de vos enriquecer pela sua pobreza” (2Cor 8,9). Assim, para participar da riqueza de Cristo, sua graça e caminho ao céu é indispensável praticar uma vida de

⁵¹² DUPONT, J., Os pobres e a pobreza segundo os ensinamentos do Evangelho e dos Atos dos Apóstolos, p. 45.

⁵¹³ DUPONT, J., Os pobres e a pobreza segundo os ensinamentos do Evangelho e dos Atos dos Apóstolos, p. 48.

despojamento e pobreza. Paulo apresenta isto de maneira clara, na Carta ao Filipenses, pontuando o mistério da obediência até o extremo da cruz.

6.3

A opção preferencial pelos pobres no CELAM

As conferências episcopais têm origem na história da Igreja no século XVI e foram fortalecidas após o Vaticano II. O bispado se reunia para formar e discernir os rumos da Evangelização na Igreja, fomentando um melhor trabalho pastoral. A forma tradicional eram assembleias em Roma, mas, devido à distância, começam a reunir-se por regiões e promovendo discussões de assuntos específicos de cada região missionária. O papel da sinodalidade trouxe à Igreja uma participação ativa das conferências episcopais e um diálogo com mundo, assegurando o patrimônio da fé.

Na América Latina e Caribe, temos a importante Conferência Latino-Americana e Caribenha, o CELAM, com a história de evangelização desses povos desenvolvida em um serviço intenso, porém, a religião primeiramente “penetrará primeiramente especialmente nas classes altas”⁵¹⁴. A realidade começa a se transformar ao longo do tempo com o cenário de uma Igreja também urbana, com o modelo de interpretação pastoral que difere dos lugares rurais – não interferindo na comunicação das duas realidades, mas adquirindo experiências evangelizadoras que aproximam as regiões e culturas em que o Evangelho é testemunhado. Esta ação pastoral precisa estar atenta às diversas dimensões humanas. Os diversos modos de evangelização podem ser transformados, mas sempre é importante “revisar os critérios para a constituição de uma Igreja particular, já que, desde o ponto de vista pastoral, não pode equipar uma pequena diocese rural”⁵¹⁵.

Após o Vaticano II, os rumos da evangelização começam a ser formados, com as discussões vividas e implementadas nos territórios das diversas regiões. As principais conferências, Rio (1955), Medellín (1968) e Puebla (1979) discutiram os temas que mobilizavam as críticas e fizeram propostas de caminho missionário.

⁵¹⁴ EQUIPO DE REFLEXIÓN TEOLÓGICO-PASTORAL DEL CELAM, Realidades Particulares de la Iglesia en América Latina, p. 470.

⁵¹⁵ EQUIPO DE REFLEXIÓN TEOLÓGICO-PASTORAL DEL CELAM, Realidades Particulares de la Iglesia en América Latina, p. 476.

Havia uma forte colegialidade e buscavam transmitir a unidade eclesial e o desenvolvimento evangelizador dos diversos povos e culturas:

A origem mais remota do CELAM está ligada a uma iniciativa do papa Leão XIII que convocou, com a Carta Apostólica *Cum diuturnum*, de 25 de dezembro de 1898, um Concílio Plenário da América Latina. Este Concílio foi realizado em Roma, no período de 28 de maio a 9 de julho de 1899.⁵¹⁶

No Rio de Janeiro, no ano 1955, houve a Conferência Episcopal a pedido do papa Pio XII, que buscava revisitar temas importantes ao mundo naquele momento, como a moral, a ética e o desenvolvimento econômico dos povos, e a crise acentuada da formação intelectual e espiritual do clero, com a diminuição de vocações. Dentro de cada cenário histórico, existe uma mobilização para revisitar temas da doutrina que apontam o cuidado com os pobres, a integridade moral e ética e os diversos valores contrários à Igreja. Era preciso revisitar o programa formativo dos sacerdotes e religiosos e fomentar uma identidade que faça testemunhar a ação do Evangelho a serviço dos pobres. Esta espiritualidade estava em vista de uma defesa da fé e da doutrina. Essa conferência marcou a criação do CELAM a pedido do papa Pio XII.

Depois deste CELAM, com as preocupações iniciais que marcam sua história, a assembleia em Medellín sobre a renovação do Vaticano II, propicia um olhar encarnado para Jesus Cristo e para o papel do povo de Deus em cooperar ativamente nas propostas catequéticas e missionárias. Houve uma renovação dos diversos assuntos ligados à evangelização, articulando doutrina e magistério, contemplando a unidade entre a Palavra, a Tradição e ao Magistério.

A eclesiologia, outro sinal apresentado pelo Vaticano II e importante ao CELAM é conduzida como proposta da *Ad Gentes*. Os fiéis batizados, nas suas mais diversas expressões, como trabalho, região e cultura, dialogam e tem a responsabilidade de ser Igreja, servindo como missionários atentos à verdade. Portanto, uma eclesiologia de comunhão com as diversas dimensões humanas, realizando um trabalho de conjunto pastoral:

É preciso renovar as estruturas para acolher o nascimento de uma nova eclesiologia, além de procurar desenvolver um reajustamento pastoral. Sendo assim, a sinodalidade é base para um novo modo de evangelização na Igreja que procura englobar todos os seus membros.⁵¹⁷

⁵¹⁶ FONSECA, D. A., O surgimento do CELAM na América Latina, p. 2.

⁵¹⁷ APOLINÁRIO, E., Sinodalidade, caminho de comunhão nas práticas pastorais, p. 264.

O CELAM, tendo como determinante a ação do Vaticano II, procura transformar o espaço eclesiológico, junto à unidade do colégio episcopal, em espaço de possibilidades de pastoral conjunta, com linhas renovadoras para a evangelização, visando responder a temas da dignidade humana. Sobretudo no seu início, se buscava atenção junto aos jovens e às crianças, procurando formar uma cultura que estabelecesse a Igreja como lugar de encontro, dialogando com a experiência de fé e ajudando na atividade do mundo moderno, nas diversas áreas – política, economia, moral e ética – guiados pela doutrina. A experiência cultural dada pelo comportamento social, a maneira de celebrar e ao mesmo tempo viver a identidade cristã são também outras temáticas observadas no CELAM, sempre em atenção aos diversos povos, destacando o modo de compreensão da formação dos povos, com origem em diversas raças, sem preconceitos na maneira de interpretar o outro em um contexto negacionista de seus valores, e respeitando as origens indígenas. Temos então uma forte iniciativa do CELAM em ter uma eclesiologia que almeja o “surgimento do movimento feminista, dos movimentos sociais contra o preconceito racial, e com os movimentos a favor da liberdade sexual”⁵¹⁸.

No Concílio Vaticano II, há o momento de repensar a Igreja em relação ao mundo, trazendo novos rumos a história como propusera Paulo VI na época. “O Concílio propôs uma nova imagem do papa e dos bispos, cujo traço dominante é o pastor. O próprio magistério define-se com servidor da palavra de Deus; não está acima da Palavra, mas a serviço da Palavra” (DV n. 10). A eclesiologia deve transformar o ser humano ao anunciar Jesus Cristo:

O domínio de Deus deve ser aqui entendido como princípio dinâmico que, na condição concreta dos homens que sofrem os efeitos da alienação de Deus, se torna princípio transformador na vida humana, social e individual sobre a Terra. Daqui deriva a opção preferencial pelos pobres e pelos homens privados da sua dignidade humana. A opção pelos pobres não exclui os ricos. Porque também eles são destinatários da ação libertadora de Deus, libertados da angústia que os leva a viver a sua vida unicamente em seu proveito a vida dos outros.⁵¹⁹

A sinodalidade está presente no CELAM articulando os diversos aspectos do continente latino à realidade da Igreja mundial e seu papel evangelizador. Segundo Walter Kasper há uma renovação de mentalidade no Vaticano II que gera uma prática teológica: “Sobretudo desde o Concílio Vaticano II, a Igreja prestou intensa

⁵¹⁸ FONSECA, D. A., O surgimento do CELAM na América Latina, p.9.

⁵¹⁹ MULLER, G., Pobres para os pobres. A missão da Igreja, p. 45.

atenção aos ‘sinais dos tempos’ e enfrentou os desafios de uma nova era”⁵²⁰. A mudança de pensamento conferiu ao continente a identidade da opção preferencial aos pobres como necessidade de ação evangelizadora do continente latino-americano e caribenho.

A conferência de Medellín, em 1968 tinha como importante foco a situação de pobreza em que vivia a maioria das pessoas da América Latina, denunciando e tomando posição frente a esses problemas, formando uma mentalidade pastoral. “Nesse sentido, a Conferência de Medellín representou um momento forte. Abriu canais de discussão entre a base e a hierarquia”⁵²¹.

O CELAM, além de ser um lugar que pensa a realidade da fé, também contribui articulando as exigências da realidade política, social e econômica, a fim de oportunizar o bem comum às diversas pessoas que sofrem na América Latina. Promove uma “ação pastoral visando transformar, no sentido do Reino de Deus e da libertação dos pobres, a realidade atravessada por estruturas de pecado e pelo clamor e esperança dos pequenos”⁵²². Pode-se observar a síntese da justiça e a misericórdia pensada no documento de Medellín dessa forma:

A promoção humana dos povos latino-americanos acontecerá mediante os valores da justiça, paz, educação e família. Após a dramática constatação de que a grande maioria dos povos latino-americanos vive em uma situação de miséria e pobreza extrema, sentiu-se a urgência de encontrar caminhos para a superação dessa realidade. Isso acontecerá somente quando a fome e sede de justiça dos povos forem saciadas, e, para tanto, é fundamental a eliminação de estruturas que promovem a falta de integração sociocultural dessa maioria pobre, assim como a superação de estruturas injustas.⁵²³

No Documento de Medellín, em 1968, descortina-se a proposta para o futuro missionário e o despojamento para vivência de uma pobreza evangélica. A realidade social em que vive a maioria do povo latino-americano é analisada sob o julgamento social e teológico, e proposta aos líderes comunitários, religiosos e sacerdotes uma “justiça, solidariedade, testemunho, compromisso, esforço e superação, para o pleno cumprimento da missão salvífica a ela confiada por Cristo”⁵²⁴. A vida dos pobres é uma preocupação constante do CELAM, e reunidos em assembleia, naquele período, procuravam centrar a evangelização no Cristo

⁵²⁰ KASPER, W., *La Iglesia de Jesucristo*, p. 142.

⁵²¹ LUCIANI, R. 50 anos de Medellín. Os frutos no pontificado do papa Francisco.

⁵²² PIME, C. D., *A missão nas Conferências Gerais do CELAM*, p. 41.

⁵²³ BERNADES, M. da S., *A misericórdia no documento de Medellín (1968)*, p. 25.

⁵²⁴ PIME, C. D., *A missão nas Conferências Gerais do CELAM*, p.42.

pobre e humilde, encarnado para os desafios do mundo contemporâneo, atingido pela escassez de recursos para sobrevivência. Assim, a pastoral social deveria aprofundar tal questão e associar a evangelização espiritual ao discernimento da atividade religiosa e testemunho da caridade. A Igreja propõe assumir uma pobreza espontânea, despojando-se totalmente dos bens supérfluos para viver uma vida humilde e equiparada aos povos da América Latina e Caribe. Como observamos no texto:

Uma das características indispensáveis à espiritualidade sacerdotal, especialmente requeridas por nossa situação continental, é a pobreza evangélica. Os presbíteros têm de ser testemunho do Reino, sendo pobres de coração e imitando Jesus Cristo, mas valorizando e usando pastoralmente [isso].⁵²⁵

O CELAM, sendo uma porção importante da Igreja, utilizando o método *ver-julgar-agir* e discernindo à luz do Espírito Santo, na comunhão e nas mais diversas comunidades, celebra a vida em sua dignidade e a promoção dos benefícios em prol do desenvolvimento do bem comum. Esta reflexão torna-se frequente ao longo da conferência de Medellín, desenvolvendo a colegialidade episcopal juntamente ao povo de Deus como uma forma de ser Igreja que interpreta os sofrimentos dos diversos povos que vivem a pobreza no continente latino-americano.

O incentivo à participação comunitária, além de ser uma forma afetiva, se faz mobilizar pelo instrumento ativo da evangelização como agente de transformação. Este processo leva a direção ao serviço e à missão. Este processo organizado em via de uma pastoral de conjunto mostra a identidade de uma Igreja preocupada na ação do ser de Cristo na salvação de todo gênero humano. A conversão comunitária à luz do Evangelho aumenta a consciência para temas importantes. Tais temas ajudam a mobilizar a ação pastoral.

A economia capitalista determina o sistema do mercado consumidor na sociedade global, transformando a sociedade “na lógica do mercado mecanicista que passa a dominar a vida das pessoas e de suas comunidades”⁵²⁶. Observamos que a “economia globalizada de hoje é dominada por empresas privadas”⁵²⁷. Porém também há uma forma de economia que busca um mercado com “sustentabilidade ecológica”⁵²⁸.

⁵²⁵ PIME, C. D., A missão nas Conferências Gerais do CELAM, p. 42.

⁵²⁶ ZSOLNAI, L., Franciscan Spirituality and Economics, Religions, p. 2.

⁵²⁷ ZSOLNAI, L., Franciscan Spirituality and Economics, Religions, p. 3.

⁵²⁸ ZSOLNAI, L., Franciscan Spirituality and Economics, Religions, p. 3.

A Igreja, preocupada com a distância entre os ricos e pobres condena fortemente, nos documentos do CELAM, a exploração do povo da América Latina, fazendo uma reflexão sobre a política social, a distribuição dos bens e o liberalismo econômico. Neste contexto, temos o documento de Puebla, que procura favorecer uma eficácia da espiritualidade latino-americana com uma missão de esperança e alegria na fé:

Finalmente chegou para a América Latina a hora de intensificar os serviços recíprocos entre as Igrejas particulares e de estas se projetarem para além das fronteiras, *ad gentes*. É certo que nós próprios precisamos de missionários, mas devemos dar de nossa pobreza. Por outro lado, as nossas Igrejas podem oferecer algo original e importante; o seu sentido de salvação e de libertação, a riqueza da sua religiosidade popular, a experiência das Comunidades Eclesiais de Base, o florescimento de seus ministérios, a sua esperança e a alegria da sua fé. Já realizamos esforços missionários. (DPb n. 386)

O Documento de Puebla entende que a ideologia liberal provoca nos diversos contextos sociais uma ideia de igualdade imperfeita. Faz uma crítica sobre este modelo econômico e deixa claro que a riqueza está nas mãos apenas de uma parte da população, deixando a maioria dos pobres em situação de insegurança alimentar e habitacional. Assim, Puebla busca o resgate da cultura do povo latino-americano fazendo com que este possa amadurecer e aperfeiçoar sua presença neste território, gerando sobrevivência para si e sua comunidade. Puebla não é um tratado teológico, mas um documento de conteúdo de evangelização: “Trata-se de um documento pastoral e catequético, que pretende ser forte inspiração para a caminhada da Igreja do continente. Abre pistas, ilumina, denuncia e anuncia, mas principalmente incita à criatividade e à continuidade”⁵²⁹.

O continente latino-americano fomenta a busca por liberdade e justiça aos mais pobres, discurso este visto já em Medellín, mas que ganhou força em Puebla, na valorização da identidade do continente e a opção pelos pobres. Por isso a conferência, através da sinodalidade e atendo-se à evangelização, com princípios cristãos que optem sempre pelos mais vulneráveis, tem atenção especial ao social. Podemos perceber que os pobres são estes a quem “faltam bens materiais, mas também no plano da dignidade humana, não se lhes dá uma plena participação

⁵²⁹ VILLASENOR, R. L., Puebla - A Missão desde a pobreza, p. 32.

social e política”⁵³⁰. Medellín, então, “buscou uma aplicação das instituições do Vaticano II (1960-1964) à realidade da América Latina”⁵³¹.

Em Puebla, o CELAM mostra a preocupação na defesa da fé, registrando no seu texto o anúncio da verdade proclamada no Evangelho. No documento há a espiritualidade encarnada de Cristo como luz a todos os povos latinos, discernindo sobre as diversas formas de articular a fé e a verdade. Configura-se o diálogo entre o fruto da liberdade e os determinismos que possam ser gerados quando a verdade não é proclamada. A partir de Puebla, estabelece-se a necessidade de uma evangelização baseada na doutrina, como afirma o texto: “vigiar sobre a pureza da doutrina, baseada na edificação da comunidade cristã, é, pois, junto com o anúncio do Evangelho, o dever primeiro e insubstituível do pastor, do mestre da fé. (...). Além da unidade na caridade, urge sempre a unidade na verdade” (DPb n.1).

Outro aspecto importante observado nos documentos do CELAM é a sutileza da espiritualidade, a verdade e o estilo daquele que busca viver a pobreza anunciada. O Evangelho anunciado comunitariamente deve ser incorporado aos membros da Igreja de modo que estes não possam omitir ajuda àqueles que precisam. O estilo missionário “exige conversão e purificação constantes a todos os fiéis. Impõe-se como necessário uma identificação cada vez maior com Cristo pobre e com os pobres”⁵³², com a devida preocupação com todos os que sofrem nos diversos lugares de missão, e na “garantia dos direitos dos pobres e oprimidos”⁵³³, como Igreja servidora aos pobres. O CELAM se esforça em promover uma estratégia a longo prazo que construa uma identidade de iluminação e combate à desigualdade social e tendo como espiritualidade a opção pelos pobres.

Em Puebla, além de resgatar o valor da evangelização, reforçou-se a percepção social vinculada à liberdade e espiritualidade em Jesus Cristo. A compaixão leva à salvação do indivíduo, apontando a integridade do sujeito em busca da pobreza voluntária como caminho da prática do Reino dos Céus. A opção pelos pobres faz viver uma pobreza religiosa e, ligada a esta pobreza voluntária, perceber os diversos contextos de misérias e sofrimentos de pessoas e comunidades.

⁵³⁰ SOUZA, L. A. G., Documento de Puebla: Diagnóstico a partir dos pobres, p. 64.

⁵³¹ FARIAS, A., A 5 Conferência Geral do episcopado latino-americano e do Caribe em Aparecida, p. 88.

⁵³² MELO, A. A., Opção Preferencial pelos pobres e excluídos, p. 30.

⁵³³ AQUINO JÚNIOR, F., “Uma Igreja pobre e para os pobres”: abordagem teológico-pastoral, p. 641.

No documento final há fidelidade à Sagrada Escritura, não apenas no aspecto espiritual, mas do ser humano em todas suas dimensões. O documento de Puebla valoriza o indivíduo em sua escolha do direito à liberdade e uma condição de vida digna. Pede uma maturidade cristã que leve o ser humano a abandonar um mundo com princípios individualistas, assumindo uma ética com a justiça social e aos bens que serão repartidos entre todos.

A antropologia presente no texto de Puebla mostra a renovação a partir dos trabalhos do Vaticano II, dialogando com o mundo e observando as diversas mudanças do mundo moderno sem deixar a identidade da Igreja. Por isso, há necessidade do condicionamento objetivo e um conhecimento da realidade social para o melhor desenvolvimento das dimensões sociais do ser humano, uma catequese que associa a espiritualidade e a consciência da realidade. Deve-se desenvolver uma estrutura que fuja do ideal do mundo capitalista – em vários momentos, a América Latina configura-se como resultado dos valores de um mundo que descarta os pobres.

Já a Conferência de Santo Domingo aconteceu com João Paulo II, na busca do projeto de uma nova evangelização, na valorização de uma cultura cristã humanizada, realizada na pastoral conjunta. Os documentos do CELAM são frutos do Concílio Vaticano II e tem como objetivo levar a Igreja a renovar a mensagem o Evangelho. Nesse período, tivemos a comemoração dos 500 anos de evangelização do continente latino-americano e, ao mesmo tempo, foi possível reavaliar a eclesiologia missionária para os próximos anos, compreendendo o mundo que passava diversas mudanças éticas, morais, eclesiais, mostrando novos valores sendo incorporados à vida. Em Santo Domingo, a metodologia privilegiava “a dimensão religiosa e evangelização e relativa dimensão sociopolítica e transformadora, enfraquecendo o compromisso social. A linguagem já não é mais de libertação, mas de promoção humana”⁵³⁴.

Percebe-se que na década de 1990, momento da trajetória desse documento, diversas transformações históricas influenciaram na vida religiosa e social da Igreja. A Conferência, naquele momento reavaliando seu papel evangelizador, distingue diversas distorções na maneira de viver a Igreja. Fortalece a ideia fraterna e o serviço aos mais pobres, remontando a opção preferencial pelos pobres e

⁵³⁴ FARIAS, A., A 5 Conferência Geral do episcopado latino-americano e do Caribe em Aparecida, p. 92.

promovendo o sentido dos direitos humanos e sociais como mensagem evangélica para mudança social e o acolhimento da dignidade humana aos mais pobres. Esta mensagem do texto tem sua essência no Evangelho, quando busca transformar a imagem evangelizadora do continente apoiada na humildade e pobreza dadas por Cristo. Assim, Santo Domingo tem sua mensagem na centralidade do Evangelho e voltada às questões pertinentes do mundo. Ressalta-se que existe no texto uma percepção de finitude do ambiente global, devido ao descaso dos países ricos para com os mais pobres e com a destruição ambiental.

No ano de 2007, o papa Bento XVI inaugurava a V Conferência do Episcopado Latino-Americano, realizada na cidade de Aparecida, com a mesma preocupação do Vaticano II: discernir sobre os caminhos da evangelização no mundo pós-moderno, com características de forte mudança e presença de questionamentos à Igreja. A Conferência de Aparecida, retomando os temas anteriores das diversas assembleias, gira em torno de duas máximas: a evangelização e a missão em povos que sofrem a pobreza. Esta forma de viver a fé precisa responder aos desafios do tempo, centralizando-se no Evangelho.

Por tal objetivo, vemos que a Conferência de Aparecida permite um caminho de iniciativa de trabalhos e diálogos com o mundo contemporâneo, procurando acentuar na pessoa do discípulo-missionário o cristão batizado chamado por Deus a fazer parte da transformação ao Reino de Deus – um caminho de renúncia, optando por Cristo e servindo aos outros na mesma intensidade do mestre. Este desejo da Conferência de Aparecida, ao mesmo tempo que é essencial ao Evangelho, mostra ao mundo uma mensagem revolucionária. Em um mundo tão egoísta, mecanicista e dado ao consumo exagerado, a Conferência de Aparecida revela um encorajamento vocacional e uma visão dinâmica dos cristãos da América Latina, levando-os a “meditar sobre sua verdadeira vocação e comprometer-se com Deus, para com o olhar de Deus descobrir as situações em que vivem os homens e escutar o apelo de Deus para cooperar com Ele, consciente de ser responsável dos povos e de seu futuro”⁵³⁵.

⁵³⁵ FARIAS, A., A 5 Conferência Geral do episcopado latino-americano e do Caribe em Aparecida, p. 94.

6.4

A Senhora Pobreza e a Sobriedade Feliz em relação com a qualidade de vida

Francisco de Assis viveu a pobreza evangélica no século XVI e propôs uma espiritualidade aproximando o Evangelho de Cristo da vida em comunidade, estabelecendo junto aos seus companheiros uma nova forma de vida. Saindo de uma concepção eclesial reduzida aos mosteiros, buscava a espiritualidade na essência dos discípulos e na experiência das primeiras comunidades cristãs. O franciscanismo se identificou desde o início pela pobreza evangélica e a vida comunitária.

No pontificado do papa Francisco, vê-se também esta revolução eclesial adotada pela experiência franciscana. O encontro da espiritualidade franciscana com o pontificado do papa Francisco mostra uma postura de envolvimento da sociedade pelo carisma, vivendo a fé cristã e testemunhando a humildade. A dinâmica da fé que “nos une é mais importante do que as divergências que nos separam”⁵³⁶, em uma vivência que supera as adversidades existentes. Deve-se promover um cristianismo que “possa ser levado a sério e irradiar assim a mensagem cristã para a humanidade”⁵³⁷. Portanto, com a humildade característica do carisma franciscano, faz-se esta transmissão dos valores do Evangelho e se acolhe os frutos que nascem “pela justiça, pela paz, pela partilha, pelo amor fraterno, realizando assim a soberania de Deus neste mundo.”⁵³⁸

A teologia de Boaventura afirma que Cristo se encarna como arquétipo da vida divina levada ao ser homem. Na sua visão teológica, ele afirma que Cristo é “modelo exemplar divino que se fez na carne modelo de vida humana”⁵³⁹. Esse é o modelo exemplar de pobreza, humildade e salvação. Por isso, a autêntica fé no Cristo é exercida na imitação de suas ações. Este pensamento teológico faz com que “a humanidade pecadora [se] volte a Deus [para] fazê-lo de novo partícipe da vida do Espírito e da felicidade eterna”⁵⁴⁰.

Na reflexão da cristologia de Boaventura, observamos o carisma franciscano que nos leva ao entendimento da contemplação de Cristo encarnado e na cruz,

⁵³⁶ MIRANDA, M. F., A urgência de um cristianismo unido, p. 425.

⁵³⁷ MIRANDA, M. F., A urgência de um cristianismo unido, p. 426.

⁵³⁸ MIRANDA, M. F., A urgência de um cristianismo unido, p. 439.

⁵³⁹ LAMMARRONE, G., Capítulo III Cristologia, p. 178.

⁵⁴⁰ LAMMARRONE, G., Capítulo III Cristologia, p. 179.

levando-nos a contemplar a Criação em detrimento da salvação do gênero humano e da Criação integral. Nisso percebemos que a “tradição espiritual franciscana pode ainda trazer recursos úteis para explorar a fé cristã, mesmo sendo um movimento surgido na Idade Média, mas que pode ser reescrito na história atual”⁵⁴¹. Revela um “conhecimento existencial”⁵⁴², propondo a “esperança da redenção do corpo”, como integral, como princípio da existência cristã levada à fé no Cristo vivente, crucificado e na fé do ressuscitado. Por isso, Boaventura resgata este processo de espiritualidade centrada da mediação da verdade, com a plena certeza da salvação em Cristo, no qual inspira e aproxima o mistério de Deus à iniciativa da Graça divina, em maneira singular de redimir o ser humano e a Criação.

Portanto, a mística franciscana aproxima-nos do Cristo e perfaz em amorosa adesão ao crucificado uma mediação de salvação para toda a existência humana. Esta obra salvífica nos faz perceber que Jesus Cristo é o centro da Criação. E nos faz mover a Ele como perfeição e “como [seres] inteligentes e livres à imagem do Criador tinham que responder livremente ao seu convite, reconhecendo-o pela fé, confiando nele pela esperança e gozando já de sua proximidade no amor”⁵⁴³.

Encontramos o relato da pobreza franciscana em escritos e sua história através dos hagiográficos que escreveram sobre a vida de Francisco. e aproxima o ser humano em livre adesão à pobreza, dada pela vontade de Cristo, como encarnado, pobre e humilde. A expressão “Senhora Pobreza” está no livro *Sacrum Comercium*⁵⁴⁴ contido nos Escritos Franciscanos. Nesse livro, temos uma narrativa poética e relatos sobre a vida de São Francisco na busca pela pobreza e seu encontro com ela. A montanha que o texto narra representa a subida de Francisco no seguimento de Jesus Cristo, pobre e humilde, personificada na figura feminina da Senhora Pobreza, temos então:

A subida de Francisco para o alto da montanha e a descida da senhora Pobreza para o mútuo encontro e intercâmbio de presentes, selados com a promessa de amor e fidelidade recíprocos, nos conduzem para dentro, para o cerne de toda a História da Salvação, a Aliança esponsal de Deus com a condição humana, protagonizada pela Encarnação de seu Filho, renovada agora com esta nova Aliança de Deus com seu

⁵⁴¹ HORAN, D. P., *Spirituality in a Wintry Season*, p. 208.

⁵⁴² MATURA, T., *Francisco de Asís, una réplica en nombre del evangelio*, p. 16.

⁵⁴³ ARMELLADA, B., *Antropologia Teológica. Criação, Pecado, Graça, Escatologia*, p. 374.

⁵⁴⁴ Este texto não tem data de composição, provavelmente datado do século XVIII, escrito por um Frade Menor anônimo. O gênero do livro é de sentido medieval, e mostra São Francisco e seus companheiros da Senhora Pobreza, marcando o entendimento dos frades a respeito da pobreza franciscana.

Povo de pobres, os Frades Menores. A recordação desse misterioso enlace faz sentido, pois, em sua origem longínqua, a palavra *commercium* pertencia, também, ao mundo do erotismo e das relações matrimoniais.”⁵⁴⁵

A Senhora Pobreza, em São Francisco, realiza-se tendo um projeto de busca pessoal como motivação ascética e mística. Essa transformação pessoal e o encontro com a pobreza se fazem em meios a buscas e crises pessoais, em contínua perseverança na fé em Cristo, mortificando o seu corpo, com as marcas de diversas penitências que realizara ao longo da sua vida. Em alguns relatos vemos o incentivo desta imagem ser copiada e incentivada por outros que aderem a esta espiritualidade. Porém, ao longo da história do movimento, se faz compreender a retidão evangélica e espiritual, como bem pessoal, e vemos a condição de cada frade em suas dificuldades para estas mortificações, portanto, na espiritualidade franciscana na vivência da pobreza não há manuais como em outros relatos espirituais.

Percebe-se que “a concepção da pobreza para ordem franciscana original onde se baseia em uma pobreza radical embasada na contemplação radical dos Evangelhos e de Deus em cada coisa do mundo como a prudência de não crer no panteísmo”⁵⁴⁶. Esta condição de ser pobre é vista como um ideal em busca de um projeto apostólico no qual “abraçou a pobreza evangélica imitando seu pobre mestre”⁵⁴⁷. Fazendo assim, Francisco de Assis, foi exemplo não apenas à sua Ordem, mas exemplo de despojamento, qualidade de vida e ascese para muitos que desejaram esta espiritualidade.

Francisco de Assis tem sua história pessoal atrelada ao movimento até o surgimento da forma jurídica da Ordem e a aprovação da Regra. Nestes passos, observamos obediência à Igreja e a forma minorítica adotada como proposta de uma eclesiologia despertada sempre aos problemas de cada tempo. As etapas do itinerário vocacional iluminaram este questionamento e contribuíram para a “edificação da Igreja mediante a vida ‘penitente’ de seus membros”⁵⁴⁸ e também daqueles que sentiam em Francisco uma proposta eclesiológica. A missão apostólica na Igreja contou, na história, com os franciscanos. Estes proporcionaram a adesão ao Evangelho e testemunharam o Cristo pobre e obediente. Percebemos

⁵⁴⁵ *Sacrum Commercium*, Introdução dos tradutores. In: Escritos Franciscanos, p. 868.

⁵⁴⁶ GARCIA, R. B., El Concepto de Pobreza Espiritual en Meister Eckhart, p. 25.

⁵⁴⁷ ROBSON, M., St. Francis of Assisi, The legend and the life, p. 97.

⁵⁴⁸ MERINO, J. A.; FRESNEDA F. M. (coords.), Manual de Teologia Franciscana.

que a atualização da missão e a vocação revela uma proposta que favorece uma teologia marcada pela simplicidade.

Esta atualização eclesiológica descobre a intensidade da pobreza e a relação dialógica com a Criação, percebendo em Francisco e no movimento a adesão por maior qualidade de vida do Planeta e sua preservação, apresentando uma sobriedade e uma pastoral com fortes relações fraternas. O projeto missionário e apostólico mostra esse sentido místico fortalecido pela fraternidade, em que “se constrói integrando e potenciando a singularidade de cada pessoa, em vez de insistir na uniformidade exterior e na vida homogênea”⁵⁴⁹.

A espiritualidade franciscana mostra sua perspectiva não meramente econômica, mas sobretudo teológica e social, contribuindo para a dinâmica de compreensão do ser humano como ser intrinsecamente social. Portanto, o serviço evangelizador deve encontrar uma Igreja que tem características espirituais, mas que esteja, sobretudo, focada em ajudar a transformar a realidade:

Tudo isso acompanhado da pregação e dos apelos em favor de um mundo onde reinam a justiça, a solidariedade e a caridade entre os homens. Em nossos dias, os estados foram os principais promotores das atividades sociais, mas nunca foram de forma totalmente satisfatória. Comprometa-se nestas atividades com espírito de caridade como parte da missão da Igreja e da Ordem.⁵⁵⁰

Todavia, “o Bem-aventurado Francisco verdadeiro imitador e discípulo do Salvador, no princípio de sua conversão” (SC, Prólogo, n. 10-11) assume uma relação com a criatura em total disposição e uma “presença duradora no mundo e na vida cotidiana”⁵⁵¹. Neste itinerário vocacional, temos o livro *Sacrum Commercium* que apresenta um relato narrativo entre a dimensão corpórea e espiritual em unidade com a disposição em abraçar a pobreza em despojamento total e entrega ao Reino do Céu. Esta união não é estática, mas se dá em um movimento contínuo, em que ser humano descobre uma relação integral com a Criação em que vive e a preserva, retirando dela sua sobrevivência:

A Senhora pobreza é o modo de ser, inaugurado, vivido e consumado na Terra, trazido do Céu por Jesus Cristo, do abismo do Mistério do Amor, chamado Santíssima Trindade. É a revelação do mais íntimo recolhimento do Deus de Jesus Cristo. Deus que nos amou primeiro: é a ternura e vigor do Deus que se tornou um de nós até sua última gota de sangue, para nos testemunhar quão intensa, profunda e misericordiosa é a paixão do seu amor.⁵⁵²

⁵⁴⁹ NUNES, M. C., “O Senhor me deu irmãos” – Francisco de Assis, inspirador da encíclica Fratelli Tutti.

⁵⁵⁰ HERMANOS MENORES CONVENTUAIS. Oficina de Proyetos (SGMAM), Introdução.

⁵⁵¹ HORAN, D. P., *Spirituality in a Wintry Season*, p. 214.

⁵⁵² *Sacrum Commercium*, Introdução dos tradutores. In: *Escritos Franciscanos*, p. 869.

A Senhora Pobreza, na narrativa do texto de *Sacrum Commercium*, deveria ser procurada como bem entre todos os tesouros da Terra. Nesta descoberta para a plenitude ascética de São Francisco, percebemos a concepção antropológica humana que apreende o sentido da pobreza como uma virtude ética, baseada “não apenas nos dualismos ônticos e ontológicos, mas também na capacidade humana exclusiva de acessar o conhecimento epistêmico e ético de maneiras que estão fora do alcance de todas as outras criaturas”⁵⁵³. Francisco busca a pobreza de forma a integrar devidamente essa busca na sua vida:

(Senhora Pobreza) Ela habita nos montes santos por que Deus a ama com diligência. (...) A pobreza é coisa singular que todo homem despreza, pelo fato de não encontrada de maneira suave na terra dos viventes. Por isso, ela vive escondida aos olhos deles e esconde-se dos pássaros do céu. (...) Se tu irmão, queres chegar até ela, despoja-te das vestes de festa e depõe todo o peso e o pecado que está ao redor porque, se não ficares nu, não poderás subir até ela, uma vez que se recolheu a uma tão grande altura. (SC n. 7-10)

Os bens materiais, esmolas e trabalhos eram para o bem da fraternidade e dos pobres que estavam nas proximidades de suas missões. A espiritualidade franciscana tem seu desenvolvimento na acolhida e na obediência à Igreja. Seus serviços pastorais identificam a crise do mundo e suas demandas, auxiliando as diversas crises da história mundial. A pastoral confirma o itinerário místico do carisma Francisco – na pobreza, humildade, no cuidado com a criatura e a Criação e no “engajamento em vez de individualismo disfarçado de piedade e fuga apresentada como devoção autêntica”⁵⁵⁴. Esta espiritualidade franciscana acontece na “passagem da Regra não bulada à Regra bulada e o Testamento sinalizando – o que é visto – uma série de transformações que podemos incluir como progressiva das atividades praticada dentro do restrito âmbito comunitário”⁵⁵⁵.

A pobreza econômica no carisma franciscano tem sua atualização em Jesus Cristo dada pelo Espírito Santo, em uma espiritualidade que atribui a conversão ética como fundamento em despojar-se aos outros. Os desafios da fraternidade ao longo dos séculos enfrentaram diversas crises para o entendimento da espiritualidade a serviço do bem comum e do despojamento dos bens econômicos. Até este tempo histórico, temos a discussão “numa época de transição progressiva

⁵⁵³ NÚNEZ, M. C., *Laudato Si’ and Ecology. Franciscan Spirituality and Integral Ecology Relational bases vs. the throwaway culture.*

⁵⁵⁴ HORAN, D. P., *Spirituality in a Wintry Season*, p. 214.

⁵⁵⁵ SFIDA, E., *La Regra di Frate Francisco*, p. 385

da economia do escambo para a do dinheiro, os frades tiveram que regressar ao que podemos chamar de ‘economia evangélica’: a liberdade que deriva da não preocupação com o amanhã e da ‘ganância’ de ‘acumular tesouros no futuro’⁵⁵⁶.

Mestre Eckart apresenta uma teologia da pobreza, favorecendo o debate entre a pobreza evangélica e o despojamento das coisas materiais. Percebe-se que ele tem uma forte aproximação com a teologia do papa Francisco e com São Francisco. Apresenta, em seu pensamento, uma mística ligada à revelação cristã. Mestre Eckart afirma: “Deus se encontra no princípio de todas as coisas”⁵⁵⁷. A formulação da pobreza evangélica feita pelo Mestre Eckart mostra-nos o total desapego e a importância de elevar o espírito ao total encontro com Deus. Assim, se caso não encontre sua satisfação em Deus, o ser humano sempre se encontrará pobre, em uma pobreza de insatisfação sem nada que o faça feliz, pois “a postura da pobreza em liberdade para com toda diferenciação entre o mundo, Deus e aquilo que o mundo é”⁵⁵⁸.

Francisco de Assis “contemplava Cristo e estava em consciência comunicação com Deus manifestado na criação”⁵⁵⁹. Este amor pelas criaturas o faz entender o zelo pela humanidade e compreendê-la pela preservação ecológica. Observa-se o respeito e o cuidado que Francisco expressa às criaturas em estrita relação divina, dado à contemplação do Cosmo. Compreendia a intrínseca relação entre o humano e o divino, “Francisco e seus seguidores nos fornecem um modelo de criação mais autenticamente cristão e baseado nas Escrituras.”⁵⁶⁰

A antropologia, outra parte importante na teologia franciscana, é compreendida como natureza corpórea em uma realidade dualista. Esta realidade é ligada à moral integral, expressa na *Laudato Si'* com uma aproximação de tais entendimentos teológicos. Este sentido leva nos compreender o ser humano como uma identidade ontológica que tem como essência a natureza divina, capacitado com a faculdade da liberdade, em uma percepção racional, que o faz compreender a possibilidade de dialogar entre as diversas escolhas que são necessárias realizar. Esta “capacidade humana exclusiva acessa o conhecimento epistêmico e ético de

⁵⁵⁶ PELLEGRINI, L., *La grazia del lavoro*, p. 363.

⁵⁵⁷ MARINHO, A., *Eckart e a Pobreza*, p. 119.

⁵⁵⁸ MARINHO, A., *Eckart e a Pobreza*, p. 124.

⁵⁵⁹ NOTHWER, D. M., *The Franciscan Heritage Series*, p. 16.

⁵⁶⁰ HORAN, D. P., *Francis of Assisi and the Future of Faith*, p. 104.

maneiras que estão fora do alcance de todas as outras criaturas”⁵⁶¹. Porém, este conhecimento se dá em uma ideia “não dualista da concepção do ser humano”⁵⁶².

As escolhas pela vontade se dão no envolvimento com as diversas coisas oferecidas. Havendo as escolhas, estas impulsionam a soluções para o enfrentamento. Podemos ver que a escolha e o enfrentamento da vontade dados pela liberdade se dão também na satisfação do ser humano pelos bens materiais. Portanto, a ideia de pobreza econômica está ligada ao acesso aos bens, em que se faz necessário o equilíbrio entre a vontade e o possuir – gerando uma sobriedade do adquirir com a felicidade com o desapego oferecido ao indivíduo.

O serviço social dos franciscanos se perpetua pela lógica do conhecimento racional que implica a escolha por Deus, e na atualização do esvaziar-se de si próprio e servir aos mais necessitados. Nesta atitude, a intuição e a construção do itinerário vocacional franciscano se convertem, na LS, como aplicação material das diversas assistências que se fazem necessárias um mundo em crise. Este carisma traz forte preocupação com “as questões da ecologia e da criação, [...] intimamente ligadas às questões de justiça das populações subjugadas, nomeadamente as mulheres e os pobres do mundo”⁵⁶³.

Os sinais claros da Teologia da Criação revelam a compreensão acerca do ser de Deus. Este Deus que, na Criação, revelou-se como natureza divina e em Cristo revelou-se como ser humano. Nesta percepção, a Criação não é propriedade humana, “mas em vez disso, a criação é, em certo sentido, parceira da humanidade na salvação”⁵⁶⁴. Isso propicia entender este projeto criacional como transmissão do ser de Deus e o entendimento de sua obra redentora, chamando a humanidade a perceber em sua existência a busca pelo sentido de sua vida.

Na Revelação em Jesus Cristo temos a nova Criação. Nesta tradição teológica, o ser humano é renovado em sua dignidade e ao conhecimento da divindade dado pelo perdão. O movimento franciscano identifica esta “experiência da criação como experiência mística”⁵⁶⁵. Temos, em Francisco, a mística e natureza humana articulando a percepção da natureza criada como graça de Deus, em que Jesus Cristo faz a humanidade integrar-se em diversas dimensões – até então

⁵⁶¹ NÚNEZ, M. C., *Laudato Si' and Ecology*, p. 60.

⁵⁶² NÚNEZ, M. C., *Laudato Si' and Ecology*, p. 64.

⁵⁶³ HORAN, D. P., *Francis of Assisi and the Future of Faith*, p. 106.

⁵⁶⁴ HORAN, D. P., *Francis of Assisi and the Future of Faith*, p. 106.

⁵⁶⁵ HORAN, D. P., *Francis of Assisi and the Future of Faith*, p. 109.

perdidas no pecado original. Este modo de viver a espiritualidade é visto em diversos momentos da vida de São Francisco, principalmente no Cântico das Criaturas, em que ele louva as criaturas e percebe a sensibilidade do relacionamento com todas elas, as chamando como irmãos ou irmãs. Esta sensibilidade mostra a intuição dada ao fundador e ao movimento franciscano: a Criação tem forte ligação com a natureza encarnada e com a dignidade humana. A concepção de natureza na dimensão criacional mostra esta dignidade do ser humano em conservar as espécies e cuidar do planeta:

A natureza para Francisco não era apenas um reflexo da atividade e das reações humanas, porque isso significaria destruir o valor único de outras criaturas. Eles não são nossos espelhos, mas, como nós, refletem Deus. Ele começou com a igualdade: todos fomos criados... somos todos irmãos. Francisco acreditava na doutrina da criação de todo o coração. Disse-lhe que todo o universo – o eu e o ambiente total ao qual o eu pertence (microcosmo e macrocosmo) – é o produto do mais elevado poder criativo, a criatividade do amor transcendente.⁵⁶⁶

Portanto, neste princípio teológico, temos a compreensão da relação humana, com a prática da missão de um projeto que revigora o amor, a compaixão, o cuidado, a ternura, a paz, dado à fraternidade universal e à divindade de Deus. A fraternidade é vista como dom divino confiado a estruturar a mística dos diversos irmãos e irmãs, em suas características subjetivas, levando ao amor salvífico e enfrentando os egos e os diversos modos de pensamentos. Este amor relacional não está fora dos aspectos da diferença, mas se identifica no ideal de vida franciscano, gerando amor indivisível pela conventualidade. O amor universal leva à presença da transcendência em uma realidade humana, fomentando uma relação interpessoal na autêntica experiência de Deus.

A relação com Deus, os irmãos e a natureza demonstram a revelação de Deus em Cristo. Essa revelação leva cada pessoa a se perceber “unida ao [sentimento] de fraternidade e da família, pois supõe que o sujeito vê o próximo, a comunidade e a natureza como parte de si mesmo”⁵⁶⁷. Observa-se, então, o desejo do ser humano pela salvação dada por Cristo. A experiência salvífica proclama o amor de Deus salvaguardando a paz e a justiça como “sentido último de toda a criação e realização

⁵⁶⁶ HORAN, D. P., Francis of Assisi and the Future of Faith, p. 110.

⁵⁶⁷ NÚÑEZ, M. C., Desafios éticos globales a luz de la encíclica Laudato Si' y del Jubileo de la Misericordia, p. 84.

plena”⁵⁶⁸. Por isto, o sentido da ação salvífica em formar seres humanos preocupados com o outro e salvaguardando a Casa Comum:

Situados no nosso atual horizonte e compreensão, somos levados a concluir que a vinculação pessoal Deus-homem, a correlação entre a proposta ou interpretação divina e a decisão humana, a relação entre Deus e os homens deve ser entendida como relação dialógica.⁵⁶⁹

O diálogo favorece o espírito de consciência e discussões saudáveis em busca de novas ideias e temas que irão cooperar e ajudar as relações humanas no processo de aprimoramento humano. Esta pedagogia do encontro proporcional à experiência fraterna é dada pela graça e mistério divino advindos do contato diário das orações comunitárias e pessoais. A fraternidade, em diálogo com Deus, logo percebe a responsabilidade uns com os outros e pela Casa Comum, tornando todos cooperadores. A qualidade da vida dialogal impacta nas consequências da vida comum, na medida que os projetos são conscientes e envolvem questões importantes, como a preservação do ambiente e da sociedade, sobretudo para os mais necessitados.

As diversas dificuldades a respeito da percepção dessa realidade provocam prejuízos e tensões nas colaborações do projeto comum, que devem ser convertidas sempre no perdão e na misericórdia. De fato, a ditadura do relativismo e “o mito do progresso limitado e um pragmatismo desencantado que substituem os valores” prejudicam a percepção dos valores do diálogo e cooperação para o bem comum. Para os conflitos serem esclarecidos e favorecer o perdão é preciso “sanar a raiz dos conflitos e estabelecer relações fraternas”⁵⁷⁰.

O relato do livro do Gênesis traz a narrativa sobre a formação da humanidade. Neste texto, vemos os benefícios que Deus propõe ao humano, dando-lhe a natureza e o poder de cuidar e administrar. Porém, sendo seduzido pelo pecado, desobedecendo o Criador e cedendo à tentação do poder, acontecem os diversos desequilíbrios. Na vinda de Cristo, o ser humano é levado ao dom de uma nova Criação. A libertação do pecado acontece a toda humanidade. Reconciliar é este desejo de Deus dado na encarnação do seu Filho e na doação filial na cruz. A humanidade em liberdade é vocacionada a experimentar a reconciliação dos

⁵⁶⁸ MIRANDA, M. F., *Vislumbres de Deus*, p. 29.

⁵⁶⁹ RUBIO, A. G., *Unidade na Pluralidade*, p. 141.

⁵⁷⁰ NÚÑEZ, M. C., *Desafios éticos globales a luz de la encíclica Laudato Si' y del Jubileo de la Misericordia*, p. 92.

pecados. Porém, em diversos momentos, sejam pessoais, sejam comunitários, o pecado gera uma catástrofe. É fundamental o desejo de todo o ser humano em optar sempre por Deus.

As diversas soluções em deter os diversos riscos para o caos global, tanto de maneira social quanto ecológica, sempre estão em diálogo nos textos do papa Francisco, evidenciando a compreensão da natureza pensada e motivada por Deus no perdão em Jesus Cristo. Nos seus textos, há uma preocupação em transformar as estruturas, em uma conversão tanto da Igreja quanto da sociedade. Estas mudanças poderão auxiliar diversos projetos, incorporando o serviço-caritativo para o cuidado com os bens da Criação. Tais opções devem privilegiar as urgências sociais, destacando-se “a opção preferencial por pobres e excluídos se estendendo também aos inimigos e aos agressores injustos, que tenham direito a ser protegidos incluso a si mesmos para evitar que não sigam os mesmos delitos”⁵⁷¹.

Francisco de Assis, ao perceber a necessidade de diálogo, e nele a vontade de Deus, propõe aos frades o valor dos Capítulos, que poderiam revelar a experiência do seguimento, mas também resolver os conflitos pessoais e comunitários, traduzindo ideias e temas que favoreciam o encontro da relação fraterna e convívio da unidade. Estes capítulos foram importantes para o crescimento do projeto do movimento franciscano, consolidando a beleza do ideal de Cristo à Igreja. Nestes capítulos começaram a ser vistos temas importantes na vida franciscana, como a missão, o cuidado com os pobres, o zelo apostólico, a oração comum, o trabalho entre os frades e o crescimento pela formação pastoral e a tradição da pregação do Evangelho. Podemos perceber ali a qualidade de vida e o estilo de vida dos frades de forma profética.

Na vida religiosa franciscana, se observa o diálogo fecundo com Deus, o discernimento da consciência de diversas demandas fraternas, e também na tomada de decisões missionárias ao cuidado dos desafios pastorais ligados aos trabalhos eclesiais. Os frades vivem esta minoridade com pobreza evangélica e sua identidade franciscana faz, assim, um serviço de acolhida aos pobres. Na atualidade, a cultura e a evangelização devem estar ligadas a uma postura de entendimento e testemunho do Evangelho:

⁵⁷¹ NÚÑEZ, M. C., Desafios éticos globales a luz de la encíclica *Laudato Si'* y del Jubileo de la Misericordia, p. 90.

A atualidade da espiritualidade franciscana provém primeiramente de seu enraizamento no Evangelho. A espiritualidade franciscana é atual à medida que procura traduzir o Evangelho para a vida concreta. Em segundo lugar, provém de sua universalidade. Francisco, mesmo limitado e inserido na Idade Média, foi capaz de colher valores universais que valem e perduram pelos séculos.⁵⁷²

O ser humano é levado a contrair-se pela graça, aceitando o que for de bom e mal em sua proposta segundo a forma do Evangelho. O amor à vida franciscana leva os frades a se apaixonarem totalmente pela forma de vida ascética de pobreza. Recomenda-se aos frades uma postura mística centrada no testemunho vivendo em pobreza evangélica, de acordo com a Regra e o Testamento deixado por São Francisco. Porém, na atualização da forma de vida religiosa, vemos que o sentido ascético de Francisco assume mais o significado de uma vida simples, despojada e sem acumulação:

A questão subjacente coloca-se, portanto, em termos da verdadeira transformação da vida que se manifesta na nova forma de focalizar o pensamento e os desejos, na forma de se comportar diante de si mesmo, diante de Deus, diante dos outros e diante da criação, no modo novos hábitos que são adquiridos, não necessariamente ligados a um hábito (vestimenta) novo ou diferente, que em alguns casos pode ser importante na medida em que é um símbolo eloquente do que está acontecendo no “homem novo”.⁵⁷³

Não se entende a relação criacional observando a ideia de uma fraternidade sem crises e sem problemas. Porém, se deve ter o despertar para a compreensão humana e contemplar os indivíduos, respeitando sua cultura e preservando sua espiritualidade e resgatando sua vida psicológica, levando-os a uma existência de maturidade cristã e com possibilidade de desenvolver o caráter missionário e o senso de pertença, dado pela realidade da pobreza evangélica.

Francisco de Assis apesar de haverem sofrimentos em sua busca, como o seu próprio corpo e o direção do movimento, integra estas emoções e integra ao destino de um projeto divino gerando sentimento “sadio senso de identidade, um cálido senso e pertença a fraternidade com seus semelhantes, e um sólido senso de missão como sentido último da própria existência.”⁵⁷⁴ Podemos perceber, ainda, o seu cuidado pela dimensão da felicidade, zelando pelo comportamento dos frades, quando relata que todos eles deveriam viver em prol do Evangelho. A missão dos frades é mostrar os sinais na história do projeto de Deus em uma relação de

⁵⁷² TEIXEIRA, C. M., Uma leitura atualizada da espiritualidade franciscana, p. 15.

⁵⁷³ URIBE, F., La Regla de São Francisco, Letra y espíritu, p.130.

⁵⁷⁴ MÉZERVILLE, G., Maturidade Sacerdotal e religiosa, p. 32-33.

despojamento e uma consciência pela Sobriedade Feliz, dando cada dia sua vida em prol dos outros e renovando a Igreja e a sociedade pelo cuidado.

7 Conclusão

Este estudo procurou pesquisar a pobreza evangélica em relação com a espiritualidade franciscana, e considerar o pensamento do Papa Francisco e a expressão “sobriedade feliz” na LS. No desenvolvimento das ideias sobre São Francisco de Assis, fomos conduzidos à maneira de ver e encarar diversas urgências na Idade Média, a organização social e a produção de bens. Em tal contexto, o modo de vida de São Francisco e sua conversão espiritual – desejava uma espiritualidade que identificasse uma interpretação para viver a pobreza e o despojamento. A sociedade medieval tinha uma estrutura religiosa dada pela vida monástica com diversas crises. Neste desenvolvimento histórico, o itinerário de São Francisco foi marcado por diversos eventos, em que podemos identificar como principais o beijo ao leproso, que faz sua humildade ser acolhedora, e a voz do crucificado de São Damião, desenvolvendo já um ideal missionário a servir a Igreja e ao Evangelho.

O trabalho desenvolvido na pesquisa fez o estudo do movimento franciscano como forma original, renovando os ideais missionários da Igreja e o testemunho pela pobreza, para o clero e o povo de Deus. A pobreza de São Francisco oportunizou a criação de uma Regra de vida como proposta ao seguimento do Evangelho ficando também em obediência à Igreja. A primeira Regra, chamada *protorregra*, foi transmitida de forma oral. Há uma segunda, de forma escrita, mas não canônica chamada Regra não bulada; e em 1223, a chamada Regra da vida dos frades menores foi aprovada de forma canônica pela Igreja. Portanto, no ano de 2023, quando se terminava esta tese, comemoraram-se 800 anos da aprovação da Regra, promovendo-se uma grande festa no movimento franciscano, recuperando a sua essência e o seu valor. Esta tese intenciona provocar à iluminação e à importância do movimento franciscano na Igreja. O papa Francisco, em comemoração desta festa jubilar em honra à Regra, destacou que ela nos serve para a percepção da busca pelo Evangelho e o ardor missionário, que sempre foram fundamentais na vida de São Francisco.

O movimento franciscano então vem para a vida fraterna e a vida de pobreza. Na origem do movimento, estavam presentes diversas discussões acerca de qual viria a ser a proposta de uma vida pobre. Destacaram-se, na pesquisa, as diversas dúvidas geradas pelos frades que adentravam no movimento, sobre quem seria o

pobre de fato, se de origem econômica ou aqueles que seguiam a proposta do Evangelho. Ao mesmo tempo, esta proposta parece ser da origem do próprio Francisco, aquele que deixou sua cidade e sua família para fundar um movimento. Diversas eram as dúvidas dos frades em relação à aquisição de bens, como conventos, ao estudos e à administração de paróquias. Tais dúvidas geraram uma divisão do carisma inicial proposto por Francisco e existem as famílias dos frades menores, divididos em frades conventuais, menores, capuchinhos, clarissas e Ordem Franciscana Secular.

A Senhora Pobreza é ligação direta com o Criador, expressando toda a contemplação no Cântico das Criaturas. Este trabalho explorou esse cântico, revelando uma antropologia teológica com a essência da natureza dada ao ser humano, para fortalecer a ideia de justiça e comunhão. Por isto, no louvor a Deus, que deseja que o ser humano coopere com Ele na Criação, exercendo o cuidado por todo ser criado. Francisco mostrou este destaque sendo um homem que, na Idade Média, sentiu-se tocado pela Criação a fim de exercer a justiça e cuidado a todos os seres por Deus criados.

No capítulo 3 desta tese, tivemos o destaque ao serviço pastoral dos frades franciscanos desejando fazer parte dessa fraternidade. Mesmo após 800 anos, essa Regra é fortalecida no mundo. Um importante texto sobre a vida religiosa, a Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Vita Consecrata*, de João Paulo II, trouxe algumas indicações que ajudaram a compreender o desafio comunitário e a experiência da essência do Evangelho em viver a vida religiosa no contexto atual. No documento, vemos a compreensão do Vaticano II e a beleza que expressa a vida religiosa no contexto da Igreja atual, ajudando a interpretar a vivência histórica franciscana, que já na Idade Média refletia sobre esta transformação comunitária. A pesquisa destacou o testemunho da pastoral junto aos pobres e sofredores.

Ao se abordar o carisma de São Francisco e seu objetivo em seguir os passos do Evangelho, humilde, sem nada de próprio e em castidade, nosso estudo percebe este fecundado processo de atualização da intenção inicial do carisma, através dos séculos, destacando a educação, a cultura e os diversos serviços missionários em várias partes do mundo, seguindo o jeito e a forma do Evangelho propostos por São Francisco, ainda traz ao mundo respostas do jeito de cuidar e restaurar a dignidade humana de muitos que foram excluídos em diversos momentos difíceis do mundo, que muitas vezes esquece sua população mais pobre. Estes exemplos mostram a

dinâmica do movimento franciscano, sem apresentar respostas prontas, sem preconceitos, que apresenta seu entusiasmo em levar o Evangelho de Cristo, dialogando com as pessoas, com seus diversos credos e culturas – tendo como importância aquilo que é o patrimônio espiritual do movimento – gerar amor aos pobres sem distinguir a pessoa que recebe ajuda. Buscou-se atualizar uma reflexão da fraternidade, apresentando textos de alguns pensadores franciscanos que refletem sobre a vida religiosa franciscana na modernidade. Revela-se a paixão por ser franciscano, com o caráter da oração e relações de fraternidade, mesmo em meio às dificuldades que o próprio tempo nos insere.

A pesquisa, abordando o modo de ser Igreja despojada e pobre, descreveu a teologia do Papa Francisco como aquele que se colocou com o nome de Francisco, procurando no seu ministério à frente da Igreja desenvolver de forma particular a experiência espiritual de São Francisco. Por isso, foi feito um capítulo observando o protagonismo do papa Francisco como aquele que assume esta espiritualidade em favor dos pobres. Nos capítulos quarto e quinto, desenvolveu-se o texto da tese indicando o protagonismo do Papa Francisco e destaques do seu magistério, onde está sua relação com São Francisco de Assis e o tema da pobreza. Observou-se a condução da Igreja da Argentina e a apresentação, à sociedade, de uma Igreja que desenvolve o sentido pastoral unida às diversas urgências do mundo. Este trabalho foi desenvolvido no CELAM com o documento de Aparecida, que resgata o serviço aos pobres e uma eclesiologia voltada à missão e com os ensinamentos conciliares do Vaticano II, renovando a adesão com o diálogo e valorizando as diversas culturas da América Latina e destacando sempre a atuação de uma Igreja servidora a favor dos pobres. O trabalho no CELAM trouxe ao Papa Francisco diversas metodologias que incrementaram sua compreensão em conduzir a Igreja posteriormente.

O Dia Mundial do Pobre é uma das propostas geradas por Francisco na compreensão de uma teologia que não negligencia os pobres e promove uma cultura de relações humanas mais próximas. Tal consideração com os pobres se percebe no Evangelho e nos documentos conciliares do Vaticano II, em uma linguagem acessível, para a renovação desses conceitos e multiplicar a doação ao serviço ao próximo. Esta narrativa vislumbra-se em uma Igreja com uma cultura da misericórdia que encontre o pobre em todas as circunstâncias.

A pobreza é encarnada, como vemos na revelação de Jesus no Evangelho, apresentando uma espiritualidade encarnada com os bens em favor dos

necessitados. Esta teologia nos envolve com a ideia da consolação espiritual e o testemunho do Reino de Deus como construção presente na sociedade. Esta fé na ação social é algo visto como uma economia que tem a preocupação sempre na percepção da ligação entre a Palavra e o testemunho. Portanto, os documentos do papa Francisco trazem uma revolução à vida eclesial, centralizando a misericórdia e o diálogo da pobreza, desempenhando uma busca pela pobreza evangélica.

O gesto de partilhar integra-se os ambientes sociais à teologia da Criação, com as propostas articuladas na *Laudato Si'* vislumbrando uma sociedade que reforce o despojamento de sobriedade feliz e mostre o sentido da vida que tenha preocupação com a Casa Comum. Na construção da teologia em favor da fraternidade, consideramos os sinais da globalização e as políticas econômicas que fazem grande apego ao dinheiro e promovem o descarte dos mais necessitados. Esta percepção crítica aos diversos modos de vida social e governamental desvela ao mundo uma política econômica que não age em favor da justiça social. Temos os discursos e aplicações pastorais, destacando as preocupações críticas ao mundo e à sociedade, apresentando uma conversão dos valores dos direitos humanos e globais e abordando a conversão ecológica.

A teologia da pobreza com base em textos bíblicos mostra que o anúncio sempre esteve em preocupação com a fraternidade e o bem do ser humano, no seu sustento das coisas materiais e, ao mesmo tempo, que pudesse viver em fidelidade a Deus e concentrando suas forças no despojamento, não havendo necessidade de acúmulos ou ganhos desnecessários vindos de outros em favor a si. Destaca-se entre os textos do Antigo Testamento o uso da palavra “pobre” na dimensão social, com a ideia de indigente, de humilde, e junto com órfão e viúva, entre os necessitados. Existe uma ideia de pobreza como atitude espiritual. No Novo Testamento destacaram-se textos sobre pobres necessitados e a dimensão social com a ideia de ajudar os pobres. Trata-se da restauração do projeto de Deus de fraternidade e do ensinamento de Jesus com a ajuda aos pobres e com a pobreza em espírito.

A contribuição visa reforçar o ideal da Senhora Pobreza e o pensamento do Papa Francisco sobre sobriedade feliz. Assim reforça o acesso à cultura do cuidado, tanto de maneira ambiental como antropológica. O equilíbrio ecológico e a dimensão antropológica se aglutinam em uma espiritualidade nascente também da LS, em que o Papa Francisco discerne sobre o caminho do despojamento como sentido espiritual para a compreensão de uma norma ética e moral e para fazer o

bem. Temos como importante a contribuição da Senhora pobreza como busca evangélica. A pesquisa pode ser continuada com o estudo das diversas ciências que podem colaborar para o equilíbrio ambiental e a dimensão antropológica.

8

Referências bibliográficas

ACCROCCA, Felice. Un Cantiere aperto – “Travagli redazionali delle Regole ‘di’ Francesco”. In: MARANESI, P.; ACCROCCA, F. (orgs.). **La Regra di Frate Francesco**. Eredità e Sfida. Padova: Francescane, 2012, p. 13-56.

ALMEIDA, A. L. B., Da indiferença narcisista à consciência social: repropendo a alteridade de base cristã numa era globalizada. In: ZACHARIAS, Ronaldo; MILLEN, Maria Inês (orgs.). **Ética Teológica e Direitos Humanos**. Aparecida: Santuário, 2018, p. 57-77.

AMADO, J. P. Aspecto antropológicos para a evangelização junto às Juventudes: reflexões a partir do Sínodo dos Bispos de 2018. **ATeo**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 61, p. 39-61, jan/abr 2019. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=37784@1>> Acesso em: 4 fev 2023.

AMADO, J. P. O Documento de Aparecida e sua proposta para toda a Igreja. **ATeo**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 58, p. 65-90, jan/abr 2018. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/rev_ateo.php?strSecao=fasciculo&fas=50959&NrSecao=X3&nrseqcon=32793>. Acesso em: 12 set 2023.

AMADO, J. P.; FERNANDES, L. A. (orgs.). **Evangelii Gaudium em Questão**: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014.

ANDERSON, A. F.; GORGULHO, G. O Deus Vivo Liberta e Reúne o Povo dos Pobres. **Revista eclesialística brasileira**, v. 41, fasc. 164, p. 660-671, 1981. Disponível em: <<https://reb.itf.edu.br/reb/article/view/3684>> . Acesso em: 27 fev. 2024.

APOLINÁRIO, E., Sinodalidade, caminho de comunhão nas práticas pastorais, Congresso Brasileiro de Teologia Pastoral. **Annales FAJE**, v. 1, n. 1, p. 83-96. 2021, Belo Horizonte. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/Caminhando/article/view/10684>>. Acesso em: 27 fev. 2024.

AQUINO JUNIOR, F. Os pobres e a pobreza como carisma fundante da Igreja de Jesus. In: PASSOS, J. D.; SOARES, A. M. L. (orgs.). **Francisco, renasce a esperança**. São Paulo: Paulinas, 2018, p. 210-222.

AQUINO JUNIOR, F. **Teologia em saída para as periferias**. São Paulo: Paulinas; Recife: Unicap, 2019.

AQUINO JÚNIOR, F., “Uma Igreja pobre e para os pobres”: abordagem teológico-pastoral. **Pistis Praxis Teologia Pastoral**, v. 8, n. 3, p. 631-657, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=449755227008>. Acesso em: 10 jan 2024.

ARMELLADA, B. Antropologia Teológica. Criação, Pecado, Graça, Escatologia. In: MERINO, J. A.; FRESNEDA F. M. (coords.). **Manual de Teologia Franciscana**. Petrópolis: Vozes/FFB, 2005, p. 365-410.

ARMITAGE, D. J. **Theories of Poverty in the World of the New Testament**. Mohr Siebeck: Tubingen, Germany, March 2016.

AURÉLIO, M. **A Igreja do Papa Francisco**. Aparecida: Santuário, 2016.

BAMBARÉN, L. Perspectivas Sociales en el Documento de Puebla. **Revista CELAM**, Medellín, v. 5, n. 20, p. 542, Diciembre 1979. Disponível em: <<https://revistas.celam.org/index.php/medellin/article/view/1498>>. Acesso em: 27 de Fev. de 2024.

BAVARESCO, A.; JUNG, J. H. S. **A Encíclica Fratelli Tutti e a inserção do Vaticano nas Relações Internacionais Contemporâneas**. Porto Alegre: Fênix, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/17161>> . Acesso em: 27 fev. 2024.

BECKÄUSER, Alberto. Francisco e a Comunhão com toda Criatura. In: MOREIRA, Alberto da Silva (org.). **Herança Franciscana – Festechrist para Simão Voigt, OFM**. Petrópolis: Universidade São Francisco/Vozes, 1996, p. 199-219.

BENTO XVI. **Audiência. 13 jan 2010**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2010/documents/hf_ben-xvi_aud_20100113.html. Acesso em: 9 ago 2023.

BENTO XVI. **Discurso do Santo Padre ao Clero, aos religiosos e as religiosas durante o encontro na Catedral de São Rufino**. Assis. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/june/documents/hf_ben-xvi_spe_20070617_clero-assisi.html. Acesso em: 6 nov 2023.

BERGOGLIO, Jorge Mario. **Anunciar o Evangelho – Mensagens aos catequistas**. Org. Silvio Grimaldo de Camargo. Campinas: Ecclesiae, 2013.

BERGOGLIO, Jorge Mario. **Nei Tuoi Occhi è La Mia Parola – Omelie e discorsidi Buenos Aires 1999-2013 – Com una conversazione com Antonio Spadaro**. Introduzione e cura di Antonio Spadaro I. Trad. Giuseppe Romano. Roma: Rizzoli Libri, 2016.

BERNA, V. S. D. **Pensamento ecológico**. Reflexões críticas sobre meio ambiente, desenvolvimento sustentável e responsabilidade social. Paulinas: São Paulo, 2006.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2006.

BÍBLIA do Peregrino. São Paulo: Paulus, 2002.

BINGEMER, Maria Clara L. **Santidade Chamado à Humanidade** – Reflexões sobre a Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*. São Paulo: Paulinas, 2019. Col. Ecos de Francisco.

BINGEMER, Maria Clara L. Participar da Santidade de Deus. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 49, n.2, Jul- Dez 2019. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/teo/article/view/36543>. Acesso em: 3 jan 2024.

BOAVENTURA, São. **Exposição Sobre a Regra dos Frades Menores**. Trad. Plácido Robert; Dorvalino Fassini. Porto Alegre: Evangraf, 2008.

BOBÂRNAC, Lucian-Mihai. Ucrania: ayuda humanitaria a los refugiados. **Hermanos Menores Convetuales**. 29 mar 2022. Disponível em: <https://www.ofmconv.net/es/ucraina-aiuti-umanitari-ai-profughi/>. Acesso em: 4 fev 2023.

BOFF, Leonardo. **Ética e Ecoespiritualidade**. Petrópolis: Vozes, 2011.

BOFF, Leonardo. **São Francisco de Assis**. Ternura e vigor. Uma leitura a partir dos pobres. Petrópolis: Vozes, 2005.

BRIGHENTI, A. Sínodo da Amazônia-Quatro sonhos e um impasse. **REB**, Petrópolis, v. 80, n. 36, p. 313-332. Disponível em: <https://revistaeclesiasticabrasileira.itf.edu.br/reb/article/view/2049/0>. Acesso em: 10 jan 2024.

BRIGHENTI, A. Criterios para La Lectura Del Documento de Aparecida. El pré-texto, elcon-texto y el texto. **Revista latinoamericana de teología**, v. 24, n. 71, 2007. Disponível em: https://seleccionesdeteologia.net/selecciones/lilib/vol47/187/187_brighenti.pdf. Acesso em: 4 nov 2023.

BRIGHENTI, A. Documento de Aparecida: O texto original, o texto oficial e o Papa Francisco. **Pistis Praxis Teologia Pastoral**, Curitiba, v. 8, n. 3, p. 673-713, set/dez 2016.

BRIGHT, J. **História de Israel**. Trad. Euclides Carneiro Silva. São Paulo: Paulus, 1980. Nova Coleção Bíblica.

BRUEGGEMANN, W. **Teologia do Antigo Testamento**. Testemunha, disputa e defesa Trad. Jonathan Luís Hack. São Paulo: Academia Cristã/Paulus: 2014.

BRUNI, Luigino. Os trabalhos em andamento para o evento “A economia de Francisco”. **IHU online**. 27 ago 2019. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/592022-os-trabalhos-em-andamento-para-o-evento-a-economia-de-francisco-entrevista-com-luigino-bruni>. Acesso em: 6 nov 2023.

CAMINO, J. A. M. **Mártires y santos, en el centro de la historia**: del Vaticano II a *Gaudete et Exsultate*. Madri: Encontro, 2021.

CARBALLO, José Rodríguez. **Comunión y Testimonio**: el Diálogo no tiene alternativa – Intervención en el Sínodo de los Obispos para Oriente Medio. Disponível em: <http://www.franciscanos.org/docoficial/rcarballo-sinodoobispos121010.html>. Acesso em: 12 set 2023.

CARDONA, H. D.; PINZÓN, O. S. Asemejarse a Dios como Camino de Santidad en Gregorio de Nisa. **Anales de teología**, Bogotá, v. 21, n. 1, p. 27-55, 2019. Disponível em: <https://revistas.ucsc.cl/index.php/analesdeteologia/article/view/1814>. Acesso em: 31 mai 2023.

CARDOSO, M. T. F. Diálogo da misericórdia: estudo sobre um tema da Bula Misericordiae Vultus. **ATeo**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 54, set/dez 2016. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/27764/27764.PDF>. Acesso em: 12 set 2023.

CARDOSO, M. T. F. Opções preferenciais: solicitude e desprendimento como temas de teologia e diálogo na perspectiva de Puebla, fundamentos bíblicos e ênfases do Papa Francisco. **ATeo**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 62, p. 278-303, mai/ago2019. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=46110@1> . Acesso em: 10 jan 2024.

CARTER, W. **O Evangelho de São Mateus**. Comentário Sociopolítico e Religioso a partir das margens, Trad.: Walter Lisboa. São Paulo: Paulus, 2021.

CASTRO, Pedro Ricardo C. Amazonizar a Igreja a partir da Eclesiologia do Sínodo para a Amazônia. **Teopraxis**, v. 37, n. 128, p. 157-178, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.52451/teopraxis.v37i128.32>. Acesso em: 3 jan 2024.

CELAM. **Documento de Aparecida**. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. 13-31 de maio de 2007. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulus/Paulinas, 2019.

CELANO, Tomás de. Primeira Vida de São Francisco (1C). In: FASSINI, Dorvalino (org./trad.). **Fontes Franciscanas**. Mensageiro de Santo Antônio: Santo André, 2005, p.185-305.

CELANO, Tomás de. Segunda Vida de São Francisco (2C). In: FASSINI, Dorvalino (org./trad.). **Fontes Franciscanas**. Mensageiro de Santo Antônio: Santo André, 2005, p.305-432.

COELHO, M. M., Recuperar a solidariedade e o respeito. In: ZACHARIAS, Ronaldo; MILLEN, Maria Inês (orgs.). **Ética Teológica e Direitos**. Aparecida: Santuário, 2020, p. 95-116.

COMBEAU, Yves. A pobreza evangélica segundo Francisco de Assis. **IHU online**, 27 jun 2013. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/noticias/521402-a-pobreza-evangelica-segundo-francisco-de-assis>. Acesso em: 4 fev 2023.

COMPÊNDIO DO CONCÍLIO VATICANO II. São Paulo: Paulus, 1997.

CONCEIÇÃO, E. da. O Sínodo da Amazônia e a ética do cuidado: a Amazônia clama por uma resposta concreta e reconciliadora. In: CONCEIÇÃO E.; NOBRE, J. A. (orgs.). **A “cura” da Casa Comum**. Ano especial da Laudato Si’ e os desafios do Sínodo para a Amazônia. São Paulo, EDUC; Paulus, 2021, p. 245-272.

CONFERÊNCIA DE LOS MINISTROS GENERALES DE LA PRIMEIRA ORDEM FRANCISCANAS Y LA TOR. La identidad de la orden franciscana en su momento fundacional.

CONFERÊNCIA DOS ASSISTENTES GERAIS da Ordem Franciscana Secular. **Manual para Assistência à Ordem Franciscana Secular (OFS) e à Juventude Franciscana (JUFRA)**. Coord. Frei Ivan Mati. Trad. Almir Ribeiro Guimarães; Antônio Andrietta; Daisy Lúcia Martins Ferreira. OFS Ordem Secular do Brasil, 2004.

CONTI, Martinho. **Estudos e Pesquisas sobre o Franciscanismo das Origens**. Petrópolis: Vozes/FFB, 2004.

CONTI, Martinho. **Leitura Bíblica da Regra Franciscana**. Vozes: Petrópolis, 1983.

CONVENTO SÃO BENEDITO. **Noviciado OFMConv. Compilação de História Franciscana**. Caçapava, 1998.

CROCOLI, Aldir; SUSIN, Luiz Carlos. **A Regra de São Francisco**. Apresentação e Comentário. Vozes: Petrópolis, 2013.

DENZINGER, H. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**. Trad. Peter Hünermann. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2007.

DOZZI, Dino. **Así dice el Señor**. El evangelio en los escritos de san Francisco. Trad. José Antonio Guerra. Madrid: Lettergraf, 2003.

DUPONT, J. **Por que parábolas?** Petrópolis: Vozes, 1980.

DUPONT, J. Os pobres e a pobreza segundo os ensinamentos do Evangelho e dos Atos dos Apóstolos. In: DUPONT, J.; GEORGE, A.; LÉGASSE, S.; RIGAU, B.; SEIDNSTICKER, Ph. **A pobreza Evangélica**. Trad. Clemente Raphael Mahl. Paulinas: São Paulo, 1976, p. 37-66.

EQUIPO DE REFLEXIÓN TEOLÓGICO-PASTORAL DEL CELAM. Realidades particulares de la Iglesia en América Latina. Medellín. **Biblia, Teología Y Pastoral Para América Latina Y El Caribe**, v. 6, n. 24, p. 469–484, 1980. Disponível em: <https://revistas.celam.org/index.php/medellin/article/view/1444>. Acesso em: 10 jan 2024.

EKHOLT, M. Llegar a Ser Cristão en Medio de Las Fracturas Del Presente. **TeoComunicação**, v. 49, n. 2, jul-dez, p. 1-20, Porto Alegre, 2019. Disponível: <

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/teo/article/view/35117>> . Acesso em: 27 de fev. de 2024.

FALBEL, N. **Heresias Medievais**. São Paulo: Perspectivas, 1976. Coleção Khronos, v. 9.

FARIAS, A. A 5 Conferência Geral do episcopado latino-americano e do Caribe em Aparecida. **Missão Espiritana**, n. 10, p. 85-101, 2006. Disponível em: <https://dsc.duq.edu/missao-espiritana/vol10/iss10/8>. Acesso em: 10 jan 2024.

FASSINI, Dorvalino. **São Francisco de Assis – Testamento**. Leitura e comentários. Província São Francisco de Assis. Porto Alegre: s/ed, 2013.

FASSINI, Dorvalino (org./trad.). **Fontes Franciscanas**. Mensageiro de Santo Antônio: Santo André, 2005.

FASSINI, Dorvalino. Breve Cronologia de São Francisco de Assis. In: FASSINI, Dorvalino (org./trad.). **Fontes Franciscanas**. Mensageiro de Santo Antônio: Santo André, 2005.

FELDER, H. **The Ideals of St. Francis of Assisi**. Trad. Berchamans Bittle. Quincy-Illionis: Franciscan Press, 1998.

FERNANDES, L. A.; GRENZER M. **Dança ó Terra!** Interpretando Salmos. São Paulo: Paulinas, 2013.

FERNÁNDEZ-LARGO, Jacinto. **Burguesía y franciscanismo en la Edad Media**. Selecciones de Franciscanismo, v. VIII, n. 24 (1979) p. 433-454, 1979. Disponível em: <https://www.franciscanos.org/historia/FernandezLargo-BurguesiaYFranciscanismoEnLaEdadMedia.htm>>. Acesso em: 3 jan 2024.

FIDALGO, G. A. Rostos e significados atuais do poder humano. In: ANJOS, Márcio Fabri e ZACHARIAS, R. (orgs.). **Ética entre poder e autoridade**. Perspectiva de teologia cristã. Aparecida: Santuário, 2019, p. 19-76.

FONSECA, D. A. O surgimento do CELAM na América Latina. II Encontro Nacional do GT história das Religiões e das Religiosidades [Anais...] **Revista Brasileira de História das Religiões – ANPUH**, Maringá, v. 1, n. 3, 2009.

FASSINI, Dorvalino Francisco (org/trad.), **Fontes Franciscanas**. Santo André: Mensageiro de Santo Antônio, 2005.

FASSINI, Dorvalino Francisco. Breve Cronologia de São Francisco de Assis. In: In: FASSINI, Dorvalino (org./trad.). **Fontes Franciscanas**. Mensageiro de Santo Antônio: Santo André, 2005, p.19-23.

FRANCISCANOS. Prov. Franciscana Imaculada Conceição do Brasil-OFM. **Franciscanos ampliam atendimento à população de rua**. São Paulo, 27 mar. 2020. Disponível em: <https://franciscanos.org.br/noticias/franciscanos-ampliam-atendimento-a-populacao-de-rua.html#gsc.tab=0>. Acesso em: 12 jan 2023.

FRANCISCANOS. Prov. Franciscana Imaculada Conceição do Brasil-OFM. **Ordem dos Frades Menores tem 13.302 religiosos**. 9 jan 2018. Disponível em: <https://franciscanos.org.br/noticias/ordem-dos-frades-menores-cresce-na-africa-e-asia.html#gsc.tab=0>. Acesso em: 29 mai 2023.

FRANCISCO, PP. **Visita a Assis por ocasião do evento “Economy of Francesco”**. Discurso no Palácio de eventos Santa Maria Degli Angeli – Sábado 24 de setembro de 2022. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2022/september/documents/20220924-visita-assisi.html>. Disponível: 4 fev 2023.

FRANCISCO, PP. **Audiência Geral, 19 de outubro de 2016**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20161019_udienza-generale.html. Acesso em: 10 jan 2024.

FRANCISCO, PP. **Audiência Geral, 30 de janeiro de 2016**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20160130_udienza-giubilare.html. Acesso em: 5 jan 2024.

FRANCISCO, PP. **Carta Encíclica *Fratelli Tutti***. Sobre a Fraternidade e a Amizade Social. São Paulo: Paulus, 2020.

FRANCISCO, PP. **Vamos sonhar juntos** – O caminho para um futuro melhor. Trad. Austen Ivereigh. São Paulo: Êulogos/Paulus, 2002.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium***. A alegria do Evangelho. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus/Loyola, 2013.

FRANCISCO, PP. **Carta Apostólica *Misericordia et Misera***. No termo do Jubileu da Misericórdia, 20 de novembro 2016. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco-lettera-ap_20161120_misericordia-et-misera.html. Acesso em: 10 jan 2024.

FRANCISCO, PP. **Carta para o evento “Economy of Francesco”** – Assis, 26-28 de março de 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2019/documents/papa-francesco_20190501_giovani-impreditori.html. Acesso em: 4 de fev 2023.

FRANCISCO, PP. **Discurso ao episcopado brasileiro**, Rio de Janeiro, 27 de julho 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130727_gmg-episcopato-brasile.html. Acesso em: 31 mai 2023.

FRANCISCO, PP. **Discurso do Papa Francisco aos Participantes no 202º Capítulo Geral Ordinário dos Frades Menores Conventuais**, 17 de junho de 2019. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont->

messages/2021/ documents/20210715-messaggio-fratiminori.html. Acesso em: 4 nov 2022.

FRANCISCO, PP. **Discurso do Santo Padre aos representantes do V Congresso nacional da Igreja Italiana.** 10 novembro 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/november/documents/papa-francesco_20151110_firenze-convegno-chiesa-. Acesso em: 3 jan 2024.

FRANCISCO, PP. **Documento sobre a Fraternidade Humana em Prol da Paz Mundial e da Convivência Comum.** Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2019/outside/documents/papa-francesco_20190204_documento-fratellanza-umana.html. Acesso em: 1 set 2023.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica *Gaudete et Exultate*.** Sobre o chamado à Santidade no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2018.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus Vivit*.** Aos Jovens e a todo o povo de Deus. Disponível em: w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html. Acesso em: 4 fev 2023.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal Querida Amazônia.** 2 fevereiro 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations /documents/papa-francesco_esortazione-ap_20200202_querida-amazonia.html. Acesso em: 3 jan 2024.

FRANCISCO, PP. **Mensagem para o I Dia Mundial dos Pobres.** Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/papa-francesco_20170613_messaggio-i-giornatamondiale-poveri-2017.html. Acesso em: 6 nov 2023.

FRANCISCO, PP. **Mensagem para o II Dia Mundial dos Pobres.** Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/papa-francesco_20180613_messaggio-ii-giornatamondiale-poveri-2018.html. Acesso em: 5 out 2023.

FRANCISCO, PP. **Mensagem para o III Dia Mundial dos Pobres.** Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/papa-francesco_20190613_messaggio-iii-giornatamondiale-poveri-2019.htm. Acesso em: 5 out 2022.

FRANCISCO, PP. **Mensagem para o IV Dia Mundial dos Pobres.** Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/papa-francesco_20200613_messaggio-iv-giornatamondiale-poveri-2020.html>. Acesso em: 19 de outubro de 2022.

FRANCISCO, PP. **Mensagem para o V Dia Mundial dos Pobres**. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/20210613-messaggio-v-giornatamondiale-poveri-2021.html>. Acesso em: 17 nov 2023.

FRANCISCO, PP. **Mensagem para o VII Dia Mundial dos Pobres**. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/20230613-messaggio-vii-giornatamondiale-poveri-2023.html>. Acesso em: 3 jan 2024.

FRANCISCO, PP. *Misericordiae Vultus*. O Rosto da Misericórdia. Bula de proclamação do Jubileu Extraordinário da misericórdia. Paulinas: São Paulo, 2015.

FRANCISCO, PP. **Visita Apostólica do Papa Francisco ao Brasil por ocasião da XXVIII JMJ** - Encontro com o episcopado brasileiro – discurso do santo padre. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130727_gmg-episcopato-brasile.html. Acesso em: 5 jan 2024.

FRANCISCO DE ASSIS, **Admoestações** (Ad). In: FASSINI, Dorvalino Francisco (org.), **Fontes Franciscanas**. Santo André: Mensageiro de Santo Antônio, 2005, p. 89-98.

FRANCISCO DE ASSIS, **Carta a todos os fiéis** – 2CF. In: FASSINI, Dorvalino Francisco (org. e trad.). **Fontes Franciscanas**. Santo André: Mensageiro de Santo Antônio, 2005, p. 112-117.

FRANCISCO DE ASSIS, **Carta a um ministro** – 2M . In: FASSINI, Dorvalino Francisco (org. e trad.). **Fontes Franciscanas**. Santo André: Mensageiro de Santo Antônio, 2005, p. 105-106.

FRANCISCO DE ASSIS, **Cântico do Irmão Sol, (Cântico das Criaturas) (CIS)**, In: FASSINI, Dorvalino Francisco (org.), **Fontes Franciscanas**. Santo André: Mensageiro de Santo Antônio, 2005, p. 123-124.

FRANCISCO DE ASSIS, **Testamento**. In: FASSINI, Dorvalino Francisco (org.), **Fontes Franciscanas**. Santo André: Mensageiro de Santo Antônio, 2005, p.83-85.

FRANCISCO DE ASSIS, **Regra Bulada**. In: FASSINI, Dorvalino Francisco (org.), **Fontes Franciscanas**. Santo André: Mensageiro de Santo Antônio, 2005, p.62-68.

FRANCISCO DE ASSIS, **Regra-Não Bulada**. In: FASSINI, Dorvalino Francisco (org.), **Fontes Franciscanas**. Santo André: Mensageiro de Santo Antônio, 2005, p.41-61.

GALVÃO, A. M. O Rico e o Pobre: estudo da parábola do rico insensível e do pobre Lázaro (Lc 16,19-31). **REB**, v. 62, n. 245, p. 52–77, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.29386/reb.v62i245.1986>. Acesso em: 11 Jan. 2024.

GARCIA, R. B. El Concepto de Pobreza Espiritual en Meister Eckhart. **Scintilla**, Curitiba, v. 12, n. 1, p. 21-38, jul/dez 2015. Disponível em: <https://scintilla.fae.emnuvens.com.br/scintilla/article/view/3>. Acesso em: 12 jan 2024.

GARRIDO, Javier. **La forma de vida franciscana ayer y hoy**. Madri: Editorial Franciscana Aranzazu – Centro de Franciscano, 1985. Colección Hermano Francisco n. 15.

GÉLIN, A. Los pobres de Yavé. **Biblioteca digital católica**. Disponível em: <https://www.misionerasjmj.com/wp-content/uploads/2020/01/Pobres-de-Yahv%C3%A9.pdf>. Acesso em: 8 jan 2024.

GEORGE, A., A pobreza Evangélica segundo o Antigo Testamento. In: DUPONT, J.; GEORGE, A.; LÉGASSE, S.; RIGAUX, B.; SEIDNSTICKER, Ph. **A pobreza Evangélica**. Trad. Clemente Raphael Mahl. Paulinas: São Paulo, 1976.

GIERMEK, Joaquim A. **Com Francisco no Seguimento de Cristo, hoje**. Itinerário para viver em comunhão fraterna o Centenário das Origens do Carisma Franciscano (2005/2009). Ordem dos Frades Menores Conventual. Noventa Padovana: Vilaggio Gráfica, 2005.

GUERRA, José Antonio (prep.). **San Francisco de Asís**. Escritos. Biografías, Documentos de la época, Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2011.

GUIMARÃES, A. R. **Quem pode ser franciscano secular?** Critérios de chamamento. OFM, FRANCISCANOS-Prov. Franciscana Imaculada Conceição do Brasil-OFM. Disponível em: <https://franciscanos.org.br/carisma/quem-poder-ser-franciscano-secular.html#gsc.tab=0>. Acesso em: 10 jan 2023.

HERMANOS MENORES CONVENTUAIS. **Oficina de Proyetos (SGMAM)**, Introdução. Disponível em: <https://www.ofmconv.net/es/ordine-dei-frati-minori-conventuali-ofmconv/>. Acesso em: 11 jan 2024.

HORAN, D. P. **Francis of Assisi and the Future of Faith**. Exploring Franciscan Spirituality and Theology in the modern world. Phoenix: Tau Publishing, 2012.

HORAN, D. P., Spirituality in a Wintry Season: The Wisdom of Franciscan Tradition in the Quest for Mening Today. **Spiritus**, v. 21, 2021.

IRRAZÁBAL, Gustavo. Santidad y absolutos morales en *Gaudate et exsultate*, **Theologica Xaveriana**, v. 70, Argentina.

JOÃO PAULO II. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal – Vita Consecrata**: Sobre a vida consagrada e sua missão na Igreja e no mundo. São Paulo: Paulinas, 2004.

KASPER, Walter. **A Misericórdia**. Condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã. Trad. Beatriz Luiz Gomes. São Paulo: Loyola, 2015.

KASPER, Walter. **La Iglesia de Jesus Cristo**. Escritos de eclesiologia. 1. Obras Completas. Trad. José Lozano; Gotor Perona; Ramón Afonso Díez Aragón. Santander: Sal Terrae, 2013.

LAMMARRONE, G. **Capítulo III Cristologia**. In: MERINO, J. A.; FRESNEDA F. M. (coords.). Manual de Teologia Franciscana. Petrópolis: Vozes/FFB, 2005.
LE GOFF, Jacques. **São Francisco de Assis**. Trad.: Marcos de Castro. São Paulo: Record, 2021, p. 163-206.

LECLERC, Eloi, OFM. La Pobreza Franciscana en Nuestro Mundo Actual. Directorio Franciscano: Espiritualidad Franciscana. **Seleções do Franciscanismo**, v. V, n. 15 p. 244-245, 1976. Disponível em: <http://www.franciscanos.org/espiritualidad/LeclercE-LaPobrezaFranciscana.html>. Acesso em: 7 jun 2023.

LEGENDA DOS TRÊS COMPANHEIROS (LTC). In: FASSINI, Dorvalino Francisco (org.), **Fontes Franciscanas**. Santo André: Mensageiro de Santo Antônio, 2005, p.615-661.

LEHMANN, Leonhard. La Idea Fundacional de La Ordem Franciscana. **Verdad y Vida**, ano 2009, v. 67, n. 254, p. 83-109, 2009.

LISBOA, A. de M. A dança entre utopias e práticas: breve análise de "O franciscanismo econômico". **P2P e inovação**, v. 8, n. 2, p. 57-63, 2022. Disponível em: <https://revista.ibict.br/p2p/article/view/5936>. Acesso em: 4 dez 2023.

LUCIANI, R. 50 anos de Medellín. Os frutos no pontificado do papa Francisco. **Vatican News**. Edição 21 ago 2018. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2018-08/50-anos-medellin-frutos-pontificado-papa-francisco-sinodalidade.html>. Acesso em: 4 nov 2023.

MAÇANEIRO, M. Ecologia e Solidariedade: proposições da Encíclica LS. **Medellín**. Biblia, Teología y Pastoral Para América Latina y El Caribe, v. 41, n. 163, p. 435-460, 2016. Disponível em: <https://revistas.celam.org/index.php/medellin/article/view/119>. Acesso em: 3 jan 2024.

MANNES, João. **Experiência e Pensamento Franciscano** – Aurora de uma nova civilização. Petrópolis: Vozes, 2021.

MARDONES, J. M., Mística Transreligiosa en una sociedad de incertidumbre. In: RODRIGUES, Francisco J. S. **Mística y Sociedad en diálogo**. Madrid: Trotta, 2006, p. 89-105.

MARIANI, C. M. C. B. Viver a esperança: uma reflexão sobre a espiritualidade e mística em vista da manutenção da esperança a partir da Fratelli Tutti. **Horizonte**, v. 18, n. 56, p. 847-859, ago 2020. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/24887>. Acesso em: 8 jan 2024.

MARINHO, A. Eckart e a Pobreza. **Scintilla**, Curitiba, v. 12, n. 1, p. 113-127, jul/dez 2015. Disponível em: <https://scintilla.saoboaventura.edu.br/scintilla/article/view/8>. Acesso em: 10 jan 2024.

MARTINS FILHO, J. R. F. Um sonho ecológico para a Igreja: o magistério de Francisco da Laudato Si' ao Sínodo para a Amazônia. **ATEO**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 64, p. 104-126, jan-abr 2020. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/rev_ateo.php?strSecao=fasciculo&fas=48085&NrSecao=X3&secao=DOSSI%C3%8A:%20TEOLOGIA%20E%20CRISE%20SOCIOAMBIENTAL&nrsecao=47880. Acesso em: 8 jan. 2024.

MATURA, T. Francisco de Asís, una réplica en nombre del evangelio. **Selecciones de Franciscanismo**, 1, n. 1., 1972. Disponível em: <https://revistasfranciscanas.org/index.php/seleccionesdefranciscanismo/article/view/213>>. Acesso em: 8 jan 2024.

MCKENZIE, Jonh L. **Dicionário Bíblico**. Trad.: Álvaro Cunha, Elsa Maria Berredo Peixoto, Gaspard Gabriel Neerick, I.F.L. Ferreira e Josué Xavier. São Paulo: Paulus, 2011.

MCKENZIE, J. L., **The Power and the Wisdom an Interpretation of The New Testament**. Mikwaukee: The Bruce Publishing Company, 1965.

MELO, Antonio Alves de. O Papa Francisco e a vocação à santidade de hoje: nota de leituras. **Relicário**, Uberlândia, v. 5, n. 9, jan/jul 2018. Disponível em: <https://revistarelicario.museudeartesauberlandia.com/index.php/relicario/article/view/18>. Acesso em: 5 out 2023.

MELO, Antonio Alves de. Opção preferencial pelos pobres e excluídos. Do Concílio Vaticano II ao Documento de Aparecida. **REB**, v. 68, n. 269, p. 21–39, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.29386/reb.v68i269.1464>. Acesso em: 10 jan 2024.

MERLO, Grado Giovanni. **Em nome de São Francisco** – História dos Frades Menores e do franciscanismo até os inícios do século XVI. Trad. Ary E. Pintarelli. Petrópolis: Vozes/FFB, 2005.

MESTRE ECKHART, Sobre a pobreza (sermão nº 52). *In*: MESTRE ECKHART. **A nobreza da alma humana e outros textos**. Petrópolis: Vozes, 2017.

METZ, Johann Baptist. **Mística de olhos abertos**. Trad. Inês Antonia Lohbauer. São Paulo: Paulus, 2013.

MÉZERVILLE, G. **Maturidade Sacerdotal e religiosa**. v. I. A formação para a maturidade. São Paulo: Paulus, 2006.

MICCOLI, Giovanni. **Francisco de Assis** – Realidade e memória de uma experiência cristã. Trad. Ary E. Pitarelli. Petrópolis: Vozes/FFB, 2004. Coleções Estudos – 2.

MICHAEL, A. P., Los hermanos menores hacia las perefierias existenciales. **Selecciones Franciscanismo**. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/revista?codigo=10832>. Acesso em: 6 nov 2023.

MIRANDA, M. F. Linhas Eclesiológicas da *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, J. P.; FERNANDES, L. A. (Orgs.). **Evangelii Gaudium em Questão**: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio; São Paulo: Paulinas, 2014, p. 181-194.

MIRANDA, Mario França. **Vislumbres de Deus**. São Paulo: Paulinas, 2019.

MIRANDA, M. F., A urgência de um cristianismo unido. **ATeo**, ano XVI n. 42, p. 423-440, set/dez 2012. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/ver_ateo.php?strSecao=fasciculo&fas=26019&NrSecao=11. Acesso em: 10 jan 2024.

MOLTMANN, J.; BOFF, L. **Há esperança para a criação ameaçada?** Trad. Levy Bastos. Petrópolis: Vozes, 2013.

MOREIRA, A. S. (org.). **Herança Franciscana**. Petrópolis: Vozes, 1996.

MOROMA'S, Jonh. **A History of The Franciscan Order**. From Its Origins to the Year 1517. Chicago: Franciscan Herald Press, 1998.

MULLER, G. **Pobres para os pobres**. A missão da Igreja. Trad. Isabel Alçada Cardoso. Paulus: São Paulo, 2014.

NGUYEN-VAN-KHANH, N. **Cristo en el pensamiento de Francisco de Asis, segun sus escritos**. Centro de Franciscanismo – Editorial Franciscana Aranzazu, 1973. Colección Hermano Francisco, n. 15

NOTHWER, D. M. **The Franciscan view of the human person**: Some Central Elements. Franciscan Inst Pubs, 2005. The Franciscan Heritage Series, Volume Three.

NUGNES, A., Ripatire dalla Santità. Un invito alla lettura di *Gaudate et Exsultate*, **Rassegna di Teologia**, n. 59, 2018. Disponível em: <https://www.rassegnaditeologia.it/focus318.pdf>. Acesso: 4 nov 2023.

NÚÑEZ, M. C. Desafíos éticos globales a luz de la encíclica Laudato Si' y del Jubileo de la Misericordia. **Disdaskalia**, Pontificia Universidade Antonianum, XLVI, Roma, 2016.

NÚÑEZ, M. C., Laudato Si' and Ecology. Franciscan Spituaily and Integral Ecology Relational bases vs. the throwaway culture. **Pontificio Institutuo di studi arabi**, v. 43, 2017.

NÚÑEZ, M. C. A Economia do nós – Uma perspectiva franciscana. **REB**, v. 82, n. 323, p. 657–677, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.29386/reb.v82i323.4430>. Acesso em: 8 jan 2024.

NÚNES, M. C. “O Senhor me deu irmãos” – Francisco de Assis, inspirador da encíclica Fratelli Tutti. **Grande Sinal** Revista de Espiritualidade e Pastoral, v. 77, n. 1, p.81-102, 2023. Disponível em: < <https://grandesinal.itf.edu.br/GS/article/view/136>>. Acesso em: 11 Jan. 2024

OLIVEIRA, A. E. B., Direitos humanos em tempo de “cegueira moral”. In: ZACHARIAS, Ronaldo; MILLEN, Maria Inês (orgs.). **Ética Teológica e Direitos Humanos**. Aparecida: SBTM/ Editora Santuário, 2018, p. 11-34.

ORDEM DOS FRANDES MENORES CONVENTUAIS. **Constituições da Ordem dos Frades Menores Conventuais**. Roma: Convento SS. XII Apóstolos, 2019.

PÁDUA, L. P. O Ser humano, Centro da *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, J. P.; FERNANDES, L. A. (Orgs.). **Evangelii Gaudium em Questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais**. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio; São Paulo: Paulinas, 2014.

PASSOS João Décio; SOARES Afonso M. (orgs.). **Francisco, renasce a esperança**. São Paulo: Paulinas, 2018.

PAZZELLI, Raffaele. **São Francisco e a Ordem Terceira – O movimento penitencial pré-franciscano e franciscano**. Trad. José Carlos Corrêa Pedroso. Santo André: Mensageiro de Santo Antônio, 2009.

PEÑALBA, J. L. La Vocación universal a la santidad en *Gaudate et exsultate*, **Teología y Catequesis**, Madrid, n. 144, 2019. Disponível em: <https://repositorio.sandamaso.es/handle/123456789/2207>. Acesso em: 11 nov 2023.

PERRY, Michel, GENIUN, Roberto, TROVARELLI, Carlos A. **Vivir y seguir – Carta de los Ministros genelares franciscanos. Regula non Bulata 1221-2021**. Port. 009/2020. Roma, 4 de Outubro de 2022. Disponível em: https://franciscanos.org.br/banca/wp-content/uploads/2020/09/Lettera_800_Rnb_POR.pdf. Acesso em: 25 nov 2022.

PIERINI, Franco. **A Idade Média 2 – Curso de História da Igreja**. São Paulo: Paulus, 1998.

PELLEGRINI, L., La grazia del lavoro. In: MARANESI, P.; ACCROCCA, F. (orgs.). **La Regra di Frate Francesco**. Eredità e Sfida. Padova: Francescane, 2012,p.351-370.

PIME, C. D. A missão nas Conferências Gerais do CELAM. **Encontros Teológicos**, Ano 21, n. 45, n. 3, 2006.

POLIDORO, GianMaria. **Francisco de Assis**. Trad. Emilio Rocha. Assis: Edizioni Porziuncola, 2015.

POMPEI, A. **Eclesiologia Franciscana**. In: MERINO, J. A.; FRESNEDA F. M. (coords.). *Manual de Teologia Franciscana*. Petrópolis: Editora Vozes/FFB, 2005.

POMPEI, Afonso; ODOARDI, João; DI FONZO, Lourenço. **Frades Menores Conventuais** – História e Vida 1209-1995. Trad. Fernando Mason, Paulo Oblak, Sebastião Afonso Pereira, João Wilk. Cidade Ocidental: Edições Kolbe/Jardim Imaculada, 1997.

PRATES, Lisaneos Francisco. Renovação da Vida Religiosa Consagrada: indicações do Papa Francisco. **Revista Cultura Teológica**, n. 93, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/culturateo/article/view/rct.i93.42655>. Acesso em: 4 fev 2021.

REBRÉ, A. **Que tipo de libertador foi Jesus?** São Paulo: Paulinas, 1982.

REIMER, I. R.; REIMER, H. Cuidado com as pessoas empobrecidas na tradição bíblica. **Estudos teológicos**. São Leopoldo, v. 59, n. 1, p. 108-118, jan/jun 2019. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/ER/article/view/2376/0>. Acesso em: 8 jan 2024.

ROBSON, M. **St. Francis of Assisi**. The legend and the life. London/New York: Continuum, 1999.

RONSI, F. de Q. O futuro da Amazônia diante da crise cosmotêndrica: a busca por uma espiritualidade que integre todas as dimensões da realidade, **ATeo**, v. 24, n. 64, jan/abr 2020. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/rev_ateo.php?strSecao=fasciculo&fas=48085&NrSecao=X3&secao=DOSSI%C3%8A:%20TEOLOGIA%20E%20CRISE%20SOCIOAMBIENTAL&nrsseqon=47945. Acesso em: 3 jan 2024.

ROSSI, L. A. S. Catálogo de violência e a desumanização dos pobres no Antigo Testamento. **Estudos Teológicos**. São Leopoldo. V. 59, n. 1, p. 108-118, Jan./Jun. 2019. Disponível em: http://www.periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/3594. Acesso em: 3 jan 2024.

RUBIO, A. G. **Unidade na Pluralidade**. O ser humano à luz da Fé e da Reflexão Cristãs. São Paulo: Paulus, 2011.

SÃO BOAVENTURA. *Legenda Maior de São Francisco segundo Boaventura (1B)*. In: FASSINI, Dorvalino (org./trad.). **Fontes Franciscanas**. Mensageiro de Santo Antônio: Santo André, 2005, p.305-432.

SACRUM Commercium. In: FASSINI, Dorvalino Francisco (org.), **Fontes Franciscanas**. Santo André: Mensageiro de Santo Antônio, 2005, p.867-899. (escrito por um frade menor anônimo no séc. XIII - Nota na página p.867).

SANTOS, T. M. Uma humanidade descartável? Um projeto Social chamado “Francisco”. In: ZACHARIAS, R.; MILLEN, M. I. **A Moral do Papa Francisco** – um projeto a partir dos descartados. Aparecida: Santuário, 2020.

SAVIANO, Brigitte. **Pastoral nas Megacidades**. Um desafio para a Igreja da América Latina. Trad. Monika Ottermann. São Paulo: Loyola, 2008.

SCANNONE, Juan Carlos. **La teología del pueblo**. Raíces teológicas del papa Francisco. Navarra: Editorial Sal da Terra, 2017.

SHORT, W. J. **The Franciscans**. Religious Order Series, v. 2. Minnesota: The Liturgia Press, 1989.

SICRE, J. L. **Com os pobres da Terra**. A justiça social nos profetas de Israel. Trad. Carlos Felício da Silveira. Santo André: Academia Cristã/Paulus, 2015.

SIEPIÉRSKI, P. Espiritualidade e pobreza. Reflexão e práxis da Libertação em São Basílio Magno. **Perspectiva Teológica**, n. 20, p. 219-232, 1988. Disponível em: <http://faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/1681>. Acesso em: 3 jan 2024.

SILVA, A. F. F.; CRUZ, A. A.; MATOS, P. F. R.; QUEIROZ, P. P. E. Por uma ética social da misericórdia. In: ZACHARIAS, Ronaldo; MILLEN, Maria Inês. (orgs.). **A Moral do Papa Francisco** – um projeto a partir dos descartados. Aparecida: Santuário, 2020, p.19-54.

SILVA, J. M. S. da. A influência de São Francisco de Assis na cultura italiana dos séculos XIII e XIV. **Espacos - Revista de Teologia e Cultura**, v. 28, n. 1, p. 103-113, 2020. Disponível em: <https://espacos.itespteologia.com.br/espacos/article/view/722>. Acesso em: 1 set 2023.

SILVA, Victor Augustus Graciotto. Francisco de Assis e a Pobreza Franciscana: a fundação de um discurso. **Histórias: Questões & Debates**, n. 43, p. 147-168, 2005. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/7867>. Acesso em: 7 jun 2022.

SOUZA, André Ricardo de. Pilares da Economia de Francisco e Clara e o enfrentamento da profunda crise. **Contemporânea**. v. 10, n.1 p. 367-377, jan-abr 2020. Disponível em: <https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/910/pdf>. Acesso em: 4 out 2022.

SOUZA, Karlla Christine Araújo; FERREIRA, Joscelito Marques; FONSECA, Ailton Siqueira de Souza. Práticas e saberes de Francisco: de Assis para humanidade do passado e do presente. **Revista Cultura Teológica**, Ano XXVII, n. 93, p. 163-183, jan/jun 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/rct.i93.41708/pdf>. Acesso em: 25 nov 2022.

SOUZA, M. P. de. Sujeitos éticos e poder nas diferenças. *In*: ANJOS, Márcio Fabri e ZACHARIAS, R. (orgs.). **Ética entre poder e autoridade**. Perspectiva de teologia cristã. Aparecida: Santuário, 2019.

SOUZA, L. A. G. Documento de Puebla: Diagnóstico a partir dos pobres. **REB**, v. 39, n. 153, p. 64–87, 1979. Disponível em: <https://doi.org/10.29386/reb.v39i153.3877>. Acesso em: 10 jan. 2024.

SPOTO, Donald. **Reluctant Saint**. The Life of Francis of Assisi. New York: Viking Compass, 2002.

STANISŁAWCZYK, P. **¿Ser miserable o hacerse pobre?** Formación franciscana – inspiraciones (parte 3). Notizie OFM Conv./Curia Generalizia OFM Conv. Roma, martes, 8 de marzo 2022. Disponível em: <https://www.ofmconv.net/es/essere-misero-o-diventare-povero/>. Acesso em: 6 nov 2023.

SUESS, P. A proposta do papa Francisco para o Sínodo Pan-Amazônico de 2019. **Perspectiva teológica**, v. 51, n. 1 Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/index>. Acesso em: 8 jan 2024.

SUESS, P. **Dicionário da Laudato Si'**. Sobriedade feliz, 50 palavras-chaves para uma leitura pastoral da Encíclica “sobre o cuidado da casa comum” do Papa Francisco. São Paulo: Paulus, 2017.

SUESS, Paulo. **Dicionário de Aparecida**. 42 palavras-chave para uma leitura pastoral do Documento de Aparecida. São Paulo: Paulus, 2017.

SZEWEK, Jan Man. **Conventuales de España y Alemania por Ucrania y los refugiados**. Martes, 22 de marzo 2022. Disponível em: <https://www.ofmconv.net/es/conventuali-di-spagna-e-germania-per-lucraina-e-i-rifugiati/>. Acesso em: 11 nov 2023.

TAVARES, S. S. Evangelho da Criação e ecologia integral: uma primeira recepção da LS. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v. 48, n. 1, jan/abr 2016. Disponível em: <<https://doaj.org/article/f709f755d58440aa830f6ae22fffe12a>>. Acesso em: 28 de Fev. de 2024.

TEIXEIRA, C. M. Uma leitura atualizada da espiritualidade franciscana, **Grande Sinal** Revista de Espiritualidade e Pastoral. v. 77, n. 1, p. 13-24, 2023. Disponível em: <https://grandesinal.emnuvens.com.br/GS/issue/view/10>. Acesso em: 10 jan 2024.

TEPE, V. Opção pela pobreza evangélica. **REB**, v.43, n. 172, p. 752–766, 1983. Disponível em: <https://doi.org/10.29386/reb.v43i172.3553>. Acesso em: 28 dez 2023.

TODOS JUNTOS. **Economia de Clara e Francisco**. Disponível em: <http://economiadefranciscoeclara.com.br/>. Acesso em: 3 jan 2024.

TROVARELLI, C. A. **Saludo del Ministro general en la solemnidad de San Francisco de Asís.** Minister Generalis Ordinis Fratrum Minorum Conventualim. Roma, 4 de Octubre 2021. Prot. N. 0760/2021. Disponível em: <https://www.ofmconv.net/es/saluto-del-ministro-generale-nella-solemnita-di-san-francesco-dassisi/>. Acesso em: 10 jan 2024.

TROVARELLI, C. A. **Ministro General: Saludo y Reflexión com ocasión de la Solemnidad de San Francisco de Asís.** Roma, 4 de Out. 2020. Port. N. 730/2020. Disponível em: <https://www.ofmconv.net/es/ministro-generale-saluto-e-riflessione-in-occasione-della-solemnita-di-san-francesco-dassisi/>. Acesso em: 5 jan 2024.

URIBE, Fernando. **La Regla de San Francisco.** Letra y espíritu. Murcia: Editorial Espigas, 2007.

VAIANI, C. La Fraternitas Nella Regola. In: CZORTEK, A. (org). **Un Testo Identitario.** Metodo e temi diletatura dela Regola di Francesco d'Assisi. Roma: Cittadela, 2013.

VALDIVIESO, R. S. Notas para un Comentario a “Fratelli Tutti”. **Carthaginensia**, v. 39, n. 75. Disponível em: <https://revistacarthaginensia.com/index.php/CARTHAGINENSIA/article/view/374>. Acesso em: 10 jan 2024.

VALLI, Aldo Maria. Um guia para a *Evangelii Gaudium*. Trad. Moisés Sbardelotto. **IHU Online.** 26 de Novembro de 2013. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/noticias/526119-um-guia-para-a-evangelii-gaudium>. Acesso em: 4 nov 2023.

VAUCHEZ, André. **A Espiritualidade na Idade Média Ocidental: Séculos VIII a XIII.** Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

VELASCO, J. M. **Perfil Del Místico Contemporâneo, Estudio Comparado.** Madri: Trotta, 2009.

VILLASENOR, R. L. Puebla - A Missão desde a pobreza. **Caderno CELAM.** Disponível em: <https://www.missiologia.org.br/wp-content/uploads/2019/09/Rafael6.pdf>. Acesso em: 4 jan 2024.

WINKLER, Juder. Dar de Comer al hambriento, curar al enfermo. **Hermanos Menores Convetuales.** Lunes, 23 de mayo, 2022. Disponível em: <https://www.ofmconv.net/es/dar-da-mangiare-agli-affamati-guarire-i-malati/>. Acesso em: 4 fev 2023.

ZACHARIAS, Ronaldo; MANZINI, Rosana (orgs.). **A Doutrina Social da Igreja e o Cuidado com os mais frágeis.** São Paulo: Paulinas, 2018.

ZACHARIAS, Ronaldo; MILLEN, Maria Inês (orgs.). **A Moral do Papa Francisco – um projeto a partir dos descartados.** Aparecida: Santuário, 2020.

ZACHARIAS, Ronaldo; MILLEN, Maria Inês (orgs.). **Ética Teológica e Direitos Humanos**. Aparecida: SBTM/ Editora Santuário, 2018.

ZACHARIAS, Ronaldo. O Cuidado com os mais frágeis como desafio ao pensamento e à ação social da Igreja. In: ZACHARIAS, Ronaldo; MANZINI, Rosana (Orgs.). **A Doutrina Social da Igreja e o Cuidado com os mais frágeis**. São Paulo: Paulinas, 2018, p. 41-68.

ZAVALLONI, Roberto. **Pedagogia Franciscana** – Desenvolvimento e perspectivas. Trad. Celso Márcio Teixeira. Petrópolis: Vozes/ FFB, 1999.

ZOPPETTI, G.; OLGATI, F.; BERTINATO, P.; CATTAZZO, S.; BOGON P.; FILLARINI, C. (orgs.), **Dicionário Franciscano**. Trad. Almir Ribeiro Guimarães e Edinei da Rosa Cândido. Petrópolis: Vozes/CEFEPAL, 1999.

ZSOLNAI, L. Franciscan Spitituality and Economics. **Religions**, v. 9, n. 288, 2018. Disponível em: www.mdpi.com/journal/religions>. Acesso em: 12 jan 2024.